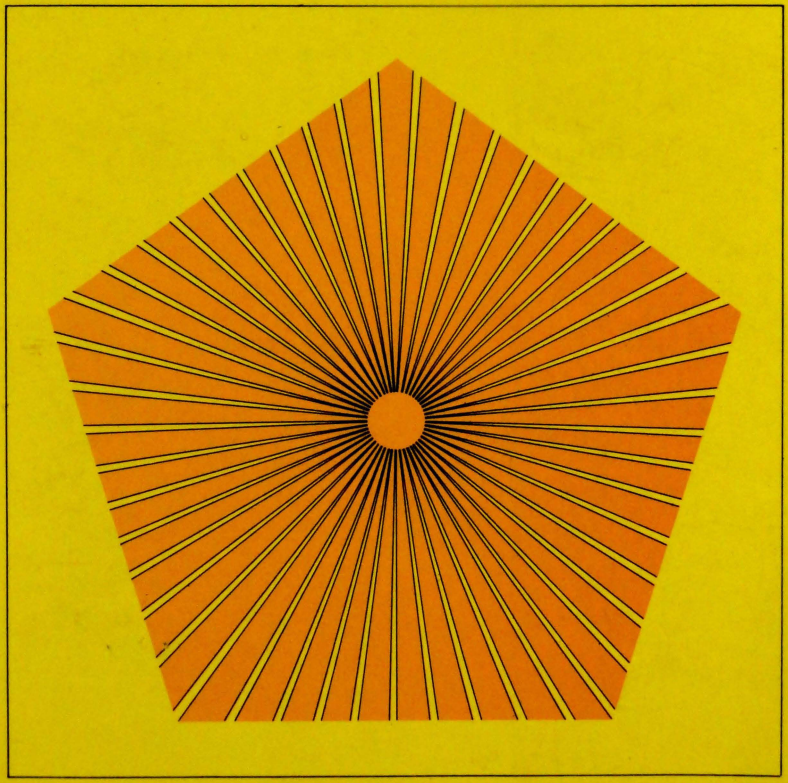
J. van Rijckenborgh

A ARQUIGNOSIS EGÍPCIA

2



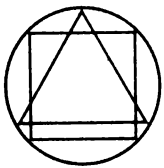
ROSACRUZ ÁUREA

A ARQUIGNOSIS EGÍPCIA

e o seu chamado no eterno presente

de novo proclamada e esclarecida
baseada na
TÁBULA SMARAGDINA e no CORPUS HERMETICUM
de
HERMES TRISMEGISTO

por
J. VAN RIJCKENBORGH



Tomo II
1.a edição – 1986

Uma publicação do
LECTORIUM ROSICRUCIANUM
ESCOLA ESPIRITUAL DA ROSACRUZ ÁUREA
São Paulo – Brasil

Traduzida do alemão:
DIE AGYPTISCHE URGNOSIS – 2

Título do original holandês:
DE EGYPTISCHE OERGNOSIS
EN HAAR ROEP IN HET EEUWIGE NU

ROZEKRUIS-PERS
Bakenessergracht 11-15
Haarlem – Holanda

Todos os direitos, inclusive os de tradução ou reprodução do presente livro, por qualquer sistema, total ou parcial, são reservados à Rozekruis–Pers, Haarlem, Holanda.

PREFÁCIO

Homem, quem és tu?
de onde vens?
para onde vais?

Após a aurora do aparecimento do homem no campo de vida dialético, a misteriosa esfinge tem imposto essas profundas perguntas a todos os viajores que, na interminável e falsa rota, erram no deserto da vida terrestre. E sua resposta, segundo sua consciência, sua orientação e seus atos, é decisiva sobre a vida e a morte.

Privada do verdadeiro conhecimento, vivente e direto da única fonte do ser e do real objetivo de sua existência, a humanidade, por cegueira, ilusão ou impostura, perdeu-se nas trevas, sendo condenada a padecer continuamente o sofrimento e a morte.

Porém, no meio da crise plena de sinistros presságios que anunciam o fim do atual dia cósmico, a Gnosis* eleva novamente a sua voz e faz ressoar com força e poder o chamado primordial, a fim de mostrar a senda do conhecimento divino libertador à multidão que desesperadamente busca uma saída.

A vivente realidade divina, a Gnosis proclama novamente a elevada origem e a sublime vocação do homem, indicando aos que ainda têm ouvidos para ouvir, a todos

* ver glossário no final do livro

os homens de boa vontade, a antiga e única via de salvação que ela ainda mantém aberta para a nossa época.

Aqueles que, tocados no fundo do coração, na irremediável desordem que eles mesmos geraram – e na qual uma vez mais o mundo e a humanidade se perdem desesperadamente – reconhecem interiormente a necessidade formal de uma mudança fundamental e imediata e se sentem chamados, perceberão com alegria e reconhecimento, na profunda sabedoria da Arquignosis Egípcia e em sua exigência absoluta, a irradiante luz do caminho que conduz à verdade e à vida.

É a seu serviço que a Jovem Fraternidade Gnóstica realiza o seu trabalho no mundo; é a esses que esta publicação é destinada. Ela deseja colocá-los em condições de se aproximarem, tanto quanto possível, do espírito da aprendizagem gnóstica e fazê-los experimentar, como num antegozo, algo da graça do caminho.

Possa um sempre crescente número de criaturas entender o chamado da Gnosis enquanto ainda é tempo e a ela responder positivamente, para a sua salvação eterna e a da humanidade inteira.

J. van Rijckenborgh



A Mãe Original

A MÃE ORIGINAL

A Mãe do Mundo ou Mãe original, que é uma estrela de cinco pontas no centro da constelação sideral existente, recebe o fogo do Pai ou o fogo sétuplo do Espírito.

Graças à interação harmoniosa entre a cabeça e o coração da Mãe original, a luz astral irradia em ambos, dando assim nascimento a uma fonte de água viva, a corrente eterna, em seu seio.

Assim, pela semente do Pai, a Mãe engendra um descendente, o Filho, uma realidade vivente. O plano da criação do Pai se manifesta pela força da Mãe.

No princípio era o Verbo
E o Verbo estava com Deus
E Deus era o Verbo.
A Luz brilha nas trevas.

O TERCEIRO LIVRO

O MAIOR MAL DO HOMEM É NÃO CONHECER A DEUS

1. *Hermes: Para onde correis, ó homens, vós que estais ébrios por vos terdes embebedado com a palavra destituída de toda a Gnosis, a palavra de total ignorância, que não podeis suportar e que por isso estais para vomitar?*

2. *Parai e tornai-vos sóbrios! Vede de novo pelos olhos do vosso coração! E se todos vós não podeis fazê-lo, pelo menos os que estão em condições para tanto que o façam, pois o mal da ignorância submerge toda a Terra, leva a alma que está aprisionada no corpo à ruína e a impede de entrar no porto da salvação.*

3. *Não permitais, pois, serdes arrastados pela violência da corrente, mas deixai que aqueles dentre vós, que estão em condições de atingir o porto da salvação, usem a contracorrente para nele entrar.*

4. *Buscai Aquele que vos tomará pela mão e vos conduzirá pelas portas da Gnosis, onde irradia a clara luz, na qual não há trevas; onde ninguém está embriagado, mas todos são sóbrios e elevam o coração para Aquele que quer ser conhecido.*

5. *Porém, sabei: Sua voz não pode ser ouvida, nem Seu nome ser expresso, nem podem olhos materiais contemplá-Lo; só a Alma-Espírito está em condições de fazê-lo.*

6. *Por isso, deveis primeiramente rasgar as vestes que levais, o tecido da ignorância, o fundamento da maldade, o grilhão da corrupção, a prisão tenebrosa, a morte vivente, o cadáver com sentidos, o túmulo que levais convosco, o saqueador que habita convosco e que, pelas coisas que ama, odeia-vos e, pelas coisas que odeia, tem ciúmes de vós.*

7. *Tal é a veste inimiga pela qual estais envoltos, a veste que, impedindo-vos de respirar, puxa-vos para si, para baixo, para que não volteis a ver e, contemplando a beleza da verdade e o bem que nela reside, não comeceis a odiar a sua maldade e compreender as ciladas que ela vos prepara.*

8. *Ela torna os vossos sentidos insensíveis, fechando-os com uma abundância de matéria e enchendo-os de voluptuosidade pecaminosa, a fim de que não ouçais o que precisais ouvir e não vejais o que tanto precisais ver.*

II

QUARTO LIVRO

DISCURSO DE HERMES EM LOUVOR A DEUS

1. *Deus, o poder de Deus e a natureza divina são a magnificência do Universo.*

2. *Deus é o princípio, a idéia primordial, a faculdade de crescimento e a matéria de todas as criaturas; a sabedoria para a revelação de todas as coisas.*

3. *O poder de Deus é causa, nascimento e crescimento, força ativa, destivo, morte e renovação.*

4. *Havia no abismo uma escuridão infinita, a água e o alento da criação que estava para tornar-se ativo; tudo isso encontrava-se no caos pela força de Deus.*

5. *Então a santa luz se liberou, os elementos primordiais se separaram da substância úmida e se adensaram, e todos os deuses em conjunto fizeram a separação entre os aspectos da natureza madura para a germinação.*

6. *Do indefinido e informe, os elementos leves se separaram elevando-se, enquanto os elementos pesados encontraram base na areia úmida, de maneira que, mediante a atividade do fogo, o Todo se diferenciou em suas partes componentes e, ordenado pelo alento da criação, foi mantido em movimento contínuo.*

7. *O Universo manifestou-se em sete círculos, e os deuses manifestaram-se na forma de estrelas com todas as suas constelações; a natureza, em todos os seus aspectos, foi, com o auxílio dos deuses nela presentes, formada numa ordem orgânica, e o círculo que a envolvia, circundado por uma nuvem astral, foi movimentado em sua marcha circular pelo alento divino.*

8. *Cada deus criou, pela sua própria força, o que lhe era confiado; e assim apareceram animais quadrúpedes, rastejantes, aquáticos, alados; assim como todas as sementes fecundas e as ervas, e o tenro crescer de tudo o que floresce; e a semente da reprodução estava oculta nelas.*

9. *E os deuses produziram igualmente os gêneros humanos, a fim de que aprendessem a conhecer as obras de Deus e serem um testemunho ativo da natureza.*

10. *Para que aumentassem em multidões, reinassem ilimitadamente sobre todas as coisas abaixo do céu e aprendessem a conhecer as boas coisas, crescendo*

assim enquanto aumentassem, e se multiplicassem em multidões.

11. *E os deuses produziram todas as almas que, segundo a determinação do* Fatum*, *pela ordem dos deuses dentro dos círculos, foram semeadas na carne, para que observassem minuciosamente a abóbada celeste, a marcha dos deuses celestes, as obras divinas e a atividade da natureza;*

12. *para que elas aprendessem a conhecer o verdadeiro bem e o poder divino que mantém a roda da determinação do* Fatum *em movimento,*

13. *a fim de que, deste modo, aprendessem a distinguir o bem e o mal e a apropriar-se de toda a elevada arte do cumprimento das boas obras.*

14. *E este é para elas, desde o início, o caminho: elas colhem experiências da vida e assimilam sabedoria, em relação a sua determinação, do* Fatum, *resultante da marcha circular dos deuses; e finalmente elas são libertas e deixam na Terra grandes monumentos como lembranças das obras elevadas que, como libertas, realizaram.*

15. *E tudo o que na marcha do tempo deslustra e espalha a treva: toda a existência da carne animada e da geração à maneira do jovem animal, tudo o que o*

* ver glossário no final do livro

homem realiza, tudo isso que faz definhar (1) será renovado pelo Fatum, *pela renovação dos deuses e da marcha circular da natureza, quando o seu número se tiver tornado completo,*

16. *pois o divino é o Todo cósmico, fundido em unidade, renovado pela natureza, porque também a natureza está ancorada na onipotência de Deus.*

(1) Definhar é o contrário de crescer, o crescimento que Deus deu ao homem como incumbência: *"Crescei* enquanto aumentais". (Ver tomo I de "A Arquignosis Egípcia e o seu chamado no eterno presente", o primeiro livro de Pimandro, versículo 47; e neste volume, o Quarto Livro, versículo 10).

III

VIGIAI, PORQUE NÃO SABEIS O DIA NEM A HORA

Novamente solicitamos a atenção dos nossos leitores para a Doutrina* Universal, a Doutrina Arcaica, da qual dão testemunho os escritos de Hermes Trismegisto, e que ainda temos à disposição.

Dois livros da Gnosis Universal formaram a base de nossas anteriores exposições sobre a Gnosis Original Egípcia (1). Com o terceiro e o quarto livros, continuaremos as nossas reflexões.

Não nos deve preocupar, se os textos por nós escolhidos formam realmente o terceiro e quarto livros dos escritos originais. Numerosa é a literatura relativa a escritos herméticos que, no decorrer dos séculos, apareceu em muitos idiomas; mas, de uma série autêntica, não se pode falar. Entretanto, os pesquisadores são unânimes em reconhecer que vieram à luz muitas centenas, até mesmo milhares de escritos herméticos, e que a maioria se perdeu

(1) ver "A arquignosis Egípcia e o seu chamado no eterno presente", tomo I.

no decorrer dos séculos. Os poucos livros que restaram foram arrumados, diferentemente, segundo o ponto de vista pessoal. Assim, no tocante a isso, decidimos seguir a nossa própria intuição.

Primeiramente, levamos ao vosso conhecimento um pequeno trecho de uma breve alocução de Hermes, trecho esse que, como talvez lestes, corresponde ao próprio título da alocução: *O maior mal do homem é não conhecer a Deus,* para, em seguida, aprofundarmo-nos no *Discurso de Hermes em louvor a Deus.*

É possível que, ao lerdes esses textos, observeis que o seu conteúdo vos parece muito conhecido, pois, durante os anos do vosso discipulado, repetidas vezes, fostes colocados diante das coisas a respeito das quais falam ambos os livros herméticos. Que este fato não seja absolutamente motivo para pô-los de lado. Compreendei-o, portanto, assim: não obstante já terdes aprendido intelectivamente essas coisas, elas, agora, se apresentam sob o impulso de uma poderosa intenção, como um apelo renovado que chega até vós, visto que o tempo para isso despontou, o tempo da declaração.

O início da alocução de Hermes não é especialmente lisonjeiro:

> *Para onde correis, ó homens, vós que estais ébrios por vos terdes embebedado com a palavra destituída de toda a Gnosis, a palavra de total ignorância, que não podeis suportar e que por isso estais para vomitar?*
> *Parai e tornai-vos sóbrios! Vede de novo pelos olhos do vosso coração! E se todos vós não podeis fazê-lo,*

pelo menos os que estão em condições para tanto que o façam, pois o mal da ignorância submerge toda a Terra, leva a alma que está aprisionada no corpo à ruína e a impede de entrar no porto da salvação.

Nos últimos anos temos, na Escola* Espiritual da Rosacruz Áurea, falado minuciosamente acerca do novo campo astral, do novo reino* gnóstico que foi preparado para a sua missão. Todos os que, como alunos, pertencem à Jovem Fraternidade Gnóstica foram, desse modo, diretamente atingidos.

Uma advertência vos é transmitida, justamente devido a esse estado tão exclusivo, advertência essa de natureza universal e arcaica, que nos vem de há milhares de anos, pois a sabedoria de que devemos dar testemunho tem pelo menos 400.000 anos. É uma advertência dirigida a todo o grupo que se encontra ou se encontrará numa situação fora do comum; uma advertência dirigida a toda a Jovem Fraternidade Gnóstica; uma advertência cuja essência diz que o mal não permite, não *pode* permitir que o aluno chegue ao porto da salvação.

Quando, pois, com sinceridade, esforçardes-vos em participar da vida interna da Gnosis, podeis ficar absolutamente certos de que sereis objetos de intensas lutas. Quando vos impuserdes verdadeiramente como alunos, não podereis escapar a esses conflitos.

Realmente, a existência desses conflitos é prova clara de que o candidato ingressou seriamente na fase inicial do desenvolvimento da nova consciência. Pensai também, nessa oportunidade, na tentação do nosso

Senhor Jesus no deserto, no começo da sua atividade.

O mal da ignorância submerge toda a Terra.

O que aqui é chamado maldade é o elixir da vida da dialética*, o elixir de vida da contranatureza*, o conjunto atmosférico da dialética, no qual todas as criaturas vivem.

Não examinaremos agora como apareceu esse elixir vital da contranatureza, esse alento mortal, como se formou a maldade da ignorância. O leitor interessado pode, quanto a isso, orientar-se suficientemente em nossa literatura. Limitemo-nos, ao fato de que a maldade da contranatureza, o elixir vital da dialética, existe.

Nós, como nascidos da natureza, somos, como que banhados numa esfera de vida que, para a manifestação da salvação, é absolutamente fatal. Respiramos nesta esfera vital da morte e, segundo o nosso nascimento natural, somos perfeitamente unos com ela. Tão unos, que essa ligação pode ser considerada como total. Cada um de nós tem, portanto, no tocante às coisas das quais agora falamos, de considerá-las como assunto muito pessoal. Nisso, um não deve focalizar o outro; porém, que cada qual volte a sua atenção, em primeiro lugar, para si mesmo.

A nossa unidade com o elixir da morte é, sobretudo, determinada pela natureza e pelo estado do nosso sangue. Todo o passado do nosso microcosmo* nele se manifesta. Não só todos os antecessores em nosso microcosmo falam igualmente a sua linguagem em nosso sangue, mas também fatores hereditários desempenham um papel nisso;

portanto, da mesma forma, os antecessores nos microcosmos dos nossos pais. Todas essas vozes falam em nosso sangue, e tudo o que a série quase ilimitada de antepassados fizeram ou deixaram de fazer em seu estado de existência microcósmica* tem notável influência em nosso estado sanguíneo. Com base em tudo isso, atraímos forças, éteres e outras influências que alimentam o sangue e são essencialmente unas com ele, pois semelhante atrai semelhante.

Em seguida, precisamos referir-nos aos órgãos produtores de sangue como, por exemplo, a medula. Esses órgãos são construídos de células e estas, por sua vez, formadas de inúmeros átomos. Sabeis que todo o átomo é um pequeno mundo em si.

Se, portanto, a nossa corrente sanguínea é uma corrente da morte — e este é o caso — e se é una com a contranatureza — e este é também certamente o caso — então a essência de tudo isso reside em nós, pois ela penetra não só o nosso sangue, mas também todo o nosso ser, "até a medula", como diz a Escritura Sagrada; sim, até cada fibra, cada célula do nosso corpo. É um fato irrefutável, do qual nenhum de nós pode escapar, e que devemos levar na devida conta.

A nossa forma corpórea, a nossa personalidade é uma personalidade* da ordem de emergência, convocada a consagrar-se inteiramente ao homem original, que ainda se encontra em estado rudimentar em nosso atual microcosmo e que, na Filosofia da Rosacruz Áurea, é denominado átomo* original, átomo* crístico ou a rosa* do coração.

A nossa personalidade da ordem de emergência tem

a missão de dedicar-se inteiramente ao ser original em nosso microcosmo, porque só transfigurados, só mediante perfeita unificação com o ser original em nós, podemos entrar no porto da salvação. Para poder cumprir essa missão dada por Deus possuímos, em nosso atual estado de personalidade, dois órgãos, mediante os quais podemos assegurar o começo e a realização desse regresso: o santuário do coração e o santuário da cabeça.

Ambos, o coração e a cabeça, possuem um processo metabólico muito particular e nisso se distinguem consideravelmente do restante do nosso estado de personalidade.

As estruturas atômicas desses dois santuário são diferentes das dos demais órgãos. A partir do nascimento da personalidade, os processos metabólicos da cabeça e do coração — pelo menos de suas partes importantes — são, tanto quanto possível, mantidos rigorosamente separados dos outros processos de manutenção. Por quê? Para conservar livres, pelo mais longo tempo possível, espaço e possibilidade para a vocação do homem nascido da natureza e sua missão ligada a essa vocaçao, isto é, desabrochar no ser original, dar-se em perfeita auto-rendição ao homem original, ao homem divino em nosso microcosmo.

O coração sétuplo é, para isso, a sede de Ísis, a Mãe da Vida, o lugar onde é preservado o átomo original; é, também, o lugar onde a Luz sétupla, a Luz dos sete raios, a Luz do Espírito Santo deve ter entrada. Por esse motivo podeis comparar o coração com o portal de Luz de Belém.

A cabeça sétupla é, como talvez saibais, denominada na Gnosis chinesa a *Cidade de Nephrite* ou *Cidade de*

Jade e no Evangelho, *Jerusalém.* O Apocalipse acentua a necessidade de fazermos dessa Jerusalém a Nova Jerusalém, a Cidade de Deus. Nessa cidade encontramos o coração celeste ou a sala purpúrea ou, ainda, a sala do trono de Deus-em-nós. Esse Deus-em-nós deve ser liberto do coração* de Ísis, do coração da Mãe da Vida, a fim de que possa subir ao seu trono na sala purpúrea.

Quando vos tornais internamente conscientes do que deve ser feito e do que deve ser omitido para corresponder a essa vocação dada por Deus, então se faz presente o opositor, a maldade da ignorância. *Essa maldade,* assim diz Hermes, *submerge toda a Terra.* Esse opositor se esforçará ao máximo para impedir a vossa entrada no porto da salvação; portanto, não existe, de modo algum, motivo para se banhar misticamente nos raios acalentadores do Sol. Que tomemos, pois, energicamente, em nossas próprias mãos, em completa lucidez e numa clara visão interior, o trabalho sobre o nosso próprio ser, e que façamos todos os esforços necessários, pois a manifestação gnóstica de salvação é justamente destinada à própria vida pessoal de cada um de nós e a ela se dirige. Então precisamos também, se compreendemos o seu chamado e queremos reagir positivamente, trabalhar com perseverança sobre a nossa vida pessoal, enquanto é dia. Ao fazermos isso, ganhamos ainda o direito de trabalhar pela salvação de outrem e dizer:

> *Para onde correis, ó homens que estais ébrios por vos terdes embebedado com a palavra destituída de toda a Gnosis, a palavra de total ignorância?*

Embriaguez é uma turbação dos sentidos, é uma anormalidade do nosso centro de consciência. A humanidade inteira é mantida em semelhante estado de contínua turbação, por intermédio da corrente sanguínea comum, a qual, mediante a pulsação do coração, é impulsionada através da *Cidade de Nephrite*, o santuário da cabeça. Por causa dessa ininterrupta turbação, surge, com o passar do tempo, uma degeneração que danifica as várias funções vitais do sistema da personalidade e, por fim, aniquila-os.

Enquanto o corpo* da ordem de emergência ainda não atingiu semelhante estado de completa degeneração básica, que exclui definitivamente toda a receptividade para a Luz libertadora, existe a possibilidade de que a turbação da consciência, que é causada e sustentada pela corrente sanguínea, de vez em quando ceda, por exemplo, como conseqüência de uma forte experiência na vida, experiência essa que, então, age como um choque. Durante tal lapso de tempo, a cabeça e o coração podem ser utilizados segundo a sua vocação.

Por isso, diz Hermes, que vós, nessa situação, nesses momentos, *não mais podeis suportar a palavra de total ignorância, porém a vomitais.* Então, podeis, nesse estado de lucidez, reconhecer claramente, com os olhos do duplo coração, o coração de Ísis e o coração* de Pimandro, o que deveis fazer.

Dissemo-vos, várias vezes, que a força-luz da Gnosis, o elixir de vida da salvação, sempre de novo, penetra o aluno e sempre de novo se faz valer em seu sistema. Contudo, essa força-luz é sempre corrompida pela maldade da

ignorância. Quando, por exemplo, assistis, durante alguns dias, a uma conferência em um dos focos*gnósticos, ficais completamente carregados, durante esse tempo, com força-luz; ela ainda fica vibrando um pouco no vosso sangue, no vosso ser durante mais algum tempo, porém, com muita rapidez e inesperadamente, sem que o saibais, sois novamente absorvidos pela maldade da ignorância, e fortemente pregados à terra.

E, assim, se perde sempre, pela maldade da ignorância, a força-luz. Então pode ser e pode acontecer que, justamente nos momentos necessários, tendes falta do puro óleo para as vossas lâmpadas da vida.

Não é, de nenhum modo, imaginação, mas é absolutamente certo que, em tempos que se aproximam, manifestar-se-ão, em nossa vida, um número crescente de momentos em que ressoará o chamado: "Ide ao encontro do noivo!" Então precisareis provar se estais adornados com a veste de bodas. A este respeito, lembrai-vos da parábola das virgens, das virgens prudentes e das virgens néscias. As prudentes possuíam bastante óleo para as lâmpadas, ao passo que para as virgens néscias faltou, completamente, o óleo nesse momento psicológico.

Também é válido, agora, para todos os que querem entrar no salão das bodas, como convidados bem-vindos: "Vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora".

IV

OS GRILHÕES DO SANGUE

Na Carta aos Romanos, capítulo 7, lemos:

"Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço, isso faço. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; porque o querer está em mim, mas não consigo efetuar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim.

De sorte que acho esta lei em mim; que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a

Deus, por Jesus Cristo, nosso Senhor".

Queremos agora deter-nos diante do fato de que todos, mas todos, que não são nascidos de novo segundo a alma, todos os que não atraíram a força-luz da Gnosis para cima, para o coração celeste, isto é, para o espaço atrás do osso frontal, vivem permanentemente em seu total estado de consciência e estado de vida, numa condição de turbação, de embriaguez.

A substância narcotizante causadora dessa situação é chamada por Hermes *maldade da ignorância.* Ela inunda toda a terra e corrompe todo o início do novo desenvolvimento da alma no corpo. Essa substância é, pois, atmosférica e está, como já dissemos, em nosso sangue, sim, mesmo em cada átomo da nossa personalidade, com exceção da cabeça e do coração, pelo menos algumas partes que ainda não foram inteiramente apanhadas pela natureza da morte.

A maldade da ignorância visa também excluir totalmente o coração e a cabeça de sua elevada finalidade, fazendo-os inteiramente sujeitos a ela, e se ainda as coisas vão bem convosco, se ainda, devido a um discipulado sério, não passastes pelo ponto fatal, então o mal da ignorância consegue, no máximo, turbar mais ou menos as partes vitais do coração e da cabeça, a fim de, deste modo, evitar, neutralizar uma atividade libertadora realmente positiva do coração e da cabeça. Então, o homem está diante da alternativa que Paulo tão exatamente descreve em Romanos 7:

"Segundo a Luz que me toca, tenho prazer na Luz e

quero fazer o bem, mas a força que surge nos meus membros, no meu sangue, prende-me e, por conseguinte, faço o mal".

Está claro que a Gnosis Universal de Hermes não vai dizer aos homens que estão de modo fundamental e estrutural nas garras dessa maldade: "Tornai-vos sóbrios", porque os coitados já não poderiam mais sê-lo. Hermes se dirige aos que estão em estado de turbação, dizendo-lhes:

Parai e tornai-vos sóbrios! E se todos vós não podeis fazê-lo, pelo menos os que estão em condições para tanto que o façam.

Cada qual deve consentir que isso lhe seja dito, antes que essa turbação o mergulhe numa condição definitiva e irreparável de anormalidade.

É preciso que vos seja bem claro que nesta grande fase crítica dos tempos, justamente agora, é preciso repetir com ênfase essa exortação:

"Parai e tornai-vos sóbrios! Vede, de novo, pelos olhos do vosso coração! Expeli de vós a palavra da ignorância, com a qual vos embriagastes! E se todos vós não podeis fazê-lo, pelo menos os que estão em condições para tanto que o façam. Nisto não espereis uns pelos outros, mas entrai espontaneamente na nova e libertadora atividade!"

Então, talvez, muitos alunos pensarão que o que acabou de ser dito seja uma boa palavra e uma magnífica

tarefa para aqueles que ainda estão fora da Escola Gnóstica de Mistérios. Eles dirão: "Essas palavras não são para nós" e "já reagimos ao chamado da Gnosis, já participamos da Escola de Mistérios".

Antes fosse verdade, amigos, que nada tivésseis com isso!

Porém, prestai atenção, pois Hermes com sua exortação não se dirige à multidão, assim como também Paulo, no capítulo 7 da Carta aos Romanos, não se dirige aos homens em geral. Não, ambos se voltam para um grupo seleto. E quando Hermes fala a esse grupo, diz enfaticamente:

E se todos vós não podeis fazê-lo, portanto, como grupo, *pelo menos os que estão em condições para tanto que o façam.*

Dirigir-se aos homens em geral com semelhante chamado seria completamente sem sentido. Não o compreenderiam e, de mais a mais, ficariam furiosos. Imaginai-vos dirigindo-se ao homem ocidental, que se considera tão superior e que desde o nascimento está acostumado ao exercício intelectual e místico, inteiramente adestrado na utilização da matéria, ao ocidental que está, quase que dia e noite, febrilmente ocupado no campo social, econômico e político, imaginai se dissésseis a este tipo de homem: "Estais turbados, tornai-vos sensatos e convertei-vos", e isso logo no Ocidente, onde a palavra Deus e o nome de Jesus Cristo, devido às múltiplas atividades místicas, são, a cada segundo, pronunciadas inúmeras vezes! Um tal chamado dirigido à multidão não teria o mínimo

sentido.

Mas aqueles que buscam seriamente escapar às garras da natureza da morte são, justamente por isso, objeto do empenho concentrado da maldade da ignorância. Os outros, que estão em meio à natureza sem nenhum conhecimento de sua turbação e que se deixam arrastar indolentemente pelo poder da corrente, de nada têm de se retratar, pois são verdadeira e completamente unos com esta mesma natureza.

Mas, se a maldade da ignorância está presente em vosso sangue, e vós, como homens orientados gnosticamente, procurais desalojá-la, desenvolveis grande tensão. Essa tensão traz para a vossa vida um perigo intenso. Se, pois, num tempo como o nosso, não vos recobrais completa e radicalmente, sois e permanecereis muito anormais, mais anormais que o homem médio da natureza, pois o homem da natureza — precisamos repetir uma vez mais — se dá inteiramente à ilusão da natureza, é uno com ela. Talvez vos deis *também* à ilusão da natureza, enquanto credes já serdes gnósticos; por isso repetimos: tornai-vos lúcidos, perfeitamente lúcidos e considerai a vós mesmos com *muita* exatidão.

Pelos santuários do coração e da cabeça flui o vosso sangue, a corrente da morte, que turba e aprisiona todas as partes vitais do coração e da Cidade de Nephrite, de modo que o bem que desejais fazer, devido ao toque da Gnosis, não o fazeis; e mesmo muitas vezes fazeis o contrário e, desse modo, ingressais na prática do mal. Então estragais o vosso corpo e o porto da salvação permanece afastado para vós, enquanto o novo campo astral se estende sobre o reino gnóstico. Assim permaneceis conti-

nuamente na maldade da ignorância, a qual se mostrará cada vez mais pronunciada se não intervierdes a tempo, não de forma consciente, não com propósito deliberado, não porque sois declaradamente maus, mas porque recaís continuamente, dia e noite, no vosso tipo sanguíneo, e o vosso sangue vos narcotiza e vos turba, e essa é a grande dificuldade.

Estais e viveis, em razão do vosso nascimento natural, num país inimigo e, em razão do vosso ser, permaneceis na autoconservação. Por toda a parte há ódio, contenda, discórdia e aguçado individualismo. O vosso sangue está perfeitamente sintonizado com isso, vossa consciência natural deve-se restringir a tanto.

Mediante o vosso tipo sanguíneo, tipo que herdastes do vosso lar, conheceis e possuís certas normas. Estais diante das coisas que movimentam a vossa vida e achais umas boas e outras más, umas positivas e outras negativas. Possuís determinadas normas de ações justas ou injustas, e por conseguinte, certa compreensão de muitas coisas, e conseqüentemente vossas simpatias e antipatias.

Porém, acontece que a vossa provisão de normas relativas ao bem e ao mal, ao positivo e ao negativo, às ações justas e injustas, portanto, a vossa própria provisão de normas, certamente é diferente da dos outros. Existe, por conseguinte, uma *cultura pessoal!* Dessa cultura pessoal viveis e agis; *devido* a ela, entrais em conflito!

Mas encontrastes a Escola e quereis participar do novo estado de vida, o estado de alma vivente. Através dos ensinamentos de Hermes, dos ensinamentos gnósticos

e da vida dos grandes, tomastes conhecimento daquela outra vida completamente diferente. A luz da Gnosis, que vos quer conduzir para o porto da salvação, aproxima-se e penetra-vos.

No entanto, estais na vida prática, os homens se dirigem a vós. Vós os vedes agir, vedes o seu comportamento e a sua aparência; sim, a sua simples presença já diz tudo. . .

Se alguém não vos é simpático, então o fogo ímpio chameja violento em vós. O falar, o agir, o comportamento dessa pessoa, até mesmo a presença dela vai diretamente contra o vosso tipo sanguíneo, está inteiramente em conflito com a vossa cultura pessoal, com a vossa particular cultura sanguínea. E de imediato surge em vós uma turbação da consciência; o vosso tipo sanguíneo manifesta-se então em toda a sua força. Pela antipatia que o outro vos suscita, borbulha em vosso sangue a maldade da ignorância, e sois tomados por ela até o íntimo do vosso ser; como conseqüência vos insurgis, agis, em palavras, em pensamentos ou em ações, contra essa outra pessoa. Sois então — se assim devemos dizer — o homem-animal dos primórdios.

Nessa turbação, nesse estado de embriaguez, outra coisa não podeis fazer. Neste momento sois animais irracionais. E se ainda não percebestes isso tudo, então logo o descobrireis pelos resultados, pois desse modo, atraís sempre e inevitavelmente a desarmonia.

Em vós e em torno de vós sobrevém a discórdia. Os furacões do sangue elevam, às vezes, demasiado alto as suas ondas, com conseqüências muito funestas. Num certo momento, já não compreendeis mais nada em

relação a isso e dizeis, ao virdes um terceiro: "Como pôde ele reagir *assim* se eu estava tão bem intencionado!" Sim, estivestes bem intencionados segundo vossas próprias normas, segundo a vossa própria cultura sanguínea. Vossa ação, de fato veio do vosso íntimo, mas semelhante ação é igual à de um animal de presa, o qual abana a cauda e ronrona para a vítima e, não obstante, crava seus afiados dentes no pescoço dela.

Assim experimentais continuamente a vossa turbação, vossa embriaguez; experimentai-a mediante a maldade da ignorância. É um estado de pura insensatez, de grande parvoíce; todavia — e isso acrescentamos ao mesmo tempo — a assinatura da filiação divina está no rosto de muitos de vós. E enquanto a filiação divina está brilhando em vós, renegais, não obstante, a Luz.

Por conseguinte, Hermes Trismegisto fulmina isso com duras palavras.

Deveis reduzir a frangalhos o traje de sangue que vestis. Se não o fizerdes, o vosso discipulado não terá o mínimo valor. Se não modificardes o vosso tipo sanguíneo, continuareis sendo o mesmo homem que sempre fostes, que tendes sido até hoje.

Deveis rasgar as vestes que levais, o tecido da ignorância, o fundamento da maldade,

diz Hermes.

O grilhão da corrupção, a tenebrosa prisão, a morte vivente, o cadáver com sentidos, o túmulo que levais convosco, o saqueador que habita convosco, e que, pelas coisas que ama, odeia-vos e, pelas coisas que odeia, tem

ciúme de vós.

Isso é o que deveis aniquilar!

Tal é a veste inimiga pela qual estais envoltos, a veste que, impedindo-vos de respirar, puxa-vos para si, para baixo, para que não volteis a ver e, contemplando a beleza da verdade e o bem que nela reside, não comeceis a odiar a sua maldade e compreender as ciladas que ela vos prepara.

Descobri, pois é o que vos deseja Hermes Trismegisto, as ciladas que a maldade vos arma:

Ela torna os vossos sentidos insensíveis, fechando-os com uma abundância de matéria e enchendo-os de voluptuosidade pecaminosa, a fim de que não ouçais o que precisais ouvir e não vejais o que tanto precisais ver.

Esta é uma linguagem clara, não é verdade? Por isso não compreendamos mal o que se segue.

Assim como se trata de um Deus-em-vós, em vosso microcosmo, assim também se trata de um mal-em-vós. E, mediante esse mal que é vivente, negais o Deus-em-vós, o qual se encontra aprisionado em vosso microcosmo. Aceitai isso, ainda que seja desagradável. Aceitai que o mal que experimentais não está fora de vós, que ele não vem a vós de uma entidade que está fora de vós. Não penseis que algum outro vos possa causar mal sem a vossa cooperação causal. O mal que em vós se manifesta e o mal que um outro vos causa andam perfeitamente passo a passo com as forças do mal *existentes em vós.*

O mal está em todos, ele é próprio da personalidade.

Pode-nos reger e nos regerá, e nisto, infelizmente, sentimos satisfação, enquanto agimos pela nossa cultura sanguínea.

Se, pois, não vos recobrais radicalmente, muito radicalmente, ficais pendurados nessa situação, a qual vos rebaixa e oprime. A corrente da vida deve fluir através da Cidade de Nephrite, através do santuário da cabeça! *Então* os poderes sensoriais novamente se tornam sensíveis à Luz, deles é afastada a matéria e o prazer pecaminoso desaparece.

Qual o significado disto, aqui?

Hermes não tem em vista o desregramento sexual ou a degeneração. Nada disso é mencionado nesse tão profundamente sério discurso. O prazer tem dois significados: o do prazer dos sentidos e o do prazer da alma. No holandês antigo a palavra prazer, ou agrado, era freqüentemente utilizada no segundo significado, assim como no Salmo 36: "... e os farás beber da corrente das tuas delícias" e, em outro lugar: "Deus tem em nós agrado".

O prazer pecaminoso significa principalmente o agrado e o contentamento com a própria vida de ações e pensamentos, assim como o demonstramos mediante a nossa própria cultura sanguínea; vida de ações e pensamentos que resulta do tipo sanguíneo, conservada com alegria. Quem se dá prisioneiro ao seu próprio tipo sanguíneo e a sua própria cultura sanguínea está também completamente aprisionado sensorialmente e pratica o mal pensando fazer o bem, e nisto encontra satisfação. Essa é a fatal embriaguez do prazer pecaminoso. Não podeis censurar Hermes Trismegisto por não se exprimir

claramente.

Se perceberdes o quanto a maldade da ignorância é inerente ao estado humano nascido da natureza e causa da turbação da consciência, fato esse que caracteriza a vida dialética toda, então perguntareis:

Como podemos escapar desse estado?

V

KARMA-NÊMESIS E O CAMINHO DA REDENÇÃO

Não permitais, pois, serdes arrastados pela violência da corrente, mas deixai que aqueles dentre vós, que estão em condições de atingir o porto da salvação, usem a contracorrente para nele entrar.

Buscai Aquele que vos tomará pela mão e vos conduzirá pelas portas da Gnosis, onde irradia a clara luz, na qual não há trevas; onde ninguém está embriagado, mas todos são sóbrios e elevam o coração para Aquele que quer ser conhecido. Porém, sabei: Sua voz não pode ser ouvida, nem Seu nome ser expresso, nem podem olhos materiais contemplá-Lo; só a Alma-Espírito está em condições de fazê-lo.

Por isso, deveis primeiramente rasgar as vestes que levais, o tecido da ignorância, o fundamento da maldade, o grilhão da corrupção, a prisão tenebrosa.

Como podemos escapar às garras do nosso próprio tipo sanguíneo e o conseqüente turbamento da consciência?

A resposta de Hermes diz:

"Buscai Aquele que vos tomará pela mão e vos conduzirá pelas portas da Gnosis".

Devemos, então, procurar um professor, um mestre, um adepto que nos aceite como alunos, como se costuma fazer de acordo com a conhecida receita, como se costuma fazer por toda a parte desta natureza? Devemos, portanto, aceitar ligações pessoais? Devemos sair à procura de alguém a quem possamos seguir como autoridade?

Não, trata-se Dele, que unicamente podemos ver por intermédio da Alma*-Espírito. Trata-se Dele, cuja voz não pode ser percebida com o ouvido orgânico, cujo nome não pode ser proferido mediante a faculdade da fala e que o olho material não pode ver. Trata-se Dele, que a vós ou em vós não se manifesta com um ou outro método da esfera* refletora. Trata-se Dele, denominado Pimandro* ou *Alter Ego*, o Outro, o Espírito!

É esse guia, impossível de ser achado no plano horizontal da dialética, que deveis buscar. Ele vos quer tomar pela mão. Esse Outro podeis unicamente experimentar e ver, de modo muito particular, pela Alma-Espírito, que é a unidade entre a consciência do Espírito e o coração purificado na Gnosis.

Quando abrirdes o coração à Luz das luzes, abrir-se-á a rosa do coração, e a cor e o perfume da rosa vos consolará. Ao seguirdes essa Luz em seu propósito e segundo o seu ser e (através de todos os obstáculos) assim a fizerdes circular pelo vosso sistema, em sentido oposto à corrente sanguínea turbadora, então podereis firmar, conforme já consideramos anteriormente, o núcleo da Luz no coração celeste, no espaço aberto atrás do osso frontal. Prepa-

rareis de modo certo a câmara superior, a câmara purpúrea na cidade de Nephrite; e Pimandro, despertado do sono da morte, ocupará o seu trono nessa câmara superior e celebrará convosco a Santa Ceia.

Celebrar uma Santa Ceia só tem verdadeiro sentido se ela puder ser celebrada na câmara superior. Pimandro, esse Deus-em-vós, então vos conduzirá aos portais da Gnosis, aos portais da Cabeça Áurea, onde brilha a clara Luz e onde não há treva alguma; onde ninguém está embriagado, mas perfeitamente lúcido.

Se quiserdes entrar nesse portal, se quiserdes liberar em vós esse reino, devereis primeiramente reduzir a frangalhos a veste da ignorância, a veste da renegação diária, a veste da qual vos falamos tão enfaticamente. Nisto consiste o ponto central de todo o discipulado da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Se há sinceridade em vós, então deveis estar *diariamente* ocupados em esfrangalhar essa veste. O vosso próprio tipo sanguíneo, a vossa própria cultura sanguínea e, assim, o vosso individualismo dialético, pelo qual se explicam o vosso caráter e toda a vossa conduta, devem ser aniquilados *por* vós; deveis, pois, transformar-vos diariamente.

Mediante a vossa habitual conduta diária e os vossos atos costumeiros, que se explicam pelo vosso tipo sanguíneo, renegais o Deus-em-vos. Não estamos pensando aqui em nenhuma conduta esquisita ou maldade particular, nem em coisas más. Não; pensamos muito enfaticamente em vossa conduta comum diária, a vossa conduta na vida, tal como ela se explica pelo vosso caráter, vosso ser, vosso tipo sanguíneo.

Essa atitude de vida é a força nuclear do pecado, a causa da abominação, segundo Hermes. E quando na Escola falamos, em conjunto, sobre a *endura**, sobre a eliminação do eu natural, sobre o perder-se transfiguristicamente no Outro*, isso não é nenhuma proposição superficial, claramente reconhecível, algo como sendo um meio para se chegar a um fim; mas tudo isso possui um sentido muito profundo, que ataca todo o nosso ser sanguíneo. A maldade da renegação, que se exterioriza em vosso tipo sanguíneo, não podeis sacudi-la para fora assim tão simplesmente por um ato da vontade, dizendo: "Já não vou mais fazer isto ou aquilo". Não, isso requer intensa luta! Pois o vosso tipo sanguíneo é completamente uno com o universo dialético.

A maldade da ignorância, a maldade da renegação é atmosférica, por conseguinte, inteiramente *una* com o ser e com as leis do universo dialético. Se desejais compreendê-lo bem, então podeis buscar conselho no Quarto Livro do tesouro hermético.

O grande espaço — assim lemos nesse livro — o grande espaço da Sétima Região Cósmica que denominamos o Jardim dos Deuses, foi outrora, antes da alvorada da manifestação, *uma* imensa escuridão, no sentido de não criado, o caos, ou, como a Escritura Santa bem indica, o abismo.

Nessa escuridão havia unicamente a água da vida, a substância raiz cósmica, Abraxas , isto é, os atributos do espaço. E, despontando o dia da criação, a santa luz elevou-se das trevas, liberaram-se os atributos da substância raiz cósmica e, da natureza das trevas, separaram-se

diferentes forças naturais, indicadas por Hermes como *deuses* ou *regentes**.

No inteiro campo do espaço ainda informe tornaram-se distintos e visíveis sete forças, sete radiações, os sete raios do Espírito sétuplo da onimanifestação, do Espírito sétuplo mediante os quais Deus, o Logos*, está ligado à sua criação e às suas criaturas.

Está claro que, sob a influência dessas radiações da Luz sétupla, toda a criação, em sua ilimitada multiplicidade de manifestações, desabrochou numa estupenda roupagem de cores e formas, enquanto que o Universo, ordenado pelo alento da criação, era mantido em movimento pela circulação de divinas radiações espirituais. As forças dos planetas, os espíritos planetários em seus sistemas criaram, de sua própria força, o que lhes fora dado como incumbência; assim desenvolveram-se, por exemplo, sobre o nosso planeta, os vários reinos naturais.

Em todos esses reinos, por mais diferentes que sejam em formas, está encerrada a semente do renascimento. Na vida que se desenvolvia por toda a parte, conduzida pelas radiações do Espírito Universal, o conjunto de tudo o que se encontrava nesse imponente Jardim dos Deuses, deveria despertar naquilo do qual uma vez proviera, isto é, no próprio Espírito Universal. Assim também apareceram, do regaço da eternidade, as entidades que outrora puderam ser chamadas, no verdadeiro sentido da palavra, homens.

A palavra *homem* deriva de Manas (1), que significa

(1) Em holandês a palavra "homem" se traduz como "mens" Em inglês "man", em alemão "Mensch".

pensador, isto é, conhecedor da verdade e da sabedoria de Deus, conhecedor do inteiro plano de Deus.

A essas entidades, a esses homens de outrora foi dado, como incumbência, executar as leis divinas no vasto Universo da Sétima Região Cósmica, realizar as obras divinas, converter em realidade o conhecimento do plano de Deus com o auxílio daquilo que as criações dos deuses naturais, os regentes, puseram a sua disposição. Tudo, mas tudo mesmo no Jardim dos Deuses foi posto à disposição do homem. E a ele foi dado multiplicar-se por divisão espiritual, isto é, como Deus de Deus, como Espírito do Espírito. Desse modo, o inteiro universo da Sétima Região Cósmica foi preenchido de magnificência.

Existe, porém, uma lei natural comum em vigor, uma lei que liga todas as coisas no vasto Universo, que une em *um* poder a total multiplicidade das criações, forças, movimentos e ações.

Essa lei natural pode ser designada como sendo a força-chave. É *um* poder indizivelmente grande. Essa força original, essa lei básica da criação é indicada na mitologia como Nêmesis, o que quer dizer que essa força original é e permanece imutável, que ela não pode ser violada. Por isso, no mundo do pensamento grego, Nêmesis é a deusa da justiça vingativa, a deusa que castiga o vício e pune toda a infração.

Outro nome dessa força original é karma*. Essa força original do Universo é, como princípio, perfeita e imutável. Por isso, em relação a Karma-Nêmesis, como é denominada, diz a Doutrina Universal:

"Karma-Nêmesis cria povos e mortais, mas, uma vez

criados, são eles que transformam Karma-Nêmesis *ou* numa fúria *ou* num anjo gratificador. Verdadeiramente sábio é aquele que reverencia Nêmesis".

Deveis compreender que essa força original da oni-natureza, em sua inabalável inflexibilidade, essa força, como Logos da natureza, garante de modo absoluto o grande plano de Deus.

O Espírito de Deus emite um plano no abismo; mediante a força do Espírito são despertas as forças da natureza, o Universo entra em movimento e se manifesta. E *existe um* fator controlador: Nêmesis, que assegura totalmente o grande plano de Deus. Némesis é uma força que não conhece nenhuma negociação, não irradia nenhuma sabedoria, nenhum bem e nenhum mal; ela não conhece nenhuma positividade, nenhuma negatividade; é uma força que só mantém a vontade do Logos irrompendo através de toda a influência divergente e contra-reagente.

Isto, bem considerado, é imponentemente esplêndido!

O plano de Deus mantém-se eternamente; ele é indanificável, ele se cumprirá.

Mas, ao mesmo tempo, que indizível perigo se encerra nesse fato! Pois, quando transgredimos a lei de Nêmesis, ela nos corrige, aparece como a vingadora, como o *destino.* Destino, destino cego é o nome sob o qual melhor a conhecemos em nossa ordem dialética, por isso, Nêmesis é mostrada como a deusa que traz uma venda nos olhos.

Então talvez compreendais o que ocorreu num lon-

gínquo passado.

Uma parte da humanidade desviou-se da sabedoria, que é do Espírito e pôs-se a fazer experiências de modo arbitrário. Imediatamente Nêmesis entrou em ação para corrigir, pois Deus não abandona as obras de Suas mãos. A lei natural corretora manifestou-se.

Assim foi inflamado o fogo ímpio no vasto Universo. A transgressão da lei foi respondida pelo fogo do destino, e nesse turbilhão, o homem foi desligado do Espírito. Nesse estado só era nominalmente homem, Manas, pensador.

Em sua falta de sabedoria, esse homem passou a servir os vários deuses da natureza. Porém, cada divindade planetária, cada força natural planetária se diferencia de todas as outras. Essas forças naturais, nada mais podem fazer do que cumprir sua própria tarefa criadora. Considerando que as forças planetárias são servidoras da humanidade, então podeis imaginar como também as relações entre as forças planetárias são contínua e totalmente postas fora de equilíbrio por uma humanidade degenerada, e assim corrigidas pelo destino, por Nêmesis.

Desse modo, mundos perecem pelo fogo; a impiedade invoca nova impiedade e forças da contranatureza.

Portanto, encontramo-nos, em nossa vida, na atmosfera da maldade da ignorância. Que ignorância? Ignorância concernente ao estado humano original!

Cada microcosmo possui em seu ser* áurico uma conta ainda não resgatada do destino, de Nêmesis, conta que temos de pagar até o último centavo. E, quando em nossa marcha fatal através da natureza* da morte, quitamos essa dívida, geralmente contraímos outras logo em

seguida. Todos conhecemos muito bem Karma-Nêmesis!

Como podemos então escapar a esse caminho circular de condenados?

Nêmesis não nos auxilia. Isto ela nunca fez e também não pode fazê-lo. Ela só corrige. Ela se vinga, mas se vinga sem ódio.

Não obstante, *existe um caminho de redenção!* E a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea aproveita toda a oportunidade para vos falar desse caminho. Ao fazê-lo, ela não predica, não tenciona dirigir-vos palavras edificantes. Ela não vos presenteia com dogmas, porém, sem cessar, mostra-vos que, se quereis escapar da vossa *marcha* fatal, precisais seguir o caminho da redenção mediante atos efetivos. Precisais começar rasgando a veste da maldade da ignorância, precisais começar com a demolição do vosso tipo sanguíneo, uma vez que nele reside o ponto essencial.

A senda universal da redenção vos é novamente mostrada. *Trilhai-a,* pois! *Esfrangalhai,* antes de tudo, a veste da diária renegação, veste com a qual andais trajado. Ao executardes isso, estareis a caminho de fazer as pazes com Nêmesis, com a deusa da justiça punitiva.

VI

A REALIZAÇÃO DO PLANO DE DEUS

Novamente colocamo-vos perante Nêmesis, a deusa da justiça punitiva, a deusa, a lei natural que em nosso mundo é comumente denominada *destino*. Colocamo-vos perante a deusa com quem temos, assim como também todos os nossos semelhantes, uma conta ainda a liquidar.

Seus avisos para a pontual amortização da dívida chegam-nos continuamente e possuem uma esfera de ação em nosso sangue, em nossa vida em sua totalidade: destino, ameaça, dor, desgraça, debilidade, enfermidade, morte.

Nisso não há para Nêmesis nenhum prazer sádico, prazer de assim nos visitar, pois Nêmesis é a deusa que leva uma venda nos olhos. Ela corrige impessoalmente, e assim sempre o fará, enquanto não ingressarmos novamente na senda da verdadeira natureza humana.

Ao considerar tudo isso, podeis então imaginar que indizível dor é imposta a este planeta, que sofrimento se estende sobre toda a humanidade, que padecimento atinge todos os reinos naturais! Sim, o planeta inteiro sobre o qual temos o nosso campo de vida, sofre insuportáveis dores. E o fogo de Nêmesis prossegue desencade-

ando-se raivosamente!

Este é, portanto, o grande momento para chamar a vossa atenção para a extraordinária diretriz da Gnosis Universal em meio a todas as outras diretrizes que conhecemos neste mundo. Neste mundo um pergunta ao outro: "O que você é, a que religião pertence? Prefere filosofia ou ocultismo? Muito interessante!" Assim tagarelamos, não é verdade? Isto porque estamos possuídos pela maldade da ignorância, porque o nosso sistema-personalidade e o nosso inteiro estado de ser estão completamente cristalizados, porque a nossa personalidade não tem mais nenhum vislumbre da magnificência dos homens originais verdadeiros. E, devido a este estado, buscamos passatempos em meio a grandes dores e sofrimentos da humanidade; procuramos nos ocultar detrás desses passatempos, e assim fazer como se . . .

Porém, precisamos compreender que, para realizar as exigências de Nêmesis, para se pôr de acordo com ela, só há um caminho, só pode ser aplicado um método: o caminho, o método da Gnosis Universal. Outra solução não existe!

A Gnosis não vos convida para tão-somente participardes de um serviço enobrecedor e para estardes no templo com uma fisionomia grave; ela não vos convida para serdes unicamente membro fiel de uma comunidade ou para fazerdes orações e observardes prescrições e práticas. A Gnosis não pede o vosso interesse unicamente. Não;

ela exige o vosso ser em sua totalidade!

Ou trilhar a senda ou não trilhá-la! Tudo ou nada!

Pode-se perguntar: é ainda possível estar-se em har-

monia com a lei original, com Nêmesis? Não terá progredido tanto a geral degenerescência, tornando completamente impossível o restabelecimento?

Se esse fosse o caso, então o vosso caminho de vida, considerado em relação ao objetivo, teria um caráter extremamente trágico e dramático. Dizemos "considerado em relação ao objetivo" porque, se não o fizéssemos desse modo, não mais sentiríeis o caráter dramático e trágico, não mais o perceberíeis como tais. Então, só aceitaríeis a vida tal como ela é, como muitos o fazem. Acompanharíeis os outros segundo a lei da auto-afirmação, segundo a lei do olho por olho, dente por dente. Consideraríeis a garra de Nêmesis com naturalidade, e vos conformaríeis à sua autoridade com um: "Sim, é a vida!"

Se é assim que se passa convosco, então a Gnosis nada mais tem a vos dizer. Então ela nunca mais terá algo a vos dizer! Não mais podereis ultrapassar a vossa turbação, não mais podereis ser sábios. A Gnosis terá que esperar pela vossa morte, pela total dissolução da vossa personalidade em vosso microcosmo. E, quando em seu devido tempo o microcosmo possuir uma nova personalidade, a Gnosis repetirá a tentativa para alcançar *esse* objetivo. Porém, quanto tempo é preciso que decorra para que as coisas cheguem a tanto!

Por isso, diz Hermes:

Deixai pois reagir pelo menos aqueles que ainda estão em condições de fazê-lo.

Numa Escola Espiritual Gnóstica associam-se principalmente pessoas que (como está tão bem expresso na

paráfrase sobre o *Tao Te King* de Lao-Tsé, por C. v. Dijk) "sentem dores no ego".

No que precedeu, tivemos de vos dizer coisas que, possivelmente, vos causaram dores. Mas, apesar disso, trata-se de sabermos se vos ferimos até sofrerdes dores no ego! Muitos padecem de forma insuportável, porém, sobre eles ainda fulgura e se reaviva o ego, o eu dialético numa tentativa para escapar desse sofrimento, de uma ou de outra maneira. Quando também a Escola é obrigada a declarar verdades para levar os seus alunos à percepção libertadora, verdades que causam pesares ao ser natural, então pode acontecer que alguns deles se endureçam no eu e procurem escapar à desdita de maneira diferente da indicada pela Gnosis.

Quando se diz que muitos sentem dores no ego, isto significa que eles estão cheios de pesares e sem nenhuma esperança em relação a todos os aspectos de seus seres-eu, suas consciências. São os que percebem o desenrolar das coisas dialéticas, desenrolar de tal modo trágico, dramático e tão completamente desumano, que se revoltam e procuram uma saída. Talvez ainda nada saibam a respeito de uma Nêmesis que corrige, mas se tornam intuitivamente conscientes de que a geral condição da vida é completamente falsa, é errada, sem esperança.

Então buscam a senda, enquanto sofrem no ego dores cada vez mais fortes. E, quando encontram a senda, não vacilam, eles *seguem,* direta e resolutamente, aceitando todas as conseqüências, pois, essas pessoas sentem que o trilhar a senda é a solução, a única possibilidade, a viagem cheia de alegria para o lar do Pai.

Felizes sois se é isso que se passa convosco, pois

então valem também para vós as últimas palavras do Quarto Livro:

E este *é para elas, desde o início, o caminho: elas colhem experiências da vida e assimilam sabedoria em relação a sua determinação do Fatum, resultante da marcha circular dos deuses; e finalmente elas são libertas e deixam na Terra grandes monumentos como lembranças das obras elevadas que, como libertas, realizaram.*

E tudo *o que na marcha do tempo deslustra e espalha a treva: toda a existência da carne animada e da geração à maneira do jovem animal, tudo o que o homem realiza, tudo isso que faz* definhar *será renovado pelo Fatum, pela renovação dos deuses e da marcha circular da natureza, quando o seu número se tiver tornado completo, pois o divino é o Todo cósmico, fundido em unidade, renovado pela natureza, porque também a natureza está ancorada na onipotência de Deus.*

Tentemos analisar essas palavras, a fim de que, após todas essas primeiras coisas e fatos opressivos que foi necessário expor para vós, possais receber um positivo "pare!" e uma visão clara do caminho que a Jovem Gnosis segue com os seus alunos.

Precisais compreender que aqui não se trata de experiências da vida e de sabedoria no sentido comum da palavra. Nos santuários do coração e da cabeça está a sede de uma vida muito especial e exclusiva, uma vida que talvez ainda dormita em vós, mas nem por isso menos presente.

Vosso coração sétuplo — como a Mãe Ísis — tem o

poder de manifestar essa vida, vivê-la e nela ingressar. Ao vosso coração celeste no santuário da cabeça, à sala purpúrea na cidade de Nephrite é dado participar da única e absoluta sabedoria, tão logo tenhais ingressado nesta vida.

Podeis receber imediatamente esse "nascimento em Belém" e essa conquista do Gólgota se quiserdes rasgar, sem perda de tempo, a veste da ignorância, a veste da renegação, o vosso ser sanguíneo, a veste da vossa cultura sanguínea, atrás da qual estais entrincheirados como nas muralhas de uma fortaleza. Precisais levar ao matadouro todo o vosso caráter, toda a natureza do vosso pensamento e das vossas atividades, vossa entidade nascida da matéria. *Esse* é o fundamento da vossa maldade, essas são as cadeias da corrupção, a prisão obscura, a morte vivente, o cadáver com órgãos, o túmulo que levais convosco. Precisais aniquilar fundamentalmente, com início imediato, sim, *com início imediato,* todas essas conseqüências do vosso conflito com Nêmesis, do vosso e dos vossos antecessores no microcosmo, pois a nova manhã acena. O novo reino gnóstico tornou-se realidade e manifesta-se numa poderosa experiência vivente que cresce sem cessar.

Quereis participar do novo reino? Quereis pertencer a ele? Só o podereis quando dispuserdes de um novo ser, quando tiverdes aberto, de par em par, os portais da vida, portais que ainda dormem em vós.

Por isso, o que foi discutido, o expusemos a vossa consciência numa linguagem sem rodeios, pois trata-se de que possais preparar-vos a tempo para as bodas, que deverão ser festejadas, as bodas com o cordeiro, as bodas alquímicas do nosso pai-irmão Cristão Rosacruz.

Abri o coração sétuplo à luz da Gnosis e procurai,

dentro do mais curto prazo possível, fazer circular em vós essa luz, mediante uma atenção contínua e concentrada. Vivei de maneira nova com todos os vossos semelhantes. Quando isso fizerdes, quando assim puserdes a Luz em circulação, levantar-se-á do seu túmulo o liberto Pimandro e assentar-se-á em seu trono no coração celeste. E, desse momento em diante, o Espírito, o Deus-em-vós, assumirá a direção da vossa vida.

Compreendei, sobretudo, que não estamos fazendo nenhum sermão para vós, que não tencionamos apresentar-vos novamente um outro aspecto de nossas proposições. Trata-se de que compreendais e leveis conscientemente convosco esse saber: o tempo da realização, no verdadeiro sentido da palavra, o tempo da colheita do nosso período chegou.

Se quereis seguir o caminho da Gnosis, então está mais do que claro que precisais recompor a harmonia entre vós e Nêmesis, entre vós e a lei original da natureza do Jardim dos Deuses! Só assim podeis quebrar a trajetória circular dos deuses*, dos eões* naturais, a trajetória circular que vos mantém prisioneiros. Os eões naturais permanecem, eles permanecerão até a eternidade e realizarão a sua tarefa. Porém, quando entrardes em harmonia com a lei original, todos os eões naturais, todas as forças que vos circundam e vos inquietam, que vos mantêm prisioneiros serão reduzidos a nada, quanto a sua influência perniciosa em relação a vós e ao grande conflito convosco.

A renovação dos tempos acontece não apenas em determinados períodos, em conseqüência da marcha dos sete raios com o mundo, mas essa renovação pode reali-

zar-se imediatamente no ser humano, no momento em que ele puder procurar e encontrar sinceramente a única vida e a única verdade e viver em harmonia com Nêmesis.

Prestai atenção às conseqüências disso.

A filosofia hermética concede-vos uma vista mais ampla sobre os resultados que se manifestam ao seguirdes, vós e um número crescente de outros, a senda da libertação e do restabelecimento.

Quando ingressardes no mundo do estado de alma vivente, sereis imediatamente libertos da roda* do nascimento e da morte. A alma não mais estará agrilhoada à carne na natureza dialética. E, quando muitos se desprenderem da roda do nascimento e da morte, diminuirão os nascimentos em carne animada, a natural conservação da espécie e toda a arguciosa atividade dos homens, atividade que está relacionada a esse nascimento e a essa conservação.

A Terra, como planeta de natureza dialética sombria, despovoar-se-á cada vez mais. Como a natureza sempre procura satisfazer as necessidades de suas criaturas, ao iniciar-se esse período, ao "se completar o número de giros da natureza", a Terra entrará num período de repouso, num período de restabelecimento, de equilíbrio com o Logos. Tudo o que é materialmente grosseiro desaparecerá, e tudo o que a natureza torna obrigatório e necessário deixará de existir.

Se trilhardes a senda, se a trilhardes como grupo, esse desenvolvimento se apressará. Então os eões naturais se renovarão pelo *Fatum*, e os giros da natureza recomeçarão, porém em caráter diferente.

Assim, do período de descanso e do desaparecimento do antigo, despertará novamente o nosso renovado planeta-mãe, pois nessa ocasião a Terra toda terá novamente entrado em equilíbrio com a lei original, com Nêmesis, com a deusa da justiça divina.

Só então se realizará em relação ao nosso sombrio planeta e seus sombrios moradores, o plano de Deus conforme sua verdadeira natureza. Esta Terra ter-se-á tornado novamente a Terra Santa, um campo de trabalho divino, ilimitado, do qual, por isso, diz a Escritura Santa: "Que a Terra toda se encha com a magnificência de Deus".

Os nascimentos e todas as obras de Deus sobre a Terra serão restabelecidos, isto é, restabelecidos em seu perfeito sentido! Nenhuma carne animada em sentido dialético, mas seres-alma viventes possuirão hereditariamente a Terra toda, a fim de se dedicarem inteiramente a esse campo de trabalho e utilizá-lo para suas tarefas.

E, assim, tudo o que no decorrer dos tempos perdeu em resplendor e ganhou em opacidade, tudo o que feneceu no conflito com a tarefa divina, será renovado pelo *Fatum*, pela renovação dos deuses e pela circulação da natureza e novamente entrará em equilíbrio com o Logos.

Pois o divino é o Todo cósmico, fundido em unidade, renovado pela natureza, porque também a natureza está ancorada na onipotência de Deus.

VII

O PROFUNDO CLAMOR DA GNOSIS UNIVERSAL

"De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis. Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: *Abba*, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.

"Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada. Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou. Na esperança de que também a mesma criatura será liberta da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.

Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora.

E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo. Porque em esperança somos salvos. Ora, a esperança que se vê não é esperança; porque o que alguém vê, como o esperará? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos. E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é ele que segundo Deus intercede pelos santos. E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto. Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou."

Está para nós evidente, nessa citação, porque, como diz a Escritura Sagrada, "reina alegria por *um* pecador que se converte". Quando a humanidade decaída se voltar para as velhas sendas da salvação e novamente buscar a vida e a sabedoria, quando ela novamente encontrar a vida e a sabedoria, então será totalmente revogado o direito de continuidade da dialética! Então também esta

dialética desaparecerá por completo após um período de descanso e restabelecimento da Terra-Cosmo. O inteiro espaço da sétima região cósmica poderá ser novamente indicado, em toda a sua amplitude, como sendo o Jardim dos Deuses. Para tanto, a Gnosis é o caminho, a verdade e a vida.

Tornemo-nos, pois, também profundamente conscientes do maravilhoso significado das coisas e valores com as quais nos confrontaremos tendo como base a filosofia hermética.

O caminho da Gnosis não significa unicamente a *vossa* salvação, mas, ao mesmo tempo, a salvação da humanidade e do mundo, no verdadeiro sentido da palavra! Por isso, também precisais atentar bem para, no supracitado trecho do capítulo 8 da Carta aos Romanos, as palavras: "Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus".

A inteira criação — isto é um axioma — está agora sujeita à corruptibilidade e em conseqüência disso, ela geme e sofre dores de parto até o presente.

Toda a criação — e não há necessidade de nenhuma demonstração — depende completamente de vós e de nós. Todos nós, separadamente e em conjunto, possuímos em nossas mãos, devido ao nosso ser, o destino do mundo e da humanidade. Por isso, é necessário também falar do novo reino gnóstico, pois, não estamos unicamente dirigidos para a nossa própria salvação, mas devemos compreender muito bem que a Gnosis existe para o mundo e para a humanidade.

Assim, também precisais apanhar e compreender profundamente o enorme significado da Gnosis e a vossa

conduta para com ela, e que o nosso chamado não tenciona estimular-vos a também acompanhar-nos. Nosso chamado transmite-vos o profundo clamor da Gnosis* Universal, o profundo clamor da inteira criação! O profundo clamor para cooperar ativa e energicamente na revelação dos filhos de Deus. É, pois, óbvio que, quando o chamado encontra ressonância em vós, deveis começar por vós mesmos. Como poderíeis auxiliar homens decaídos a se tornarem novamente filhos de Deus, se vós mesmos ainda vos debateis no lodaçal da dialética?

Queremos, por fim, uma vez mais chamar a vossa atenção para o versículo 16 do Quarto Livro Hermético, onde é dito que o divino se revela quando o Todo cósmico, confluindo para a unidade, é renovado pela natureza. O Ensinamento Universal, as Escrituras Sagradas de todas as épocas falam, de todos os modos possíveis, da especial atividade da confluência para a unidade, atividade que, de tempos em tempos, se faz valer fortemente. Ela se processa mediante uma transformação da atmosfera, o aparecimento da luz crística na atmosfera: "O aparecimento do Filho do Homem nas nuvens do céu".

Nos últimos anos tivemos de falar bastante acerca do novo campo* astral que se estendeu sobre o novo reino gnóstico. Esse é um indício do advento da renovação da natureza, que se manifesta nos irmãos e irmãs que se sintonizam perfeitamente com as suas vibrações, e, em conseqüência, essa nova natureza existirá novamente na divindade. O novo reino gnóstico é o primeiro vislumbre da vinda da magnificência. E, nessa luz, também precisamos considerar os acontecimentos de alguns anos passa-

dos, acontecimentos na vida da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Pensamos aqui, por exemplo, na construção e na consagração dos novos centros-de-força da Jovem Fraternidade Gnóstica:

22 de dezembro de 1957 – consagração do grande Templo de Haarlem;
8 de março de 1958 – consagração do Centro de Conferências "Lar Cristão Rosacruz", em Calw, Floresta Negra (Alemanha);
29 de junho de 1958 – consagração do Centro de Conferências da juventude "Noverosa", em Doornspijk/Nederland (Países Baixos);
11 de outubro de 1958 – consagração do Centro de Conferências "Galaad", em Ussat-les-Bains/Ornolac, Ariège (França).

Pois bem, com o auxílio da corrente* gnóstica universal que se manifesta no novo campo astral, podeis realizar o grande processo de libertação, da conversão do que é profano, do que é mortal no que é imortal, no que é divino, para a realização da vossa verdadeira vocação e a serviço de Deus, do mundo e da humanidade.

A primeira coisa necessária para isso é que rasgueis a veste que trazeis, a veste da ignorância, a roupagem da maldade da renegação. Confiai-vos à luz da Gnosis e abri os sete ventrículos do coração, abri-os de par em par. Aplicai o machado em vossa atitude de vida, aplicai-o em vosso tipo sanguíneo e começai a fazê-lo hoje, imediatamente. E, se já antes começastes com esse trabalho, continuai com ele com nova força e nova intensidade, pois

sobre isso baseia-se todo o vosso discipulado.

Cravemos a espada em nosso próprio ser para esfrangalhar a veste da ignorância, a veste da maldade da renegação.

VIII

O QUINTO LIVRO

UM DISCURSO DE HERMES A TAT

1. *Faço esta exposição, meu filho, em primeiro lugar por amor aos homens e por respeitosa devoção a Deus.*
   Porque não há piedade mais sincera do que a de observar as coisas essenciais e de agradecer Àquele que tudo isto criou, o que nunca cessarei de fazer.

2. *Mas, se aqui nada há de real e verídico, Pai, que deve o homem fazer para viver de modo justo?*

3. *Viver uma vida de serviço a Deus, meu filho!*
   Quem é verdadeiramente piedoso, amará a verdade acima de tudo; porque, sem amor à verdade, é impossível atingir a máxima devoção a Deus.
   Quem obteve a compreensão da essência do Todo e aprendeu a compreender como tudo é reunido numa ordem, e por quem, e a favor de quem, agradecerá por tudo isso a Deus, o demiurgo, o mestre-construtor do mundo, como o todo-bom Pai, que o cumula de benefícios e o protege fielmente.*

4. *E ao confessar a sua gratidão, ele será piedoso; e graças à sua piedade ele saberá também* onde *está a verdade e* quem *ela é; e, mercê desse entendimento, a sua diretriz piedosa continuará a aumentar.*

5. *Porque nunca, meu filho, a alma, mesmo no corpo, poderá deslizar para o oposto, quando ela tem diminuído o seu fardo de dívidas, a fim de compreender o verdadeiro bem e o verídico.*

6. *Porque quando a alma aprende a conhecer Aquele que a criou (quando ela encontra Pimandro no espaço aberto), fica preenchida de um amor incomensurável, esquecendo todo o mal, e não mais pode ser separada do bem.*

7. *Esse, meu filho, deve ser o objetivo da piedade. Se tu voltas a esse estado, vives de modo justo e morres em bem-aventurança, tua alma certamente saberá para onde dirigir o seu vôo.*

8. *Este, meu filho, é o único caminho para a verdade, que também trilharam os que nos precederam e, através do qual, obtiveram o bem.*

9. *Sublime e plana é essa senda, porém difícil e árdua para a alma trilhar enquanto estiver no corpo.*

10. *Porque, antes de mais nada, ela tem de lutar contra si mesma, operar uma grande separação e deixar a* uma *parte dela a vitória sobre si mesma. Porque*

surge entre uma parte e duas outras um conflito do qual a primeira procura fugir, enquanto as duas a arrastam para baixo. A conseqüência é luta, um grande confronto entre aquela que quer fugir e as duas outras que se esforçam em conservá-la embaixo.

11. *Não é indiferente, porém, que uma parte vença, ou as duas outras, pois uma aspira intensamente ao bem, enquanto as duas outras coabitam com a perdição;*

12. *uma deseja, com saudades, voltar para a liberdade; as duas outras abraçam a escravidão.*

13. *Quando as duas são vencidas, ficam fechadas em si mesmas, inativas e solitárias, abandonadas por aquela que, então, reina. Se, porém, uma for vencida, será arrastada como prisioneira pelas duas outras, despojada de tudo e castigada pela vida que é forçada a viver.*

14. *Eis, meu filho, este é o guia na senda que conduz à liberdade: deves primeiramente renunciar ao corpo* antes *que ele morra e vencer a vida que está implicada na luta; e, quando obtiveres* esta *vitória, deves voltar para o alto.*

15. *Agora, meu filho, juntarei as coisas essenciais em breves frases capitais: compreenderás o que direi quando te lembrares do que já te disse.*

16. *Tudo o que realmente* é, *é movido; só o que não é, é imóvel.*

17. *Todo o corpo está sujeito à mudança, mas nem todos os corpos permitem a dissolução.*

18. *Nem toda a criatura é mortal, nem toda a criatura é imortal.*

19. *O que pode ser dissolvido é perecível, o imutável que permanece é eterno.*

20. *O que sempre de novo nasce, sempre de novo perece; mas o que de uma vez por todas veio a ser, nunca perece e tampouco se torna em outra coisa.*

21. *Deus é o primeiro; o cosmo é o segundo; o homem é o terceiro.*

22. *O cosmo é por causa do homem, e o homem é por causa de Deus.*

23. *A parte da alma que percebe mediante os sentidos é mortal, mas a parte que responde à razão é imortal.*

24. *Cada realidade revelada é imortal; cada realidade revelada é mutável.*

25. *Tudo o que existe é dual; nada do que existe está parado.*

26. *Nem todas as coisas são movidas por uma alma, mas é uma alma que move o ser inteiro.*

27. *Tudo o que é suscetível de sofrimento, recolhe expe-*

riência; tudo o que recolhe experiência, sofre.

28. *Tudo o que está sujeito à dor, está também sujeito à alegria, a saber, a criatura mortal; nem tudo o que conhece a alegria conhece também a dor, a saber, a criatura imortal.*

29. *Nem todo o corpo está sujeito à doença; cada corpo sujeito à doença está também sujeito à dissolução.*

30. *O Nous* está em Deus; a razão está no homem; a razão está no Nous; o Nous não é suscetível de sofrimento.*

31. *Nada no corpo mortal é verdadeiro; no incorpóreo não há mentira alguma.*

32. *Tudo o que veio a ser é mutável; nem tudo o que veio a ser é perecível.*

33. *Não há nada de bom na Terra; não há nada de mau no céu.*

34. *Deus é bom; o homem é mau.*

35. *O bem opera de sua própria vontade; o mal opera involuntariamente.*

36. *Os deuses determinam boas obras para bons fins.*

37. *A boa ordem é elevada justiça; a boa ordem é a lei.*

38. *A lei divina é o tempo; a lei humana é o mal.*

39. *O tempo é a rotação do mundo; o tempo é o destruidor do homem.*

40. *Tudo o que está no céu é imutável; tudo o que está na Terra é mutável.*

41. *Nada no céu é sujeito e dependente; nada na Terra é livre.*

42. *Não há nada que o céu não saiba; na Terra não há conhecimento.*

43. *O terrestre não participa do céu.*

44. *Tudo o que está no céu está acima de toda a mácula e ignomínia; tudo o que está na Terra é para se desprezar.*

45. *O divino não é mortal; o que é mortal não é divino.*

46. *O que é semeado, não nasce em todos os casos; o que nasceu, certamente foi semeado.*

47. *Para o corpo dissolúvel valem dois espaços de tempo: o da concepção até o nascimento e o do nascimento até a morte. Para o corpo imperecível, o tempo tem somente um começo: a criação.*

48. *Os corpos dissolúveis crescem e decrescem.*

49. *A matéria dissolúvel gira dentro dos contrastes: o vir-a-ser e o aniquilamento. A matéria imperecível realiza mudança em si mesma ou se transforma em seu equivalente.*

50. *O nascimento do homem é o começo de uma morte; o morrer de um homem é o começo de um nascimento.*

51. *O que nasce, morre; o que morre, igualmente nasce.*

52. *Das coisas essenciais algumas estão em corpos; outras no mundo das idéias; outras, no mundo das forças. O corpo está também no mundo das idéias, mas a idéia e a força estão também no corpo.*

53. *O que é divino não participa da corruptibilidade, e o mortal não participa do divino.*

54. *O mortal não vem num corpo imortal; o imortal, porém, vem nas partes mortais.*

55. *As forças reveladoras de Deus não se dirigem para cima, mas para baixo.*

56. *Tudo o que se realiza na Terra não é de utilidade alguma para as coisas do céu, mas as coisas do céu são da maior importância para o que pertence à vida terrestre.*

57. *O céu é o lar onde aqueles que levam o corpo impe-*

, *recível recebem as boas-vindas; a Terra é a morada de corpos mortais.*

58. *O terrestre é destituído de razão; o céu é conforme a razão divina.*

59. *As harmonias do alto servem como* fundamento *do céu; as determinações da lei na Terra são* impostas *a ela.*

60. *O céu é o primeiro elemento; a Terra, o último.*

61. *A providência é a ordem divina; o* Fatum *é o servidor da providência.*

62. *O acaso é uma irrupção cega e desordenada, a imagem ilusória de uma força, aparência mentirosa.*

63. *Que é Deus? O imutável bem que nunca desvia. Que é o homem? Um mal que sempre se contorce.*

* * *

64. *Se mantiveres na mente essas frases capitais, não será difícil para ti lembrar as exposições que já te dei extensamente; porque essas frases capitais constituem o resumo delas.*

65. *Evita, porém, o contato e as discussões com a grande massa; certamente não para lhes sonegar tuas riquezas, mas antes porque a massa te julgará risível, pois semelhante atrai semelhante, mas o dessemelhante*

nunca é amado pelo dessemelhante.
As palavras que te disse só atraem extremamente poucos ouvintes de boa vontade ou talvez nem mesmo esses poucos. Essas palavras têm, além disso, este aspecto particular: estimulam os maus à maior maldade. Por isso, é necessário que te cuides da massa, visto que ela não compreende a força e a glória libertadoras do que te foi transmitido.

66. *Que queres dizer com isso, Pai?*

67. *O seguinte, meu filho: toda a vida animal dos homens é extremamente inclinada ao mal. Nela o mal é inato, e se regojiza, por isso, nele.*

68. *Quando esse ser animal aprende que houve um dia em que o mundo foi criado, e que tudo se realiza segundo a determinação da providência e do* Fatum, *visto que o destino(1) atribuído reina sobre tudo, não achas que* isso *será ainda pior?*
Pois, quando esse ser despreza o Todo porque um dia foi criado e atribui as causas do mal ao destino que o tocou, ele finalmente não mais se absterá de cometer qualquer ato mau.

69. *E, por isso, deves estar vigilante no tocante à massa, a fim de que, no estado de sua ignorância, e por meio do que interiormente não possa compreender, se torne menos má.*

(1) Karma-Nêmesis

IX

A LEI PRIMORDIAL DOS MISTÉRIOS GNÓSTICOS

Vamos falar-vos acerca do Quinto Livro de Hermes Trismegisto.

O seu começo é uma declaração de verdadeiro amor a Deus e a toda a humanidade, declaração que é um axioma, *a* receita para uma verdadeira vida libertadora. Concluímos imediatamente, que o conhecido relato evangélico, que encontramos na Bíblia e que está em relação com o acima mencionado, é obviamente hermético.

Alguém se aproxima de Jesus e pergunta: "Qual é o primeiro e o mais importante mandamento?"

Jesus responde: "Ama a Deus sobre todas as coisas e o teu próximo como a ti mesmo. Esta é", assim certifica Jesus, o Senhor, "toda a lei e os profetas". É a chave da entrada que leva à vida libertadora; é, portanto, um axioma hermético.

Colocamo-nos, agora, diante dessa evidência irrefutável a fim de examiná-la mais de perto e com relação a ela (pois é disto que se trata), examinarmo-nos a nós mesmos.

"Ama a Deus sobre todas as coisas e o teu próximo

como a ti mesmo." Cumpris essa lei básica dos mistérios gnósticos? Diante dessa pergunta é possível que levanteis uma queixa, queixa que é tão velha como o próprio mundo dialético. Ouvimos essa queixa no segundo versículo do nosso texto:

Mas, se aqui nada há de real e verídico, Pai, que deve o homem fazer para viver de modo justo?

Como é possível nos orientarmos perfeitamente segundo a clássica lei básica se o mundo é como é?! Consideramos desnecessário dar-vos alguma descrição da ordem mundial dialética. Já a descrevemos repetidas vezes. Aliás, hoje em dia sois colocados diante de tantas nuvens sombrias, que será suficiente apenas indicá-la. Essa queixa a conheceis, ela é completamente una conosco. Cada um de nós a conhece de sua própria vida de experiências.

Quando um homem se decide a seguir fielmente as instruções da lei básica gnóstica, logo chega a descobrir que existem grandes obstáculos a transpor. Quando, por exemplo, pensais no amor ao próprio eu, no amor a si mesmo, em nós sempre predominante; quando pensais no ódio, que é a conseqüência de toda a auto-afirmação, nas inúmeras diferenças existentes nas normas de vida, as quais, em sua grande maioria vos enchem de desgosto; quando pensais nas inúmeras orientações existentes no mundo que vos enchem de temor, então fica perfeitamente patente que um perfeito amor ao próximo, praticado espontaneamente, vai tropeçar em vós em muitas dúvidas, em muitos obstáculos invencíveis.

O que é preciso fazer-se para, a despeito disso, chegar-se a estabelecer o equilíbrio com a lei básica dos mistérios gnósticos e receber a chave da vida libertadora?

Hermes diz que nós, vivendo num mundo fenomênico, devemos procurar penetrar no âmago desses fenômenos. Somente assim, compreenderemos o nosso próximo e poderemos auxiliá-lo da melhor maneira possível.

Deveis tentar avançar até o fundo das coisas, em direção àquilo para o qual o homem foi convocado e eleito. Deveis chegar ao conhecimento de como aconteceu que o homem caiu e desceu ao estado e à atitude de vida presentes. Quando possuirdes semelhante sabedoria, não compreensão intelectual, mas verdadeira sabedoria de primeira mão, de dentro para fora, uma sabedoria como qualidade, uma sabedoria que deflui por todo o ser, que não podeis perder e que portanto também não podeis largar, então amareis o vosso próximo, isto é, a humanidade toda, e também reconhecereis a nobreza do próprio ser em sua mais profunda intimidade.

Para alcançar essa sabedoria, para avançar para esse bem, precisais, assim diz Hermes, levar uma vida a serviço de Deus, deveis tornar-vos devotos, tementes a Deus.

Quem é verdadeiramente piedoso, amará a verdade acima de tudo; porque, sem amor à verdade, é impossível atingir a máxima devoção a Deus.

Assim, temos de nos perguntar, antes de tudo, o que significa devoção ou temor a Deus, como caminho, como meio para se alcançar a sabedoria, como método para alçar-nos à Gnosis original.

Aparentemente, a resposta vos poderá parecer simples e é possível que digais: "Bem sei o que é devoção. Sei perfeitamente o que significa temor a Deus". Estareis, nesse caso, inclinados a prosseguir e a aprofundar-vos nos aspectos ulteriores da filosofia hermética.

Mas, realmente sabeis o que vem a ser uma vida devota, uma vida temente a Deus? Se o sabeis tão bem e se levais semelhante vida, então permiti-nos perguntar-vos: onde estão os seus resultados? Resultados que invariavelmente, assim confirma Hermes, deveis ter situado no centro da absoluta sabedoria da consciência mercuriana, pois temor a Deus e devoção formam a chave da sabedoria!

Não é verdade que, quando falamos de uma vida temente a Deus e devota, pensamos sobremodo no que se entende comumente por vida religiosa? Ao longo dos séculos, os místicos nos têm cumulado de toda a espécie de considerações acerca de devoção e temor a Deus. Essas virtudes são relacionados com a vida encerrada numa cela, cheia de autoflagelações e outros suplícios. Ou, em geral, são relacionados com a vida dos homens religiosos, homens que executam seus deveres religiosos fiel e escrupulosamente.

A humanidade conhece tais homens aos milhões. Sempre foi assim. Mas onde está, então, a sabedoria, a sabedoria libertadora que *deve* decorrer de uma vida devota e temente a Deus?

Quem obteve a compreensão da essência do Todo e aprendeu a compreender como tudo é reunido numa ordem, e por quem, e a favor de quem, agradecerá por

tudo isso a Deus, o demiurgo, o mestre-construtor do mundo, como o todo-bom Pai, que o cumula de benefícios e o protege fielmente. E ao confessar a sua gratidão, ele será piedoso; e graças à sua piedade ele saberá* onde *está a verdade e* quem *ela é; e, mercê desse entendimento, a sua diretriz piedosa continuará a aumentar.*

Quando nos referimos a um discipulado sério, sabemos que quase todos os alunos da Jovem Gnosis possuem a necessária seriedade para esse discipulado. Se, porém, a direção da Escola reconhecer que um determinado aluno não apresenta essa necessária seriedade, tal aluno terá de, irrevogavelmente, deixar a Escola.

Devemos expressá-lo assim: o discipulado sério, o comum discipulado sério do aluno e uma vida religiosa numa ou noutra religião ou seita têm, efetivamente, o mesmo valor. No máximo esse discipulado é uma base para se começar; é o colocar as primeiras pedras. Mas, é lamentável que muitos estão e ficam sobre essas primeiras pedras ou se assentam sobre elas na suposição totalmente errônea de que uma determinada religiosidade ou um discipulado exteriomente sério, seria, sem mais nada, determinante para a vida libertadora, para *a* sabedoria.

Quem se apega a uma determinada forma ou manifestação religiosa, ou se liga completamente a um comum discipulado sério, cristaliza-se irrevogavelmente, e, devido a essa cristalização, a Luz encontra cada vez maior dificuldade em aproximar-se dessa pessoa; semelhante criatura se torna cada vez mais inacessível à Luz. No discipulado sério, como é geralmente concebido, oculta-se, portanto, grande perigo.

Uma vez colocada a primeira pedra, *deve ter início uma construção!* Essa construção deve ser erigida no espaço! Algo precisa ser realizado, algo que antes não havia. E uma vez realizado, precisa ser utilizado. Eis por que, amigos, religiosidade e devoção, no sentido comum, são bem diferentes de um comportamento devoto, piedoso. Prestai atenção à expressão: *devoção* a Deus! Isto, bem compreendido, faz clara menção a um resultado, não é verdade? Não somente a um estado de ser comum.

Considerai também a palavra *piedoso*. Ela tem dois significados em nossa língua. Em primeiro lugar piedoso, piedade liga-se diretamente à devoção, liga-se a uma vida devota a Deus; e, em segundo lugar, a palavra *devoto* era antigamente usada *no sentido* de intrépido. Um homem devoto era um homem intrépido, um homem muito corajoso.

O Quinto Livro de Hermes é, como deveis ter observado, uma parte de um diálogo entre Hermes e Tat. Tat dirige a nossa atenção à realeza, a uma vocação à realeza, a um verdadeiro vir-a-ser humano superior. A Tat é dito que a chave do verdadeiro vir-a-ser humano está na devoção, isto é, na intrepidez, na coragem para perseverar na conquista da verdadeira piedade.

Vede, *este* é o segredo do discipulado gnóstico! A posse da intrepidez, da coragem para se impor apesar de todos os obstáculos, através de todos os fatores atuantes em contrário; perseverar a despeito do que também se possa dizer e de quaisquer situações e dificuldades que se possam avultar ao nosso redor.

Se não podeis conseguir essa coragem, se não tendes essa força de realização que vence resistências, obstá-

culos, se não quereis irromper desse modo, então jamais alcançareis a sabedoria, jamais chegareis ao amor à humanidade, no sentido da lei básica da Gnosis.

"Ama a Deus *acima de tudo*" quer dizer: irrompei através de tudo, ainda que, em sentido burguês, às vezes não vos pareça perfeitamente justo ou que não vos convenha. *Então* a sabedoria se encaminhará para vós, a sabedoria que é de Deus. Quando demonstrardes, de modo conseqüente, a coragem da convicção, tereis atravessado o portal.

Quando ousardes verdadeiramente, com a poderosa força-luz da Gnosis, em absoluta sinceridade, e empurrardes para o lado todas as dificuldades, todos os obstáculos, não os aceitando, não os reconhecendo, tereis atravessado o portal. Então a sabedoria que é de Deus ingressará em vós. Essa sabedoria é sempre una com o amor, o amor absoluto, o qual também é para todos e está em todos. Pensai nas duas primeiras correntes da Luz sétupla universal. A corrente que segue imediatamente a corrente da manifestação da plenitude divina é o amor universal!

Se compreendestes isto, então sabeis que a chave para *todo* o bem a recebeis por esse meio. A Gnosis aproxima-se de vós e vos transmite a chave para o mistério da vida libertadora. E se compreendestes bem, então também sabeis que nada, nada mesmo, vos poderá reter na senda, se puserdes em prática a devoção a Deus, praticardes-a de modo inalterável e conseqüente. Porém, se não quiserdes utilizar essa chave, então nada, nada conseguireis. Nada, a não ser um honesto discipulado burguês como senhor fulano ou senhora sicrana. Nesse caso, o

vosso discipulado é somente uma espécie de etiqueta e um disfarce para a vossa pequena e miserável existência dialética.

Esses problemas, pelo menos se assim vos agrada chamá-los, são muito antigos. Lede, por exemplo, do começo ao fim, a Epístola de Tiago, onde é enfatizada a *ação*, portanto, ao elemento do nosso discipulado com o qual somos capazes de irromper e alcançar.

Mas não vos enganeis de novo! Porque muitos de vós poderão julgar que são não somente religiosos, mas também devotos. É possível que nos digais: "Durante os anos que se passaram não demos provas plenas? Acaso não somos fiéis mesmo nas menores particularidades? Não pusemos à disposição o nosso dinheiro e os nossos bens, o nosso tempo, a nossa saúde e a nossa energia?"

A isto precisamos responder: "Mas, caro amigo, quão magnífico e quão excelente isso possa ser, nunca buscastes um compromisso? Nunca adiastes, conscientemente, para mais tarde, coisas absolutamente necessárias? Nunca deixastes sem resposta a voz interior quando sentíeis intimamente que 'nisto preciso estar presente', não considerando quaisquer motivos burgueses?"

A Gnosis vos solicita integralmente. A Gnosis não conta com situações burguesas, com nenhuma circunstância burguesa. Ela não pode fazê-lo, e ela também não quer fazê-lo. E será que não aconteceu que, justamente no momento em que deixastes de fazer o que vos foi requerido, a devoção quis manifestar-se em vós?

Por isso essas coisas são sempre tratadas na Escritura Sagrada de maneira extraordinariamente penetrante. Ouvi o que, no tocante a isso, diz Jesus aos seus discípulos:

"Quem ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama filho ou filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim.

Quem achar a sua vida perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor a mim, achá-la-á".

E, se quereis citações da literatura mundial, então pensai no conhecido princípio de Ibsen: *Tudo ou nada*. Tendes coragem para segui-lo? Necessitais de coragem, muita coragem, a coragem da devoção, não a da carolice. Nenhum pretexto, nenhum subterfúgio burguês; é isso o que a Gnosis solicita de vós. Essa é a natureza do diálogo entre Hermes e Tat. Tat foi um pesquisador absoluto, e Hermes não o reteve com conversas místicas. Hermes põe a espada de sua boca justamente no ponto fraco dos que buscam: o coração deve ser aberto para a luz gnóstica!

Esse é o ponto que a Escola Espiritual não se cansa de pôr diante de seus alunos. Só podeis fazê-lo em devoção, em verdadeira devoção, tal como a que acabamos de expor. Só *assim* podeis abrir o coração para as radiações do Espírito sétuplo. O Quinto Livro de Hermes Trismegisto começa a referir-se a isso. Somente desse modo, mediante verdadeira vida de serviço a Deus, podeis, finalmente, chegar a um acordo com Nêmesis. Se recusais semelhante atitude de vida, o destino continuará a perseguir-vos, não obstante o vosso discipulado sério. Então passais de um desgosto a outro, de um aborrecimento a outro. Mal chegais novamente em cima, já recebeis uma pancada de um ou de outro, já começa nova miséria de outra forma. Assim é na dialética!

Mas, se abris o vosso coração à luz da Gnosis, se o abris em verdadeira devoção, então a Luz ali penetra e vos ergueis na sabedoria. Sem sabedoria não pode ser levada em consideração a sublimidade da devoção a Deus.

Se quereis ser verdadeiros alunos da Escola Espiritual Gnóstica, ultrapassai a fronteira e entrai no círculo da eternidade. Só quando tiverdes passado pela fronteira é que, com razão, estareis *sobre o tapete**. Só então podereis ligar-vos com o triângulo e com o quadrado, com o santo Espírito sétuplo.

X

A IMITAÇÃO DE CRISTO

Aquele que vive um discipulado real e pratica o verdadeiro temor a Deus; aquele que permite o ingresso do Espírito sétuplo em seu santuário do coração e invoca as conseqüências com a coragem da devoção, esse cresce diariamente, em bênção e sabedoria, na grande transformação do nascimento da Alma.

A Escola Espiritual, verdadeiramente, sempre corre o perigo de que, quando ela repete com certa freqüência, em conferências e serviços templários, determinados ensinamentos, forme-se nos alunos determinado hábito. Esses ensinamentos são repetidos de modo verbal, naturalmente com respeito e sinceridade; mas, em semelhante estado de ser, no máximo os experimentais e vivenciais em sentido religioso, e uma religiosidade em sentido dialético nunca pode ser libertadora.

Tal religiosidade é, como dissemos, no máximo, um início, a colocação da primeira pedra. Sempre traz consigo aquilo a que se pode denominar uma divisão, uma separação temporal: uma separação entre os homens religiosos e o Logos; entre os homens religiosos e o objetivo; entre o tempo e a eternidade; entre o agora e o depois;

entre a morte e a vida; entre o aqui e o lá.

A verdadeira devoção, contudo, elimina imediata e perfeitamente toda a separação! Quando, pois, praticais essa devoção, e em relação ao vosso discipulado conseguis perseverar, então trabalhais diretamente para a libertação do Deus-em-vós. Atraís o objetivo diretamente para a vossa presença. A eternidade do imperecível e vivente estado de alma desce no tempo. A posterior libertação torna-se, ato contínuo, o agora. A morte do eu natural torna-se, imediatamente, a vida do homem-Alma. O aqui da dialética torna-se, então, existencialmente a transfiguração no estado de alma vivente, e o vosso morrer diário torna-se uma diária ressurreição, uma verdadeira Páscoa.

Ser-se um homem devoto, no sentido da Gnosis, significa algo muito diferente do que ser-se um homem religioso. Um homem religioso é aquele que, de uma maneira ou outra, reconhece e aceita uma divindade, do mesmo modo como um cidadão reconhece e aceita um governo. Ele presta ao seu deus certa reverência, uma correspondente gratidão; demonstra-lhe um certo cumprimento do dever, mas, de resto, continua a ser o prisioneiro da Terra, terrestre; celebra suas festas religiosas, conhece os dias festivos da Igreja, seus dias comemorativos; celebra a morte e a ressurreição de Jesus, o Senhor, porém não lhe ocorre que deve imitar Jesus em sua morte e que pode participar de sua ressurreição, sim, que *deve* participar dela.

Compreendei, porém, que justamente com isso o verdadeiro discipulado gnóstico mantém-se de pé ou cai! Vede, a filosofia hermética procura conscientizar-vos profundamente do fato de que possuís, em vossas próprias

mãos, a vossa própria salvação, a vossa própria bem-aventurança, mediante a coragem da devoção. Quem isto compreende, vivencia e aplica, fica mudo de gratidão ao divino arquiteto.

Esse é o princípio primordial da verdadeira livre-automaçonaria. Todos estão em condições de erigir, sobre a única pedra angular, a imutável obra de auto-salvação. Deveis compreender que a todo o homem, sejam quais forem as circunstâncias, é concedido seguir o caminho do regresso. Todos, sem exceção, têm o poder para tanto. Contudo, a constatação teórica dessa possibilidade não encerra nada de libertador; tal constatação é, sem mais nada, absolutamente inútil.

O que precisais é converter a teoria em prática! Deveis vivificar, pela coragem da devoção, as possibilidades que vos foram presenteadas. Após tudo o que foi dito, cessemos de nos queixar das nossas dificuldades e de dizer que é tão difícil e tão complicado, pois, de fato, não é totalmente difícil nem complicado. Se tão-somente podeis conseguir a coragem, podeis, pela experiência, confirmar a vossa certeza. A gratidão, que é a conseqüência dessa experiência da verdade vivente, fará aumentar a diretriz relativa à devoção do candidato, fá-la-á mais positiva, mais dinâmica, mais inabalável.

Às vezes nos dizem: "Ah! Quem sou eu? Que posso eu? Sou tão-somente um. . ." e em seguida vem uma ou outra banalidade. Se assim falais, então continuais a ser o que sempre fostes. Possuís todas as possibilidades de libertação desde o vosso nascimento! Ouvi em seguida, o que a filosofia hermética quer tornar-vos claro:

Porque nunca, meu filho, a alma, mesmo no corpo, poderá deslizar para o oposto, quando ela tem diminuído o seu fardo de dívidas, à fim de compreender o verdadeiro bem e o verídico.

Nascida a alma em vós, mediante a devoção, ela se desenvolve em vossa existência mortal, enquanto o coração celeste se abre e o candidato cresce em discernimento e conhecimento de primeira mão em relação ao único bem e à única verdade. Chega o momento, assim diz Hermes, que a devoção, portanto o resultado, recebe tal raio de ação, tal força que o referido candidato já não pode deslizar para o oposto.

Porque quando a alma aprende a conhecer Aquele que a criou (quando ela encontra Pimandro no espaço aberto), *fica preenchida de um amor incomensurável, esquecendo todo o mal, e não mais pode ser separada do bem.*

Quando desse modo a alma está voltada para a sua origem, e nessa origem ela se ergueu, outra coisa não pode fazer senão amar, porque o amor é a essência do estado de alma vivente. Atinge-se, então, a verdadeira devoção, cujo objetivo é, pelo nascimento da alma e suas conseqüências, o ressurgir na natureza da morte, sem mais pertencer a ela, e festejar a verdadeira Páscoa, uma Páscoa interior, eterna: estar-se *no* mundo, mas não mais ser-se *do* mundo.

As palavras "*no* mundo, mas não mais *do* mundo" recebem para nós um significado atual, profundo, não é

verdade? Elas não significam unicamente viver-se como vegetarianos, abster-se do fumo e bebidas alcoólicas etc., não têm um sentido exclusivamente religioso, mas querem conscientizar-vos do fato de que vos é dado – desde que utilizeis as vossas possibilidades – *já entrar perfeitamente na liberdade, apesar de ainda estar na natureza da morte.* E tudo isso como conseqüência do verdadeiro temor a Deus.

Quando é atingido o verdadeiro objetivo da devoção,

se tu voltas a esse estado, vives de modo justo e morres em bem-aventurança, tua alma certamente saberá para onde dirigir o seu vôo. Este, meu filho, é o único caminho para a verdade, que também trilharam os que nos precederam,

e todos aqueles, sem exceção, que ao longo da história universal seguiram por esse caminho *receberam o bem.*

Deve-se compreender que todos nós, sem exceção, possuímos as possibilidades para praticar a verdadeira devoção. E os resultados desse empenho, caso seja empreendido, ficam eternamente assegurados: todos os que seguiram esse caminho receberam o bem, esqueceram todo o mal e não podem mais (prestai atenção!) ser conduzidos a desligarem-se do bem. Tudo isso é para ser realizado na vida de *um* ente humano, em *vossa* vida! Essa é a eternidade que se pode demonstrar em *vosso* tempo.

Por isso, deveis banir toda a fraseologia mística. Todo o palavrório místico, o mero repetir das Escrituras Sagradas não tem o mínimo significado. Utilizai cada

segundo para exercerdes a devoção! E experimentareis que a eternidade pode demonstrar-se em *vosso* tempo.

Por que a ressurreição deve demonstrar-se no tempo? Por que a ressurreição precede a ascensão? Para que vós, como um Tat, como um homem sacerdotal, como um convocado ao sacerdócio real, vos prepareis para realizardes em perfeição a obra do amor serviçal.

"Ama a Deus acima de tudo e o teu próximo como a ti mesmo." Se, pela devoção, fostes elevados no amor divino e possuís o ardente amor do estado de alma vivente, já não mais podeis abandonar a vossa serviçabilidade para com a humanidade e desejareis apaixonadamente auxiliar outrem a trilhar o caminho da libertação, caminho que vós mesmos trilhastes!

E de que modo poderíeis conceder melhor auxílio senão como almas libertas, ainda dotadas de uma personalidade nascida da natureza? Assim podeis movimentar-vos em meio aos decaídos. Portanto, a prática da devoção é um caminho que começais praticamente com o nascimento de João e que, em seguida, guiar-vos-á ao nascimento de Jesus; e depois, desta manhã de Natal até a manhã da ressurreição; e da manhã da ressurreição até a ascensão.

E novamente vos dizemos com ênfase: esta imitação de Cristo está inteiramente dentro das vossas possibilidades. Se assim não fosse, então ainda hoje deixaria de existir a Escola Espiritual Gnóstica, pois, religiosidade e institutos religiosos o mundo os possui de sobra. No tocante a isso, nada mais precisa ser acrescentado. A presença da Gnosis, porém, seu aparecimento e sua força

explicam-se pelo fato de que realmente estais em condições de realizar a eternidade em *vosso* tempo. Aquilo que o homem religioso, cheio de respeito e devoção, vê como acontecimento *fora* de si mesmo, pode o verdadeiro devoto realizar *em seu próprio ser.* Isto podeis, amigos; esta tarefa todos podeis iniciar imediatamente e nela ingressar se, em vez de almejardes ser um homem religioso, quiserdes ser um homem devoto.

A Igreja, em ilimitadas repetições, apresenta os fatos da vida do Filho de Deus com a conseqüência de um total embotamento da massa, assim como gritos de alegria e comes e bebes durante as suas festas religiosas. No melhor dos casos, restam alguns que já não podem mais esquecer o drama crístico, até que chegam a descobrir que o caminho de Cristo é um caminho que eles mesmos têm de palmilhar, na devoção e graças a ela.

Quem se decide a substituir sua convicção religiosa por uma *prática* frutuosa em Deus é, segundo as palavras da rosacruz clássica, imediatamente *inflamado pelo Espírito de Deus.* O grande processo de recriação inicia-se no mesmo instante. Esse processo segue, de acordo com a exigência, emparelhado com um declínio do ser-alma natural.

Esta é, pois, uma morte para se viver. Em seguida, ao *morto em Jesus, o Senhor,* segue-se um despertar, um total renascimento do e pelo Espírito Santo.

Compreendereis, como esperamos, quão importante é podermos vos dizer tudo isso com base na Arquignosis. Transmitimo-vos esta mensagem de Páscoa agora que o tempo para isto está maduro e o novo reino gnóstico vos

espera, a fim de realizardes a necessária conversão em vosso estado de vida. Que transformeis a religiosidade em devoção. Que transformeis o discipulado comum em um discipulado verdadeiro, essencial, professo.

Religiosidade (repetimo-lo até entediar-vos, a fim de que fique bem fixado em vós!) é a prática religiosa do homem natural. Verdadeira devoção ou piedade é a prática do homem gnóstico. Quando entrais nesta prática seguis, assim diz Hermes, *a senda sublime e plana*, a senda da profunda paz, a senda de Belém ao Gólgota.

XI

A SENDA DE BELÉM AO GÓLGOTA

Como vimos, a senda da profunda paz, a senda de Belém ao Gólgota encontra-se totalmente aberta para todos nós. As palavras de Jesus "sede meus seguidores", certamente não são nenhuma exigência irrealizável. Por isso, diz Hermes Trismegisto: *Sublime e plana é essa senda.* Se bem que, assim acrescenta Hermes, realisticamente: *Porém difícil e árdua para a alma trilhar enquanto estiver no corpo.*

Queremos considerar essas dificuldades mais de perto.

Porque, antes de mais nada, ela tem de lutar contra si mesma, operar uma grande separação e deixar a uma parte dela a vitória sobre si mesma.

Ela deve conseguir a vitória através da parte positiva do seu ser.

Porque surge entre uma parte e duas outras partes um conflito do qual a primeira procura fugir, enquanto as duas a arrastam para baixo. A conseqüência é luta, um grande confronto entre aquela que quer fugir e as duas outras que se esforçam em arrastá-la para baixo.

Não é indiferente, porém, que uma parte vença, ou as outras duas, pois uma aspira intensamente ao bem, enquanto as duas outras coabitam com a perdição; uma deseja, com saudades, voltar para a liberdade; as duas outras abraçam a escravidão. Quando as duas são vencidas, ficam fechadas em si mesmas, inativas e solitárias, abandonadas por aquela que, então, reina.

Se, porém, uma for vencida, será arrastada como prisioneira pelas duas outras, despojada de tudo e castigada pela vida que é forçada a viver.

Meu filho, este *é o guia na senda que conduz à liberdade: deves primeiramente renunciar ao corpo* antes *que ele morra e vencer a vida que está implicada na luta; e, quando obtiveres* esta *vitória, deves voltar para o alto.*

É possível que compreendais que esse texto colocanos diante da verdadeira ressurreição da alma, diante da libertação da alma das garras do nascimento natural. É uma tarefa pesada, porém uma tarefa que torna mais bela a vitória.

A luta interna que todo o candidato tem de empreender nos é descrita, evangelicamente, no aprisionamento de Jesus, o Senhor, em seu interrogatório por Herodes, por Pilatos e pelo Sinédrio, em sua humilhação, em seu caminho da cruz e em sua morte. E finalmente, em sua grandiosa vitória no terceiro dia, na festa da manhã da ressurreição.

Encontrais o inteiro relato evangélico da paixão e da ressurreição de Jesus, em seus mínimos detalhes, novamente na citada parte do Quinto Livro Hermético. O drama-Jesus, a epopéia-Jesus, caracteriza perfeitamente o

nascimento da alma e sua caminhada pela matéria, sua libertação da matéria e sua ascensão ao mundo do estado de alma vivente, do qual ela regressa para servir aos homens e ajudar aos que permanecem ainda aprisionados.

Se sois alunos da Jovem Gnosis, sabeis que a alma pertence à tríplice aliança da Luz, que é a triunidade da verdadeira entidade: espírito, alma e corpo. Este três aspectos da entidade têm, cada um, sua própria função, a fim de tornar perfeitamente harmoniosa a cooperação entre eles. A alma aparece como intermediária, como mediadora entre o espírito e o corpo. Seu aspecto positivo está dirigido para o espírito e o seu aspecto negativo, para o corpo. Assim, realiza-se, através desse elo intermediário, através da alma, o fluxo da força-espiritual no corpo.

Considerai então o caso do aluno da Jovem Gnosis que decidiu pôr os pés na senda da devoção. A conseqüência do trilhar essa senda é um novo nascimento da alma. Qual o significado disso? Que uma radiação de força-Luz, de superior serenidade, uma radiação de força-luz não pertencente a este mundo, consegue penetrar, através do santuário do coração, nossa entidade nascida da natureza e nela estabelecer sua morada. *Isso* é o nascimento da nova alma. Logo que isso acontece, desenvolve-se crescente e intensa luta interna, uma tensão crescente.

Muitos alunos, freqüentemente, nos dizem estar nessa tensão e que dela não podem subtrair-se. Isto é evidente! Quando a nova radiação do estado de alma vivente irrompe no santuário do coração, a espada golpeia o vosso ser, provocando crescente luta interior, crescente tensão, uma tensão que, em determinado momento, já não é mais suportável e que leva à grande crise, a qual,

por fim, deve resultar numa libertação do novo estado de alma, na ressurreição.

Por que é que isso acontece?

Quando nasce a nova alma, isto quer dizer que o corpo é influenciado por uma nova força-luz. Ao mesmo tempo, porém, ainda muitas outras forças estão ativas nesse corpo! Muitas forças naturais que são sugadas do campo dialético que nos circunda pelo sistema-raiz do fogo serpentino. Quando a nova força-luz escolhe a sua morada no corpo e mostra-se como novo princípio intermediário, é logo tomada como prisioneira; a nova luz em nós é, então, ameaçada pelas forças naturais: os soldados de Herodes, as tropas do sumo-sacerdote do nosso estado natural, os mercenários de Pilatos.

O novo princípio-alma não pode e não deve, mesmo que lhe fosse possível, subtrair-se a eles. O novo princípio-alma entrega-se voluntariamente como prisioneiro em nosso sistema, porque ele tem mesmo a tarefa de se dar voluntariamente ao corpo. Ele precisa ser mediador para poder salvar a inteira entidade e guiá-la para a transfiguração. Por isso, o Senhor Jesus deve deixar-se aprisionar na maior serenidade.

Nisto reside o ato santificador de uma possível transfiguração! Um outro não poderá fazê-lo por vós. Um grande homem, que viveu, talvez, há 2000 anos, nada pode fazer por vós; no máximo, poderá ser um exemplo, pois, *vós mesmos* deveis seguir esse caminho. Por isso soa para vós, partindo da boca do Senhor Jesus: *Sede meus seguidores.*

Assim, talvez possais facilmente compreender como o novo elemento-alma tem de lutar intensamente no

início, antes que possa estabelecer a grande, a absoluta separação e antes que possa emitir o positivo *consummatum est, está consumado.* O verdadeiro, o puro, o imaculado precisa entregar-se, consciente e voluntariamente, ao impuro, ao pecaminoso, ao natural-dialético e ligar-se a ele. O novo elemento-alma *deve* deixar-se aprisionar em perfeito amor. Deve deixar-se cuspir, pisar e açoitar; ele não pode e não deve subtrair-se a isso. O novo ser-alma no homem pode, orando, perguntar-se no início desse doloroso processo: "Não é possível passar de mim este cálice? Isto não pode ser de maneira diferente?"

Mas, amigos, a taça deve ser bebida até a sua última gota a fim de se alcançar a meta e ganhar a qualidade requerida.

O novo elemento-alma é bipolar. Um pólo volta-se para a pátria, para o Espírito, para o Pai, ao Pimandro que se aproxima, mas o segundo pólo deve voltar-se à inteira personalidade natural, a fim de deixar a nova força de santificação, o imortal, fluir no mortal. Daí essa luta interior a partir do primeiro instante em que festejais o vosso verdadeiro discipulado.

Durante anos tivemos de aguardar até que pudéssemos falar sobre isso; porém chegou o momento, no desenvolvimento da Jovem Gnosis, em que os verdadeiros alunos irão compreendê-lo e serão julgados bastante fortes internamente para suportá-lo. Imaginai bem isto: dois estados de ser de naturezas totalmente dessemelhantes são ligados um ao outro. Na Gnosis, empreende-se unir o celeste com o dialético, segundo o exemplo de todos os grandes, os quais disseram: "Sede meus seguidores".

Quando, então, ligais em vosso próprio sistema esses dois estados de ser de naturezas totalmente dessemelhantes, surge o grande sofrimento. Um pólo do novo elemento-alma foge para o Espírito, para o Pimandro. O segundo pólo é obrigado a defrontar-se embaixo com a natureza* da morte. Enquanto, por um lado, o novo elemento-alma empenha-se com toda a força pelo bem, isto é, pelo ser do Espírito, por outro lado ele deve sofrer o conflito com as duas forças naturais essenciais: instinto e cobiça. Que padecimento! Por um lado, com cada batida do coração, um intenso anelo por libertação; por outro, o contato com as forças da impureza e da escravidão.

É assim que se levanta a cruz! Solidamente fincada na terra, no terrestre. O celeste se inclina para a terra e nela segue o seu caminho da cruz; *deve* seguir seu caminho da cruz. A extremidade superior da cruz dirige-se para o celestial e no coração da cruz, pregada a ela a rosa* da alma.

Sentis o inevitável sofrimento da alma pregada à cruz? O vertical é continuamente flagelado e atormentado nesta voluntária entrega; o Espírito não suporta isto! E, quando a ativa força-alma horizontal é elevada por um momento ao vertical, então isso também é uma impossibilidade, pois segue-se uma dor abrasadora, o crestar da queima. O horizontal não pode descuidar de seu ser natural, e o vertical não pode conciliar-se com a natureza da morte, não obstante precisar fazê-lo voluntariamente.

Vede, *este* processo, este caminho da cruz, assim resume a filosofia hermética, é o guia que conduz à liberdade:

Deves primeiramente renunciar ao corpo antes que ele morra e vencer a vida que está implicada na luta; e, quando obtiveres esta *vitória, deves voltar para o alto.*

Este guia é a cruz, a cruz com a rosa vermelho-sangue, a cruz do auto-sacrifício voluntário, a cruz do acrisolamento. Pregada a essa cruz, deve a jovem alma batalhar e realizar a sua tarefa. Por isso não deveis admirar-vos de que, mesmo encontrando-vos na senda da devoção, ainda haja tanta luta em vossa vida e que ainda tenhais de lutar tanto com vós mesmos, pois se trata aqui do necessário encontro entre dois contrários tão perfeitamente irreconciliáveis, que seu encontro causa um grande incêndio interior, o incêndio da cruz. Este incêndio é inevitável, e deve crepitar. O novo estado de alma primeiramente deve alcançar a vitória sobre a vida mortal. E tudo isso precisas bem compreender e conquistá-lo com o teu ser interior, diz Hermes.

Existem, por exemplo, pessoas que enfrentam esta luta vital requerida pela senda com o eu, com o eu do autodeclínio; pessoas que fazem dessa luta interior uma luta de caráter muito pessoal. Partem da falsa pressuposição de que toda essa dor, toda essa miséria, todo esse sofrimento vêm a elas pelo fato de ainda possuírem um eu; pelo fato de sua natureza inferior, de uma ou de outra maneira, pregar-lhes uma peça; pelo fato de ainda serem más e pecaminosas.

Entretanto, isto nada tem a ver com o que se está considerando, pois vede claramente a situação: por um lado, como alunos, abristes o vosso coração a uma nova força, a força da sexta região cósmica, a força do estado

de alma vivente. Essa força vos penetra, penetra o vosso sangue, o vosso fluido nervoso e se introduz no santuário da cabeça; ela preenche todo o vosso ser e faz com que a alma nasça. Porém existe – e repetimo-lo – também essa outra força que é sugada pelo sistema-raiz do sistema*do fogo serpentino e que também encontra caminho em vosso ser. São, pois, essas duas forças, essencialmente estranhas uma à outra, que causam o fogo abrasador. Assim, a vossa alma padece dores, e também as padece o vosso eu. Não deveis crer que a causa disso seja o eu ou a alma. Não, é o encontro dessas duas forças entre si, totalmente estranhas, o encontro entre essas duas tensões completamente diferentes, desses dois diferentes poderes eletromagnéticos.

O que deveis, então, fazer?

Deveis viver a endura!

Não permitais que o eu se intrometa no processo. Quando sentirdes a dor e a tensão, não a descarregueis sobre os outros, mas senti esse sofrimento como o necessário processo de acrisolamento da sagrada Rosacruz. Quando experimentais esse sofrimento até o imo, então a força-luz gnóstica está vigorosa e dinamicamente ocupada convosco. Sempre existiram pessoas, assim dissemos, que enfrentam a luta pela vida que a senda impõe como uma luta de caráter muito pessoal. Elas se abocanham firmemente com o eu e assim se agarram a si mesmas até o auto-extermínio. Mas o eu deve justamente estar totalmente de lado. Ele não deve entrar em *parte alguma*; o eu deve calar-se! Deixai que se desencadeie essa luta, esse fogo do acrisolamento, irmãos e irmãs!

Pensai nos velhíssimos costumes da vida monástica:

a autotortura e a automutilação na luta contra a carne. Mas a batalha do caminho da cruz não é contra a carne! É uma batalha entre a sexta e a sétima regiões cósmicas, batalha essa que se desenrola em vós. Está fora de cogitação uma possível vitória quando se agarra às coisas e se as experimenta com o eu, quando se as ataca com o eu. Uma autotortura dessa espécie é sempre um suicídio. Um homem não o suporta, e semelhante coisa acaba em morte certa. Por isso, uma vez mais vos dizemos enfaticamente: não deveis, como desvairados, lutar contra vós mesmos, pois se assim o fizerdes, então justamente invocareis toda a espécie de forças, as quais sempre estarão ocupadas convosco. Desse modo, vos colocais com o eu a serviço de *um* dos dois partidos, e a conseqüência é um mais rápido consumo de forças até que resulte a morte.

O que devemos fazer então?

Pois bem: devemos praticar a devoção! É nisso que o centro de gravidade da vossa vida deve ser fixado. Para o eu, para o eu natural, isto é a endura.

Retirai-vos do conflito interno entre as duas naturezas; neste conflito não tomeis partido e deixai que a nova alma realize em vós seu trabalho voluntário, seu caminho do sacrifício.

É isso que os místicos iniciados apontam, quando nos dizem: "Deixai que Jesus Cristo faça o seu trabalho em vós".

Por conseguinte, também não vos retireis à força, como que para um canto do vosso ser para observar, com o vosso eu, as coisas que se desenrolarão.

Não, deveis desde o início almejar de todo o coração

a endura. O vosso mais profundo anelo deverá estar dirigido a ela, em auto-esquecimento e em amor serviçal. Se isto fizerdes, o novo elemento-alma nascerá em vós, e para vós terá início o caminho da cruz, o vosso caminho da Rosacruz: o encontro entre os dois irreconciliáveis. Não é a alma que, em seguida, busca a luta, pois a alma é unicamente amor; não é o eu que pode lutar, pois o eu, então, só quer a endura. O que começa é o inevitável encontro entre duas forças eletromagnéticas irreconciliáveis. Desse encontro desenvolve-se, em vossa vida, um turbilhão, um sofrimento, uma luta daquele que se esforça para o alto, que deve sentir e suportar o incêndio de seu caminho de sacrifício.

Quanto tempo durará esse incêndio, essa luta, esse sofrimento, ninguém sabe. Durante quanto tempo se farão valer, em vossa vida, todas *essas* conseqüências do caminho da cruz, ninguém sabe. Não se pode forçá-lo. É um processo ao qual deveis submeter-vos voluntária e alegremente.

O processo dura e arde em perfeita sintonia com a natureza do vosso microcosmo, do vosso ser, do karma nele presente e das atuantes radiações da graça nele operantes. Porém, num instante que de modo algum esperáveis, talvez em meio ao fogo de uma tribulação, mostrar-se-á simplesmente que o mortal foi vencido e que o *consummatum est* deve e pode ser pronunciado.

Por conseguinte, também defrontai o vosso caminho da cruz em perfeita objetividade e nele não interfirais com o vosso ser-eu. A hora da libertação então seguramente virá, irmãos e irmãs. Vossa alma subirá e festejará

sua manhã da ressurreição.

Será, então, o primeiro novo dia, o despertar na Cabeça* Áurea, o começo da nova manhã, a manhã da eternidade.

XII

A DUPLA NATUREZA DO HOMEM

Assim, pois, pudemos festejar, enquanto estabelecemos o nosso caminho, como num antegozo, a manhã da nossa ressurreição e, ao mesmo tempo, experimentar o apoio e a direção da filosofia hermética. Vimos e experimentamos que o inteiro drama crístico deve ser por nós mesmos compreendido; que nós mesmos somos plenamente obrigados a trilhar a senda. Um ser humano dialético pode, mediante devoção a Deus, desabrochar "no outro", transfigurando-se.

A devoção, a grande sabedoria, que é a sua conseqüência, e o sofrimento da purificação são os grandes guias na senda. E após termos examinado tudo isso com base no Quinto Livro de Hermes Trismegisto, toma então o texto, começando com o 15.o versículo, uma outra direção. Hermes solicita a Tat que retorne ao ponto de partida, a fim de aclarar rapidamente alguns aspectos da realidade universal. Segundo Hermes, compreenderemos o que ele irá dizer-nos se nos lembrarmos do que já foi dito.

Assim, a respeito do que tratamos e igualmente resumindo, perguntamos: o que diferencia toda a diretriz religiosa natural e ocultista da Gnosis e sua Escola*? O

fato de que o homem religioso natural parte da idéia de que após sua morte chegará às verdadeiras regiões celestes e lá viverá eternamente; e que o homem de orientação ocultista pensa que o seu ser-eu dialético é e poderá ser a base de uma evolução infinita.

Esse é um ponto extremamente importante, que sempre deveis ter em conta e para o qual a Arquignosis desde há milhares de anos sempre de novo chama a atenção.

Todo o corpo está sujeito à mudança, mas nem todos os corpos são dissolúveis.

Isso quer dizer que nem todos os corpos estão em condições de se elevar a uma ordem superior. Somente alguns corpos têm essa possibilidade.

Nem toda a criatura é mortal, nem toda a criatura é imortal. O que pode ser dissolvido é perecível; o que é imutável é eterno. O que sempre de novo nasce, sempre de novo perece; mas o que de uma vez por todas veio a ser, nunca perece e tampouco se torna em outra coisa.

O que a doutrina hermética nos quer dar a entender com isso? Entre outras coisas ela nos diz que toda a revelação-forma no cosmo universal está sempre sujeita à transformação; mas precisais atentar para o fato de existirem duas espécies de transformação, de se distinguirem dois desenvolvimentos na transformação.

Existem entidades com revelações-formas que, de fato, sempre prosseguem e se aperfeiçoam no sentido evolutivo, entidades essas que avançam de força em força e

de magnificência em magnificência. Entretanto, também existem entidades que, segundo a totalidade de seu ser, estão inteiramente sujeitas à plena e absoluta mutabilidade. Eis por que precisamos aceitar a lei que diz que nem toda a criatura é mortal, e nem toda a criatura é imortal. Cada criatura *precisa* e *pode* escolher entre a vida e a morte! Nós, em nosso estado de ser, temos no momento ainda a possibilidade de escolha. Podemos escolher entre a vida, a verdadeira vida em sentido superior, e a morte.

A vida, a única vida, também não a conseguis assim espontaneamente. Existem estados de desenvolvimento em que o verdadeiro caminho da vida é de tal modo estimulado, que a morte já não pode atingi-los. Mas também acontece o inverso, isto é, que o mergulho na morte tenha progredido tanto, que a vida já não mais pode ser apanhada. A Jovem Gnosis sempre pôs isso diante de seus alunos e sempre lhes disse que o total esvaziamento microcósmico daqueles que chegam à região do além é um fato absoluto.

Isso é confirmado pela Arquignosis mediante algumas palavras. O homem dialético encontra-se em um estado biológico tal que, a qualquer instante, como numa fração de segundo, pode ser apanhado pela morte. Sim, a todo o instante esse corpo mortal, tão frágil, pode ser demolido.

O que sempre de novo nasce, sempre de novo perece.

Em comparação com esse tipo humano, está o totalmente outro tipo, o tipo humano estável ou celeste. Esse tipo é imutável e eterno.

Mas o que de uma vez por todas veio a ser,

e isto no sentido mais elevado da palavra,

nunca perece e tampouco se torna em outra coisa.

Em suma, de modo bem claro se nos diz aqui quão necessário é seguir as pegadas de Cristo, o que significa tomar sobre os ombros a Rosacruz* e trilhar a senda e, assim, converter, pela transfiguração, o tipo humano da morte no tipo humano da vida.

Essa idéia, proclamada pela Gnosis de todos os tempos, é, em certo sentido, muito perturbadora, não é verdade? Por exemplo: em razão do fato de que alguns milhares de criaturas se encontram inteira e efetivamente encerrados num tipo da natureza da morte e nele permanecem. Por outro lado, essa idéia é muito poderosa, sublime e irrefutável se tivermos diante dos olhos os fundamentos da onirevelação: Deus, cosmo e homem.

Deus é o primeiro; o cosmo é o segundo; o homem é o terceiro.

O universo, o cosmo, é a revelação-forma de Deus para que a sua criatura, através dessa revelação se torne como Ele. E, por trás de sua criatura, atua também a ordem: "Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste".

A fim de poder corresponder a essa grande e magnífica vocação divina, o homem recebeu uma dupla alma. A parte que percebe com os órgãos sensoriais é mortal, mas a parte que responde à razão é imortal. A alma sensorial é a parte que reage natural e espontaneamente, a legítima alma da natureza, a qual, por exemplo, reage ao calor e ao frio, à luz e à obscuridade; é a parte que reage a

todas as coisas, leis e situações que se manifestam na natureza. Quando se manifesta o frio, ela faz com que trateis de vos cobrir com roupas protetoras. No calor, ela vos incita ao oposto. A alma natural do homem é a verdadeira alma eônica. Ela participa de todas as variações naturais no seio da natureza, segue por todos os caminhos naturais, é submissa à natureza, a fim de tirar o melhor proveito para si mesma e para dar à entidade, da qual ela se apresenta como mediadora, a possibilidade de ir a Deus através do cosmo e preservar a orientação em relação à única meta: Deus.

A fim de realizar este objetivo, existe a segunda alma, a alma que responde à razão. Essa alma racional é a que possui a sabedoria, a alma arrebatada por Deus, pelo Espírito, a alma ligada ao espírito. Ora, a alma eônica, a alma natural, deve seguir pelo universo guiada pela alma racional, a alma-espírito. A espontaneidade das faculdades reagentes naturais da alma eônica deve ser inteligentemente dirigida pela alma-espírito.

Deus é o Eterno, o Imutável. O cosmo, ao contrário, visto segundo sua natureza e função, é contínuo movimento e transformação. Por conseguinte, a alma-espírito, sendo de Deus, é imutável e imortal, enquanto que a alma natural, assim como a natureza, é mutável e mortal, autodissolvente, adaptando-se e transformando-se continuamente.

Quando, pois, falamos dos dois tipos de seres humanos — e sobre eles a filosofia hermética deseja chamar a vossa atenção — fica perfeitamente claro que o tipo que está submetido à modificação e à mortalidade só possui a alma natural, sua vida dela provém e, em conseqüência,

a alma-espírito nele se torna latente. Assim, a inteira existência dessas pessoas é destituída da razão. Esse tipo tem, em todo o sentido, as características dos irracionais, dos mutáveis, dos mortais. Esse tipo só tem uma existência natural e já não é mais, de maneira alguma, "realizador de Deus". Mas a Escritura Sagrada nos ensina que o homem existe para a glorificação de Deus! Por isso, exortanos o Sermão do Monte, em Mateus 5: "Deixai assim que a vossa luz brilhe diante dos homens, para que possam ver as vossas boas obras e glorificar vosso Pai que está no céu".

No texto original, puramente hermético, encontra-se "realizar" em lugar de "glorificar". Portanto, devemos ler: "Deixai assim que a vossa luz brilhe diante dos homens, para que possam ver as vossas boas obras e *realizar* vosso Pai que está no céu."

Os tradutores da Bíblia não compreenderam isso. Eles bem que podiam compreender, pela sua natureza religiosa, que alguém glorifique a Deus e lhe testemunhe gratidão, mas não podiam compreender que alguém pudesse realizar Deus. Por isso, no lugar de realizar, puseram "glorificar". Como as igrejas concebem essa glorificação, bem o sabemos!

O que tem, então, de fazer a criatura submetida à morte? Bem, isto está evidente. A latente alma-espírito, a alma racional, deve novamente ser desperta para a atividade. Essa alma não poderia morrer, visto que ela é imortal; porém, foi levada à total inatividade porque o eu do corpo só quis seguir a alma natural e, assim, degenerou-se existencialmente e condenou-se a ilimitado sofri-

mento. Mas sempre existe uma felicidade em toda a infelicidade.

Aquele que sofre adquire experiência. A experiência é o fruto do sofrimento e, freqüentemente, de insuportáveis aflições. A aflição e o sofrimento, que tão bem conheceis por experiência própria, são os inconfundíveis sinais de uma fundamental e primitiva imortalidade.

A criatura puramente animal é suscetível à dor, porém não conhece a aflição. A dor é sempre uma experiência física. A dor também influencia, mas só parcialmente, a disposição interior. Alguém que sofra dores muda inesperadamente. Um bruto pode, pela dor, tornar-se temporariamente uma criatura dócil. Uma enfermidade acompanhada de dor, torna branda e calma uma pessoa colérica e impetuosa.

Mas a aflição é sempre parente da alma! Aflição é queixume da alma. Naturalmente não está excluído que uma pessoa que padeça dores ao mesmo tempo padeça aflição, mas alguém que só teve dores, volta à velha natureza tão logo elas cedam. Sua natureza não se nega a si mesma. O experimentar da verdadeira aflição causa uma profunda ferida e pode, em muitos casos, agir em sentido purificador. Por isso, a experiência da aflição e o sofrimento como conseqüência dessa experiência é, no presente estado de ser do homem, indubitavelmente, o único método para compelir a alma natural a chamar por sua irmã, a alma-espírito, despertá-la do túmulo dos mortos-vivos e, segundo a intenção do plano de salvação, transmitir-lhe a direção de sua vida a fim de que o ser primordial da imortalidade, pela realidade da transfiguração, demonstre-se de novo.

Se despertardes vossa alma-espírito e lhe transferirdes a direção da vossa vida, então não precisareis perguntar-vos, cheios de dúvida, se a vossa existência ficará submetida à morte, pois então possuireis a verdadeira vida. A piedade, a devoção a Deus, levam novamente a alma-espírito para a vida e guiam-na através da purificação para dentro da tríplice aliança da onimanifestação: Deus, cosmo e verdadeiro homem.

Esperamos e oramos para que ingresseis nessa tríplice aliança o mais cedo possível.

"Bem aventurados são os pobres de Espírito, porque deles é o reino do céu."

Assim, o homem que despertou perfeitamente para a vida a alma racional, a alma-espírito, encontra o verdadeiro repouso. Podeis, efetivamente, aceitar esta sentença como um axioma hermético. Ouvi o que o Quinto Livro Hermético diz a esse respeito, no versículo 30:

O Nous está em Deus; a razão está no homem; a razão está no Nous; o Nous não é suscetível de sofrimento.

O Nous é, dissemos, Pimandro, o Espírito mesmo.

O espírito, o Nous, está em Deus. A razão, a alma racional, no homem; a alma racional está no Nous. Em outras palavras, a alma racional no homem está ao mesmo tempo ligada ao espírito, a Pimandro, que igualmente está nesse homem. Ora, Pimandro está acima de todo o sofrimento. Quando, pois, avançando na senda encontrais

vosso Pimandro, o qual despertastes e libertastes, então com ele estais acima de todo o sofrimento.

Averiguai bem em vós mesmos se sempre estais conhecendo em vossa vida o sofrimento e a aflição no sentido em que acabamos de tratar. Precisais ainda ter a experiência da aflição e também do sofrimento que é a conseqüência dessa experiência? Então que assim seja! Pois não podeis ainda aprender a lição de uma outra maneira.

Naturalmente seria insensato e desumano desejar a alguém o sofrimento e a aflição, mas, se entendestes a sabedoria hermética, então deveis estar sempre intimamente gratos por experimentardes o sofrimento, devido às preciosas lições que ele vos proporciona. Vossa gratidão poderá surgir do fato de que a latente alma-espírito, a voz da esfinge, mergulhada nas areias do deserto, ainda é capaz de falar-vos, de agir em vós e, portanto, de viver no imo do vosso ser!

Por isso, amigos, precisais examinar sempre se, pelas vossas experiências, sofreis dor ou aflição. Sabeis que a dor é uma reação puramente animal, espontânea, irracional; aflição, porém, é a reação da latente alma-espírito.

Como, então, podeis saber se padeceis dor ou aflição? Podeis sabê-lo pelas conseqüências. A dor facilmente gera resistência, oposição, rebeldia, ira, ódio, inclinação à desforra. A reação à dor é o punho cerrado. A dor desperta sempre a concentração do impulso de autoconservação do homem-eu. A aflição, pelo contrário, desperta o anseio pela vida libertadora. A aflição está sempre ligada ao próprio amor e sobretudo, também à compaixão. Pela aflição, aprendemos a pronunciar essas sublimes palavras: "Pai, perdoai-os porque não sabem o que fazem".

Pela aflição, surge no coração humano o sentimento do perdão e abre-se amplamente para o homem o roseiral celeste, onde a alma racional elege sua morada e contempla Pimandro. *Essa* aflição, *esse* consolo, desejamo-vos de todo o coração.

Finalmente, pode muito bem a aflição acompanhar a dor física. Como tal, pode a dor física mostrar-se muitas vezes extraordinariamente útil para uma pessoa. Todavia, amigos, não fiqueis parados na dor, mas aproximai-vos das vossas dificuldades corporais sempre pelo lado da alma, pelo lado da aflição. Então o quarto aspecto da Escola Espiritual poderá significar e fazer muito por vós.

Quando assim sois elevados no Nous, num certo momento triunfais sobre toda a aflição e ultrapassais, como afirmamos, toda a dor.

Se, pois, no tocante ao Quinto Livro de Hermes compreendestes tudo o que até agora foi considerado, se tudo isso vos tocou intimamente de modo exato, conhecereis interiormente a beatitude divina e a devoção a Deus e possuireis o verdadeiro amor pela sabedoria. Então poderemos prosseguir com as considerações sobre o caminho de alegria da alma liberta na pátria eterna. Poderemos, na irradiante força de bênçãos, aprofundar-nos mais na sabedoria hermética e colocar-nos reciprocamente diante do Sexto Livro de Hermes Trismegisto.

XIII

O SEXTO LIVRO

DIÁLOGO GERAL ENTRE HERMES E ASCLÉPIO

1. *Hermes: Asclépio, tudo o que é movido não é movido* em *algo e* por *algo?*
Asclépio: certamente!

2. *Hermes: e não é necessário que aquilo em que algo é movido seja maior do que o que é movido?*
Asclépio: sem dúvida.

3. *Hermes: além disso, o que cria o movimento é mais poderoso do que o que é movido!*
Asclépio: é claro.

4. *Hermes: e não será que a natureza daquilo no qual se realiza o movimento seja necessariamente oposta ao que é movido?*
Asclépio: é evidente.

5. *Hermes: pois bem. Então este universo é maior do que qualquer outro corpo?*

Asclépio: certamente.

6. *Hermes: e não está completamente cheio, isto é, com muitos outros grandes corpos ou, mais corretamente, com todos os corpos existentes?*
Asclépio: isso mesmo.

7. *Hermes: conseqüentemente, o universo é um corpo.*
Asclépio: justo.

8. *Hermes: a saber, um corpo que é movido.*
Asclépio: certamente.

9. *Hermes: quão grande deve então ser o espaço dentro do qual o universo é movido! E de que natureza? Ele tem de ser* muito *maior do que o universo para poder admitir o movimento contínuo, sem que o universo seja comprimido pela estreiteza do espaço e tenha de parar o seu movimento.*
Asclépio: esse espaço deve ser extraordinariamente grande, Trismegisto!

10. *Hermes: e de que natureza? De natureza oposta, não, Asclépio? Pois bem, o contrário da natureza do corpo é o incorpóreo.*
Asclépio: sem dúvida.

11. *Hermes: então o espaço é incorpóreo!*
Mas o incorpóreo é ou divino por natureza ou Deus mesmo! (Com divino não quero agora dizer o criado, mas o não criado.) Se o incorpóreo é divino por

natureza, é da natureza da essência da criação; e se é Deus, é uno *com a essência. Aliás, podemos concebê-lo com a mente, como segue:*

12. *para nós Deus é o mais elevado para o qual o pensamento possa dirigir-se. Para* nós, *mas não para Deus mesmo! Porque o objeto da reflexão, para aquele que pensa, torna-se atingível pela luz da compreensão. Portanto Deus não é para si mesmo objeto de reflexão; porque, sendo semelhante à* essência *da reflexão, Ele reflete sobre si mesmo. Para nós, porém, Deus é diferente: por isso Ele é objeto dos nossos pensamentos.*

13. *Ora, se o espaço universal é objeto do nosso pensamento, não pensamos nele como espaço, mas como Deus; e se pensamos no espaço como Deus, ele já não é mais espaço no sentido comum da palavra, mas sim a força ativa de Deus, que tudo encerra.*

14. *Tudo o que se move não se move em algo que é movido por si mesmo, mas em algo que é* imóvel; *e a força motriz mesma é* igualmente *imóvel, não podendo partilhar do movimento que ela produz.*

15. *Asclépio: mas, Trismegisto, de que modo as coisas aqui na Terra se co-movimentam com aquelas que causam o seu movimento? Porque disseste que as esferas pecaminosas são movidas pela esfera sem pecados.*

16. *Hermes: Asclépio, aqui não se trata de um movimen-*

to em comum, mas de um movimento oposto! Porque estas esferas não são movidas na mesma direção, mas na direção oposta. Este contraste oferece ao movimento um ponto fixo de equilíbrio, porque a reação dos movimentos opostos se manifesta naquele ponto como imobilidade.

17. *Visto que as esferas pecaminosas são movidas numa direção* oposta *à da esfera sem pecados, elas, nesse contramovimento, são movidas pelo ponto fixo de equilíbrio ao redor da esfera resistente. E não pode ser de outro modo.*

18. *Vês as constelações da Ursa Maior e da Ursa Menor, que não se levantam nem se põem e sempre giram em torno de um mesmo ponto; julgas que são movidas ou que estão paradas?*

19 *Asclépio: são movidas, Trismegisto.*
Hermes: e qual é o seu movimento, Asclépio?
Asclépio: elas giram continuamente ao redor dos mesmos centros.

20. *Hermes: justo. A marcha circular é, pois, nada mais do que um movimento em torno do mesmo centro, o qual, pela imobilidade do centro, é perfeitamente dominado. Pois o movimento circular impede o desvio e assim a revolução é mantida. Deste modo o contramovimento no ponto de equilíbrio igualmente está em repouso, porque o movimento resistente o faz estático.*

21. *Vou dar-te um exemplo comum, pelo qual podes verificar a sua justeza, mediante o olhar.*
Pensa nos seres mortais, como, por exemplo, o homem que está nadando: enquanto a água corre, a resistência, a contraforça dos pés e das mãos cria para ele uma condição estável, de maneira que a água não pode atraí-lo para baixo.

22. *Asclépio: este exemplo é muito claro, Trismegisto.*

23. *Hermes: cada movimento, portanto, se realiza em algo e através de algo, sendo este mesmo imóvel. O movimento do universo e de qualquer ser corpóreo vivente não é pois ocasionado por causas* fora *do corpo, mas por causas* dentro *do corpo, operantes do interior para o exterior por uma força racional-consciente, seja alma ou espírito, seja qualquer outra essência incorpórea, porque um corpo físico não pode mover um corpo animado, nem qualquer outro corpo, tampouco um corpo inanimado.*

24. *Asclépio: que quereis dizer com isso, Trismegisto? Não são pedaços de madeira e pedras e outros objetos inanimados corpos que produzem movimento?*

25. *Hermes: certamente não, Asclépio.*
Porque não é o corpo mesmo que produz o movimento do que é inanimado, mas o que está dentro *do corpo, e isto move* ambos *os corpos, tanto o corpo que desloca como o que está sendo deslocado, por isso, o inanimado não pode mover o inanimado.*

Vês, pois, quão pesada é a carga da alma quando ela, sozinha, tem de carregar dois corpos!
É pois claro que o que é movido está sendo movido em *algo e* através *de algo.*

26. *Asclépio: será que o movimento terá de se realizar num espaço vazio, Trismegisto?*

27. *Hermes: escuta bem, Asclépio.* Nada *que é real é vazio, nada que faz parte do que é realidade é vazio, como já mostra a palavra* ser *que quer dizer existir. Porque o que é não teria realidade, não* existiria *se não fosse* preenchido *de realidade.*
O que é *real, o que* existe *em realidade nunca pode ser vazio.*

28. *Asclépio: mas não há objetos vazios, Trismegisto, como um jarro, um pote, um almofariz e todas as outras coisas semelhantes?*

29. *Hermes: cala-te, Asclépio, como podes errar tanto! Como podes considerar vazio o que é totalmente cheio e repleto!*

30. *Que queres dizer, Trismegisto?*

31. *Hermes: o ar não é um corpo?*
Esse corpo não penetra tudo que existe? E não enche tudo o que penetra? Não é cada corpo composto de quatro elementos? Todas essas coisas que chamaste vazio são, pois, repletas de ar e, sendo preenchidas de ar, elas o são também dos quatro

corpos dos elementos; assim chegamos a uma conclusão justamente oposta às tuas palavras: tudo o que chamas cheio está esvaziado de todo o ar, porque o seu lugar está ocupado por outros corpos, não deixando lugar para admitir o ar e todas essas coisas que dizes vazias, devem antes ser chamadas de plenas e não vazias, pois em realidade estão cheias de ar e de alento.

32. *Asclépio: tudo isso é claro, Trismegisto.*
Dize-me uma vez mais: o que é o espaço no qual o universo é movido?
Hermes: é o incorpóreo, Asclépio.
Asclépio: e o que é então o incorpóreo?

33. *Hermes: espírito, inteiramente incluído em si mesmo, livre de toda a corporalidade, sem erro, sem sofrimento, intocável, imovível em si mesmo, tudo envolvendo, tudo salvando, libertador, curador; aquilo de que o bem, a verdade, o arquétipo do espírito e o arquétipo da alma emanam como raios.*

34. *Asclépio: mas o que é então Deus?*

35. *Hermes: Ele não é nada disso, mas a* causa *de tua existência, e de tudo o que é, e igualmente de qualquer criatura em particular, porque Ele não deixou espaço algum para o não-ser; tudo o que existe vem a ser do* que é *e não do que* não é, *porque ao não-ser falta o poder do vir-a-ser, enquanto, por outro lado, o-que-é nunca deixa de ser.*

36. *Asclépio: o que disseste propriamente que Deus é?*

37. *Hermes: Deus não é a razão, mas o fundamento dela; não é o alento, mas o fundamento dele, não é a luz, mas o fundamento dela. Por isso, Deus tem de ser venerado pelos nomes de Bem e de Pai, nomes que convêm somente a Ele e a nenhum outro, porque nenhum daqueles que são chamados deuses e nenhum dos homens e dos demônios pode ser bom em qualquer aspecto que seja. Somente Deus, unicamente Ele é bom, e nenhum outro. Todos os outros não podem abranger a essência do bem, porque eles são corpo e alma e carecem de lugar onde o bem pode residir. O bem contém o essencial de todas as criaturas, tanto das corpóreas como das incorpóreas, tanto das perceptíveis como das que pertencem ao mundo do pensamento abstrato.*
Isso é o bem, isso é Deus.

38. *Por isso, nunca chames qualquer* outra *coisa de bom, porque isso seria impiedade. E nunca chames Deus de outro modo do que o bem, porque isto também é ímpio.*

39. *É verdade que todos usam a palavra "bom", mas nem todos percebem o que seja. Por isso, todos não compreendem a Deus e em ignorância chamam de bom os deuses e alguns homens, apesar de nunca poderem ser, nem tornar-se bons, porque o bem é o absoluto imutável de Deus, o inseparável d'Ele, por ser Deus mesmo.*

40. *Todos os outros deuses são, como imortais, honrados com o nome de deus, mas Deus é o bem, não como expressão de honra, mas em virtude de Seu ser! A essência de Deus e o bem são* uma só *coisa: eles formam, em conjunto, a única origem de todos os gêneros, porque bom é aquele que tudo dá e nada toma! Em verdade, Deus tudo dá e nada toma! Por isso Deus é o bem, e o bem é Deus.*

41. *O outro nome de Deus é Pai, porque Ele é o criador de todas as coisas, pois criar é a característica do Pai.*

42. *Por isso, na vida daqueles cuja consciência está bem sintonizada, o fazer nascer o filho é uma coisa da maior seriedade e zelo e da máxima afeição a Deus; ao passo que a maior infelicidade e o maior pecado é alguém morrer sem essa descendência e depois ser julgado pelos demônios*.*

43. *Eis portanto a sua punição: a alma sem filho é condenada a adotar um corpo que não é de natureza masculina nem feminina, o que é uma execração sob o Sol. Participa, pois, Asclépio, da alegria se ninguém ficar sem descendência, mas envolve de compaixão aquele que se encontra na infelicidade, porque sabe da punição que o aguarda.*

44. *Asclépio, possa o que te disse constituir para ti, segundo a natureza e extensão, certo conhecimento introdutório em relação à essência do Todo.*

XIV

A NATUREZA E A FUNÇÃO DO ONIMOVIMENTO

Nos capítulos de IX a XII tivemos de tratar convosco dos 30 versículos do Quinto Livro do *Corpus Hermeticum.* Os versículos restantes deixamo-los de considerar de momento, pois cremos que, após o que acabou de ser tratado desse Quinto Livro, compreendereis, sem dificuldade, o significado do resto do texto.

Dirijamo-nos, portanto, para o Sexto Livro de Hermes Trismegisto, para o *diálogo universal entre Hermes e Asclépio.*

Asclépio ou Esculápio foi, na Antigüidade, o deus da medicina, e, em sentido mais amplo, Esculápio é também o auxiliador, o sanador. Nesse discurso, Hermes instrui um aluno que, conforme diz o seu nome, se sabe convocado a caminhar na senda do serviço à Gnosis, para que possa cooperar na cura da humanidade enferma, no levantar dos caídos, no restabelecimento dos alquebrados.

No Sexto Livro Hermético, Asclépio, tendo em vista o que se disse, é profundamente introduzido na essência do movimento, na causa e no efeito do onimovimento.

A filosofia hermética, como ireis verificar, desenvolve o seu raciocínio partindo sempre de um início elementar tomado como base para se elevar aos aspectos mais abstratos. Quem faz uso dessa chave e nunca se desvia desse método, avançará passo a passo, prosseguirá no pensamento e, por fim, compreenderá o que deve ser compreendido.

Sabeis, talvez, que muitos, em seus processos de pensamento, têm o hábito de começar com o que é abstrato, com o desconhecido, e depois procurar chegar ao concreto. Semelhante método de pensamento jamais poderá redundar em satisfação e também sempre leva à especulação, à mistificação. Assim, freqüentemente, ouve-se o homem místico dizer que isto ou aquilo deve ou não deve ser feito. O porquê, porém, fica de modo geral, totalmente indefinido e é por isso, amiúde, ou a causa da negação ou da afirmativa decisiva. Então ouve-se: "A Bíblia é a palavra de Deus, e dela nenhum iota pode ser negado".

Mas porque justamente a Bíblia deva ser a palavra de Deus, ninguém sabe. A conseqüência é que um afirma peremptoriamente o que um outro nega, enquanto que um terceiro não faz o que os dois outros fazem e permanece indiferente. Com semelhante método de pensamento, é óbvio que a verdade não é servida absolutamente, sendo substituída pela incerteza, pela mentira e por intensa disputa. O método de pensamento hermético — e daí a razão desta digressão — é o único seguro e certo porque, partindo do pensamento relativo ao identificável, ao concreto, indica o seguro caminho para o abstrato. Por isso, esse método é sempre aplicado pela Arquignosis e

todos aqueles que anelam e buscam a libertação recebem-no, porque ele concede o resultado mais evidente.

Assim, também podeis reconhecer, pelo seu modo de pensar, se alguém é ou não um verdadeiro buscador da verdade. Um modelo inequívoco no tocante a isto foi, na Holanda, por exemplo, Benedito de Spinoza. Ele utilizou, sem dúvida, o método de pensamento hermético.

Após essa introdução, permiti-nos começar com o texto, e procuremos compreender o início, que é a própria simplicidade:

"Tudo o que é movido, é movido *em* algo e *por* algo."

"Aquilo onde algo é movido é maior do que o que é movido."

"O que cria o movimento, é mais poderoso do que o que é movido."

Tomai-vos a vós mesmos como exemplo: vosso corpo tem a faculdade de se mover. Ele se move num espaço e através dele, e existe uma força que realiza o movimento. O espaço, no qual vosso corpo se move é, portanto, maior do que o vosso corpo. Depois, a força que move o vosso corpo é maior e mais poderosa do que o corpo mesmo. Cada um verá isso como fato lógico.

Por conseguinte, afirma o versículo 4 que aquilo no qual o vosso corpo se move e aquilo por meio de que se move, ambos devem ter natureza contrária. Também isto é certo, pois o vosso corpo, por exemplo, é uma forma mais ou menos cristalizada que possui inércia, densidade; mas o espaço, através do qual vos moveis, é muito sutil,

leve e transparente. E a força pela qual vos moveis compreende as mesmas características. Por isso, diz a filosofia da Rosacruz Áurea, a nossa ordem mundial é movida pelos contrários, ela é dialética. Já há milhares de anos, como se depreende do Sexto Livro do *Corpus Hermeticum,* foi transmitida a mesma idéia aos buscadores da verdade.

Uma vez compreendido isso, podemos ir mais além.

Hermes: então este universo é maior do que qualquer outro corpo?

Asclépio: certamente.

Hermes: e não está completamente cheio, isto é, com muitos outros grandes corpos ou, mais corretamente, com todos os corpos existentes?

Asclépio: isso mesmo.

Hermes: o universo é portanto um corpo. E um corpo que é movido. Quão grande deve então ser o espaço dentro do qual o universo é movido! E de que natureza? Ele tem de ser muito maior que o universo para poder admitir o movimento contínuo, sem que o universo seja comprimido pela estreiteza do espaço e tenha de parar o seu movimento.

Asclépio: esse espaço deve ser extraordinariamente grande, Trismegisto!

Hermes: e de que natureza? De natureza oposta, não Asclépio? Pois bem, o contrário da natureza do corpo é o incorpóreo.

Todos os corpos existentes formam, em sua totalidade, *um* corpo, que é o universo. Nele cada corpo possui

um espaço que o circunda e uma força que o movimenta. A natureza do espaço e da força, por um lado, e a natureza do corpo por outro, são naturezas contrárias. Todos os corpos, portanto, que em seu conjunto formam, em essência, *um* grande corpo, *um* sistema, possuem essas duas naturezas contrárias. E como todos os corpos, apesar de essencialmente formarem *um* grande corpo, diferenciam-se entre si, concluímos que naturezas diferentes existem aos milhares e que, portanto, o universo é movido por *uma* inumerável série de contrários. Pode-se, então, indicar a onimanifestação como o corpo em que se manifestam as inumeráveis naturezas.

Todos nós temos um corpo e movimentamo-nos num espaço, nosso particular campo de vida que, por conseguinte, é a força que nos move. Apesar de, como entes humanos, formarmos *um* sistema de vida, apesar de pertencermos a *um* mesmo corpo planetário, dificilmente podemos afirmar que somos oriundos de uma mesma natureza, pois as nossas naturezas se diferenciam muito umas das outras. Uma inumerável série de contrários movimenta o universo inteiro. Podemos, portanto, e repetimo-lo, chamar a onimanifestação de corpo, no qual as inumeráveis naturezas humanas se manifestam.

Porém, o imenso corpo da onimanifestação, junto com todas as regiões cósmicas, igualmente são movimentadas em algo e por algo! Seguindo o mesmo método de pensamento, deve-se chegar a essa imprescindível conclusão. Assim também podemos fazer para nós uma idéia do indescritível espaço, no qual e através do qual se movimenta a onimanifestação, um espaço que, como dissemos, deve ser, necessariamente, de natureza contrária. Assim,

também o Sexto Livro Hermético chega à conclusão que o oniabarcante espaço, onde os corpos da onimanifestação se movimentam e pelo qual são movimentados, é o incorpóreo.

Essa natureza contrária do universo pode, em certo sentido, ser investigada, pode-se aproximar-se dela. Deve-se concluir, segundo o que foi exposto, que o aspecto material, em sua ilimitada variedade, está circundado e limitado pelo imaterial, o incorpóreo. O corpóreo explica-se unicamente pelo incorpóreo ou, segundo as palavras de Hermes, o criado apareceu do incriado. E, desse incriado que tudo abrange, tudo preenche e movimenta, fala Hermes como sendo a divindade ou Deus.

Esse oniabrangente não devemos entendê-lo, sem mais nada, como espaço. Em nosso sistema de vida distinguimos espaço e corpo. A grande diversidade da criação é circundada por algo, algo que já não pode ser chamado espaço, mas unicamente força. Portanto, não devemos, tal como faz a moderna astronomia, falar de espaço infinito, mas precisamos tornar-nos conscientes de que o próprio espaço está circundado pela força. Esta oniabrangente força é Deus! Essa força, essa força divina é o imutável, o desconhecível, o inatacável e também o incompreensível. Mediante o método de pensamento hermético, podemos determinar a natureza de Deus e falar da natureza de Deus como a fonte da qual tudo provém. Porém, jamais devemos incidir no erro de buscar Deus nos espaços corpóreos, pois neles Deus seguramente não se encontra. Nesses espaços corpóreos, nas várias regiões cósmicas, podemos, no máximo, encontrar o que é divino, isto é, a atividade da força divina. Mas Deus mesmo é o oniabran-

gente campo de força no qual o grande espaço está fundamentado.

É sempre possível apontar-se uma atividade, estabelecê-la. Uma atividade é assim sempre limitada. Eis por que deve-se concluir que tudo que é movido, na verdade, não se move em algo que é movido, mas se move em algo que é imóvel; e a própria força que move é também imóvel, pois ela não pode ter nenhuma participação no movimento, movimento que ela própria causa. Por isso, como sucessores da rosacruz clássica, falamos, em nossa moderna filosofia, do reino imutável.

Isso é claramente exposto por Hermes nos versículos 13 e 14:

Ora, se o espaço universal é objeto do nosso pensamento, não pensamos nele como espaço, mas como Deus; e se pensamos no espaço como Deus, ele já não é mais espaço no sentido comum da palavra, mas sim a força ativa de Deus, que tudo encerra.

Tudo o que se move não se move em algo que é movido por si mesmo, mas em algo que é imóvel; e a força motriz mesma é igualmente *imóvel, não podendo partilhar do movimento que ela produz.*

O que é divino pode, portanto, estar e ser no onimovimento das coisas, porém Deus mesmo é a fonte-força de cuja imobilidade provém a atividade divina. Um aluno verdadeiramente esclarecido, um aluno esclarecido da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea pode, assim, manifestar-se no que é divino, mas enquanto não tiver consumado o longo caminho de volta, o bom fim(1), ele jamais

(1) Ver tomo I, Primeiro Livro de Hermes, vers. 65

poderá ser Deus mesmo.

Assim vemos, outra vez, que existe uma oficina, um espaço dos corpos, e vemos como nessa oficina pode desenvolver-se uma atividade divina. Porém essa atividade divina nunca deve ser tida como Deus, pois Deus mesmo está para nós no incognoscível, incognoscível que, além do mais, é o oniabarcante.

Assim, mediante a lógica hermética, sabemos abstratamente como é Deus, que é Deus e quem Ele é. Podemos, de algum modo, determinar o Seu ser, podemos descobrir Sua atividade, porém *conhecê*-Lo em Sua realidade mais profunda é impossível, enquanto a filiação, o bom fim ainda não tiver sido alcançado.

Eis por que também na Escritura Sagrada está escrito: "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho, que está no seio do Pai, esse O fez conhecer". O seio do Pai é a radiação de amor, o segundo raio do espírito sétuplo, o raio que parte da própria fonte. Quem desperta *nesse* amor para a atividade divina torna-se um filho de Deus. Isto significa que ele se torna uma atividade de Deus. Nele são liberadas as forças divinas e desenvolve-se intenso movimento. Quem se encontra *nessa* atividade conhece a Deus, e também pode *revelá*-Lo, tal como o faz Hermes Trismegisto em seu Sexto Livro.

Mas, se seguistes até aqui o desenvolvimento do nosso pensamento, surge, de tudo isso, um problema que Asclépio, assim como resulta dos versículos 13 e seguintes, imediatamente expressa em palavras. Queremos resolver esse problema no próximo capítulo.

Resumindo a nossa introdução ao Sexto Livro Hermético, constatamos que existe uma fonte de força oniabarcante, onipenetrante, fonte de força em que todas as regiões cósmicas estão encerradas.

É possível, portanto — e isto pela sua lógica se impõe à nossa mente como evidente necessidade — estabelecer-se ligação com essa fonte de força, com esse oniabarcante e onipenetrante. A intenção do Sexto Livro de Hermes Trismegisto é fazer com que nos tornemos profundamente convictos desse fato. A intenção *não* é a de dar uma profunda explicação filosófica do ser de Deus e da atividade da força divina. Trata-se unicamente de tornar claro ao aluno, a Asclépio, que se vê convocado à nobre missão por Deus e que quer dedicar-se em perfeita rendição à senda da Gnosis, que existe uma oniabrangente, onipenetrante fonte de força universal e que, por conseguinte, é possível, portanto também necessário — porque sumamente lógico — entrar em ligação com Ela.

Por isso, a nossa insignificante existência como ser natural inconsciente sobre a mãe Terra constitui-se na mais ilógica das coisas que possam existir na onimanifestação. Quem está ligado com as radiações da salvação, à fonte da força, torna-se santificado, isto é: *sanado!* E, mediante a maravilha da graça de sua cura, ele se torna um sanador a serviço da Gnosis, um amadurecido Asclépio!

O Sexto Livro Hermético apela principalmente para o nosso discernimento, para o nosso pensar dirigido para o interior. Ele não só pede de nós que ouçamos, mas que também acompanhemos, no pensamento e na penetração em nosso próprio ser, até onde pode ser ouvido

e compreendido, em serena quietude e sossego, o eterno chamado da verdadeira finalidade da vida dos homens.

XV

A INVIOLABILIDADE DO PLANO DE DEUS

Na continuação das nossas considerações vimo-nos, com Asclépio, frente a uma dificuldade intencionalmente incluída no diálogo entre Hermes e Asclépio, a fim de que esta questão possa receber uma justa luz.

Como deveis estar lembrados, ficou estabelecido que o onimovimento está contido no imóvel.

Tudo o que se move não se move em algo que é movido por si mesmo, mas em algo que é imóvel; e a força motriz mesma é igualmente *imóvel, não podendo partilhar do movimento que ela produz.*

Isto diz o versículo 14. E então surge a pergunta:

Mas, Trismegisto, de que modo as coisas aqui na Terra se co-movimentam com aquelas que causam o seu movimento? Porque disseste que as esferas pecaminosas são movidas pela esfera sem pecados.

E a resposta diz:

Aqui não se trata de um movimento em comum, mas de um movimento oposto,
não de um co-movimento, porém de um *contra*movimento!

Esta resposta é desalentadora, mas ao mesmo tempo consoladora. O que Hermes quer dizer com isso? Permiti que tentemos investigá-lo.

Imaginai o universo num estado absolutamente virgem, na condição de vazio, portanto como está indicado no prólogo do relato da Gênese, isto é, o universo *antes* da criação.

Esse vazio é aparente, pois o que parece ser vazio é um espaço cheio de substância primordial, repleto de substância raiz cósmica autônoma. Essa substância raiz cósmica autônoma constitui a verdadeira natureza original, freqüentemente designada no antiqüíssimo pensamento egípcio como "a Mãe" ou "Ísis". Quando a Gnosis fala de Maria, ela se refere ao mesmo estado virgem da substância original.

Sobre essa natureza original atuam sete raios, os quais partem do reino imutável, sete raios do campo universal espiritual, sete raios de Deus. Cada um desses sete raios é sétuplo em sua natureza. Esses sete vezes sete raios são interdependentes. Eles representam a vida absoluta, o amor absoluto, a inteligência absoluta, a harmonia absoluta, a sabedoria absoluta, a dedicação absoluta e a ação libertadora absoluta.

Que esses sete raios sejam interdependentes e que em cada raio devam estar presentes os outros seis raios, é facilmente compreensível, desde que considereis que, em cada ação, para se falar em ação libertadora, devem estar presentes: vida, amor, inteligência, harmonia, sabedoria e dedicação.

Logo que os sete raios, que dimanam do imóvel, do firme, do inviolável, entram na natureza original, na uni-

versal mãe Ísis, surge nessa natureza original um movimento, uma atividade. Esse movimento, como deveis compreender, é sempre um co-movimento. A natureza original demonstra, então, mediante o que dela surge, aquilo que está encerrado na divindade. Emanando do incognoscível, os sete raios, por sua atividade e mediante o que a natureza original manifesta, revelam, na natureza original, a intenção divina. Por conseguinte, pelo co-movimento, o divino é levado para fora e revelado no espaço da natureza.

Quando, pois, considerais que tudo o que se manifesta procede dos sete interdependentes raios divinos, então sabeis, por dedução lógica, que tudo o que foi criado deve trazer em si a imagem, a essência, o núcleo do divino; que tudo que foi criado encerra uma divina intenção, uma intenção que só pode ser realizada mediante um co-movimento.

Portanto, logo que uma entidade é bem sucedida em co-movimentar-se com o plano de Deus, plano que está ativo em sete raios nessa entidade, esse plano, e não poderia ser de outro modo, é realizado nessa entidade e através dela.

Esta é uma poderosa conclusão a que nos conduz a filosofia egípcia, a filosofia de Hermes Trismegisto. Quem se encontra na co-movimentação, quem ingressa no co-movimento e nele persevera, realizará em si e através de si o plano de Deus.

Há, portanto, na inteira criação, um perfeito co-movimento em direção à divindade absoluta. Mas, ao

lado, também se encontra a possibilidade para um total contramovimento! Pois, a possibilidade para a divinização, possibilidade concedida à criatura, contém em si a presença de absoluta liberdade. Isto porque os sete raios se determinam uns aos outros. Dessa absoluta liberdade também dá testemunho a sentença: "Onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade". (II Coríntios, 3:17)

Todos temos liberdade para estar no co-movimento, bem como também no contramovimento. Por isso, também vemos na onimanifestação ambas as atividades. Vemos surgir o co-movimento e o contramovimento, a liberdade de entrar verdadeiramente no oni-vir-a-ser divino, a fim de se tornar real, fundamental e estruturalmente filhos de Deus, *e* a liberdade de se opor a isso e assim sossobrar no caos da dialética degenerada. Vemos e conhecemos a dialética. Vemos e conhecemos igualmente a realidade da vida na divindade, que é o resultado do co-movimento. Vemos e conhecemos, da mesma forma, o grupo intermediário dos que se desprendem do contramovimento e de suas conseqüências e se elevam para o co-movimento, donde resulta, em primeiro lugar, a transfiguração, isto é, a restauração das conseqüências do contramovimento.

A natureza do original é, portanto, o campo de desenvolvimento, campo esse encerrado na divindade. O que se encontra além disso, o que virá quando esse desenvolvimento tiver terminado e coroado de êxito, é uma pergunta cuja resposta na Escola precisamos ficar devendo, uma vez que ela se encontra inteiramente fora da nossa faculdade de compreensão.

É-nos dito, na Doutrina Universal, que a criatura foi convocada uma vez para ser como Deus, para elevar-se do criado ao incriado, ou, utilizando as palavras dos antigos chineses: "Irromper do algo para o nada", isto é, para o ilimitado, para aquilo do qual simplesmente nada se pode dizer.

Voltemos, então, ao fato do contramovimento. Sabemos quão terrível é ele; sabemos que atroz infelicidade e que confusão, que perversidade causa a dialética degenerada. Também conhecemos as conseqüências do contramovimento: a cristalização. No entanto, há uma consolação, uma grande consolação, que é justamente o fato de existir a morte.

O contramovimento pôde existir, como vos dissemos, em resultado da nossa liberdade. Quando o homem toma a liberdade para se movimentar, para atuar, sempre cria conseqüências. Isto não pode deixar de acontecer. Uma determinada ação traz consigo uma correspondente conseqüência, e a conseqüência do contramovimento é a morte, isto é, o *resultado do contramovimento é sempre autodestruidor.*

Não achais isto magnífico, não é isto indizivelmente consolador? A contramovimentação, a recusa de voluntariamente cooperar na realização do plano de Deus, plano que é o fundamento da nossa existência, não pode, por conseguinte, durar eternamente. Ela não pode tomar conta da onimanifestação e irromper no imaterial, no imóvel e assim tornar-se estável. Imaginai quão terrível isso seria!

Não, o que não se encontra contido no estado divino, o que não provém do estado divino, num harmonioso

co-movimento, é de tal modo irreal, de tal modo impotente, de tal modo sujeito à cristalização que, num dado momento, desmorona, o que evidencia que o fenômeno, em essência, nada é e que se aniquila a si mesmo.

Unicamente aquilo que provém do Espírito do Senhor é eterno. Quem, portanto, se encontra no contramovimento, quem está aprisionado no contramovimento, é apanhado numa contínua trituração e morte até que, em virtude do divino, que se encontra encerrado em tudo que foi criado, percebe que o contramovimento não é um co-movimento, e por conseguinte, sem resultado algum; por isso, em suas conseqüências, é sempre triturado e desfeito. O único caminho para a salvação só pode ser encontrado na co-movimentação, na associação, em perfeita harmonia, com os sete raios universais. Desse modo, em duplo sentido, pode-se tornar um Asclépio.

Já chegastes a perceber que o contramovimento, o contínuo disputar consigo mesmo e com o meio em que viveis, não é nenhum co-movimento, e que por isso estais continuamente aprisionados à desventura, às tensões?

Se já chegastes a percebê-lo, então não sentis, como grande consolação, o fato de saber que um homem, faça o que fizer, um dia ganhará compreensão no caminho da experiência e, portanto, mais cedo ou mais tarde ingressará no templo da renovação?

Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. Por isso, não deveis forçar-vos, pois isto estaria contra o princípio da liberdade, portanto seria antidivino. Mas, um dia, todos vós, por efeito de uma absoluta vivência pessoal, sereis purificados e ensinados e, através de muitas mortes, levantar-vos-eis em liberdade para a única sal-

vação, para a vossa destinação divina.

Irmãos e irmãs, não podemos forçar-vos nesta Escola, porque onde o Espírito do Senhor está, aí há liberdade. Porém a vós é dito continuamente como é o caminho e quais as exigências que estão ligadas à senda.

Gostaríamos de continuar a fazê-lo, gostaríamos de esclarecer, sempre de novo, a Doutrina Universal, a imutável, a admirável senda divina, mas não podemos fazê-lo, porque o tempo pressiona. A Escola da Jovem Gnosis não é somente um instituto dogmático, porém, ao mesmo tempo, e principalmente, um corpo vivo. Esse corpo vivo está progredindo, avança cada vez mais e atrai cada vez mais os sete vezes sete raios da luz divina, de maneira que essa luz arda sobre o santuário como poderoso fogo.

Por isso, não podemos ficar a falar sobre os raios desse fogo, não podemos ficar a repetir sempre: "Vede, amigos, a senda é assim e assim, trilhai-a, por favor". Não, se quiserdes acompanhar-nos — para o que tendes plena liberdade — então este seguir conosco deverá processar-se sem nenhuma reserva, com todas as conseqüências. Se utilizais a vossa liberdade para vos agarrar com unhas e dentes à Terra, pois bem, então ficai na Terra. Entretanto, se quereis avançar com o corpo vivo da Escola, se quereis acompanhá-lo, então o momento para isto chegou. Todas essas coisas serão consideradas convosco, a fim de, por fim, levar-vos ao discernimento e a um profundo autoconhecimento. Precisais verificar, a curto prazo, o que em vós co-movimenta com a vossa divina destinação, e o que em vós contramovimenta.

Então, se tendes um espírito investigador, podeis

ainda perguntar: como pode ser prática e cientificamente possível que num dado momento a morte apanhe tudo que se encontra no contramovimento? A resposta é simples, como aparece na resposta de Hermes a Asclépio:

Visto que as esferas pecaminosas são movidas numa direção oposta à da esfera sem pecados, elas, nesse contramovimento, são movidas pelo ponto fixo de equilíbrio ao redor da esfera resistente. E não pode ser de outro modo. A marcha circular é, pois, nada mais do que um movimento em torno do mesmo centro, o qual, pela imobilidade do centro, é perfeitamente dominado. Pois o movimento circular impede o desvio e assim a revolução é mantida. Deste modo, o contramovimento no ponto de equilíbrio igualmente está em repouso, porque o movimento resistente o faz estático.

Hermes tenciona dizer com isso: se abusais da vossa liberdade, e assim transgredis a intenção divina, a qual na imobilidade dirige a onimovimentação, então a resistência, suscitada pelo vosso contramovimento, torna-se finalmente tão grande que aquilo que resulta da vossa vida de impiedade não pode suportá-lo e é destruído.

Pelo contramovimento suscitais a resistência. Esta torna-se cada vez mais poderosa em vibração, até que, por fim, manifesta-se uma queima, um aniquilamento no próprio ser. A resistência, por conseguinte, não é causada pela divindade, mas inteiramente por nós mesmos. Eis por que é ilógico afligir-se com as dificuldades da vida, pois nós mesmos as criamos, embora freqüentemente pareça que a culpa caiba aos outros. A divindade não contende conosco. Ela não nos castiga ou nos julga em sentido bur-

guês. Nós mesmos o fazemos. Nós mesmos suscitamos as resistências, quer devido ao nosso passado microcósmico, quer pela nossa vida presente, e nelas, num determinado momento, sossobramos. Se tal é o vosso caso, então não viveis, mas vos colocais numa condição de mortificação permanente, a qual tomais erradamente como vida.

Esforcemo-nos e trabalhemos perseverantemente a fim de transformar a nossa vida num real co-movimento, para que possamos encontrar bênçãos nas sete forças que dimanam do Logos, pois a verdadeira vida desenvolve-se unicamente no co-movimento.

XVI

A ÚLTIMA MORTE DO EU:

A AUTO-RENDIÇÃO VOLUNTÁRIA

Assim, colocamo-vos novamente na grande encruzilhada da vida, no ponto onde os dois caminhos, o de co-movimento e o do contramovimento, se encontram.

Aqueles que, como alunos da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, formam uma parcela da Jovem Gnosis, sabem perfeitamente que o desenvolvimento da Escola, como grupo, como corpo vivo, como Jovem Gnosis, acolhida na corrente universal dos que a precederam, traz consigo uma efusão intensa e positiva dos sete raios do Espírito sétuplo. A pressão para co-movimentar-se com os raios de Deus, com esse Espírito Santo, torna-se, conquanto se refira à nossa vida em comum, extraordinariamente forte. Um pentecostes é cumprido sobre nós.

Mas prestai atenção, e o dizemos enfaticamente: tudo isso causa em nós, enquanto permanecermos no contramovimento, uma oposição extremamente grande. Ela não vem de fora mas, como vimos, nós mesmos a causamos. Pela nossa atitude de vida, pelo nosso estado de ser, nós mesmos desenvolvemos uma oposição, uma

resistência cada vez mais forte, de onde resulta uma morte incessante. Tudo isso vos é dito para que possais, no mais curto lapso de tempo, tornar-vos um verdadeiro sanador, um Asclépio. Para tanto, é necessário, como diz o versículo 44 do nosso texto, certo conhecimento introdutório em relação à essência do Todo.

Todos vós sois células viventes no corpo vivo da Jovem Gnosis. Esse corpo desenvolveu-se a um estado de ser tal que experimenta grande graça. Grandes incumbências lhe foram dadas e forças imensas são derramadas sobre ele. Incumbências que só poderão ser executadas e forças às quais só se poderá reagir com positividade mediante perfeito co-movimento com os sete raios que partem da divindade, raios que chegam a nós do reino imutável.

A Jovem Gnosis sois vós! Sois células viventes do corpo e no corpo. E onde o inteiro corpo da Gnosis aparece cingido pelo fogo dessa positiva movimentação, a manutenção de um contramovimento torna-se intenso perigo para todos nós. Vede bem isso, tão bem, a ponto de não mais poderdes esquecê-lo. Dissemo-vos que o mínimo contramovimento gera uma oposição porque todo o movimento, por fim, é abarcado pelo reino de Deus. Essa oposição, essa resistência, num certo momento, quebra o resultado do contramovimento.

Impelidos pelo eu, impelidos pela natureza da morte, freqüentemente encontramo-nos ocupados, em razão do nosso estado de ser, em levar algo a desenvolvimento, e no momento em que as coisas forem por nós realizadas, justamente então, quando se mostra que podemos realizar o nosso sonho, as coisas transformam-se no seu oposto e

a morte nos alcança. Isto significa que aquilo que acreditamos ter construído desmorona-se. Esse processo nos mostra que nós, com a nossa orientação natural, temo-nos movimentado em círculo, voltando, assim, sempre ao mesmo ponto, tendo freqüentemente de recomeçar tudo desde o início.

Se persistirdes no contramovimento, não obstante terdes sido acolhidos como célula numa escola espiritual, portanto, num sistema que segue o caminho do co-movimento de maneira muito dinâmica, então a conseqüência não será mais nenhum processo em que, por fim, se está de mãos vazias, porém se desenvolverá um incidente, uma combustão e um dano muito grande, um aniquilamento do vosso estado de alma. Por isso é sempre dito e advertido em todas as escrituras sagradas que os pecados contra o Espírito Santo têm conseqüências pesadas. Eles se vingam no estado de ânimo e no intelecto ou seja, no santuário da cabeça e no santuário do coração.

Vede, todos vós sois seres animados. Sois movimentados por determinada força imaterial. A ela reage vosso humor assim como vosso entendimento. O coração e a cabeça são postos em movimento por aquilo que vos anima. Se essa animação situar-se no contramovimento, então a conseqüência será, sempre de novo, a morte, o aniquilamento do produto do contramovimento.

A animação precisa sempre de novo fazer essa descoberta, até que por fim se decida a morrer a última morte: a morte da auto-rendição voluntária, a endura; da auto-rendição ao co-movimento, ao Espírito divino e seus sete raios, ao verdadeiro plano, que é a base de nosso vir-a-ser. Quem o faz em perfeita ausência do eu, desenvolve, como

sabemos, com absoluta certeza, um novo estado de alma. O candidato avança sempre para uma nova movimentação, abrindo espaço para ela. Assim, pois, nasce a nova alma, desenvolvendo-se um novo entendimento e, disso, um imutável co-movimento com o Logos, bem como uma perfeita transfiguração.

Caros amigos, concebei assim: ingressais conscientemente com a não renascida alma e seu correspondente entendimento num corpo gnóstico, uma escola espiritual, a qual vive claramente dos sete raios. Sois assim acolhidos num campo de irradiação de natureza muito especial, num campo de irradiação que até então não tínheis conhecido e vos encontrais num movimento que, para vós, é completamente novo. Suponde que, nesse novo movimento, nessa efusão dos sete raios, conservais vossa existência nascida da natureza, que prosseguis querendo, sentindo, pensando e agindo como fazíeis até agora, porque não estais absolutamente dispostos a morrer a última morte do eu, a endura. Desta forma vos conservais firmemente decididos a manter o vosso eu, vossa natureza comum, vosso caráter, vosso tipo, enquanto que permaneceis num campo de irradiação onde se manifestam grandes e novas forças.

Perguntamo-vos: onde sereis primeiramente apanhados pela oposição que vós mesmos causastes? Nas conseqüências do vosso erro, como é normal na dialética? Ou na causa conscientemente conservada do vosso erro? A resposta é evidente: na *causa* do vosso erro! Na alma natural e em seu entendimento. Sois como que queimados, e nessa queima, sois desnaturados segundo a alma e o entendimento. Isso quer dizer: caís então em grande

anormalidade, e a final conseqüência disso é que desceis bem abaixo do início lemuriano. Quantos desses psiquicamente perturbados o mundo já não conta? Quantos desses irresponsáveis o mundo já não abriga? Muitos, muitíssimos deles fizeram malabarismos e brincaram com grandes forças espirituais.

Por isso, é evidente que a Escola fale agora de uma grande crise. De uma crise que concerne a todos nós como membros do corpo vivo, pois se trata do rompimento dos sete selos, mencionado no Apocalipse. Encontramo-nos, como Escola Espiritual, num apocalipse, num incêndio de revelação. Certamente não é necessário que o rompimento desses sete selos traga para nós a descida das sete pragas, das sete aflições, dos sete grandes processos de sofrimentos e do sétuplo aniquilamento, sob o qual está a nossa sétupla ordem de emergência. Pelo contrário.

Numa escola iniciática gnóstica trata-se de *curar-vos*, de fazer de cada um de vós um Asclépio, mas então também é necessário, absolutamente necessário, caso ainda não o tenhais feito, que realizeis, daqui por diante, a comovimentação e que finalizeis imediata e definitivamente o contramovimento numa última morte, numa endura.

Estamos bem conscientes que neste momento estamos carregando a vossa alma com coisas árduas. Certamente gostaríeis de ouvir de nós algo diferente, mas tudo isso vos é dado como pré-conhecimento relativo à essência do Todo, e, com isso, sois sumamente beneficiados. Por isso, diz também Hermes Trismegisto no versículo 25:

Vês, pois, quão pesada é a carga da alma quando ela, sozinha, tem de carregar dois corpos.

Todos estamos no movimento. E perguntamo-vos: como se explica, neste momento, a vossa agitação? Levais uma vida muito agitada, sois todos muito ocupados; estais continuamente ocupados. Com o quê? Observai com que estais tão ocupados. Conscientizai-vos, com plena objetividade, dessa vossa agitação tão fatigante e que tanto sobrecarrega vossa alma, vossa alma natural.

É ela um co-movimento ou um contramovimento? Não é ela freqüentemente um contínuo empenho no contramovimento para procurar manter-vos afastados das dificuldades? Não é assim que muitos estão desse modo continuamente ocupados no contramovimento? Não é verdade que, não obstante a louca agitação e a imensa fadiga nada progredis, e que a oposição mesma se torna maior ao ponto de ocasionar de tempos em tempos uma tranqüilidade, e, em seguida, a morte em uma de suas formas de manifestação como esgotamento, desespero, enfermidade? Que sempre estais ocupados com as vossas providências, com a execução das vossas táticas, com a determinação da vossa atitude? Mas as coisas esvaem-se por entre vossos dedos para um nada sem vida. E sempre de novo vos perguntais: "Onde está o erro? Por que permanecem a aflição, a dor, a canseira e a inutilidade? Por que as coisas não correm de modo diferente e melhor, pois tudo fiz para pôr as coisas em ordem?!"

Sim, amigos, as coisas vão como vão porque estancais no contramovimento, isto é, no conflito, na onimovimentação dos contrários! E vos falamos tão minuciosamente acerca da clara e evidente necessidade, a lógica evidência da libertadora co-movimentação, a fim de que possais decidir-vos, em clara ação, por essa co-movimentação,

como sendo a grande conversão de vida para cada ser humano. Então imediatamente o destino se afasta de vós, e chegareis a fazer um uso mais controlado e mais eficaz do vosso tempo e das vossas forças.

A co-movimentação, a nova atitude de vida do verdadeiro aluno da Jovem Gnosis, dá ao grupo uma uniformidade vibratória, dispensa grande tranqüilidade e paz interior, suprime toda a tensão e liberta da escravidão do delírio e do moderno furor pelo trabalho. Abramo-nos, pois, inteiramente para a bênção do co-movimento, para a indizível, para a poderosa salvação dos sete raios do Espírito sétuplo, para a direta e atual descida da eternidade no tempo, para uma efusão do Espírito Santo, para um novo Pentecostes que, na Jovem Gnosis, está consumado. Elevai-vos nessa nova comunidade da salvação.

XVII

O MISTÉRIO DO SANTO GRAAL

Explicamo-vos que, tão logo os sete raios que partem do reino imutável, do reino inviolável, irrompam na natureza original, surge nela um movimento. Esse movimento é, então, a co-movimentação. Então a natureza original demonstra, pelo que dela provém, o que está encerrado na divindade. Um corpo vivente gnóstico deve, pois, na execução do seu processual caminho de desenvolvimento, fazer surgir em torno de si um novo campo astral, emanado diretamente da natureza original, da mãe Ísis. Esse campo em seguida se estenderá por sobre as regiões daquelas partes do mundo em que o referido corpo gnóstico é especialmente ativo.

Quando semelhante novo reino gnóstico está formado e os focos necessários são estabelecidos, desenvolve-se, no corpo vivo, um novo movimento, um movimento cuja força cresce com o tempo, pois, com tudo isso, está concatenado um romper dos sete selos. São rompidos os sete selos do verdadeiro processo de vida, do verdadeiro caminho de desenvolvimento humano. Os sete raios da divindade demonstram-se então de modo muito direto, e a Gnosis reflui diante da plenitude do Espírito Santo.

Como podeis ouvir no Evangelho de João, Cristo fala aos seus discípulos, ao seu grupo:

"É bom que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei. Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte de meu Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de verdade que procede do Pai, ele testiticará de mim".

É, pois, compreensível que, quando a Gnosis, como mediadora, retira-se diante da plenitude da descida do Espírito Santo, surge uma condição totalmente nova; uma totalmente nova atitude de vida e uma nova necessidade de vida se fazem presentes com uma força irresistível a todos os que foram apanhados por essa atividade.

Em Mateus, capítulo 24 — que vos aconselhamos consultar — é esclarecida semelhante condição, assim como agora por ela passamos. O autor dessa narração observa: "Não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam". Muito se riu acerca dessa sentença e se disse ironicamente: "Oh! Quantas gerações já se passaram desde o início dessa era sem que tudo isso tivesse acontecido!" Porém, as coisas anunciadas em Mateus, 24, fazem alusão aos benefícios e malefícios à linha de desenvolvimento da Gnosis. Assim como a Gnosis daqueles dias experimentou poderosamente todas essas coisas e foi *obrigada* a experimentá-las, assim também nós nos encontramos, em nossos dias, diante dos mesmos desenvolvimentos.

A Escritura Sagrada também fala de um rompimento dos sete selos em sentido negativo, tendo em vista a

humanidade e o mundo, mas não examinaremos, no momento, este aspecto igualmente relatado no Apocalipse. A esse propósito também se poderia perguntar: "Que devemos entender por sete selos *fechados?*" A resposta diz: uma condição temporária de neutralização, em determinadas regiões, da natureza original, da existência total do Espírito sétuplo. Durante 700 anos as influências diretas do Espírito sétuplo nos países europeus foram poucos conhecidas, porque, no tocante a essa parte do mundo, deu-se essa neutralização. Mas agora, novamente, crescem em força, para com o mundo, as radiações do Espírito sétuplo. Porém, em relação à Jovem Gnosis o crescimento em extensão, volume e atividade realiza-se com absoluta pontualidade; pois compreendereis plenamente que, num desenvolvimento gnóstico, a neutralização deve cessar completamente num determinado momento, o que acontece também com a Jovem Gnosis.

Vede, por exemplo, o drama crístico.

Cristo vem e escolhe os seus discípulos; ou, em nossa terminologia, Ele estabelece o seu grupo. Ele os precede no caminho da Rosacruz; Ele torna conhecida a senda e suas respectivas exigências e as exemplifica aos seus discípulos. O grupo torna-se uma comunidade, um corpo vivo, uma *ekklesia** *Nesse* momento Jesus, o Senhor, retira-se como mediador. "É bom para vós que eu vá", assim diz Ele, "pois, após mim vem o Consolador." E então Jesus, a Gnosis, precede o grupo no novo campo de vida. A retirada do Senhor Jesus como mediador é, em certo sentido, tão-somente aparente: a Gnosis precede o grupo no novo campo de vida e nesse campo se encontrarão novamente!

Logo que a Gnosis, como mediadora, como fator irradiante, põe-se de lado, retira-se, passa perfeitamente para o primeiro plano a radiação do Espírito sétuplo. Realiza-se, então, diretamente a descida do Espírito Santo. Portanto, de modo algum pode ser qualificado como afetado e certamente não tem nada de sensacional, quando o grupo da Jovem Gnosis, nas fileiras da corrente gnóstica universal, chega por sua vez diante dos portais da mesma experiência. Como aconteceu aos que nos precederam, assim acontece conosco.

Também nós estamos diante dos portais desse totalmente novo estado de vida, no qual está encerrado um novo mistério: o do novo vir-a-ser consciente superior, o mistério da divinização, pois, como tratamos convosco, toda a co-movimentação deve acabar na divinização. É, portanto, precisamos repeti-lo, absolutamente lógico que nós, após termos adquirido certo conhecimento introdutório em relação à Essência do Todo, digamos "que nos seja permitido compreender o que o Espírito sétuplo quer de nós a fim de que também possamos instalar-nos perfeitamente na câmara superior".

Os sete raios, assim dissemos em seguida, proporcionam-nos, em primeiro lugar, a vida perfeita; em segundo, o perfeito amor; em terceiro, a inteligência perfeita; em quarto, a harmonia perfeita; em quinto, a sabedoria perfeita; em sexto, a dedicação perfeita e em sétimo lugar, o ato libertador perfeito. E como os sete raios determinam-se um ao outro, está claro que existem sete vezes sete, ou quarenta e nove aspectos ou raios, os quais precisam ser satisfeitos pelo candidato aos novos mistérios.

Quem entra no Templo de Haarlem descobre que essa idéia inegável está indicada na parede acima do lugar de serviço, indicada pela estrela de cinco pontas, a estrela de Belém, o símbolo (1) da alma renascida, estrela essa rodeada pelos sete vezes sete raios, os quais partem do reino imutável e que impelem para a frente, para a divinização, a referida entidade.

Eis por que, em Haarlem, no lugar da sede central da nossa Escola, o antiqüíssimo Templo Rosacruz, após a abertura dos sete selos, da qual vos falamos, deu lugar ao Templo do Espírito Santo, ao Santuário da Fraternidade do Santo Graal.

Queremos agora dar-vos a compreender algo dos quarenta e nove aspectos do Santo Graal, principalmente em ligação com o que é esperado de nós como células vivas do corpo gnóstico. *Para começar,* espera-se do candidato uma grande e profunda honestidade. Para prevenir o perigo da já considerada combustão, ele precisa possuir absoluta prontidão para encontrar-se com a mais fundamental das mortes, a qual deve necessariamente processar-se: a morte do eu, a endura.

Quem elimina de si a causa da principal oposição, torna-se diretamente renovado segundo a alma, torna-se imediatamente receptível para a palavra do Espírito Santo. Ela vos dirá que deveis aceitar, em grande honestidade e em profunda pureza, a direção desse Espírito. Mesmo que ainda não possais entender a total plenitude

(1) Este mesmo símbolo pode ser visto em nosso Templo de Aquarius, em São Paulo, SP.

desse Espírito, nunca vos enganareis em razão da simplicidade, da pureza das intenções e em razão da honestidade. Desse modo, podeis, com a abertura e a despreocupação de uma criança, crescer na santificação com base no renascimento da alma. E a um dado momento estareis com a vossa alma renascida na pureza de vossa infância diante do trono da santa luz sétupla, e vos ajoelhareis diante do primeiro raio, o da vida perfeita.

Que é vida perfeita?

É a vida do homem original, a vida da verdadeira humanidade-alma. A vida perfeita é algo glorioso, algo sublime, algo imensurável! É a vossa perfeita, oniabrangente vocação! Nascestes nesta natureza da morte em vosso corpo de emergência para, ao longo do caminho de experiências dos contrários, amadurecerdes no sentido do despertar da consciência, no sentido da elevação à perfeição. Unicamente desse modo podemos tornar patente a glória de Deus.

Por isso é preciso que haja em vós (e quando a vossa base é boa, então assim *é*) poderoso anelo, uma pressão toda determinadora para chegardes a uma verdadeira vida perfeita, à qual tudo o mais, tudo o que possuís e conheceis está totalmente subordinado. Se desse modo, nesse poderoso anelo para alcançardes essa vida perfeita, aproximardes-vos do primeiro raio do Espírito sétuplo, então, assim estará bem. Trata-se, num instante, de uma positiva penetração da radiação do Espírito Santo. Então sois ligados elementarmente com o fogo de Pentecostes, com o bem, que é oniabrangente.

E aprendereis a vos dirigir a esse bem, o Espírito

sétuplo, no qual e pelo qual deve manifestar-se vossa plena salvação, com o nome "Pai". *Pois criar é a característica do Pai,* diz Hermes.

Por isso, na vida daqueles cuja consciência está bem sintonizada, o fazer nascer o filho é uma coisa da maior seriedade e zelo, e da máxima afeição a Deus; ao passo que a maior infelicidade e o maior pecado é alguém morrer sem possuir essa descendência, e depois ser julgado pelos demônios.

Eis, portanto, a sua punição: a alma sem filho é condenada a adotar um corpo que não é de natureza masculina nem feminina, o que é uma execração sob o Sol. Participa, pois, Asclépio, da alegria se ninguém ficar sem descendência, envolve de compaixão aquele que se encontra na infelicidade, porque sabe da punição que o aguarda.

Aqui a Arquignosis* egípcia aponta, com uma clareza que nada deixa a desejar, para o absoluto objetivo da nossa vida, para o nosso destino ditado por Deus: fazer nascer em nós o Filho, o Cristo* interno, o verdadeiro Homem imortal.

Quando negamos, desprezamos ou recusamos essa vocação, quando nos obstinamos no caminho da cega teimosia, invocamos assim, indubitavelmente, o julgamento que parte do Sol espiritual, da Luz universal. Nessa situação, a força de radiação sétupla dessa luz agirá em nós de modo negativo e, agora ou mais tarde e segundo a cabeça e o coração, tornar-nos-á insensíveis e estéreis à sua obra de salvação, tanto para o aspecto masculino, o

aspecto criador, como para o aspecto feminino, o aspecto revelador. Então teremos de seguir até o fim o escuro caminho que nós mesmos escolhemos, o caminho sem fim do sofrimento e do desgosto.

Mas, se no poderoso anelo por salvação, abrangerdes a vida perfeita enquanto dela vos aproximais, descobrireis que sois sumamente agraciados pelo primeiro raio do Espírito sétuplo e que em vós é gerada uma consciência de adoção, uma experiência de filiação. Essa consciência, essa experiência de filiação, liga o candidato direta e positivamente com a atividade inicial dos restantes seis raios do Espírito Santo. Essas seis flamas se manifestam!

Pois, na vida perfeita está o amor; portanto, quem puser os pés nos portais do primeiro raio, só agora e com razão, aprenderá o que é o amor. Ele é, entre outras coisas, verdadeira compreensão da alma natural em seu estado ainda não renascido, uma compreensão da luta dos homens, também para os seus erros, cometidos em ignorância. Semelhante homem possuirá a paciência derivada do amor, uma paciência que não pode ser medida; se necessário, uma paciência sem fim. Sabeis, pelo menos teoricamente, e lede uma vez mais em Coríntios I, versículo 13: "O amor tem o poder de tudo esperar, tudo suportar, o amor protege todas as coisas".

Podeis agora compreender que o homem que recebe positivamente o Espírito sétuplo, que semelhante filho da plenitude, também será inteligente? Podeis compreender que lá, onde estão a verdadeira inteligência, o verdadeiro amor e a ilimitada paciência, deve também estar o caminho, e que o caminho é o conhecimento do modo como

se realizam a vida e o amor em sua perfeição?

Percebeis, como é evidente, como é essencialmente necessário que os sete raios se completem um ao outro? Não temos nós, ao mesmo tempo, enquanto expomos tudo isso, constatado que, em semelhante caminho de vida, aparecem, em primeiro plano, uma perfeita harmonia na vida? E uma grande e profunda tranqüilidade interior?

Não veria semelhante homem, abrirem-se amplamente diante de si os portais da sabedoria? E o devotamento a todas as criaturas não se tornaria para ele uma reação normal? Todo esse conjunto não testemunharia profundamente que o ato libertador determina o comportamento desse homem? Esse novo mistério abriu-se para todos vós. É como se fora uma cabeça áurea sobre a qual flameja o fogo de Pentecostes. O que vos impede de ingressar? Entrai, então, na paz do vosso Senhor.

XVIII

AS NOVAS POSSIBILIDADES LIBERTADORAS

Bom é aquele que tudo dá e nada toma. Em verdade, Deus tudo dá e nada toma! Por isso Deus é o bem, e o bem é Deus. O outro nome de Deus é Pai, porque Ele é o criador de todas as coisas, pois criar é a característica do Pai.

"Ó Santo Espírito Sétuplo, unidos na Jovem Gnosis e elevados até o Gólgota da renovação, aproximamo-nos de Ti com todo o nosso ser e nos curvamos humildemente diante de Tua perfeição."

Desse modo deve aproximar-se o candidato do novo mistério manifestado. Esperamos e oramos que muitos, muitos mesmo possam tornar-se conscientes das novas possibilidades libertadoras que foram presenteadas à humanidade buscadora; que possam compreender o objetivo do trabalho da Jovem Gnosis todos os que estão maduros para tanto, que estão maduros para se abrirem à luz do novo dia, que agora irrompeu para nós. Nossa fervorosa prece é que, doravante, abandoneis todo o contramovimento e que possais, quando o contramovimento aproximar-se de vós, reconhecê-lo sempre a tempo.

Vede, a humanidade como unidade, como fraternidade do princípio, partiu-se, e vemos os inúmeros pedaços em extremado individualismo. Todas essas individualidades movimentam-se num espaço e são movimentadas por uma força. Mas, espaço e força estão igualmente individualizados e se também sois assim, encontrais-vos em meio a tantos outros como um "eu", como seres individualizados, petrificados, impenetráveis, apartados de todos os demais. Então vos tornastes solitários e, em mais de um sentido, prisioneiros. Todos os solitários e prisioneiros são movimentados em seus espaços por suas forças. Sois, como sabeis, total movimentação; contudo, a movimentação da contranatureza. Viveis um ao lado do outro e não vos entendeis. Não vos tolerais um ao outro e também não vos podeis tolerar, até que a Gnosis seja buscada e encontrada.

A Gnosis é o nascido Asclépio, o sanador, o senhor do amor. A Gnosis nos busca em nossa solidão e aprisionamento e nos faz conhecer o caminho. Quem quer segui-lo precisa evadir-se do inferno do contramovimento e, pela morte última, a morte da auto-rendição à Gnosis, ao senhor do amor, deve levar o novo estado de alma ao despertar. No mesmo instante, semelhante homem ingressa no novo mistério, do qual tivemos que vos falar: o mistério do Espírito Santo, o mistério do vir-a-ser divino, o mistério da manifestação do filho.

Esse mistério abriu-se para nós na Jovem Gnosis; esse vir-a-ser no qual tudo o que é verdadeiramente bom vos é ofertado — no sentido acima exposto — e que nada mais vos é tomado; o vir-a-ser no qual o Pai do Todo gerou-se a Si mesmo, em nós, em seu Filho.

A única, a eterna salvação está aberta para vós: vinde, aproximai-vos de sua majestade. Elevai-vos, pois, nessa maravilhosa vida, acima de toda a terrena luta fratricida.

XIX

O SÉTIMO LIVRO

HERMES A TAT SOBRE A CRATERA E A UNIDADE

1. *Hermes: considera o demiurgo, visto que Ele criou inteiramente o mundo, não com as mãos, mas pelo verbo, como a presente e sempre imutável realidade, como o criador de todas as coisas, o uno e único que, pela Sua vontade, criou tudo o que existe.*

2. *Porque* isto *é verdadeiramente o Seu corpo, o qual é intocável, invisível, incomensurável e indivisível e que não se pode comparar a nenhum outro corpo, pois Ele não é nem o fogo, nem a água, nem o ar, nem o alento, mas essas coisas e todas as outras provêm* d'*Ele e* por *Ele.*

3. *Sendo Ele o bem, não quis dedicar a si próprio essa oferenda e não quis ornar a Terra unicamente para Si; porém enviou para baixo, como jóia desse corpo divino, o homem, criatura mortal de um ser imortal e, assim como a Terra ultrapassa as suas criaturas pela vida eterna, o homem ultrapassa as criaturas da Terra pelo intelecto e pelo espírito.*

4. *O homem tornou-se o contemplador das obras de Deus, prostrou-se maravilhado e aprendeu a conhecer o Criador. Deus, ó Tat, concedeu a* todos *os homens a mente, não porém o espírito! Não que Ele tenha provado alguns pela inveja, pois a mesma não provém do alto; ela se forma aqui embaixo, nas almas daqueles que não possuem o espírito.*

5. *Tat: por que, ó Pai, Deus não concedeu o espírito a* todos *os homens?*

6. *Hermes: Ele quis, meu filho, que a ligação com o espírito estivesse dentro do alcance de todas as almas, como prêmio da corrida.*

7. *Tat: e onde Ele pôs esse prêmio?*

8. *Hermes: Ele enviou para baixo uma grande cratera cheia de forças do espírito e um mensageiro para anunciar aos corações dos homens a tarefa: "Mergulhai nesta cratera, vós almas que podeis fazê-lo; vós que crestes e confiastes em que ascendereis até Ele que enviou para baixo este vaso de mistura; vós que sabeis para que objetivo fostes criados".*

9. *Todos os que atenderam a essa anunciação e foram purificados imergindo-se nas forças do espírito, tiveram participação na Gnosis, o conhecimento vivente de Deus, e tornaram-se homens perfeitos por terem recebido o espírito.*

10. *Todos, porém, que pecaram contra a anunciação, por não darem ouvidos a ela, estacaram nos limites da mente, porque não receberam a força do espírito e não sabem para que objetivo foram criados, e por Quem.*

11. *As percepções desses homens, que se baseiam nos sentidos, são quase idênticas às dos animais irracionais; sendo uma mescla de paixões e ira e não tendo nenhuma admiração para o que merece contemplação e reflexão, eles se devotam às cobiças do corpo, pensando que, para esse fim, o homem foi criado.*

12. *Aqueles, porém, que obtiveram participação no dom de Deus, deixaram de ser mortais, como mostram as suas obras, e tornaram-se homens divinos, envolvendo com sua alma-espírito *tudo o que se encontra na Terra e no céu, e talvez acima do céu.*

13. *Todos os que deste modo se exaltaram, vendo o bem, aprenderam a considerar a permanência aqui na Terra como uma calamidade. Eles julgam tudo o que é corpóreo e incorpóreo como rejeitável e se apressam com zelo para o uno e único.*

14. *Ó Tat, a manifestação da alma-espírito, a revelação das coisas divinas e a contemplação de Deus, são os dons da cratera, a divina talha.*

15. *Tat: também eu quero mergulhar nessa cratera, ó Pai!*

16. *Hermes: se primeiramente não odiares o teu corpo, meu filho, não poderás amar o teu verdadeiro ser. Mas se amares o teu verdadeiro ser possuirás a alma-espírito e, uma vez possuindo-a, participarás também de seu conhecimento vivente.*

17. *Tat: que queres dizer com isto, Pai?*

18. *Hermes: não podes, meu filho, prender-te às coisas materiais assim como às coisas divinas, porque, visto que existem dois estados de ser, o corpóreo e o incorpóreo, o mortal e o divino, terás de escolher entre esses dois, de modo bem refletido, porque não nos podemos prender a ambos. Uma vez que a escolha tenha sido feita, a diminuição do que foi rejeitado se prova na força ativa do que foi escolhido.*

19. *Desse modo, a boa escolha mostra a sua glória não somente pela divinização do homem que a fez, mas prova também a sua afeição e sua devoção a Deus.*

20. *A má escolha, ao contrário, leva à perdição do homem; ademais, ela é um pecado contra Deus. De tais homens pode-se dizer que se movem em cortejos no meio do caminho, incapazes de fazer algo por si mesmos, mas não sem impedir a marcha dos outros; assim também não fazem outra coisa senão perambular pelo mundo impulsionados pelos seus desejos corpóreos.*

21. *Sabe, pois, ó Tat, que os dons de Deus estiveram e*

sempre estarão à nossa disposição: incumbe a nós estar em guarda a fim de que aquilo que emana de nós lhes corresponda e que nisso não fique para trás, porque não é Deus a causa de nossas maldades, mas nós mesmos que as preferimos ao bem.

22. *Compreendes, meu filho, através de quantas situações veiculares, falanges de demônios, véus materiais e cursos estelares temos de passar, em nossa penosa ascensão ao uno e único?*
Porque o bem não é atingível através de um lugar facilmente transponível. É sem limites e sem fim e, mesmo em relação a si próprio, não tem fim, ainda que nos pareça que o bem teve o seu começo na Gnosis, a onisciência de Deus.

23. *A Gnosis não é o* começo *do bem, mas* nos *oferece o começo daquilo que precisamos para aprender a conhecer o bem.*

24. *Apossemo-nos, pois,* desse *começo e percorramos com rapidez tudo o que nos aguarda; porque em verdade é difícil abandonar o que para nós é tão familiar e tudo o que possuímos, para voltar às primeiras coisas, porque o visível dá alegria, enquanto o invisível desperta descrença e dúvida. Para o olho comum, portanto, o mal é bem conhecido e manifesto. O bem, ao contrário, é invisível, porque o bem não tem forma nem figura, é imutavelmente igual a si mesmo e, por isso, desigual a tudo o mais; eis por que o incorpóreo é invisível ao homem corpóreo.*

25. *Por todas essas razões o que permanece igual a si mesmo, o imutável, é superior ao mutável; e o mutável é pobre em comparação com o imutável.*

26. *A unidade, o um e indivisível, a origem e a raiz de todas as coisas é, como tal, presente em todas as coisas. Não há nada sem origem. A origem, porém, como ponto de partida de tudo o mais, tem sua origem somente em si mesma.*

27. *O número um, como a origem, inclui em si todos os outros números, sem que ele mesmo seja incluído em um deles. Ele gera todos os números, sem que ele mesmo seja gerado por qualquer outro número.*

28. *Tudo o que é gerado é imperfeito e divisível, pode aumentar e diminuir. O perfeito, porém, não é nada disso.*

29. *Visto que o que pode aumentar deriva o seu aumento da unidade, sucumbirá à sua própria fraqueza no momento em que não oferecer mais lugar à unidade.*

30. *Assim, ó Tat, exemplifiquei-te uma imagem de Deus, até onde isto foi possível. Se te aprofundares nisso íntima e minuciosamente, olhando-a com perseverança, com os olhos do teu coração, encontrarás, crê-me, meu filho, o caminho para o céu. Ou, ainda mais justo, a imagem mesma de Deus te conduzirá nesse caminho, porque a diretriz interior fundamentada nessa imagem tem* esta *característica: ela*

mantém presos em seu poder os que uma vez principiaram essa via de devoção e os atrai para cima, para si, assim como o ímã atrai o ferro.

XX

O PRÊMIO DA CORRIDA

O Sétimo Livro do *Corpus Hermeticum* é determinante para o ente humano que encalhou completamente na natureza dialética, que se tornou inteiramente consciente de que esta existência carece de perspectiva, que ela é desesperante; ente humano que demonstra, contudo, possuir suficiente força de tensão interior a fim de buscar, sincera e persistentemente uma saída, uma solução. Por isso, no Sétimo Livro esse homem é designado por Tat, isto é, aquele que é chamado à realeza, chamado ao superior, ao verdadeiro vir-a-ser humano. A esse ente humano é oferecida a cratera, o divino vaso de mistura, isto é, a taça, o Santo Graal. Estando esse homem preparado para beber da taça, então ele encontrará a solução que o seu coração anela e seu grande problema vital será solucionado.

Se podeis, caro leitor, identificar-vos suficientemente com esse homem, se vos encontrais interiormente nesse estado, então esse Sétimo Livro Hermético tem naturalmente muito a vos dizer, pois, ele expõe uma eterna verdade, que já há milhares de anos foi anunciada, e a expõe de uma maneira que para todos nós é sumamente

importante e pode atuar de maneira muito libertadora.

Procuremos compreender essa verdade; esse Sétimo Livro não dá unicamente uma descrição do Santo Graal, mas quer liberar, mediante o seu conteúdo, mediante o seu apelo, a força do Santo Graal, a força do sétimo raio do Espírito sétuplo.

Considera o demiurgo, visto que Ele criou inteiramente o mundo, não com as mãos, mas pelo verbo, como a presente e sempre imutável realidade, como o criador de todas as coisas, o uno e único, que, pela Sua vontade, criou tudo o que existe.

No Evangelho de João, lemos: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". Não deveis imaginar esse Verbo como resultante da atividade da laringe, como palavra proferida. Deveis considerar esse Verbo como sendo o próprio Logos: o Logos, que é exterior a tudo e que abarca tudo que existe.

O Verbo é, para nós, criaturas, o mais essencial da divindade. É a mais poderosa atividade criadora que dimana do Pai. Devemos ver essa atividade criadora como a direta expressão realizadora do poder pensante divino.

Nós, criaturas, consideramos algo e, partindo de uma idéia do nosso pensamento, muitas vezes chegamos à ação, porém, a força pensante de Deus é diretamente criadora, diretamente realizadora; portanto, ela executa a ação. Por isso diz o Salmo 33: "Ele falou e foi feito; ordenou e logo apareceu".

Por isso, também lemos: "Deus, o demiurgo, não fez o mundo com as mãos, mas o fez inteiramente pelo

verbo".

O pensamento humano, a atividade mental, não pode ser assim compreendido e refere-se a algo bem diferente. Quando constatamos isso não estamos apoucando nossa atividade pensante. Recebemos a nossa faculdade pensante para poder compreender algo e assim guiados, poder passar, de algum modo, à ação racional. Devemos ser muito gratos por isso. O homem é de fato um ente cujas partes componentes se completam, mas ainda não estão reunidas para formar o todo verdadeiro. A razão disso está no fato de nos faltar um elemento essencial.

Conhecemos uma atividade sentimental. Em decorrência dessa atividade, geralmente aparece uma atividade pensante e, depois, uma atividade volitiva. Mediante a fala, expressamos o que se desenvolve nos domínios do sentimento, do pensamento e da vontade. O resultado é, então, uma ação. Isto tudo diz respeito a atividades dentro das possibilidades humanas, que, às vezes, são bem-sucedidas, mas que também, muito freqüentemente, acarretam conseqüências profundamente deploráveis. Mas no Verbo, no Logos, todos esses aspectos, todas essas características agem sempre juntas em imediata unidade harmoniosa e se revelam num resultado absolutamente perfeito.

O Logos é um ser perfeitamente ilimitado, com o qual o ser humano não pode, de modo algum, ser comparado.

Pois o Verbo criador é verdadeiramente o seu corpo, o qual é intocável, invisível, incomensurável e indivisível, e que não se pode comparar a nenhum outro corpo, pois

Ele não é nem o fogo, nem a água, nem o ar, nem o alento, mas essas coisas e todas as outras provêm d'*Ele e* por *Ele. Sendo Ele o bem, não quis dedicar a si próprio essa oferenda e não quis ornar a Terra unicamente para Si; porém, enviou para baixo, como jóia desse corpo divino, o homem, criatura mortal de um ser imortal e, assim como a Terra ultrapassa as suas criaturas pela vida eterna, o homem ultrapassa as criaturas da Terra pelo intelecto e pelo Espírito.*

"O homem ultrapassa as criaturas da Terra pelo intelecto e pelo Espírito." Isso precisais reter bem: o homem recebeu a mente e o Espírito. A mente, para que cheguemos a reconhecer nosso estado de queda e aprendamos a conhecer, sob a ação da luz da Gnosis, a nossa vocação recebida de Deus; o Espírito ou Pimandro, para elevar-nos do estado animal ao verdadeiro estado humano, à verdadeira filiação divina. Demoremo-nos nesses dois aspectos do ser humano por excelência. O *homem*, assim diz Hermes, *tornou-se o contemplador das obras de Deus, prostrou-se maravilhado e aprendeu a conhecer o Criador.*

Sabeis que, efetivamente, a humanidade esteve cheia de admiração e religiosidade para com este mundo desde a sua fundação. A admiração dos homens dirige-se em todas as direções possíveis e impossíveis. Fala-se e escreve-se em relação a essa admiração e dela se dá contínuo testemunho. As filosofias que querem esclarecer a admiração e o mistério enfileiram-se ao longo dos séculos. Milhares são as experiências que objetivam reagir ao sentido da vida.

Por isso, vemos também, por um lado, no plano da natureza, manifestar-se o contentamento, a alegria, a gratidão e o prazer de viver. Pensai no autor flamengo Felix Timmermans, que teve tanto êxito especialmente no princípio deste século, o homem da insaciável alegria de viver, do fartar-se de comer e beber.

Por outro lado ouvimos, num tempo como o nosso, a linguagem da desilusão, a linguagem do desespero e não menos a linguagem do protesto, por exemplo, devido ao fato de existir algo como a morte e devido à grande variedade de flagelos que atingem a humanidade; surpresa para com o estado de miséria que a vida demonstra ser.

Por isso existe, em terceiro lugar, também a linguagem do compromisso, a linguagem da fuga do mundo, com a conhecida frase "após a morte tudo fica melhor", ou a linguagem da divisão da personalidade e a linguagem da cultura da personalidade: "Se vos cultivardes suficientemente, tudo ficará perfeitamente em ordem".

E, em quarto lugar, também conhecemos a linguagem da degeneração e a linguagem da desesperante verbosidade e parolice. Toda essa variedade, toda essa confusão de linguagens, que tão bem conhecemos, são outras tantas provas de uma atividade mental completamente obscurecida. A que circunstância se deve atribuir a culpa dessa imensa, dessa tão prejudicial e desesperante confusão de idéias? A esta pergunta Hermes dá uma resposta clara:

Deus concedeu a mente a todos os homens,
porém não o Espírito!

Como sabeis, não são todos os homens que possuem Pimandro, o Espírito. Por isso, todos aqueles que não possuem o Espírito ficam detidos no caos da admiração. Um homem nessas condições segue outro, e assim permanece a desesperante confusão de idéias do grande público. Que outra coisa pode ter um homem sem Pimandro senão tola admiração?

Por que, pode-se perguntar, Pimandro, o Espírito, é negado ao grosso da humanidade? Por que todos os homens não receberam o Espírito? Pimandro não é negado a nenhum homem! Pois é dito claramente:

Ele quis, meu filho, que a ligação com o espírito estivesse dentro do alcance de todas as almas, como prêmio da corrida.

Eis por que possuímos a lenda do paraíso de Deus! No meio da criação pura e primordial, no meio do paraíso de Deus, estava, como árvore da vida, o prêmio das almas: Pimandro, o Espírito santificador.

Vede bem a situação. O portador da centelha espiritual, o homem com a rosa do coração representa, como tal, a filiação divina em potencial, a unipolar capacidade, situada em estado latente no homem, para o despertar superior. Tão logo o portador da rosa, o qual é mortal segundo a sua natureza e imortal segundo a sua vocação, se reencontre na vida, deve, antes de tudo, estar nele a admiração: "Por que me encontro na existência, para quê aqui estou?!" A esse tom exclamativo segue-se a adoração, pois, ao "por que estou aqui nesta existência?!"

reage diretamente o átomo primordial, a rosa do coração. Uma radiação atravessa todo o ser, a voz fala.

E assim, surge a resposta na consciência: "Estás aqui nesta vida mortal para te tornares consciente de tua superior vocação por causa de Deus, para te tornares consciente do chamado da imortalidade e te entregares inteiramente a essa elevada vocação como alma da rosa, consagrando-se ao prêmio da corrida, ao prêmio das almas – Pimandro".

Então a negativa semente de Deus em nós encerrada, a semente-Jesus*, a rosa do coração, o átomo primordial, recebe o elemento positivo. Esse elemento parte para vós; o princípio Maria ou Ísis recebe então o Espírito Santo ou o princípio Osiris*, e assim nasce o filho da divindade.

Porém, todos aqueles que não conhecem a admiração diante da vida e negam o chamado da luz, continua Hermes,

estacaram nos limites da mente, porque não receberam a força do espírito e não sabem para que objetivo foram criados, e por Quem. As percepções desses homens, que se baseiam nos sentidos, são quase idênticas às dos animais irracionais; sendo uma mescla de paixões e ira e não tendo nenhuma admiração para o que merece contemplação e reflexão, eles se devotam às cobiças do corpo, pensando que para esse fim o homem foi criado.

Então surgem os erros e as confusões, as complicações, o fanatismo, a cristalização e o afundar-se na areia do deserto. Contudo, a elevada dádiva divina aguarda por todos os que afundaram e também por nós, se unica-

mente quisermos entregar-nos positiva e claramente à nossa única e superior vocação.

Devemos primeiramente fazer a limpeza, pois pertencemos àqueles que, nos primórdios, ficaram atolados na admiração e que não encontraram nenhuma razão para se entregarem à única vocação. Os séculos, como também os anos já passados de nossa vida, empilharam muitas cristalizações em nosso microcosmo; por isso, muito precisa ser modificado e demolido em nós.

Eis por que é necessário que, em primeiro lugar, levemos a alma ao renascimento. Por isso, a Jovem Gnosis também situa os seus alunos diante da tarefa de, como nascidos da natureza e carregados com o sedimento do passado, libertarem-se, antes de tudo, da pressão desse sedimento, libertarem-se dessa blindagem, desvencilharem-se dela e alcançarem o novo estado da alma.

Quando o conseguimos, quando conseguimos o estado perfeito da alma, então para nós também está presente o prêmio da alma perfeita. A alma paradisíaca dos primórdios tornou-se novamente digna de receber o prêmio das almas, o Espírito, a superior dádiva divina, Pimandro, o Santo Graal que no Sétimo Livro de Hermes está descrito como: o vaso de mistura.

Desse vaso, desse Santo Graal, falar-vos-emos agora.

XXI

A CRATERA, O SAGRADO VASO DE MISTURA

Como introdução, vamos transcrever alguns versículos do capítulo 5 da primeira Epístola de João:

"Quem é aquele que vence o mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus? Este é aquele que veio por água e por sangue. E o Espírito é o que testifica, porque o Espírito é a verdade. Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na Terra: o Espírito, a água e o sangue; e estes três são um".

E logo ao lado acrescentamos os versículos 6 e 8 do Sétimo Livro Hermético:

Deus quis, meu filho, que a ligação com o Espírito estivesse dentro do alcance de todas as almas, como prêmio da corrida. Ele enviou para baixo uma grande cratera, cheia de forças do Espírito e um mensageiro para anunciar aos corações dos homens a tarefa: mergulhai nesta cratera, vós almas que podeis fazê-lo; vós que crestes e confiastes em que ascendereis até Ele, que enviou para

baixo esse vaso de mistura; vós que sabeis para que objetivo fostes criados.

Uma cratera, na Antigüidade, era um vaso de mistura sob a forma de úma taça e que servia para misturar água e vinho. Quando na Escritura Sagrada se fala em misturar água e vinho, ou água e sangue, então semelhantes narrativas quase sempre dizem respeito ao perfeito autosacrifício daqueles que partem a serviço da grande obra salvadora.

A água ou o pão é então o símbolo das forças etéricas santas; o vinho ou o sangue, o das forças astrais santas, forças essas que são liberadas pelo sacrifício a serviço da libertação da humanidade. Pense-se, por exemplo, na narrativa bíblica das Bodas de Canã. E, quando um dos soldados perfurou com uma lança um dos flancos de Jesus, logo após a sua morte na cruz, correu sangue e água da ferida.

Quando também a Gnosis hermética nos mostra *"que Deus quis que a ligação com o Espírito estivesse ao alcance de todas as almas, como prêmio da corrida"* e fala da grande cratera, do celeste vaso de mistura para água e vinho, que Deus enviou para baixo repleto de forças do Espírito, a fim de que aqueles que nele mergulhem se purifiquem e retornem à glória de outrora, então com isso é descrito, em toda a magnificência, o trabalho da Fraternidade do Santo Graal.

O prêmio da corrida, o prêmio das almas é o mergulho, a purificação, o batismo no vaso de mistura de água, vinho e Espírito: o Santo Graal. É um poder concedido a todo o homem; ninguém é privado dele, porém, esse

poder só *pode* manifestar-se para e em um homem que dispõe de uma alma integralmente pura, porque a alma pura, a alma de valor integral, a alma renascida, cria, no santuário da cabeça e nos sete ventrículos cerebrais, um estado vibratório tal, permitindo que as radiações do Espírito sétuplo defluam positivamente na entidade humana e possam ligar-se com o princípio espiritual latente no ser humano, ligar-se com a rosa do coração.

Quando pensais nisso então podeis compreender, facilmente, porque em todos os tempos se tem falado de uma taça ou de um graal. É um recipiente, um vaso, do qual flui a água santa. A alma sedenta, a alma que se tornou íntegra, dessedenta-se nessa taça com água viva, a água viva do Novo Testamento.

A busca do Santo Graal está profundamente fixada no homem, como esclarece a quase interminável série de lendas sobre o Santo Graal, sobre e em torno do rei Artur e da Távola Redonda, pois o Graal é, para o homem nascido da natureza, o elo que falta, e a Fraternidade do Santo Graal também aparece nessa luz claramente em primeiro plano; pois o Graal é a realização!

A Rosacruz traz o conhecimento da senda. O unir-se em unidade de grupo*, para trilhar a senda, é ensinado pela Fraternidade dos Cátaros*, a Fraternidade dos Puros, porém a coroação da senda é o Graal. Eis por que antes, na fraternidade precedente, a última iniciação, a iniciação na gruta de Belém*, estava completamente ligada a esta festa de coroação. O candidato era ligado ao Graal. Ele bebia — não simbolicamente, mas realmente — da taça do Novo Testamento: ele contraía núpcias com seu Pimandro.

Assim compreendeis que a tríplice aliança da Luz deve cooperar de modo absoluto: graal, cátaros e cruz com rosas formam uma triunidade. Assim tem sido desde a criação do mundo, a fim de anunciar, a todas as almas que por isso se interessam, o Evangelho da Libertação, e auxiliá-las na senda. Por isso, consta nos versículos 8 e 9 do nosso texto:

Ele enviou para baixo uma grande cratera cheia de forças do Espírito e um mensageiro para anunciar aos corações dos homens a tarefa: mergulhai nesta cratera, vós almas que podeis fazê-lo; vós que crestes e confiastes em que ascendereis a Ele, que enviou para baixo esse vaso de mistura; vós que sabeis para que objetivo fostes criados. Todos os que atenderam a essa anunciação e foram purificados imergindo-se nas forças do Espírito, tiveram participação na Gnosis, o conhecimento vivente de Deus, e tornaram-se homens perfeitos por terem recebido o Espírito.

Trata-se, por conseguinte, de um duplo batismo; de um duplo batismo inevitável. Primeiramente, o mergulho, a purificação, o renascimento da alma; depois, o Graal! Queremos dirigir a vossa atenção especialmente para esse duplo batismo. A Bíblia também se refere, com detalhes, a esse duplo batismo, provando, desse modo, que muito desse sagrado livro foi extraído do *Corpus Hermeticum.* A Bíblia distingue o batismo da conversão, o voltar-se, e o batismo do Espírito Santo. E a humanidade, que ainda está totalmente na admiração, a admiração da qual já vos falamos, tornou-se assim completamente confusa.

O batismo nas igrejas e seitas tornou-se um ato puramente simbólico. Conhece-se o batismo dos prosélitos, quando então centenas de pessoas são batizadas simultaneamente; a seguir, o batismo do Espírito Santo, que é simbolicamente imitado na Santa Ceia. Contudo, a imitação simbólica não tem o mínimo sentido. Unicamente a arte é indicada para expressar simbolicamente, portanto, a seu próprio modo, o que a Escritura Sagrada ordena e diz. Assim, por efeito de uma manifestação de gosto artístico inspirada na verdade vivente, o homem pode ser atingido e apanhado em seu íntimo.

A nossa reserva para com o insignificante simbolismo moderno não diz respeito, naturalmente, à utilização do simbolismo pelos antigos, utilização fundamentada num conhecimento interior muito profundo. A fraternidade anterior, por exemplo, ainda não podia fazer nenhum uso da tipografia para levar impressa, para o público, a palavra escrita. Eis por que, para toda uma série de teses espirituais foi composta uma linguagem simbólica e rituais simbólicos, para que o homem que busca, enquanto ouvisse repetidamente, e visse e percebesse o sentido dessa simbologia, chegasse a um conhecimento mais profundo e a uma reação positiva.

Porém, quando se imita ignorante e impotentemente, sem conhecimento interior, por pura tradição religiosa, atos simbólicos, então semelhante conduta torna-se um desastre, e além disso ela é sumamente ridícula.

Por conseguinte, distinguimos — e para isto precisais prestar muita atenção — ao lado de atos simbólicos, também atos gnóstico-mágicos. Em múltiplos aspectos, o simbolismo vivente e a magia gnóstica assemelham-se,

porém, internamente, e depois nos resultados, certamente não se equivalem. Vamos tentar descrever-vos a atividade gnóstico-mágica.

Suponde que ingressais como aluno na Escola Espiritual e sois postos, como há pouco vos dissemos, diante da exigência do batismo da conversão, isto porque o Espírito Sétuplo Universal nada poderá fazer por vós, enquanto o estado da vossa alma não se tenha tornado absolutamente puro e íntegro. O batismo da conversão significa uma conversão *interior*, a qual deverá ser demonstrada pelo vosso estado de vida na vossa caminhada pela vida. Na dialética invertemos as coisas. Quando o nosso exterior está em ordem, quando o vestidinho ou o casaquinho são tão-somente bonitinhos e damos um bom aspecto ao nosso rosto, então consideramo-nos pessoas civilizadas. Compreendeis como isto é tolo; por conseguinte, a conversão interior é exigência, e a realidade dessa conversão se expressará por si mesma em vossa vida.

Então, se extraís perfeitamente as conseqüências do vosso discipulado, pode acontecer que, mediante atos mágico-gnósticos de irmãos e irmãs auxiliadores, seja no templo ou fora dele, transmitam-vos radiações gnósticas da alma, fixando-as em vós, e assim sois auxiliados a transpor certos pontos-mortos e dificuldades.

E quando o aluno, com o auxílio da Escola, preparou-se e dispôs-se completamente para o batismo do Santo Graal, vale então naturalmente a mesma lei: o merecimento promove o auxílio. E pode acontecer que, ao chegardes a esse estado de alma amadurecida, ainda estejam presentes alguns empecilhos biológicos, empe-

cilhos puramente físicos. Por exemplo, um órgão endócrino ainda não reage ou reage insuficientemente devido a uma debilidade hereditária ou por efeito de perturbação orgânica de caráter natural. Então, mediante ato mágico-gnóstico, esse empecilho pode ser neutralizado, porque, no decorrer dos séculos, sempre aparecem modificações no corpo racial, e os empecilhos geralmente não são os mesmos. As perturbações, os estorvos de 700 anos atrás foram completamente diferentes dos de hoje, e o auxílio gnóstico-mágico deve adaptar-se correspondentemente e não entrar em antigas práticas; deve procurar caminhos novos e eficientes. Desse modo, um ato aparentemente simples pode, às vezes, em tais casos, ter conseqüências notáveis.

Então precisais prestar atenção para o fato de vos falarmos de atos *gnóstico*-mágicos e não simplesmente de ações mágicas. As religiões protestantes e seitas, nesse assunto, decaíram do mágico-gnóstico para a ação simbólica totalmente superficial, tornando-se, assim, impotentes. Na melhor das hipóteses, possuem elas, por conseguinte, uma tarefa cultural e ética, mas, com muitas outras religiões e sociedades, não é esse o caso. Elas bem que aplicam, com seus ritos e ações simbólicas, a magia. Magia, bem entendido, inteiramente dedicada aos eões* das religiões ou aos eões* grupais, portanto, em benefício deles. E como a magia, continuamente empregada, influencia sempre e sem exceção a estrutura do corpo e da personalidade, então ficam alterados a secreção interna, o quadro sanguíneo, o fogo serpentino; sim, mesmo cada átomo.

Quando, pois, um homem se entrega, durante anos,

à semelhante magia, seja como receptor seja como emissor, ou também sob o duplo aspecto, torna-se ele portador, em cada átomo, da característica de semelhante magia e das correspondentes conseqüências, e jamais, ou só após longos e longos anos, esse homem escapará dessa assinatura. Deve estar claro para vós que a Escola tem esse homem continuamente em conta. De mais a mais, todas as fraternidades anteriores assim fizeram e, neste aspecto, foram mesmo mais radicais em seu proceder do que o é a Jovem Fraternidade Gnóstica. Mas a Jovem Fraternidade Gnóstica também sempre deve levar em conta todos esses fatores. Antes de tudo, porque ela é uma comunidade composta muito heterogeneamente.

Por que a Jovem Fraternidade Gnóstica deve levar em conta esse fato?

A resposta é evidente: porque os eões naturais, em seu impulso de autoconservação, tudo farão para impedir o desenvolvimento de uma gnosis. Por isso, eles enviam os seus escravos e escravas para todos os lugares, para realizarem missões. Hoje em dia isso, em algumas comunidades, é denominado apostolado leigo.

A Gnosis tem *um único* objetivo: deixar-vos beber da taça do Santo Graal e não deixar-vos afogar na taça deste ou daquele eão. Pode-se, então, perguntar: estão neste momento ativos no campo da Escola Espiritual escravos e escravas dos eões? Como se pode reconhecê-los, como se pode constatar suas intenções, e que devemos fazer para proteger a obra?

Poderíamos — considerando-se dialeticamente — responder minuciosamente a essas perguntas e dar-vos a conhecer a plena assinatura correspondente. Poderíamos

expor-vos isso, como estamos habituados a proceder nos casos em que se mostra essa necessidade, mas, que conseqüências teria, para vós, semelhante exposição? Ficaríeis fitando-vos reciprocamente com olhos de Argus, e não estaria excluída a possibilidade de que aqui ou ali um grupo se dissolvesse, e que na Escola se desenvolvesse um espetáculo polêmico com muitos prós e contras, muita crítica e grande tensão. As forças eônicas, que querem impedir a Gnosis em seu desenvolvimento, teriam, então, feito magnífico jogo; e justamente pela vossa tentativa de querer auxiliar a Escola. Além disso, de modo algum há necessidade de vos inquietar se unicamente derdes ouvidos ao versículo 9 do texto hermético:

Todos os que atenderam a essa anunciação e foram purificados imergindo-se nas forças do Espírito tiveram participação na Gnosis, o conhecimento vivente de Deus, e tornaram-se homens perfeitos por terem recebido o Espírito.

Esta é a receita! Não permitais que coisa alguma vos detenha em vossa focalização sobre o único objetivo, sobre a única missão. Estejamos completa e imutavelmente focalizados sobre o único objetivo. Enquanto isto não for feito, constatareis que sempre se tentará fazer-vos cair de novo, mediante toda a espécie de caminhos e mediante toda a espécie de meios, na incompreensão, na admiração reinante por todos os lados. Daí a receita: não vos deixeis reter por nada em vossa focalização sobre o único objetivo, sobre a única missão. Entregai-vos totalmente a esse objetivo, a essa missão. Essa é a melhor proteção.

O Sol brilha sobre bons e maus. Pode acontecer que maus – no sentido de inimigos do trabalho – possam ingressar na antecâmara ou nela já se encontrem. Isto, em si, não é difícil. Mas, onde todos, de igual modo, recebem a luz e a força da Gnosis e experimentam a sua atividade, ficará patente, pelos resultados, quem é mau e quem não é, quem busca fins secundários e quem não os busca. Que nenhum de vós se deixe reter, por mínimo que seja, por sugestões e influências dimanantes de opositores. Semear o medo, o temor e a preocupação, causar a inquietude e o pânico é um método conhecido, ao qual não deveis entregar-vos. Sede e permanecei positivamente orientados. Então nada, nada vos poderá estorvar.

Quando então entrais no mistério do Graal e podeis receber o batismo do fogo, ficais conhecendo imediatamente todos os opositores, todos os escravos e escravas do chamado apostolado leigo, escravos e escravas de dentro e de fora. E ficareis conhecendo-os melhor do que eles próprios se conhecem. Então, em cada circunstância, sabereis e fareis o que deveis fazer.

XXII

RECEBER O SANTO GRAAL

Todos os que atenderam a essa anunciação e foram purificados imergindo-se nas forças do Espírito tiveram participação na Gnosis, o conhecimento vivente de Deus, e tornaram-se homens perfeitos por terem recebido o Espírito.

O processo de conversão, de reversão, o grande processo do primeiro batismo é bem conhecido de todos vós. Dele muitas vezes foi tratado na Escola e considerado minuciosamente em nossa literatura. Esse primeiro batismo é a primeira grande tarefa do discipulado da Escola Espiritual.

Quem efetua essa reversão na força-luz da Gnosis, na força-luz da Corrente Gnóstica Universal, causa no sistema da sua personalidade uma transmutação, uma transmutação dos cinco fluidos da alma. Esses fluidos — e a eles já nos temos referido — determinam a composição e a natureza dos átomos, com os quais é construída a personalidade. Nessa transmutação a alma é purificada e renasce; um renascimento que principalmente influencia e transforma o santuário da cabeça e sua estrutura. A

conseqüência disso é que o ser se abre para a descida do Espírito Santo.

Em nosso conhecido Evangelho o início desse processo é designado pela expressão "receber o sinal do Filho do Homem"; uma alusão, portanto, às transformações que devem processar-se no santuário da cabeça, se queremos participar da descida do Espírito Santo.

Desse modo, o candidato prepara-se para o encontro com o seu Pimandro. Desse modo recebe a alma purificada, o prêmio da alma perfeita. Só quando o candidato verdadeiramente possuir Pimandro, ele será verdadeiramente homem, e ter-se-á elevado acima da condição animal. Somente então ele será um Manas, isto é, um pensador, um pensador em sentido divino-realizador.

Que vem a ser efetivamente Pimandro ou o Nous ou o Espírito Santo? Pode-se definir esse Espírito ao revelar-se?

Sim, é possível. Para tanto valem para vós os seguintes esclarecimentos.

Do Logos partem, como é possível que saibais, sete raios, sete ações, sete imensas correntes de força, que movimentam o universo. Como base do universo está a substância original, e ela e a totalidade da vida que desperta dessa substância são movimentadas pelas sete correntes, pelos sete raios, pelos sete senhores do destino, tal como os denomina a rosacruz clássica. Todas as atividades biológicas na totalidade da natureza, também aí compreendida a inteira vida animal, se explicam pelas atividades desses sete raios.

Tudo o que acontece no inteiro universo dialético,

tudo o que se move e se desenvolve – indiferentemente onde e quando – está submetido a um plano. Tudo é despertado e de novo triturado, tudo ascende e tudo declina, e assim também o reino hominal, que, com exceção do intelecto, em nada se diferencia do reino animal; tudo, mas tudo está submetido a um plano. Esse plano tenciona despertar na total vida biológica a possibilidade para um novo desenvolvimento. Quando esse propósito não tem bom êxito, ou ainda não pode tê-lo, a criatura, num certo momento, desmorona, para mais tarde novamente despertar do seio do nascimento da eternidade universal e receber uma nova possibilidade.

O plano do Logos e seu Espírito sétuplo relaciona-se, pois, com o despertar de uma nova possibilidade em todos nós. Não havendo bom êxito nesse fato, perecemos. Então somos alcançados pela lei: "Do pó vieste, ao pó voltarás". Então permanecemos ligados às operações da roda da natureza e da morte.

O ritmo, a periodicidade dos dias e das noites cósmicas, o fluxo e o refluxo no universo, tudo isto é regulado e realizado mediante os sete raios do Logos. Bem entendido, os sete raios têm, pois, uma ação libertadora sobre a criatura. Se esse processo de libertação não tem êxito, então a criatura se desnatura: "És pó, e ao pó retornarás". O homem-animal, o homem natural está organizado de tal modo que ele *pode* ser liberado, *pode* reagir positivamente aos sete raios, de maneira a se tornar desnecessária a desnaturação, a morte. Este é o prêmio da alma perfeita: a vitória sobre a morte. O salário da perfeita vitória da alma, o salário do vir a ser alma perfeita é o livrar-se da morte.

Quando a alma se purifica e se regenera, quando nasce e assim é realizada a transmutação da personalidade, realizada em sintonia com o nascimento da alma, estará o homem-alma, como é evidente, de modo totalmente diferente diante dos sete raios do Logos. A alma perfeita acolhe então os sete raios de modo totalmente outro no sistema.

Tão logo procurais com a luz gnóstica entrar na senda, desenvolve-se em vosso estado de nascido da natureza, no corpo que agora possuís, uma transmutação, uma transformação molecular que se caracteriza principalmente no tocante aos santuários* do coração e da cabeça. A totalidade do santuário* da cabeça fica preparada para um positivo recebimento do Espírito sétuplo. Logo que a alma nasce penetram nos sete ventrículos cerebrais as sete correntes do Espírito sétuplo. Torna-se, pois, claro que a alma perfeita acolhe os sete raios de maneira completamente diferente da do homem comum da natureza.

Quando as radiações do Espírito Sétuplo defluem, encontram elas no coração o átomo original, a rosa. Na rosa está a imagem do verdadeiro vir-a-ser humano, o princípio espiritual latente em nós. Quando, pois, os raios do Espírito sétuplo tocam o ser humano em sua alma renascida, a rosa desperta para a vida. A imagem que está no átomo original é uma estrutura de linhas de força, a imagem do superior, do verdadeiro vir-a-ser humano. Se levais em vós um plano relacionado com um ou outro objetivo, esse plano também tem em vossa corporeidade astral uma estrutura de linhas de força. E quando se vos diz "fale-nos a respeito de seu plano", então dirigis o

vosso olhar como que para o vosso interior e olhais para a estrutura de linhas de força e dais testemunho do vosso plano. Seguis todas essas linhas de força e o quadro se torna visível para os vossos ouvintes.

Assim também acontece com o átomo original, com a rosa do coração. Nela está a imagem do verdadeiro vir-a-ser humano. E essa imagem só pode entrar em atividade e ressurgir quando o Espírito sétuplo puder manifestar-se em nós, descer em nós mediante a alma que se tornou madura.

As radiações do Espírito sétuplo, que atuam sobre os sete ventrículos cerebrais, configuram assim o Pimandro, quando vemos essa atividade a partir do santuário da cabeça. E essas radiações configuram o Nous, a estrutura de linhas de força do verdadeiro vir-a-ser humano quando dirigimos a nossa atenção particularmente para o santuário do coração. É a figura do novo ente humano, o Nous ou o Pimandro do Espírito criador. E esse homem, esse homem pimândrico, essa estrutura de linhas de força que está diante de nós, que está em nós e nos impele para cima, do animalismo para o mundo do estado de alma vivente, coloca o microcosmo em uma nova realidade de vida e sob uma nova lei. E aqueles que desse modo foram batizados e purificados nas forças do Espírito, conseguem a perfeita condição humana e participam da Gnosis, o conhecimento vivente de Deus. Isto significa: eles alcançam um novo estado de consciência no conhecimento que é uma faculdade absoluta.

Nosso conhecimento dialético é igualmente a conseqüência de uma faculdade. Temos em nossa condição dialética, em nossa condição animal, a faculdade do

pensar, e deste modo chegamos mais ou menos ao conhecimento, um conhecimento muito deficiente, muito relativo. Mas, quando a condição pimândrica toma posse de nós, então o conhecimento absoluto se nos torna num poder. Então não chegamos ao conhecimento através de um adestramento intelectual, mas o conhecimento torna-se parte absoluta, estável do nosso ser.

Eis como Hermes nos descreve a atitude contrária:

Todos, porém, que pecaram contra a anunciação, por não darem ouvidos a ela, estacaram nos limites da mente, porque não receberam a força do Espírito e não sabem para que objetivo foram criados, e por Quem.

As percepções desses homens que se baseiam nos sentidos são quase idênticas às dos animais irracionais; sendo uma mescla de paixões e ira, e não tendo nenhuma admiração para o que merece contemplação e reflexão, eles se devotam às cobiças do corpo, pensando que para esse fim, o homem foi criado.

Aqueles, porém, que obtiveram participação no dom de Deus, deixaram de ser mortais, como mostram as suas obras, e tornaram-se homens divinos, envolvendo com sua alma-espírito tudo o que se encontra na Terra e no céu, e talvez acima do céu.

Todos os que deste modo se exaltaram, vendo o bem, aprenderam a considerar a permanência aqui na Terra como uma calamidade. Eles julgam tudo o que é corpóreo e incorpóreo como rejeitável e se apressam com zelo para o uno e único.

Quando do Espírito Santo e pelo Espírito Santo se

efetivou a nova condição e o candidato está ligado ao seu Pimandro, então ele, o candidato, ingressa num estado de vida completamente novo. Pois, estado de consciência é estado de vida!

Quando os sete raios do Logos tocam de maneira tão positiva os sete ventrículos cerebrais, penetrando-os com base na alma purificada, e Osiris encontra Ísis, isto é, o Espírito encontra a Alma, resulta desse encontro o filho da eterna plenitude, o novo estado de consciência; um estado que embora se encontre no mundo, não é mais do mundo. Esse processo, que agora vos estamos descrevendo, esse processo do vir-a-ser e da revelação do homem pimândrico, realiza-se na forma comum do nascimento da natureza. Em razão de sua corporeidade provinda da natureza, o referido homem ainda está *no* mundo, mas em razão de sua condição pimândrica ele já não é mais *do* mundo.

Quando o homem dialético está frouxamente assentado em seu veículo e, conseqüentemente, sua personalidade pode facilmente dividir-se, semelhante homem encontra-se — freqüentemente nos momentos mais impróprios — mais na esfera refletora do que na esfera* material da dialética. Ele olha, então, para a vida da esfera material que muitas vezes se lhe aparece tão irreal. Esta situação também acontece, como é possível que seja do vosso conhecimento, na passagem do estado de vigília para o de sono.

Quando pessoas possuem de modo marcado semelhantes qualidades sensitivas (ocorrendo estas divisões da alma principalmente em mulheres), e pela primeira vez tomam conhecimento da senda gnóstica, ou se lançam

nessa senda com o eu natural, essas pessoas se fazem freqüentemente culpadas de cometer o erro crasso de pensar que o seu estado de ser já é a condição pimândrica. Então essas pessoas chegam a toda a espécie de conclusões, ações e atitudes que são extremamente lastimáveis. Compreendeis que esse é um estado sumamente perigoso e complicado da eu-centralização.

Tomamos esse fato como exemplo para esclarecer-vos a respeito do seguinte: quando o estado de ser pimândrico é por alguém alcançado, esse estado de ser implica igualmente em muitas dificuldades e pode ser considerado como muito distante da perfeição. Pois, o candidato não ingressa nessa fase com uma personalidade transfigurada, mas com uma personalidade *transmutada*; com uma personalidade nascida da natureza e submetida a algumas transformações.

A transmutação sempre antecede a transfiguração. *Neste* momento o aluno ainda não possui a nova personalidade, a nova personalidade que deve provir totalmente do mundo do estado de alma-vivente, a sexta região cósmica. Esta personalidade deve ainda revelar-se, ainda deve-se formar. Só está presente uma nova alma, uma veste áurea de bodas envolvendo a velha personalidade. A descida do ser-Espírito realizou-se, por conseguinte o noivo encontra a noiva, e assim pode ter início as Bodas* Alquímicas de nosso Pai, irmão C.R.C., a transfiguração.

Suponde estardes nesse estado. O Espírito fez o seu ingresso; Pimandro e a Alma *unificaram-se.* O recém-nascido homem-Alma sente-se liberto. Sua consciência abarca os sete raios, e ele tem o poder de elevar-se ao universo acima dos sete raios e descer para onde sua cons-

ciência o quer conduzir. Ele se sabe imortal. Ele vivencia a imortalidade. Ele abrange e conhece existencialmente com o seu Nous, sua Alma-Espírito, tudo o que está sobre a Terra, no céu e acima do céu. Ele penetra o glorioso, o sumamente magnificente plano da sublime divindade. Pois, esse plano é lido em todas as coisas por semelhante liberto. Ele, pois, contempla o bem, o bem único e autônomo.

Mas nesse estado ele se sabe, não obstante, ligado a uma personalidade nascida da natureza. Ele sempre se reencontra na natureza da morte; se reencontra numa tão ilimitada confusão social, tão tola e assustadora que para ele é como se fora um covil de serpentes. E assim — e como poderia ser de outra maneira — ele considera sua permanência na natureza da morte como um golpe do destino. Por isso ele rejeita completamente, de modo decisivo e fundamental, de uma maneira como jamais, a horrível realidade. Disso ele extrai todas as conseqüências para elevar-se ao uno e único.

Compreendeis que a *renúncia às coisas corpóreas e incorpóreas* se relaciona aqui à esfera material e à esfera refletora da dialética. Todo este fausto de falso brilho da dialética torna-se para o irmão e a irmã libertos um nada absoluto.

Mas, nesse descrito estado da maior magnificência, como uma sombra projetada ao lado nessa assustadora experiência da miséria, experiência essa que na maioria das vezes precisa ser vivida num corpo muito fraco, o irmão ou a irmã recebeu o Santo Graal. Pois o Graal é a efusão do Espírito sétuplo no santuário da cabeça, e, em conseqüência, o toque do Nous.

O Graal nos concede um despertar na nova manhã, mas ao mesmo tempo ele nos concede uma visão na insondável noite negra. E por trás disso oculta-se naturalmente uma intenção. Neste estado de não mais ser do mundo, mas apesar disso estar no mundo (e como!), pode o referido irmão ou irmã ser ativo em dois campos, servir o Logos em dois campos. No mundo do estado de alma vivente, nas regiões da Cabeça Áurea, e também na natureza da morte pode semelhante homem ser serviçal de maneira totalmente diferente. E assim ele o faz e comprova.

Vede, este é, pois, o Santo Graal. Esta é a divina taça. Por um lado, libertação; por outro, serviçabilidade. Poder-se servir por efeito de ser-se liberto e tornar-se liberto por efeito de prestação de trabalho. Por um lado, experimentar um novo sofrimento, ingressar em uma nova condição de sofrimento; por outro, imensa sublimidade, grande glorificação.

Por um lado, o pedido: "Pai, se for possível, que este cálice se afaste de mim"; por outro, "mas que seja feita a Tua vontade e não a minha", esvaziando-se a taça até a última gota.

A confirmação do caminho da cruz até a manhã da ressurreição; e após esta última retornar voluntariamente, sem queixumes. Esse, irmãos e irmãs, é o Santo Graal.

Liberdade, o prêmio do liberto, sempre resulta do sacrifício e pelo sacrifício.

XXIII

A SENDA E A OBLAÇÃO

No capítulo XXII tratamos de como, após o batismo de fogo, deve o Santo Graal ser aceito e realizado pela oblação. Verdadeiramente, um caminho sacrificial inteiramente novo, pois ele diz respeito à oblação, à grande auto-oblação do homem liberto em favor da natureza da morte.

Então vem o lamento do coração de Tat: *Também eu quero mergulhar nessa cratera, ó Pai!* Esse desejo de Tat talvez também seja vosso, se sois alunos da Escola Espiritual. Por qual outra razão iríeis expor-vos ao discipulado?

A resposta de Hermes à pergunta de Tat diz que Tat igualmente precisará começar com uma oblação. A senda começa e finaliza com a oblação. A oblação que Tat deve levar a cabo é a do eu da natureza; eu da natureza que outra coisa não é senão o eu do corpo:

Se primeiramente não odiares o teu corpo, meu filho, não poderás amar teu verdadeiro ser. Mas se amares o teu verdadeiro ser, possuirás a Alma-Espírito; e uma vez possuindo-a, participarás também *de seu conhecimento*

vivente.

Agora, talvez, vedes diante de vós algo da senda. A senda tem início com a oblação de baixo para cima e finaliza com a oblação de cima para baixo. A primeira é a auto-oblação dialética; a segunda é a auto-oblação celeste e ambas devem e podem ser levadas a cabo unicamente mediante o amor. A auto-rendição, acerca da qual a Escola dos Mistérios fala continuamente aos seus alunos, só pode ser realizada mediante imenso amor pela vida libertadora e por um discernimento que se ajusta a esse imenso amor, de modo que a chave para a nova vida está oculta no próprio ser, isto é, a nova vida é a recompensa de um estado de alma perfeito.

Muitos acham que a senda da Gnosis é altamente interessante e muito desejável porque todos os caminhos já trilhados tiveram resultados negativos, e todos os resultados não eliminaram a miséria da natureza da morte. Mas interesse e desejo não nos levam adiante, por pouco que seja, na senda da libertação. Pois todo esse interesse e todo esse desejo são expressões do eu da natureza, do eu do corpo, o qual, estando no atoleiro, busca uma solução. No fundo, porém, considera-se a auto-rendição, a renúncia ao eu como a máxima desgraça, a mais espantosa infelicidade e o acontecimento mais estranho. Quando a Escritura Sagrada declara "quem quiser perder sua vida por amor a mim, esse a encontrará", considera-se isso como um dito de máxima esquisitice jamais dirigido ao homem nascido da natureza.

Vede, fala-se muito entre os alunos da Escola sobre "auto-rendição", e expressões como "livrar-se do eu",

"extinção do eu" são utilizadas nas conversas com muita leviandade. Mas, amigos, justamente isso é o que de mais difícil se pode exigir do homem nascido da natureza! Se quereis seguir pela senda da Gnosis, sois postos de repente diante do mais difícil. E a palavra, a tão estranha palavra para o homem nascido da natureza, só pode ser compreendida mediante o amor. O amor está preparado para a oblação; só o amor é bastante grande para toda a oblação que deve acontecer. Nesse caso, a oblação torna-se uma evidência, um não se pode fazer outra coisa. Então o sacrifício se nos torna leve e atua sempre de maneira libertadora.

É sempre o amor que determina a nossa orientação. O que se ama não se esquece, quer de dia quer de noite. Considerai, vós mesmos, sob essa luz, o fato de tantos alunos muitas vezes esquecerem completamente as mais elementares normas da senda. Nos momentos em que delas necessitam, muitas vezes nos momentos mais importantes da vida, eles as esquecem.

Por que isso?

Eles mostram que ainda não possuem o amor pela senda, ou ainda não o possuem o bastante, e que reprimem completamente a possibilidade do desenvolvimento de semelhante amor por efeito de uma falsa interpretação da vida. Pois, que fazem tais alunos? Procuram seguir as normas elementares da Escola com o eu da natureza. Eles ouvem e lêem o que a senda deles exige e querem satisfazer essas exigências com o eu da natureza.

Daí, o resultado, sem nenhuma exceção, é o aparecimento de grandes tensões no próprio ser. O que é reprimido suscita tensões que precisam, num determinado

momento, descarregar-se como um temporal. Quando os arrebatamentos do eu da natureza se assemelham à erupção vulcânica, então eles indicam, aparentemente, uma eu-centralização dura como pedra, e a causa deve ser buscada no fato de que o verdadeiro amor à senda ainda não despertou, não obstante se tenha feito todo o possível para trilhá-la com o eu.

Quando alguém tenta pôr os pés na senda com o ser natural e procura assim ser um aluno sério, isso não representa nenhuma auto-rendição, porém auto-repressão. E a auto-repressão vinga-se a seu tempo. Em decorrência disso, coisas estranhas surgem na vida da referida pessoa: num certo momento, tudo vai bem; no momento seguinte, tudo parece abaixo de toda a consideração. Acerca disso, diz Hermes a Tat, no versículo 18 do Sétimo Livro:

Não podes, meu filho, prender-te às coisas materiais assim como às coisas divinas; nem ao corpóreo e nem ao incorpóreo, nem ao mortal e nem ao divino. *Terás de escolher entre esses dois, de modo bem refletido; porque não nos podemos prender a ambos.*

Mas, feita a escolha, então é preciso também extrair plenamente todas as conseqüências. Servir a ambos ao mesmo tempo é completamente impossível. Eis por que, no Sermão do Monte, é dito: "Não se pode servir a Deus e a Mamon". Devemos, pois, escolher. *Então*

a diminuição do que foi rejeitado se prova na força ativa do que foi escolhido. Desse modo a boa escolha mostra a sua glória pela divinização do homem que a fez.

Mas eis que surge um problema, apresentado de múltiplas maneiras por muitos alunos no decorrer dos anos: "Como saber se amo suficientemente a senda? Como saber se algum dia não estarei frente a um amargo equívoco? Que devo fazer nesta ou naquela situação?" A resposta de Hermes diz: *A boa escolha* prova *também a sua afeição e sua devoção a Deus.*

Quem de maneira espontânea, em amorosa entrega se dá à Gnosis e à senda, verá sempre à sua frente, como num clarão, o modo como a senda deve ser trilhada. Aquele que atenta para isso, receberá contínuas instruções e em nada se enganará ou fraquejará.

A má escolha, ao contrário, leva à perdição do homem; ademais ela é um pecado contra Deus. De tais homens pode-se dizer que se movem em cortejos no meio do caminho, incapazes de fazer algo por si mesmos, mas não sem impedir a marcha dos outros; assim também não fazem outra coisa senão deambular pelo mundo impulsionados pelos seus desejos corpóreos. Sabe pois, ó Tat, que os dons de Deus estiveram e sempre estarão à nossa disposição; incumbe à nós estar em guarda a fim de que aquilo que emana de nós lhes corresponda, e que nisso não fique para trás, porque não é Deus a causa de nossas maldades, mas nós mesmos que as preferimos ao bem.

Ouvi, pois, o conselho de Hermes:

O bem não é atingível através de um lugar facilmente transponível. É sem limites e sem fim, e mesmo em relação a si próprio não tem fim, ainda que nos pareça que

o bem teve o seu começo na Gnosis, a onisciência de Deus.

A Gnosis não é o começo *do bem, mas* nos *oferece o começo daquilo que precisamos para aprender a conhecer o bem.*

Apossemo-nos, pois, desse começo e percorramos com rapidez tudo o que nos aguarda.

Por que com rapidez? Porque em verdade é difícil abandonar o que para nós é tão familiar, e tudo o que possuímos, para voltar às primeiras coisas.

No tocante a isso não há exceção, pois:

O visível dá alegria, enquanto o invisível desperta descrença e dúvida. Para o olho comum, portanto, o mal é bem conhecido e manifesto. O bem, ao contrário, é invisível. Porque o bem não tem forma nem figura, é imutavelmente igual a si mesmo e, por isso, desigual a tudo o mais; eis por que o incorpóreo é invisível ao homem corpóreo.

Por todas essas razões o que permanece igual a si mesmo, o imutável, é superior ao mutável; e o mutável é pobre em comparação com o imutável.

Portanto, se sentis em vosso coração amor à Gnosis, amor à senda, se despertastes esse amor, *apossai-vos, então, desse começo e percorrei com rapidez tudo o que vos aguarda.* Se quereis aceitar esta receita, precisais ainda considerar especialmente o significado do versículo 22:

Compreendes, meu filho, através de quantas situações

veiculares, falanges de demônios, véus materiais e cursos estelares temos de passar em nossa penosa ascensão ao uno e único?

Hermes aponta-nos aqui, com essas poucas palavras, para o imensurável caminho que se estende diante de nós após nossa definitiva conversão à Luz. Segundo os curtos padrões humanos, nas expressões da ordem temporal, esse caminho é quase interminável. Mas, na luz da Gnosis, na consciência da eternidade, esse caminho é uma ascensão resplandecente na realidade da vida libertadora. Numa transfiguração que sempre progride, numa contínua elevação à vida em pureza, luz e poder divinos, eleva-se o homem pimândrico através de todos os estados da matéria enquanto se manifesta em veículos cada vez mais sutis, mais finos e sensíveis. E nessa ascensão de glorificação, ao longo do caminho das estrelas, ele ultrapassa todas as influências eônicas, influências que outrora — e por tão longo tempo — mantinham-no aprisionado.

Longo, muito longo é esse caminho de volta à unidade, de volta através das sete regiões cósmicas até a mais elevada esfera de calor. Mas é uma ascensão de força em força, de magnificência em magnificência, o caminho de uma vida verdadeiramente livre de sofrimentos; na bem-aventurança da restabelecida perfeita harmonia com o Pai universal; na mais elevada e absoluta serviçabilidade, como verdadeiro filho de Deus, que em harmonia com sua vocação cumpre em jubilante espontaneidade a vontade do Pai para o bem da inteira criação e para a glorificação do nome de seu criador.

Quem reconhecer interiormente a imagem do cami-

nho de desenvolvimento humano intencionado por Deus, como uma realidade despertadora da vida, inserirá em sua vida, com grande alegriá e gratidão, a libertadora palavra crística:

"Quem quiser perder sua vida decaída por amor à Gnosis, encontrará na Gnosis e mediante Ela sua ascensão até a unidade da vida".

XXIV

RETORNO À UNIDADE

O Sétimo Livro do *Corpus Hermeticum* vos foi apresentado no sétimo mês do ano jupiteriano (1) da Jovem Gnosis. E assim, a filosofia da Arquignosis apresenta-se no ainda tão jovem corpo vivo da Escola, com inexprimíveis conseqüências, pois o quadro que se vos mostra tem – e o Sétimo Livro também o testifica – a especial qualidade de prender em seu poder aqueles que nele se aprofundam cuidadosamente e o consideram assiduamente com os olhos do coração e de os atrair como o ímã atrai o ferro.

Tencionamos mostrar-vos claramente que, se acolhestes as palavras precedentes com um coração aberto à luz gnóstica, fostes novamente ligados com as obras de salvação da Gnosis universal, a qual, sem dúvida – segun-

(1) As alocuções desenvolvidas nesta obra foram pronunciadas em 1957, ano jupiteriano simbolizado pelo número 3 (5+7=12; 1+2=3) o que significa que, no decorrer desse ano, a atividade do Espírito Santo sétuplo apossou-se do nosso mundo e da humanidade de maneira sempre mais forte, para uma ressurreição ou para uma queda.

do vossas ulteriores reações para uma ascensão ou para uma queda — executará em vós o seu trabalho. A intenção é, naturalmente, ligar-vos indissoluvelmente com a grande meta da Gnosis.

Por isso é bom, se realmente sois um Tat, que vos aprofundeis cuidadosamente em tudo isso e o absorvais persistentemente com os olhos do coração, pois, no coração, deve começar a grande obra. Nele deve despertar o amor à senda, nele deve o botão de rosa desenvolver suas pétalas. Quem assim inicia e persevera até o fim, é seguramente guiado no caminho que conduz ao céu.

Se verdadeiramente viveis desse único início, entrais diretamente na unidade que é Deus. Este é um grande mistério que Hermes, por fim, ainda vos quer fazer entender e ao qual ainda retornaremos nos próximos capítulos; retornar à unidade, à unidade de Deus, unidade com todas as suas conseqüências. Agora queremos ainda tentar dar-vos de modo sucinto um quadro dessa unidade. Para tanto é necessário que deixeis penetrar bem em vós o significado do versículo 26: *A unidade, o um e indivisível, a origem e a raiz de todas as coisas é, como tal, presente em todas as coisas.*

A unidade de Deus é a existência divina, a manifestação divina em seu Espírito sétuplo. A unidade é onipresente. Não existe lugar no inteiro espaço que não esteja presente a unidade. Eis por que, aquele que se apressa para obter o prêmio da alma perfeita, entra indubitavelmente na unidade e dela participa. A unidade, o tornar-se uno com o Logos é, então, para o candidato, o início que não tem fim.

Sentis que isso é um início completamente novo, um

início absolutamente diferente de todo o outro início? E para poder encetar esse único e poderoso início que é a eternidade, foi que nascestes. Para isso, recebestes vossa corporeidade da ordem de emergência, pois o vosso nascimento natural, a vossa forma da ordem de emergência, também se explica pelo Espírito sétuplo, tal como já vos expusemos várias vezes. Quando essa forma natural nasce, quando a personalidade se torna madura, segundo os objetivos do plano, então, num determinado momento, o que vive nessa forma da ordem de emergência deve começar a retornar à primordial unidade divina.

Esse fato está na base de vossa inteira vida! Viestes aqui para, no momento justo, tomardes a iniciativa no sentido de pôr em prática o vosso regresso à origem primordial. Se não o fizerdes, se não retornardes a essa origem, não podereis oferecer lugar algum em vós à unidade e ireis a pique em vossa própria fraqueza. A morte é, então, a conseqüência da má escolha.

A unidade, a unidade de Deus é o começo de tudo e de todos. Tão logo crescerdes e vos tornardes maduros pela ação da bênção da unidade divina, retornareis conscientemente ao princípio, e esse princípio já não terá para vós nenhum ponto final. Esse princípio sem fim, esse princípio do "fio de Ariadne", que todos vós podeis agarrar, é o começo da clássica alquimia dos rosacruzes.

Ele ensina um progredir de magnificência em magnificência na transfiguração, visto que, como imperfeitos, ingressastes na perfeição do ser absoluto, da absoluta unidade. Quem, desse modo, como pobre, mergulhar na unidade do Espírito sétuplo, será salvo. A senda para tanto — e a mostramos para vós — é o amor e a oblação total.

Quem, através desses dois princípios e de tudo que eles encerram, retorna à unidade divina, entra na eternidade e triunfa sobre a morte. Quem puder compreender que compreenda.

XXV

A UNIDADE (I)

A unidade, o um e indivisível, a origem e a raiz de todas as coisas é, como tal, presente em todas as coisas.

Não há nada sem origem. A origem, porém, como ponto de partida de tudo o mais, tem a sua origem somente em si mesma. O número um, como a origem, inclui em si todos os outros números, sem que ele mesmo seja incluído em um deles.

Ele gera todos os números, sem que ele mesmo seja gerado por qualquer outro número.

Tudo que é gerado é imperfeito e divisível, pode aumentar e diminuir. O perfeito, porém, não é nada disso. Visto que o que pode aumentar deriva o seu aumento da unidade, sucumbirá à sua própria fraqueza no momento em que não oferecer mais lugar à unidade.

Assim, ó Tat, exemplifiquei-te uma imagem de Deus, até onde isto foi possível. Se te aprofundares nisso íntima e minuciosamente, olhando-a com perseverança, com os olhos do teu coração, encontrarás, crê-me, meu filho, o caminho para o céu. Ou, ainda mais justo, a imagem mesma de Deus te conduzirá nesse caminho, porque a diretriz interior fundamentada nessa imagem tem esta

característica: ela mantém presos em seu poder os que uma vez principiaram essa via de devoção e os atrai para cima, para si, assim como o ímã atrai o ferro.

Em nossa anterior exposição tivemos de vos falar minuciosamente acerca do Sétimo Livro do *Corpus Hermeticum*. Quão minuciosa possa ter sido essa exposição, ainda assim é necessária uma outra ainda mais minuciosa para se poder compreender a mensagem de libertação, a grande narrativa de salvação de Hermes Trismegisto. Por isso, chamamos a vossa atenção especialmente sobre os há pouco citados cinco versículos finais do Sétimo Livro de Hermes, pois neles está encerrado o segredo da vitória sobre a morte.

Como vencemos a morte?

Esta é a pergunta com a qual agora queremo-nos ocupar. É uma pergunta que, sem dúvida, é de maior interesse para o verdadeiro buscador, pois nenhum de vós — e falamos francamente — dá grande importância a esse lívido fantasma diante do qual, por fim, todos se vêem postos. O homem nascido da natureza é levado a lutar até o último segundo com todas as suas forças, aplicando todos os meios possíveis e impossíveis contra o inevitável. Existem relativamente poucos que saúdam a morte como se fora um amigo. A desgraça e o sofrimento, as aflições do corpo precisam ser bem grandes antes que se deseje o fim, antes que se saúde o fim com um alegre sorriso.

Para o homem-animal, isto é, para o homem nascido da natureza, a morte é grande realidade, é um fato científico inegável, porém devemos logo acrescentar que a

morte, para o homem renascido, é unicamente uma ilusão e, neste sentido, igualmente um fato científico. Para o homem que se tornou novo, a morte está totalmente excluída, é um conceito que pode ser eliminado do dicionário.

Existe, como deveis saber, extensa literatura de natureza metafísica ou oculta e também a chamada literatura religiosa. Essa literatura dirige-se ao homem-eu, ao homem nascido da natureza de todo o tipo e classe com a mensagem (uma mensagem que é dada em todos os tons e adornada de todas as maneiras possíveis e impossíveis): "Não vos preocupeis. A morte é tão-somente uma transformação". Quantas vezes já não lestes: "A morte é tão-somente uma transformação. Morrer é nascer em outros arredores e já agora podeis agir sobre eles e com antecedência influenciá-los". Podeis, se assim podemos expressar-nos, comprar já agora a garantia no tocante a esses arredores, se fizerdes isto ou abandonardes aquilo. E "isto ou aquilo" baseia-se numa teologia moral ou sobre práticas esotéricas, ou simplesmente numa auto-sugestão psicológica, pela qual o eu é levado ao bem aventurado êxtase do "eu sou".

Mas é possível que saibais, como alunos da Escola Espiritual, que tudo isso diz respeito a uma mistificação, a um grande engano! Pois, para o homem-eu, para o homem nascido da natureza, a morte é tão completa que nada, absolutamente nada, resta senão um absoluto esvaziamento do microcosmo.

Por isso precisamos, ao início desta exposição, dirigir séria advertência a todos vós. Se aceitardes com o vosso eu o que agora vamos transmitir-vos, a propósito

da filosofia hermética, se o compreenderdes como destinado a ele, então tudo isso se transformará numa pesada mó em vosso pescoço. Então esta exposição, como tudo o mais, ficará sendo para vós assustadora mentira. Sejanos permitido dizer-vos enfaticamente: não tomamos sobre nós a responsabilidade por esse vosso autodesvio, pois, na natureza da morte, em tal caso, a morte torna-se muito mais assustadora do que agora já é. Por isso, compreendei corretamente o sentido da exposição que se segue, exposição que, com base no diálogo entre Hermes e Tat, vem a vós de uma escola espiritual gnóstica.

O homem nascido da natureza está equipado com os mesmos princípios corporais que qualquer outro animal. Todo o homem vive e age como um animal, cada um segundo a sua natureza. Um animal devora o que apanha e para ele a vida de outros não vem ao caso. O homem natural nisso não é nenhuma exceção. Ele possui, sobre todas as outras espécies animais, o intelecto e a linguagem e, por conseguinte, está em condições de aparecer diante de todos os outros animais como dominador.

O homem natural é obrigado, num mundo que lhe é ameaçador e inimigo, a conformar-se e a submeter-se ao que se está acostumado a chamar de cultura, mas, por mais cultivado que ele possa ser, esteja ele com a cabeça abaixada ou empinada, tenha o seu nome um título a se lhe antepor ou a se lhe pospor, viva ele sua vida com riso ou lágrimas, com dinheiro ou sem ele, esse homem é e permanece sendo, como um nascido da natureza, uma existência animal.

Assim, nessa base, nesse estado de ser, a Gnosis vos

chama. Por quê? Bem, todos vós, sem exceção, possuís a possibilidade de transpor a vossa condição animal. Esta possibilidade reside no fato de que no centro do microcosmo que vos circunda, situa-se um princípio imaterial, um princípio divino, um princípio que coincide, mais ou menos, com o vosso coração.

Se quereis descobrir esse princípio como princípio ativo em vosso ser, princípio esse a que estamos acostumados a chamar de rosa, proto-átomo ou átomo crístico, então precisais dedicar a totalidade do vosso ser animal, a totalidade do eu da natureza, em perfeita auto-rendição, isto é, em perfeita entrega, profundo interesse e intenso anelo, ao centro do vosso microcosmo, ao átomo crístico. Só assim nasce a verdadeira alma imortal e do homem natural surge o homem-alma.

Quando seguis a senda do homem-alma séria, conseqüente e perseverantemente, o homem natural desabrocha de modo claramente visível no homem-alma, diz Hermes Trismegisto, sendo concedido a esse homem-alma o Nous: Pimandro, o Espírito, o princípio divino, o Santo Graal.

Sabeis, seja como aluno, seja de nossa literatura, que a Escola Espiritual Gnóstica, o corpo vivo da Jovem Gnosis, propõe-vos caminhar nessa tríplice senda do Graal, cátaros e cruz com rosas, caminhar na senda do nascimento natural ao nascimento da alma, do nascimento da alma ao crescimento da alma, e deste crescimento ao nascimento do Espírito.

Sabeis que a Escola Espiritual da Jovem Gnosis quer auxiliar a todos a ingressar nessa tríplice senda. Sabeis que a Escola está capacitada para esse auxílio e que ela,

se assim desejardes, vos acompanha através de todos os mistérios da tríplice senda e quer estar ao vosso lado até a vida libertadora.

Agora também compreendeis que ainda deve haver um quarto mistério? Existe, como foi dito, em primeiro lugar, uma senda do nascimento natural ao nascimento da alma. Em segundo, uma senda do nascimento da alma ao crescimento da alma, ao amadurecimento da alma. Em terceiro lugar, existe uma senda do crescimento da alma até o nascimento do Espírito. E a isso se acrescenta um caminho de desenvolvimento dos nascidos como Espírito até o crescimento do Espírito, e no tocante a esse caminho, a esse quarto caminho de desenvolvimento, nunca pudemos falar convosco. A respeito dele só nos temos expressado com palavras superficiais. Assim, temos falado da consciência de Mercúrio ou do conceito de onipresença e de outros lugares-comuns. Mas agora somos obrigados a penetrar nesse quarto mistério a fim de vos dar um claro quadro do todo para que, por fim, possa tornar-se para vós um fato o versículo 30 do Sétimo Livro:

Assim, ó Tat, exemplifiquei-te uma imagem de Deus, até onde isto foi possível. Se te aprofundares nisso íntima e minuciosamente, olhando-a com perseverança, com os olhos do teu coração, encontrarás, crê-me, meu filho, o caminho para o céu. Ou, ainda mais justo, a imagem mesma de Deus te conduzirá nesse caminho, porque a diretriz interior fundamentada nessa imagem tem esta *característica: ela mantém presos em seu poder os que uma vez principiaram essa via de devoção e os atrai para cima, para si, assim como o ímã atrai o ferro.*

Se, pois, sois lúcidos e honestos para convosco, logo vindes, certamente, com uma dúvida. Podeis, por exemplo, dizer: "Vede, no caso mais favorável, estou no nascimento da alma. Terminei, pois, a senda do primeiro mistério e encontro-me agora diante da porta do segundo mistério. Nessas condições, existe já um sentido em receber uma imagem do quarto mistério, do qual ainda estou longe?"

"Por que", perguntamo-vos por nossa vez, "Hermes dá a Tat esse quadro, estando Tat na mesma condição em que estais? Por que?" Pois bem, admitamos que já sois pelo menos nascidos como alma. Ou, caso isso seja demasiado lisonjeador, que certa qualidade de alma começa a revelar-se, fazendo valer os seus direitos em vós. E isto é bem possível, se não por que recorreríeis à Escola Espiritual para iniciar o discipulado?

Suponhamos, pois, que determinada qualidade de alma comece a luzir em vós, e já que uma radiação do Espírito se dirige exclusivamente à alma, e exclusivamente com base na qualidade de alma encontra ressonância no homem, não está excluído que o Espírito do quarto mistério possa tocar-vos mais ou menos em vossos melhores momentos, em vossos mais puros momentos, por exemplo, durante um serviço templário ou durante uma conferência.

Mas é possível que ainda não tenhais dado um fim a vossas dúvidas. Podeis objetar: "Dissestes que o Espírito do quarto mistério é um estado muito particular da alma adulta; que Pimandro se revela unicamente a uma alma amadurecida. Como pode o Espírito em sua universalidade agir momentaneamente em mim de modo diferente do

que por intermédio deste ou daquele mensageiro que me fala sobre o Espírito, a fim de que eu experimente fraca ressonância da mensagem e dele talvez receba confuso quadro?"

Porém, amigos, a situação para vós, como alunos da Jovem Gnosis, é bem outra! Isto é, o Espírito existe no corpo vivo da Escola. E não sois todos vós células vivas desse corpo vivo? *Podeis,* pelo vosso discipulado, ser pelo menos células vivas no corpo vivo. Pois bem, a Jovem Gnosis não só possui um aparelho organizatório, um corpo natural, mas o corpo da Escola é também animado. A Escola como corpo vivo atingiu o estado adulto da alma, e nesse corpo, está, na luz do Logos, o Graal aberto.

Nesse Graal do corpo vivo manifesta-se o Pimandro da Escola e assim, por esse admirável fato de salvação, o Espírito de Deus também fala para vós, vós participantes, células vivas do corpo vivo, e Ele pode manifestar-se claramente em vós, manifestar-se com inimagináveis conseqüências.

O Espírito do quarto mistério abre-se para vós, e a magia dessa manifestação crística aplicamo-la de modo claramente consciente em nossas reuniões. Assim recebeis a intensa graça do fato de que, não obstante ainda não serdes viventes segundo o Espírito, recebeis essa vida do Espírito e por ela sois tocados. E isso, como já dissemos, com inimagináveis conseqüências.

XXVI

A UNIDADE (II)

Relatamo-vos como todos os que, segundo o Espírito, ainda não são viventes, mas como participantes do corpo vivo da Jovem Gnosis se esforçam por esse objetivo, podem, todavia, receber do Espírito a intensa graça dessa vida, podem ser tocados na Escola por essa vida, porque o corpo vivo sétuplo da Escola pôde saudar seu Pimandro no sétimo mês do ano jupiteriano de 1957.

Estais bem conscientes de que sois alunos da Escola da Rosacruz Áurea. Do mesmo modo, está naturalmente claro para vós, como se encontra o vosso discipulado em relação à Escola. Podeis igualmente determinar mais ou menos para vós mesmos, graças a vossa própria experiência e vossa conduta, se avançastes suficientemente na primeira senda: a que vai do nascimento natural ao nascimento da alma, de modo que se possa falar pelo menos de qualidade de alma.

Sobre essa base estivemos ocupados, até onde foi possível, em vos mostrar uma imagem de Deus; agora, trata-se de se considerar essa imagem.

Se te aprofundares nisso íntima e minuciosamente,

olhando-a com perseverança, com os olhos de teu coração, diz Hermes. E, caso os olhos do vosso coração já estejam ativos em vós, encontrareis o caminho para o céu. Sim, *a imagem de Deus te conduzirá nesse caminho, porque a diretriz interior fundamentada nessa imagem tem* esta *característica: ela mantém presos em seu poder os que uma vez principiaram essa via de devoção e os atrai para cima, assim como o ímã atrai o ferro.*

A situação está, pois, formulada de maneira tão simples quanto possível. Atingistes um certo estado por efeito do vosso discipulado consciente e, nesse estado vos é transmitida uma projeção do Espírito. As radiações do Espírito crescem em força no corpo vivo de hora em hora e vos tocam sem forçar-vos. Elas não vos subjugam. Não, elas unicamente se revelam a vós.

Se possuís os olhos do coração, se o ponto central do microcosmo, a rosa se abriu e entrou em ligação com o vosso coração físico, podereis contemplar a imagem que será mostrada para vós, podereis percebê-la. Quando considerardes a imagem tal como ela pode e deve ser considerada, não podereis mais livrar-vos dela. Então ficareis magneticamente ligados ao Espírito e, como se disse, com conseqüências inimagináveis.

Tudo isso devemos agora tratar minuciosamente convosco e, em primeiro lugar, chamamos a vossa atenção para o planeta do qual nascemos e sobre o qual todos nós vivemos como seres da natureza. Este planeta é, entre outras coisas, um campo eletromagnético. Este campo possui sete forças, sete raios, os quais determinam perfeitamente a nossa natureza, regem-na, regulamentam-na e

a mantém totalmente prisioneira.

Quando então vivemos a nossa vida como seres nascidos da natureza, somos completamente guiados, conduzidos, determinados pelos sete raios terrestres. Nossa inteira entidade se explica totalmente pelos sete raios. Nossa eu-centralização e tudo que a ela pertence é causado pelo quadro continuamente mutável dos sete raios. Todo o desenvolvimento de natureza religiosa, oculta ou humanitária outra coisa não é e também não pode ser do que uma modificação na composição dos sete raios terrestres; uma variação sobre o mesmo tema, uma graduação de uma e mesma coisa.

Está claro que aqui também a morte não acrescenta nenhuma modificação, pois o que após a morte resta no microcosmo da entidade nascida da natureza consiste unicamente de restos da vida terrestre natural, os quais, portanto, permanecerão submetidos aos raios terrestres, enquanto existirem na esfera refletora. Esse também é o significado do final do versículo 24 do nosso texto e do versículo 25:

O bem não tem forma nem figura, é imutavelmente igual a si mesmo e, por isso, desigual a tudo o mais; eis por que o incorpóreo é invisível ao homem corpóreo. Por todas essas razões o que permanece igual a si mesmo, o imutável, é superior ao mutável; e o mutável é pobre em comparação com o imutável.

Os sete raios terrestres estão perfeitamente sintonizados com os sete cosmocratas*da sétima região cósmica, portanto, sintonizados com a dialética, a imperfeição.

Não há nada sem origem. A origem, porém, como ponto de partida de tudo o mais, tem sua origem somente em si mesma (versículo 26).

Se, pois, nossa origem se situa na dialética, na imperfeição (e tudo que nasce neste planeta *está* na imperfeição), tudo que surgiu dessa imperfeição pode ser dividido, isto é, propagar-se, multiplicar-se e reduzir-se; pode-se submeter a determinada cultura, porém a linha de desenvolvimento conduz a uma eventual ascensão e também a uma irrevogável descida, pois, o que foi engendrado deve morrer. De um verdadeiro crescimento, de um desenvolvimento absoluto não se pode pensar na natureza da morte.

Crescimento, evolução, um progredir de força em força e de magnificência em magnificência só existem em unidade com o Espírito sétuplo original. Por isso — e isto é tão lógico — precisamos oferecer continuamente um lugar à unidade, precisamos retornar à unidade divina. Quem não é suficientemente forte para voltar-se a essa unidade, perece em sua própria fraqueza e fica ligado com a essência da morte. Quem quer vencer a morte, deve, pois, retornar à unidade divina, pois unicamente na unidade é possível o vir-a-ser de todos os outros processos de desenvolvimento. Por vós aguarda a imponente e magnífica via de desenvolvimento, um avançar de força em força. Se quereis tornar vossa essa via, então precisais começar pelo princípio, precisais retornar à unidade divina.

Todos os números se desenvolvem da unidade, desenvolvem-se dessa origem e dessa raiz de todas as coisas.

O número tem para o homem hermético um significado completamente outro que para o homem dialético.

O número *um* representa a unidade com o Espírito, com o Pai, com o absoluto, com o Logos, com o original. Toda outra unidade, todo outro início conduz à morte.

Quando o homem retorna à unidade, ao uno e indivisível, ele é posto diante do número *dois.* Esse número leva o que está ligado à unidade a uma nova relação com a substância original, com a substância raiz cósmica; por isso, na Gnosis hermética, o número *dois* é a Mãe.

O número *três* ensina a amorosa ligação entre o uno, o absoluto e a substância original, entre o Pai e a Mãe; portanto, a união de ambos; ao passo que o número *quatro* revela a plenitude da concepção para a revelação. Quando a entidade que está unida ao Pai é levada a ligar-se com a substância original cósmica, algo surge. A plenitude da concepção é então levada a manifestar-se.

O resultado disso é o número *cinco,* a nova consciência, a consciência mercuriana. Por isso, Mercúrio está sempre ligado ao número *cinco*.

O *seis* é o número da justificação. Com e junto da nova força-luz da consciência é justificado o inteiro estado de ser do candidato, ele é posto em harmonia com o Logos.

Por isso, o número *sete* é o da santificação. O número *oito* é o da via celeste perfeita, a passagem para a vida libertadora. É a antiqüíssima Porta de Saturno, que sempre esteve ligada ao número *oito,* após o que, então, no número *nove* é festejada a vitória da verdadeira gênese do homem divino.

Assim estão os nove números reciprocamente ligados

numa nônupla via de desenvolvimento.

Desse modo, pomo-vos novamente diante da necessidade do retorno à unidade original, à origem e à raiz de todos os números. Querendo-se entrar no inteiro procedimento da vida libertadora, é preciso começar pelo princípio, para se regressar à unidade, não de modo abstrato, *porém concretamente,* pois talvez acheis muito interessante essas coisas das quais falamos. Reconheceis sua lógica e as achais perfeitamente esclarecedoras, mas que ganhais com isso se as compreendeis e na compreensão ficais parados? Trata-se em primeiro lugar, que as façais, não é verdade? Portanto, por favor amigos, nenhum falatório abstrato, mas ação concreta.

Abstrata é a crença em Deus, tal como o mundo dialético a confessa. Os verdadeiros ateus são raros neste mundo. Crença em Deus, no mundo dialético, é um sentimento metafísico ou uma afirmação intelectual de que o Logos existe, porém concreta é a confrontação em primeira mão com Pimandro. Para nós é fundamental, na recém-nascida possibilidade no corpo vivo da Jovem Gnosis, o encontro com o Pimandro do corpo vivo. É evidente que precisareis encontrar o vosso *próprio* Pimandro.

Mas, também está claro que neste momento, ainda estais longe. Mesmo a confrontação com o Pimandro da Escola, na condição em que vos sabeis estar agora, efetivamente ainda não teria nenhum sentido. Este, talvez, não é de nenhum modo o objetivo. Se podeis ver com os olhos do vosso coração a figura que o Sétimo Livro Hermético modelou para nós, essa figura conduzir-vos-á para esse objetivo. Não se trata, pois, de maneira alguma de

colocar-vos em relação com a unidade do Espírito mediante magnificente acontecimento que vai muito além de vossas forças. Não poderíeis ainda manter essa ligação.

Mas mediante a plenitude da revelação do corpo vivo é bem possível levarmo-nos mutuamente a um estado de ser e nele sustentar-nos, de modo que essa ligação se torne possível; que se estabeleça um contato magnético e que essa atração magnética vos conduza para o objetivo. Citamos para vós uma vez mais:

A diretriz interior fundamentada nessa imagem tem esta *característica: ela mantém presos em seu poder os que uma vez iniciaram essa via de devoção e os atrai para cima, para si, assim como o ímã atrai o ferro.*

Ou, por outras palavras: do corpo vivo da Jovem Gnosis parte uma nova atração magnética sétupla, um impelir magnético que é decisivamente outro do que o de natureza comum. Aqueles que devem e podem estabelecer o contato com essa força magnética serão simplesmente conduzidos ao objetivo por esse novo estado. Já não mais precisais deter-vos em todos os outros aspectos do processo de desenvolvimento na Jovem Gnosis, pois eles se desenvolvem harmoniosamente da unidade. Nas novas possibilidades que agora se abriram sobre nós, trata-se, em primeiro lugar, de se retornar à unidade. Este é o inteiro sentido do Sétimo Livro Hermético.

Resta-nos expor como o aluno deve estabelecer o contato magnético. Em seguida, precisamos investigar como esse contato pode ser mantido e, em terceiro lugar, quais os resultados e conseqüências desse fato; depois

precisamos, por fim, chegar a algumas decisões, pois, como se disse, à compreensão deve seguir-se a ação. O caminho do qual tivemos de falar tão minuciosamente, devemos segui-lo um para o outro e um com o outro e assim juntos, como grupo* gnóstico, vencer a morte. Essa vitória concreta sobre a morte será um dos primeiros resultados caso realizemos a ligação magnética com o Espírito unificador e vivificador.

Essa tarefa pode ser levada a um bom termo no hoje vivente.

XXVII

VENDE TUDO O QUE TENS E SEGUE-ME

Nas considerações a seguir, partimos do fato de que o corpo vivo possui um campo magnético sétuplo libertador; um campo magnético sétuplo que se distingue rigorosamente do da natureza comum. Esse campo magnético formou-se de baixo para cima. A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea passou pelos três já referidos mistérios, e o corpo vivo está agora no quarto mistério: o da manifestação do Espírito.

A Escola chegou, pois, em sua fase de Pentecostes. Assim como agora formamos uma fraternidade da rosacruz e uma fraternidade cátara, assim podemos e queremos igualmente vivificar e professar plenamente uma fraternidade do Santo Graal, uma fraternidade da manifestação do Espírito. Trata-se, em primeiro lugar, de se averiguar a maneira pela qual podemos merecer a ligação com o corpo vivo e a plenitude de seu campo de irradiação sétuplo. Portanto, esta é a pergunta evidente: como obtemos participação nesse corpo vivo e sua plenitude irradiante sétupla?

Quando refletimos sobre esse ponto básico, logo chegamos a descobrir que muitos de nós ainda precisam

fazer correções em sua atitude de vida, correções entre as quais se encontram pontos muito básicos. Muitos alunos são pelo menos como Tat, isto é, são pessoas que buscam a verdadeira luz. Muitos possuem, mais ou menos, qualidades de alma e sentem-se, indubitavelmente, como alunos da Escola. Que mais a Escola pode exigir deles?

Eles participam das conferências, freqüentam os serviços templários toda a vez que isso lhes é possível e, de uma forma ou de outra, colaboram com o trabalho. Também fazem sacrifícios materiais e observam as exigências do discipulado. Tudo isso fazem desde o momento do seu ingresso na Escola. O que mais a Escola pode ainda pedir a eles? São pessoas muito prendadas e podem ser comparadas com o jovem rico. Por que o Senhor Jesus, no tocante a esse moço rico foi, não obstante, aparentemente assim tão duro? Por que Ele disse: "Vende tudo o que tens e segue-me"?

Então, ouvi bem: Jesus, o Senhor, convidou essas pessoas a serem verdadeiras células viventes do corpo vivo daquele tempo, e era justamente isso que o jovem rico não desejava. Ele bem que queria ingressar no corpo vivo, mas assim como ele era! Com todas as suas excelentes qualidades; porém, com algumas reservas! Por quê? Não se sabe quais foram essas reservas, mas o fato de terem sido feitas já é o suficiente.

Suponde que uma parte das células do corpo vivo faça restrições para com as outras ou para com o todo. Sentis então que semelhante corpo se tornará doente e precisará seguir o caminho que desse modo se abre? Quando as células de um órgão em vosso corpo suspendem suas funções ou suspendem uma parte importante

dessas mesmas funções, então adoeceis! E o fim é certamente a morte, caso não haja alguma solução que dê bom resultado.

Por isso vos dizemos que, como alunos, fostes acolhidos no corpo vivo da Escola, mas ainda estais longe de terdes sido acolhidos como verdadeiras células *viventes* desse corpo. Se devêssemos aceitar, sem mais nem menos, a todos vós como células vivas, então a Escola simplesmente morreria, pois muitos, muitos alunos ainda têm restrições para com a Escola, para com o corpo vivo, sendo indiferente a razão. Muitas vezes não premeditadamente e de modo consciente, o que não diminui o fato.

Certamente não queremos aprofundar-nos nos motivos que levam a essas restrições, mas no quadro das nossas considerações constatamos esse fato e afirmamos que aqueles que não reconhecem incondicionalmente seu discipulado não podem ser células vivas do corpo vivo da Jovem Gnosis. Eles se excluem a si mesmos por excelentes que sejam suas qualidades.

Sim, amigos, por que vos dizemos isso? É que a participação num corpo vivo de uma fraternidade gnóstica requer um perfeito *Senhor, aqui estou,* como tem acontecido em todas as fraternidades gnósticas, desde tempos imemoriais até os dias de hoje, bem como nas primeiras comunidades cristãs. Sem nenhuma reserva! Ora, o homem cultivado do século XX, principalmente o homem ocidental, está cheio de restrições. Ele assim, acima de tudo, aspira por segurança! Segurança para o quê?

Sim, também muitos alunos são bastante cautelosos com relação à Escola, sem que sejam, talvez, conscientes do fato, mas trata-se aqui de manifestar-se do interior o

"Senhor, aqui estou", acompanhado de evidente ação. Trata-se de servir à Escola e ao seu trabalho como se esse servir valesse para o vosso próprio corpo. E este é literalmente o caso! Quem cresce no corpo vivo da Escola, como se esse crescimento valesse para o seu próprio corpo, experimenta diretamente a graça do Espírito sétuplo do corpo vivo. Esta é uma das razões pelas quais devemos dizer-vos: enquanto ainda fazeis alguma restrição, seja qual for o motivo, vos fechais a vós mesmos para a graça do Espírito sétuplo universal.

Existem ainda aqueles em nosso meio que têm toda a espécie de dúvida, como por exemplo no tocante à unidade de grupo e sua realização e, por isso, entram em confusão. Quando esses se entregarem à totalidade do corpo vivo e se desfizerem de toda a restrição, experimentarão que toda a dúvida e confusão se desvanecem processualmente, pois toda a verdadeira célula viva que é acrescentada ao corpo, fortalece a vitalidade do todo, de modo que tudo o que não pertence ao grupo é afastado.

A unidade* de grupo gnóstica não significa a aceitação de tudo o que se desenvolve numa reunião de alunos, porém significa declarar-se pessoalmente pronto para a total entrega ao corpo vivo, com todas as conseqüências ligadas a essa entrega. Então o grupo que chegar a isso estará efetivamente ligado em unidade, e a força de todos tornar-se-á a força de cada célula do corpo. Isso significa que, se, por exemplo, houvesse neste momento duzentos membros verdadeiramente viventes do *Corpus Hermeticum* na Escola, o poder coletivo desses duzentos reverteria praticamente para cada participante desse grupo.

Toda a verdadeira célula viva do corpo vivo entra em

ligação atual com o campo magnético da Escola. Isto não é nenhum dogma, porém uma chave mágica. Esse campo é uma radiação sétupla, uma torrente sétupla, em cujo meio vos encontrais. E essa torrente sétupla vos conduz, como não poderia ser de outro modo, à meta, àquela essencial meta. Quem se uniu a essa torrente e voga sobre ela, deve ter o cuidado para que o seu barco da vida não encalhe e, permanecendo seguro em meio de semelhante torrente, esse certamente atingirá a meta.

Podemos falar longamente acerca do nascimento da alma e relatar como esse nascimento deve realizar-se; como Pimandro é presenteado e cada alma renascida como prêmio da corrida, mas, para se atingir a grande meta, para se dar verdadeiro andamento à vossa vida como alunos, a fim de se extraírem resultados concretos, é preciso mais. É preciso que se siga a *ação* vivente, cintilante e, quando estamos prontos para essa ação, o Espírito Santo sétuplo do corpo vivo está perto, ele nos preenche e nos conduz à meta.

Por isso repetimos: para dar verdadeiramente andamento à vossa vida, para se chegar a resultados concretos no hoje, é necessário que embarqueis sem reservas, em perfeita auto-rendição, a bordo do barco celeste, agora que a maré sobe novamente e as forças da dialética estão ativas para levar ao declínio toda a criação.

Nisto nada há de tolo e de fanático, amigos. As fraternidades gnósticas sempre vieram e vêm nos pontos de transição, no curso dos séculos. Elas convocam os que as querem escutar e lhes dizem: "Agora chegou a ocasião. Se quiserdes aceitar as conseqüências, a santificação está

preparada para vós. Ligai-vos a ela e segui conosco para a vida libertadora".

Então compreendereis que não se pode estar com um pé na natureza da morte e com o outro no barco celeste, o corpo vivo. Isso é impossível. Por isso também vos pedimos que vos declareis o mais rapidamente possível. Pedimo-vos que vos entregueis como células viventes do corpo vivo, o qual, então, torna-se o *vosso* corpo. Pedimo-vos tudo fazer para que o corpo comunitário da salvação execute a sua missão, à qual ele foi convocado por Deus.

Se estiverdes preparados para tanto, o sol de um novo estado de vida se elevará sobre vós. Tudo está preparado para que vivencieis esse nascer do sol.

XXVIII

O SEGREDO DOS MISTÉRIOS GNÓSTICOS

Agora que nos aproximamos do fim das considerações relacionadas com o Sétimo Livro de Hermes, chegamos a uma situação mais ou menos difícil, pois sabeis que o tema desse livro é o retorno à unidade com Deus e a vitória sobre a morte. E nesse tema, como já tivemos de observar, estão encerrados grandes segredos, mágicos mistérios de natureza sumamente delicada.

A dificuldade reside, pois, em se encontrar um meio para se tratar deste assunto de modo tal a nos compreendermos reciprocamente, banindo completamente todo o equívoco. Mas poderíamos facilmente contornar esse obstáculo se tomássemos, por exemplo, a matéria de ensino que a Escola já dispõe tão abundantemente e dela retirar o que se presta a uma consideração como essa. Assim poderíamos limitar-nos a uma exposição sobre a senda que agora está à nossa frente: o nascimento da alma, o toque pelo Espírito Santo, o vir-a-ser do corpo-alma, a veste áurea de bodas e o ulterior processo de transfiguração, o qual está ligado aos itens anteriores, para logo receber-se o resultado da existência consciente no novo campo astral da Escola. Uma existência consciente que

não pode mais sofrer descontinuidade por efeito da morte e que, portanto, significa efetivamente perfeita vitória sobre a morte.

Essa via para a vitória já a encontrais esboçada em nossa literatura, e conquanto seja magnífico retornar a ela e esclarecer esse caminho, esclarecê-lo por todos os lados, não é nossa intenção, no comentário do Sétimo Livro, limitar-vos a isso.

Nossa missão é, pois, indicar-vos um método, uma atitude de vida com a qual podeis tornar ativo e acelerar de modo extraordinário o há pouco indicado e já tão freqüentemente exposto processo de salvação. Tudo o que talvez, com vista no futuro, vedes esboçado diante de vós na senda, podeis fazer no hoje vivente! Já antes pusemos em vossas mãos o misterioso método, ao passo que vos dissemos que, para pordes a vossa vida em verdadeira atividade e alcançar resultados concretos no hoje, precisais embarcar em total rendição, sem restrições, sem hesitação a bordo do renovado barco* celeste, da recém-construída arca.

O problema, frente ao qual estais agora é: como vou utilizar as possibilidades e as forças que estão encerradas no corpo vivo da Escola de Mistérios? A solução diz: mediante absoluta auto-rendição* interior, sem a mínima restrição ao corpo vivo, à nova comunidade gnóstica, à nova *Ekklesia,* à nova comunidade crística.

Amigos, se responderdes afirmativamente a essa fórmula como hipótese de trabalho, mas a aplicardes experimentalmente, não conseguireis nenhum resultado, nem o mínimo sequer. A exigência declara: total auto-rendição, com tudo que sois, com tudo que possuís, com

tudo que é vosso. Não unicamente *algo*, não unicamente uma parte nobre, mas tudo. Tudo ou nada. Melhor nada do que apenas algo.

Até agora só alguns poucos o fizeram. E a grande pergunta é se ides fazê-lo. Bem que falais em auto-rendição à Gnosis, mas isto é para vós – homens do século XX – demasiadamente abstrato. Com auto-rendição à Gnosis sois sempre muito desembaraçados, mas a auto-rendição ao corpo vivo da Escola de Mistérios é a exigência interior, a exigência da realização!

Assim ressoa o convite. É unicamente um convite que se dirige a vós, e do ponto de vista do vosso eu encontrai-vos ainda do lado seguro. Ainda podeis dirigir-vos a uma direção ou a outra. Mas se quereis aceitar o convite para participar na plenitude das forças no corpo vivo, então vale para vós a exigência da perfeita auto-rendição.

Muitos certamente não querem, até este momento, aceitá-la ou não a podem aceitar. Não unicamente em razão da eu-centralização, mas há também nisso grande dose de medo e desconfiança. Para semear essa desconfiança, pois o opositor vos conhece e vos conhece ainda melhor que vós mesmos, tem-se manejado diligentemente, depois que a Escola veio à existência, as armas da calúnia, do insulto e da crítica. Assim, sois impelidos para as restrições. Assim, sussurra-se para vós: "De tudo que é dito possa *algo* ser verdadeiro. Nunca se pode saber". Talvez achareis as armas da calúnia muito baixas; estais acima delas ou fora delas e não obstante, fazeis restrições: "A segurança antes de tudo".

Não penseis que vamos entoar para vós uma canção em tom menor ou que queremos queixar-nos de vós, pois

o fantasma da calúnia, do insulto e da crítica ameaçam desde o primeiro início a Escola e seus auxiliares. Esse foi e é sempre o pão de cada dia da dialética para todos os que trabalham a serviço da Gnosis. Não, não se trata de queixas, absolutamente. Trata-se de que vejais muito bem a condição psicológica em que vos encontrais, assim como o remoinho e as atividades que vos mantiveram prisioneiros em razão dessa condição.

Compreendeis, à luz desta análise, quão perigoso é realmente para nós falar-vos de "incondicional autorendição" ao corpo vivo da Jovem Gnosis? A calúnia pode disso novamente colher material, material para acusar, não importa de que, a Escola e seus obreiros por estúpidas que sejam essas acusações.

Podeis rir da calúnia, mas sabeis que muitas vezes a mais magnificente obra a serviço da Luz foi grandemente prejudicada e obstruída por efeito da calúnia? Já são quase vinte e cinco anos (1) que estamos diante da maior incumbência, uma incumbência jamais posta sobre os nossos ombros. Tivemos de unificar todas as diretrizes relativas à Rosacruz no mundo, fundi-las *num* corpo para, desse modo, conquistar o mundo para a Gnosis.

Estivemos a ponto de ter bom êxito nisso, entretanto, sabeis como esse superior propósito fracassou? Pela calúnia, a qual foi divulgada no mundo inteiro. Foi o antiqüíssimo e pérfido método utilizado pelo opositor, ao qual muitos deram ouvidos e do qual muitos se tornaram vítimas.

Assim descrevemos suficientemente a situação;

(1) Essas palavras foram ditas em 1957.

demos a entender o comportamento; em auto-exame e em autoconstatação deveis resolver os problemas que se relacionam com tudo isso e que vêm à tona na vida de cada um. Transmitimos para vós, de maneira a mais simples possível, nosso convite e tudo a ele relacionado pusemos no hoje vivente. Dissemo-vos:

"Podeis, se desejardes, entrar na arca, no corpo vivo da Jovem Gnosis se vierdes em perfeita auto-rendição e sob as condições apresentadas. No mesmo instante, são vossas todas as forças do corpo vivo".

Que é esse corpo vivo? Vós o conheceis como um aparelho setuplamente organizado: o trabalho da Mocidade, o trabalho da Sociedade Rosacruz, os dois aspectos do Lectorium Rosicrucianum – o grupo de alunos preparatórios e de professos – a Escola de Consciência Superior, a *Ekklesia* e em sétimo lugar conheceis, ao menos de nome, a Cabeça Áurea. Também conheceis a literatura da Escola, a Direção Espiritual, o Conselho Administrativo e muitos outros obreiros. Sabeis das várias atividades da Escola e delas participais. Em suma, tudo isso diz respeito à revelação material do corpo vivo e se ainda permanecêsseis totalmente no nascimento natural, então esse aparelho material visível seria tudo.

É ele tudo para vós? Certamente que não! Pois junto ao vosso conhecimento dos aspectos exteriores também sentistes algumas ou mais vezes, algo mais. Algo que é muito difícil definir, que faz continuadamente brotar muitas, muitas perguntas.

Muitas vezes, dimana do todo magnífico encantamento ou uma força, a qual muitas vezes age como se fora uma opressão; também um toque, que muitas vezes

vos deixa enlevados ou leva a outros para fora do equilíbrio. Uma atividade que também faz surgir perguntas em muitos que estão de fora: "Com base em que força esses homens fazem isso tudo?" O rápido e dinâmico progresso do desenvolvimento organizatório nos últimos dez anos em particular, fez e faz outros sempre perguntarem: "O que está por detrás disso?"

Não digais "é a Gnosis", pois neste contexto isso será unicamente uma indicação superficial. Se o *sabeis* interiormente, então precisamos perguntar-vos se já colhestes o ganho total de tudo o que "se encontra por detrás".

Há pouco tempo tivemos um encontro com alguém de fora da Escola e que tem uma posição de chefia na sociedade. Este nos perguntou se poderia visitar uma das nossas construções. Concedemos essa oportunidade e o acompanhamos. Ele se manteve calado, circulou e sacudiu a cabeça, mas nada compreendeu. "O que está por detrás do vosso trabalho?" perguntou-nos de viva voz. Então apontamos o lugar de serviço. Terá ele compreendido?!

Amigos, sabeis o que está por detrás? Fora o vosso contato com o aspecto material do corpo vivo e o vosso interesse por ele, o que já tivestes com todos esses aspectos que estão por *detrás* do aspecto material?

Já fizestes algo com eles? Ou vos contentastes juntamente com os inúmeros que perguntam: "O que está por detrás?! Pode-se realmente entrar em ligação com o que está por detrás, tão realmente como se entra em ligação com o aspecto material do corpo vivo?"

Sim, amigos, sim. Mediante a *auto-rendição incondi-*

cional. Assim passais da fé à contemplação. Então também se torna realidade para vós o que a Primeira Epístola de João, versículos 1 a 4, testifica jubilosamente:

"O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da palavra da vida — porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada; o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai e com seu filho Jesus Cristo. Estas coisas vos escrevemos para que a vossa alegria seja plena".

Vede, esse é o quadro de uma realidade. Esse quadro tem a especial qualidade de atrair e prender aquele que o contempla, atrair e o prender como o ímã ao ferro.

O corpo vivo, cujo aspecto material é comparável a um reator atômico, é um vácuo onde se manifestam forças eletromagnéticas. Essas forças se revelam tão logo tenham oportunidade para tanto. Quando o grupo adquiriu aptidão para essa revelação, essas forças devem manifestar-se através dele. Por um lado, elas se revelam na esfera material; por outro, elas não têm a mínima intenção de servir a essa esfera.

As radiações eletromagnéticas que se concentram no corpo vivo da Escola de Mistérios dimanam de uma esfera de vida, de um campo de vida que não é da natureza da morte, mas da natureza de vida, da natureza de vida original. Nesse vácuo manifesta-se o Espírito sétuplo da vida original, e quem se liga a esse espírito vivencia imediatamente todos os valores, todas as condições da vida

original.

Podemos repetir uma vez mais?

Quem se liga a esse Espírito sétuplo vivencia imediatamente todos os valores, todas as condições da vida original. É a unidade original sob determinadas condições no corrompido *salniter** da natureza da morte. É o Lar* do Espírito Santo do qual os rosacruzes clássicos testificam na *Fama Fraternitatis.* É o corpo vivo do qual fala a Jovem Gnosis; é a arca dos dias de Noé; é o barco celeste do qual faziam alusão os antigos egípcios.

Nem se pense que semelhante lar seja *simples.* Sim, as condições para tanto estão sempre presentes, mas as possibilidades precisam ser agarradas e com elas é preciso trabalhar. Com isso, queremos dizer que semelhante lar deve também sempre de novo ser construído de baixo para cima e utilizado de conformidade com seu objetivo. Só assim poderá a unidade original revelar-se no *salniter* corrompido.

Vede, a moderna arca, o moderno barco celeste ficou pronto. Trata-se doravante de se saber se acompanhais, se quereis seguir a bordo, pois só assim a clemência do barco celeste, sua inteira força também se tornará vossa.

Assim como todas as precedentes fraternidades gnósticas formaram um Vácuo* de Shamballa, assim também a Jovem Gnosis erigiu essa obra, realizou semelhante lar *Sancti Spiritus.* Tende em vista agora o processo alquímico: quando aparece um Tat, um homem nascido da natureza, um buscador que, em total auto-rendição — sem a mínima restrição no tocante às suas idéias, seu querer, pensar ou agir — se confia a semelhante corpo vivo, a

semelhante vácuo, ele salta para o seu interior e nele mergulha. Em conseqüência, esse Tat é imediatamente trasspassado pelo Espírito sétuplo desse novo reino, que corre como um relâmpago no fogo* serpentino. Depois, nos dois cordões do simpático*, os quais estão à esquerda e à direita do fogo serpentino, desenvolvem-se maravilhosos processos nervosos. Os éteres nervosos são renovados numa fração de segundo, mas se fazeis restrições ao corpo vivo, fato que ainda acontece com muitos, então se manifestam cristalizações no éter nervoso, especialmente nos dois cordões do simpático.

Sabeis como são indicados esses dois cordões? Abri o livro *O Advento do Novo Homem* no capítulo VI da segunda parte e lede uma vez mais a história de Ananias e Safira, nos Atos dos Apóstolos 5. Os dois cordões do simpático estão estreitamente ligados com o nosso karma, com o nosso nascimento natural, com tudo que pertence à natureza terrestre à qual estamos agrilhoados. Se ousardes confiar-vos em absoluta auto-rendição ao corpo vivo, todos esses impedimentos serão queimados nos dois cordões do simpático, mas se apenas brincais com o vosso discipulado, se apenas fingis ser um aluno, ou se vos encontrais numa posição enganadora frente à obra de salvação, então deteriorais os éteres nervosos do simpático e a conseqüência é uma morte vivente; tombais nos átrios da Fraternidade Gnóstica. Podeis, então, ser levados, pois nada mais se espera de vós como alunos.

Compreendeis a intenção dessa história, dessa lenda?

Quem tiver a força e o discernimento para passar para essa perfeita e incondicional auto-rendição será admitido no vácuo da Jovem Gnosis, por efeito da ação e da

influência do Espírito-sétuplo; ele será diretamente subtraído ao espírito sétuplo da natureza terrestre e assim, no mesmo instante, comprado da Terra, segundo a palavra do Apocalipse.

Tal pessoa estará direta e realmente no hoje vivente da Gnosis. A transmutação, a transfiguração e tudo que a ela está relacionado tornar-se-ão fatores e processos completamente secundários. Ainda que seja maravilhosamente belo, isso vem por si, desenvolve-se de modo planificado, processual.

Portanto, preconizamos para vós uma transmutação e uma transfiguração realizando-se no tempo, mas em primeiro lugar uma libertação direta, atual, no hoje vivente. Nenhuma libertação em futuro distante, porém o ingresso na vida libertadora agora, no hoje vivente, pelo fato de que saltais, com todas as conseqüências, para dentro do Vácuo de Shamballa, o qual se tornou um corpo vivente; pelo fato de que entrais no lar *Sancti Spiritus* para nele apreciar com todos os irmãos e irmãs o corpo vivo do nosso Pai, irmão Cristão Rosacruz.

Vede, este é o segredo dos mistérios gnósticos. O que *vimos* e experimentamos isso anunciamos também para vós. A vida *está* manifestada no corpo vivo da Jovem Gnosis.

Portanto: ide da fé à contemplação, mediante o cumprimento da lei. Descobrireis, assim, as coisas que estão em cima, ou melhor, o contemplado vos abarcará com sua força e vos atrairá para si, como o ímã ao ferro.

XXIX

O PENTECOSTES DA DIVINA LIBERTAÇÃO

Após tudo o que vos expusemos com base no Sétimo Livro de Hermes, esperamos que tenhais compreendido por que, no decorrer dos anos passados, estivemos tão ocupados na Escola. O aparelho material da Jovem Gnosis foi, de modo discreto e considerando as possibilidades, preparado para a sua missão. Ao Vácuo de Shamballa, à Cabeça Áurea da Escola foi preciso proporcionar um bom meio de funcionamento, um instrumento para a sua atividade na esfera material, a fim de que, por esse meio, ele pudesse manifestar-se tão rápida e amplamente quanto possível.

Os focos que correspondem ao mínimo exigido são: o Templo da Sede Geral, em Haarlem; o Templo de Renova*, em Bilthoven; a *Ekklesia** do "De Rozenhof", em Santpoort; o Templo de Noverosa, em Doornspijk; o Centro de Conferências Galaad em Ussat-Ornolac, Ariège (França) e o Lar Cristão Rosacruz, em Calw, Floresta Negra (Alemanha Ocidental). Todos esses focos estão interligados por uma rede de núcleos e locais de residência dos alunos.

Suponde que quinhentos ou mil alunos decidissem aceitar a proposta que foi considerada. Ganhariam, então,

plena participação no campo magnético do Espírito sétuplo, do corpo magnético da Jovem Gnosis. Esse grupo de quinhentos a mil esclarecidos se estenderia sobre todas as partes do reino gnóstico, enquanto que a ligação entre todos os irmãos e irmãs e o vivente coração flamejante do corpo vivo permaneceria! Assim podeis fazer uma idéia bastante clara do futuro aspecto material do reino gnóstico mundial.

Retende agora firmemente *esse* quadro que podeis ver tão claro à vossa frente e, com base nele, examinai em detalhe o que acontecerá se toda essa multidão de habitantes do jovem reino gnóstico retornar à unidade original por uma rendição total, sem nenhuma reserva, e entrar no Vácuo de Shamballa, a Cabeça Áurea. Então, tal como uma explosão nuclear de uma intensidade semelhante à luz de milhares de sóis, a luz desconhecida patentear-se-á por todo o mundo. Pensai no quadro de há pouco, da forma seguinte: para onde quer que viajeis, estareis em contato vivente e vibrante com o foco central do corpo vivo! A intensa força do corpo vivo estará convosco e se fará conhecer em todo o lugar do reino gnóstico. Daí — e como não poderia ser diferente — em pouco tempo a Gnosis recolheria a sua colheita.

Tudo isso está em *vossas* mãos! Não depois, mas agora. O Pentecostes da divina libertação não vos cai do céu. Se é por isso que esperais, tereis de esperar por muito tempo. Precisais preparar para vós mesmos essa festa de Pentecostes! Precisais realizá-la e o podeis, se utilizardes *agora* as oportunidades que vos são ofertadas. Quem puder compreender que o compreenda.

XXX

O OITAVO LIVRO

HERMES A SEU FILHO TAT: QUE O DEUS INVISÍVEL É O MAIS REVELADO

1. *Hermes: explicar-te-ei, ó Tat, também extensivamente o significado do que segue, para que os teus olhos se abram aos mistérios de Deus, O qual está acima de todo o nome. Compreende, em visão interior, como Ele, que para a grande massa parece ser invisível, se tornará a ti o mais revelado.*

2. *Porque Ele não* seria *verdadeiramente se* não *fosse invisível. Porque tudo o que é visível foi criado, veio um dia à manifestação.*

3. *O que não é perceptível, porém, é em toda a eternidade, pois não tem necessidade de manifestar-se: Ele é eterno e* dá *manifestação a todas as outras coisas.*

4. *Ele revela tudo sem que Ele mesmo seja revelado; Ele engendra sem que Ele mesmo seja engendrado; não se manifesta em nenhuma forma perceptível,*

mas dá *uma forma perceptível a todas as coisas.*

5. *Pois unicamente o que é criado tem uma manifestação perceptível. Nascimento, vir-a-ser, não é outra coisa senão entrar no visível.*

6. *O Uno-Sem-Nascimento é, conseqüentemente, tanto sem aparência perceptível como invisível; mas, visto que Ele dá forma a todas as coisas, Ele se torna visível através de tudo e em tudo, principalmente àqueles a quem quer manifestar-se.*

7. *Por isso, meu filho Tat, ora, acima de tudo, ao Senhor, o Pai, o único, que não é o uno, mas a origem do uno, que se mostre propício em sua clemente graça, e que te seja permitido ver esse Deus, tão imensamente magnificente, mesmo que Ele faça brilhar sobre tua consciência somente* um *dos seus raios.*

8. *Pois somente a consciência-alma vê o invisível, por ser ela mesma invisível.*

9. *Se podes fazê-lo, ó Tat, Ele se tornará visível diante dos olhos de tua alma-espírito, porque em generosa abundância o Senhor se manifesta no universo todo.*

10. *Estás em condições de ver a tua consciência-alma, de tocá-la com as mãos e contemplar com admiração a imagem de Deus? Mas se o que está* dentro *de ti é invisível, como então Deus mesmo se tornará visível em ti mediante teus olhos materiais?!*

11. *Se quiseres vê-Lo dirige, então, a tua contemplação ao Sol, ao curso da Lua, à ordenação das estrelas.*

12. *Quem mantém a ordem deles? (Porque cada ordem é determinada exatamente pelo número e pelo lugar.)*

13. *O Sol, o supremo dos deuses da abóbada celeste, a quem todos os deuses celestiais concedem reverente lugar como a seu rei e soberano, imensamente grande, maior que a Terra e o mar, permite que menores estrelas se movam acima dele. Por reverência ou por temor a quem, meu filho?*

14. *Não descreve cada uma dessas estrelas um mesmo curso no céu? Quem determinou para cada uma delas sua natureza e a grandeza de seu curso?*

15. *Veja a Ursa Maior que gira em torno de seu próprio eixo e cobre o firmamento todo em sua rotação. Quem é o possuidor desse instrumento? Quem estabeleceu ao mar os seus limites? Quem deu à Terra o seu fundamento?*

16. *É, ó Tat, o Criador e Senhor do todo. Nenhum lugar, nem número, nem medida como expressão da ordem cósmica seria possível sem Aquele que os criou. Pois toda a ordem é o resultado de uma atividade criadora. Unicamente quando a ordem e a medida faltam, fica provada a sua ausência.*

17. *Porém, mesmo a desordem e a falta de enumeração*

têm o seu senhor, meu filho. Porque, se ao desordenado falta a essência da ordem, ele, não obstante, está sujeito Àquele que ainda não impôs sua ordem sobre ele.

18. *Ó, pudesse ser-te dada a faculdade de elevar-te como sobre asas ao espaço e lá olhar, entre o céu e a Terra, o corpo sólido da Terra e a extensa movimentação do mar, os cursos fluentes dos rios, e livre movimento do ar, a veemência do fogo, a marcha dos astros, a velocidade da abóbada celeste, e o curso do universo que gira ao redor de todos eles.*

19. *Ah! meu filho, como essa visão é plena de graça, quando se contemplam todas essas coisas como num relampejar: como o imóvel é posto em movimento e o invisível se manifesta nas obras que Ele criou e através delas! Tal é a ordenação da Criação, a qual é o hino de louvor da ordem.*

20. *Se quiseres contemplar a Deus nos seres mortais e através deles, que estão sobre a Terra e abaixo dela, considera então, meu filho, como o homem é formado no seio materno; examina cuidadosamente o artesanato dessa gênese e aprende quem é o construtor dessa bela e divina imagem do homem.*

21. *Quem moldou a forma esférica dos olhos? Quem perfurou as aberturas das narinas e das orelhas? Quem fez a abertura da boca? Quem esticou as redes dos músculos e dos nervos e as fixou no corpo?*

Quem depositou o sistema de canais das veias? Quem cobriu a carne de pele? Quem separou os dedos? Quem espalmou a planta dos pés? Quem perfurou as vias de saída através do corpo? Quem colocou o baço? Quem deu a forma piramidal ao coração? Quem ampliou o fígado? Quem fez porosas as câmaras dos pulmões? Quem concedeu o espaço da cavidade abdominal? Quem colocou as partes mais honradas em evidência e escondeu as não honradas?

22. *Veja quanto artesanato e quantos diferentes modos de obrar são aplicados* numa *mesma matéria, quantos objetos de arte são reunidos* numa *só obra, todos extremamente belos, todos perfeitos em medida, todos diferentes uns dos outros.*

23. *Quem fez todas essas coisas? Quem é a Mãe, quem é o Pai, senão o Deus invisível que criou tudo isso segundo a Sua vontade?*

24. *Ninguém afirma que uma estátua ou pintura tenha sido formada sem escultor ou pintor; achas, então, que essa criação viria a ser* sem *criador? Ó suprema cegueira, ó estado de total alheamento de Deus, ó ponto mais baixo do enclausuramento!*

25. *Por isso, ó Tat, meu filho, jamais negues ao Criador as obras de Suas mãos. Melhor e mais poderosamente ainda do que o nome de Deus fala a Sua grandeza pela indicação: Pai de todas as coisas. Porque só a*

Ele *convém o nome de Pai; sim,* isto *é, em verdade, o Seu ato manifestador.*

26. *E se me forças a dizer algo ainda mais ousado: Sua essência é fecundar e produzir todas as coisas; e, assim como sem criador nada poderia vir a ser, o Criador não seria o Eterno se não criasse eternamente: no céu, no ar, na Terra, no abismo, em todas as partes do universo, na totalidade, no todo total, em tudo o que é e em tudo o que* não *é.*

27. *Porque não há nada no inteiro universo que Ele não seja. Ele é tanto o que existe como o que* não *existe, pois tudo o que é Ele o manifestou e tudo o que* não *é Ele mantém incluído em Si.*

28. *Ele, Deus, é exaltado acima de todo o nome; Ele, o invisível, que não obstante é o mais manifesto; Ele, que é contemplado pela alma-espírito, mas igualmente perceptível aos olhos. Ele, o incorpóreo, que tem muitos, sim, mesmo* todos *os corpos; porque não há nada que Ele não seja, pois Ele é tudo o que existe. Por isso, Ele possui todos os nomes, pois que estes derivam do Pai único. Por isso Ele não tem nome algum, porque Ele é o Pai do todo.*

29. *Quem poderia louvar-Te o bastante segundo o Teu valor? Para onde dirigirei os meus olhos para louvar-Te? Para cima, para baixo, para dentro ou para fora? Não há nenhuma via, nenhum lugar, nem criatura alguma* fora *de Ti; tudo está em Ti, de Ti tudo*

provém. Tudo concedes e nada tomas, porque tudo possuis e nada há que não Te pertença.

30. *Quando te entoarei louvor? Pois é impossível saber a Tua hora e o Teu tempo.*

31. *E por que deveria eu entoar-Te louvores? Pelo que criaste ou pelo que não criaste? Pelo que manifestaste ou pelo que conservas oculto?*

32. *E com que Te entoaria louvor? Como se algo* me *pertencesse, como se possuísse algo de próprio ou fosse outra coisa senão Tu!*

33. *Porque Tu és tudo o que eu possa ser; és tudo o que eu possa fazer; tudo quanto eu possa dizer. Porque Tu és tudo, e nada há além de Ti!*

34. *Mesmo o que não existe, Tu és. És tudo o que veio a ser e tudo o que ainda não foi manifesto; Espírito, quando contemplado pela alma-espírito; Pai, quando dás forma ao universo todo; Deus, quanto Te revelas como força ativa universal; o bem, porque criaste todas as coisas.*

35. *O mais sutil da matéria é o ar; o mais sutil do ar é a alma; o mais sutil da alma é o espírito; o mais sutil do espírito é Deus.*

XXXI

O BARCO CELESTE E SUA TRIPULAÇÃO

Se vos aprofundastes no texto do Oitavo Livro de Hermes, tereis chegado à descoberta de que o seu intento é oferecer aos que o estudam uma compreensão elevada de Deus, indefectível e inatacável. Semelhante compreensão deve ser qualificada como uma dádiva incomparável, pois ela é a base de um conhecimento humano verdadeiro. É uma rocha na tempestade, um sustentáculo em meio às vicissitudes da vida.

De uma compreensão única e justa pode-se tudo deduzir, o que conduz infalivelmente o candidato a um bom fim. Eis por que o aluno dos mistérios gnósticos deve ser introduzido nesta compreensão de Deus, deve nela ser iniciado. Contudo, deve estar claro que, para esta iniciação, deve existir uma base, um fundamento sólido que a explique. Por esta razão, já desde o início é estabelecido que a única e libertadora compreensão de Deus apenas pode realizar-se quando o candidato é capaz de aproximar-se dessa compreensão com os olhos da alma renascida. O renascimento da alma é a base do conhecimento de Deus.

Portanto, é impossível que a compreensão hermética

de Deus tenha algo a ver com a compreensão intelectual e racional. Este é o argumento que opomos ao treino intelectual dialético e ao mito da pretensa superioridade do homem com o intelecto exercitado. Pelo contrário!

Quando fazemos notar que o homem intelectualmente treinado não pode ser considerado como superior, certamente não queremos com isso dizer que se deva fazer objeções contra o que se denomina homem inteligente. Nós desejamos a todos vós muita inteligência, sabedoria e prudência em vossa luta para sair deste mundo obscuro e difícil, mas quando se considera o desenvolvimento da inteligência como um meio de libertar a humanidade e, conseqüentemente, treina-se a inteligência segundo os meios e métodos tal como o mundo moderno os conhece, então, em lugar da superioridade, o cérebro sofre sérios danos, graves mutilações, tornando-se impermeável a todo o toque da luz libertadora, o que constitui um grande perigo para o homem em questão, para o mundo e à humanidade.

Não, o Nous é a base para *o* conhecimento, *a* sabedoria, que nos concede a libertação. Sabeis, após nossas explicações precedentes do *Corpus Hermeticum,* o que se entende por Nous. Ele é a alma renascida que encontrou o seu Pimandro, que está ligado ao seu Pimandro. Com isso, definimos o início do inteiro processo gnóstico do vir-a-ser consciente.

A plenitude gnóstica toca o aluno no santuário do coração, em conseqüência do que a rosa do coração, o átomo-centelha* do espírito se abre, e o aluno percorre sua via dolorosa, seu caminho rosacruz; é o trajeto em direção ao cimo do crânio, o desabrochamento de diver-

sas possibilidades novas no santuário da cabeça ao longo do caminho da endura. É assim que se efetua o novo vir-a-ser consciente. A alma que se encontra religada, unida ao Espírito e que, conseqüentemente, enobreceu os centros da cabeça e do coração para a sua elevada missão, possui os olhos do Nous*.

Nous é uma palavra que designa esta ligação da cabeça e do coração em sentido inteiramente novo. Esta reanimação elevada, justa e perfeita abre inteiramente os ainda latentes centros cerebrais para o pensamento e a compreensão puros. Eis por que o Oitavo Livro de Hermes se coloca por inteiro sobre o plano do homem-alma liberto e desperta Tat, o aluno sério para este estado. Não se faz aqui nenhum apelo à usual orientação mental do homem nascido da natureza.

Podereis, agora, fazer uma observação: "Se esta nova e elevada disposição mental ainda não é a minha, terá o Oitavo Livro de Hermes alguma coisa a dizer-me? A ponte pela qual Hermes pode alcançar-me é ainda apenas a minha comum faculdade intelectual?"

"Isso depende inteiramente de vós", devemos então responder. A palavra da Arquignosis dirige-se aos alunos da Jovem Gnosis. A Jovem Gnosis dispõe de um corpo vivo, da herança dos que a precederam e da estrutura de linhas de força da efusão do Espírito, pois o corpo vivo da Jovem Gnosis já pôde festejar a ligação alma-espírito. O privilégio do discipulado encontra-se, pois, no fato de que o homem nascido da natureza, tal como ele é, pode entrar em contato direto com o corpo vivo e, mediante absoluta auto-rendição, sem reservas, morrer diariamente para o seu eu. Desse modo, o aluno torna-se uma célula

vivente do corpo vivo.

Então tem início o estado que Paulo denomina "o ministério da reconciliação". Esse é um processo de tornar-se liberto, um processo de elevação em que o que é novo exerce um poder absoluto sobre nós, e a conseqüência disso será um tornar-se justo. Deve ser dito que numerosos são os alunos colocados em presença dessas possibilidades no corpo vivo, mas muito poucos têm delas se servido. Os que não utilizam essas possibilidades, bem como a lei que as torna ativas, permanecem de fato do lado de fora.

Afirmamos, portanto, que se existe uma real possibilidade de que o essencial do Oitavo Livro possa atuar em vós de maneira libertadora, essa é tão-somente através de uma verdadeira consagração ao discipulado vivente da Jovem Gnosis. Não é, pois, suficiente consagrar-se abstratamente à Gnosis; há milhões que se interessam dessa forma por um vir-a-ser consciente gnóstico, ou pela orientação gnóstica ou pela filosofia gnóstica.

Não, o segredo da realização é o consagrar-se no presente, diretamente, em total auto-rendição à Gnosis que surgiu, e esta é para vós: a Jovem Gnosis do Lectorium Rosicrucianum. Se isto compreenderdes, e se tal for a vossa aproximação, então é realmente possível que a essência do Oitavo Livro possa agir em vós, mesmo que ainda não tenhais atingido o estado de libertação da alma-espírito. O corpo vivo atingiu este estado.

E para quem mais a graça da libertação que o corpo vivo oferece seria empregada senão para os que declaram pertencer completamente ao corpo vivo do grupo? A simplicidade desta verdade falará por si mesma, assim o

esperamos. Nós não teríamos novamente aproveitado a ocasião para vos falar sobre este grande segredo de salvação, se uma verdadeira compreensão de Deus não fosse de urgente necessidade. Que confusão não tem causado a assim chamada compreensão de Deus, própria da humanidade dialética, no curso dos séculos! E até que ponto esta confusão ainda não irá!

Citamos alguns versículos do discurso de Hermes a Tat:

Explicar-te-ei, ó Tat, também extensivamente o significado do que segue, para que os teus olhos se abram aos mistérios de Deus, O qual está acima de todo o nome. Compreende, em visão interior, como Ele, que para a grande massa parece ser invisível, se tornará a ti o mais revelado. Porque Ele não seria *verdadeiramente se* não *fosse invisível. Porque tudo o que é visível foi criado, veio um dia à manifestação. O que não é perceptível, porém, é em toda a eternidade, pois não tem necessidade de manifestar-se: Ele é eterno e* dá *manifestação a todas as outras coisas. Ele revela tudo sem que Ele mesmo seja revelado; Ele engendra sem que Ele mesmo seja engendrado; não se manifesta em nenhuma forma perceptível, mas dá uma forma perceptível a todas as coisas. Pois unicamente o que é criado tem uma manifestação perceptível. Nascimento, vir-a-ser, não é outra coisa senão entrar no visível.*

O Uno-Sem-Nascimento é, conseqüentemente, tanto sem aparência perceptível como invisível; mas, visto que Ele dá forma a todas as coisas, Ele se torna visível através

de tudo e em tudo, e principalmente àqueles a quem quer manifestar-se. Por isso, meu filho Tat, ora, acima de tudo, ao Senhor, o Pai, o único, que não é o uno, mas a origem do uno, que se mostre propício, em sua clemente graça, e que te seja permitido ver esse Deus, tão imensamente magnificente, mesmo que Ele faça brilhar sobre tua consciência somente um *dos seus raios.*

Somente com os olhos da alma-espírito, a consciência-alma, é que se pode ver manifestado aquilo que permanece totalmente oculto para os que ainda não possuem esses olhos. No fundo, nada está oculto, nada pode ser ocultado na manifestação universal. Os chamados Mistérios são invisíveis apenas porque os homens não possuem olhos para contemplar claramente aquilo que está manifesto. Tudo o que Deus quer manifestar de Seu ser, em e através de Suas obras, é perceptível. Permanecesse tudo profundamente oculto, e então nada existiria. Refleti bem sobre esta idéia, pois ela é instrutiva e libertadora, e põe resolutamente um fim a todo o tipo de ilusões e perigos.

Nos sete domínios cósmicos do vasto universo, o Logos eterno tornou manifestas todas as suas obras e sempre continua manifestando-as. Manifestação é nascimento. Tudo o que é manifesto pode ser conhecido, sondado, experimentado. Por exemplo, tudo quanto se encontra manifestado no inteiro universo poderá ser apreendido, quando a lei de desenvolvimento da alma-espírito for cumprida pelo aluno. Para ele não mais existirão obstáculos. Se isto compreenderdes bem, não mais se tratará de cairdes vítima da exploração criminosa dos Mistérios*,

que tão seguidamente se pratica neste mundo, pois esta é a exploração da imperfeição humana.

Enquanto dizemos isso, somos conscientes de que alguém poderia dizer-nos: "Não serão vossas repetidas recomendações para uma total auto-entrega e sem reservas ao corpo vivo da Jovem Gnosis uma forma de exploração dos Mistérios?" Eis nossa resposta: não, certamente que não, pois a auto-rendição ao corpo vivo só pode ser total e conduzir ao objetivo quando a decisão para isto é tomada em plena liberdade e autonomia. Toda a auto-rendição forçada é imoral.

Vede, amigos, o núcleo da Escola Espiritual que edificou o corpo vivo espiritual em unidade não vos explora, pois o corpo-vivo é a esfera de vida tornada ativa de um grupo, não de um homem. Para nos servirmos de uma antiga terminologia, essa esfera de vida é um barco celeste que empreende uma viagem. E se decidistes tomar lugar neste barco a fim de alcançar o objetivo juntamente com o grupo e no grupo, então, em verdade, não é o corpo vivo que vos explora, mas precisamente o contrário: sois vós que explorais o corpo*vivo! Com efeito vós o utilizais e tentais atingir o vosso objetivo com a sua ajuda. E aqueles que suportam o sofrimento da lei natural ao deixar-vos fazer uso do barco celeste, aqueles que em vosso interesse estão continuamente ocupados em assegurar o curso do barco e de mantê-lo apto para navegar e que, para esse fim, fazem os maiores esforços e sofrem por vós, podem, pelo menos, esperar que vos comporteis como um digno membro da tripulação.

O sofrimento que podeis infligir aos tripulantes do barco celeste é o de que a revelação não tenha lugar tal

como ela se poderia produzir, situação esta imputável ao comportamento por vezes singular de diversos alunos. Toda a pessoa ligada à Jovem Gnosis como aluna pode ter a inteira revelação, o conhecimento preciso de primeira mão, o que o corpo vivo faz por ela, ou pelo menos pode fazer. E se este não for o caso, se tal revelação não acontecer, então é absolutamente certo que a causa disso deve encontrar-se ou num excesso de autoconservação, de egocentrismo, ou em motivos ocultos com os quais ingressou-se na Escola. É evidente que tais comportamentos retardam o curso do barco e aumentam o sofrimento dos tripulantes. É ao mesmo tempo uma exigência moral-racional o examinar-se em tais casos se os membros da tripulação podem ser mantidos. Com efeito, o perigo de que um membro indigno não somente retarde o barco, mas que igualmente nele exerça influências nefastas, não é imaginário.

XXXII

A ETERNIDADE NO TEMPO

Como vimos, as sete grandes regiões cósmicas, que formam o espaço total e oniabrangente, são os sete campos de manifestação do Logos. Tudo que está presente nesse espaço universal como vida, movimento e ser é fundamentalmente manifesto a todos que possuem o Nous, a alma nascida do Espírito. Mistérios nas sete regiões cósmicas não são, pois, nenhuma realidade. Um mistério é constituído por falta de compreensão, por falta de saber, de verdadeiro conhecimento. Quem se ressente disso, a esse faltam os olhos do Nous, da alma-espírito. Todavia — prossegue Hermes — muito existe que está oculto e é absolutamente imperceptível.

Assim, há uma divindade revelada e uma divindade desconhecida, o eternamente invisível. Do eternamente invisível, decorre a manifestação nos sete campos de revelação. Visto filosoficamente, não há nenhuma necessidade em se conhecer o invisível, à parte da total e completa impossibilidade desse conhecimento. O invisível, o incognoscível realiza plenamente seu plano em seus campos de manifestação. Neles Ele se faz manifesto. Portanto — assim se pode dizer — existe um verdadeiro mistério: o da

grande e insondável divindade. Em relação a esse fato, responde Hermes:

O que não é perceptível revela tudo sem que Ele mesmo seja revelado; Ele engendra sem que Ele mesmo seja engendrado; não se manifesta em nenhuma forma perceptível, mas dá *uma forma perceptível a todas as coisas.*

Por conseguinte, também a divindade imperceptível pode ser conhecida em sua criação e através dela. Por isso, também aqui o mistério deixa de existir, pois — e precisamos uma vez mais repetir — tudo o que a divindade é, também em sua imperceptibilidade, ela torna manifesto:

O Uno-Sem-Nascimento é tanto sem aparência perceptível como invisível; mas, visto que Ele dá forma a todas as coisas, Ele se torna visível através de tudo e em tudo, principalmente àqueles a quem quer manifestar-se.

Assim constatamos, com inominável alegria, que não existe nenhum obstáculo fundamental entre o homem e Deus. Quando pomos de lado os empecilhos fundamentais, chegamos através do manifesto ao não manifestado; portanto, através do tempo à eternidade. O tempo é o manifestado, a eternidade é o não-manifestado, do qual provém todo o manifestado. Assim a eternidade é o ser-núcleo, a força-núcleo, o que há de mais elevado na criação. O tempo e a eternidade não são, por conseguinte, separáveis do Espírito. Eles se completam, um deflui no outro. No tempo, encontramos a contínua progressão

das manifestações, as quais decorrem em crescente magnificência. Nisso a eternidade é a grande base sustentadora, é o esteio, o realizador, portanto, pode-se com razão falar-se de "eternidade no tempo", como dizia o falecido prof. De Hartog.

Aqueles que isso puderem compreender *e* experimentar, entrarão diretamente em grande tranqüilidade, em grande paz, a paz de Belém, pois encontraram a unidade com Deus e a libertação de toda a morte, porque a natureza, a profunda natureza da transformação é eternidade.

Quão pequena e quão elementar nisso tudo é a dialética e a ínfima vida do homem nascido da natureza! É como que um enrugar na superfície da água; uma acidental alteração na realidade; o grito de um animal no grande silêncio. Quem estaca nesse pequenino, quem nele se sepulta é, em verdade, sumamente tolo. Quem considera esse enrugar das águas como sendo a essência e não pode ver a imensa superfície, é, de fato, assustadoramente anormal. Está claro que semelhante pessoa aprendeu a temer a morte, o final de um enrugar! A morte que vem arrancar dessa anormalidade, dessa ilusão, a criatura sossobrada.

A ilusão tem qualidades cristalizantes, qualidades terríveis e um arrancar-se dessa ilusão é, pois, impossível realizar-se de modo harmonioso. Demolição de uma cristalização, transposição de uma cristalização significa: ficar-se totalmente reduzido a cacos.

Por isso, o homem dialético sempre aprendeu a temer a morte. O tempo significa, para o homem nascido da natureza, envelhecimento, perda de vitalidade, ver a

morte cada vez mais de perto, cavar sua própria sepultura. Por isso, procura-se retardar o tempo, o *próprio* tempo, prolongá-lo, escapar dele. O que é que não se faz para se afastar o tempo, não é verdade? É uma triste aposta com o declínio, mas para o novo homem, para o qual todos sois chamados, o tempo é um caminhar de força em força, de transformação em transformação, um viajar na corrente da eternidade. Se compreendeis isso, saudareis com plena adesão o sétimo versículo do Oitavo Livro:

Por isso, meu filho Tat, ora, acima de tudo, ao Senhor, o Pai, o único, que não é o uno, mas a origem do uno, que se mostre propício em sua clemente graça, e que te seja permitido ver esse Deus, tão imensamente magnificente, mesmo que Ele faça brilhar sobre tua consciência somente um *dos seus raios, pois, somente a consciência-alma vê o invisível, por ser ela mesma invisível.*

Percebeis que a todos vós, que fazeis parte do grupo e, por conseguinte, participais do corpo vivo, é dado, se tão-somente o quiserdes, realizar a grande e sagrada lei, experimentar, sentir a eternidade no tempo e o tempo como um eterno avançar? Para isso é necessário que aprendais a orar. Que é isso?

A verdadeira oração é a elevação da alma nos sete raios do Espírito sétuplo, nas sete correntes da eternidade, as quais abarcam, interpenetram e conduzem o tempo. A alma, a alma renascida, pertence a essas sete correntes da eternidade e procurará, em razão de seu ser, dia a dia e de hora a hora festejar essa ligação. A alma renascida é *una* com a divindade. Orar é, pois, para ela,

viver do Espírito, pelo Espírito e no Espírito.

Exprimir uma oração é causar uma descida de força para que se realize uma querida ou almejada manifestação. Que um simples exemplo esclareça isso: vossa casa está ligada à rede elétrica. Ligais a corrente e a luz se acende ou o aquecedor vos aquece. A alma renascida está ligada ao Pai e aos seus sete raios, e a oração é o ato, a invocação para viver dessa força e nela, para trabalhar e realizar os fatos na atualidade. Por isso também é dito com razão em João 14, versículos 12 e 13: "Na verdade, na verdade vos digo: quem crer em mim também fará as obras que faço. E o que pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho".

Compreendeis que isso está em relação com o ser nuclear da magia gnóstica, com a qual estão associados grandes perigos, quando as forças em questão são invocadas de maneira ímpia. No tocante a isso, é preciso ter-se em vista que, por exemplo, justamente as tão variegadas orações na dialética, feitas pelas classes sacerdotais da humanidade nascida da natureza, realizam com absoluta certeza e com muito maior velocidade, em razão da crescente ligação com os eões naturais, o funcionamento da regularidade da natureza da morte.

Mas a alma renascida está ligada ao Pai e recebe, assim, tudo o que necessita para o inteiro sistema microcósmico a que pertence. Para essa alma, a vida é um único momento de oração, e, nesse momento de oração, conflui nela tudo o que ela poderia precisar para o tempo e para a eternidade. É, pois, lógico que quando for útil ou necessário, ela se manifestará magicamente, mediante uma efusão de forças que ela mesma recebeu e das quais dispõe:

efusão de força para a Escola Espiritual, para a Gnosis e para qualquer filho de Deus na Escola.

Compreendereis que é grande a responsabilidade da alma-espírito, por isso, ela deve possuir grande inteligência para poder determinar quando a força do Espírito sétuplo deve ser aplicada mantramicamente e quando não. Sob essa luz também precisais compreender o que diz João, 20, versículo 23, ao se dirigir Jesus aos iniciados gnósticos: "Àqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos".

Existem muitos casos e situações em que o obreiro escolhido para isso não deve fazer uso da santa força do Espírito, não deve atuar com essa santa força, mas fazendo-o, ele seguramente executa a sagrada lei: os pecados são perdoados, isto é, as ligações entre o karma no ser áurico e o plexo sacro são cortadas, pois sobre isso repousa a lei do perdão dos pecados; os pecados são, desse modo, perdoados, mas visto que a necessária lição não foi aprendida, os mesmos pecados são de novo imediatamente cometidos e conseqüentemente uma grande confusão se segue para a pessoa em questão. De mais a mais, o homem sacerdotal que se intrometeu erroneamente e perdoou o karma vai acolher em seu sistema muito desse karma removido, e que não entrou em ação e, assim como é lógico, vai perder a ligação com o campo do Espírito. Nenhuma das duas partes, portanto, tirará proveito da inoportuna intervenção. Pelo contrário! Não se pode falar de nenhum auxílio, mas sim, de um aprofundamento da infelicidade.

Demais, o obreiro sacerdotal pode, com a magia

gnóstica, com a força do Espírito intervir em sentido neutralizador ou punitivo. Existem muitos casos em que isso deve ser efetivamente feito. Se o obreiro sacerdotal deixa de fazê-lo — por exemplo, por considerações humano-dialéticas ou por um relacionamento pessoal — então em primeiro lugar ele deixa que o mal se desencadeie posteriormente; em segundo, que os pecados do autor se tornem, assim, mais pesados; em terceiro, que o corpo vivo da Escola sofra danos; em quarto que, conseqüentemente, todos os participantes do grupo sejam iludidos, com o resultado de que, em quinto lugar, ele mesmo, o principal causador de todos esses desgostos é castigado.

Por efeito de um sacerdócio levado assim de modo profano, o inteiro trabalho de uma escola espiritual gnóstica pode ir ao encontro de seu momento fatal.

XXXIII

O CÂNTICO DE LOUVOR DE HERMES

Quem poderia louvar-Te o bastante segundo o Teu valor?
Para onde dirigirei os meus olhos para louvar-Te?
Para cima, para baixo, para dentro, ou para fora?
Não há nenhuma via, nenhum lugar, nem criatura alguma fora de Ti; tudo está em Ti, de Ti tudo provém.
Tudo concedes e nada tomas, porque tudo possuis, e nada há que não Te pertença.

Quando Te entoarei louvor?
Pois é impossível saber a Tua hora e o Teu tempo.

E por que deveria eu entoar-Te louvores?
Pelo que criaste ou pelo que não criaste?
Pelo que manifestaste ou pelo que conservas oculto?

E com que Te entoaria louvor?
Como se algo me *pertencesse, como se possuísse algo de próprio, ou fosse outra coisa senão* Tu!

Porque Tu és tudo o que eu possa ser; és tudo o que

eu possa fazer; tudo quanto eu possa dizer. Porque Tu *és* tudo, *e nada há além de Ti!*

Mesmo o que não existe, Tu és.
És tudo o que veio a ser e tudo o que ainda não foi manifesto:
Espírito, quando contemplado pela alma-espírito;
Pai, quando dás forma ao universo todo;
Deus, quanto Te revelas como força ativa universal;
o bem, porque criaste todas as coisas.

O mais sutil da matéria é o ar;
o mais sutil do ar é a alma;
o mais sutil da alma é o espírito;
o mais sutil do espírito é Deus.

Este cântico de louvor, que encerra o Oitavo Livro de Hermes, é tão extraordinário, tão notável e se distingue de tal modo dos habituais cânticos de louvor, que seria bom e necessário nele demorarmo-nos mais particularmente. Ele se encontra natural e inteiramente na esfera geral do tema tratado no Oitavo Livro, e sua essência é, de fato, a consciência da nossa impotência para louvar o Pai do universo de maneira justa e satisfatória.

Vimos que Deus é tanto transcendente como imanente, o que significa que Ele irradia através de todos os domínios cósmicos, que Ele se manifesta em tudo e em todos e que se encontra ao mesmo tempo fora da manifestação, no que não pode ser conhecido. Ele é, portanto, o conhecido e o incognoscível, tempo e eternidade juntos. Portanto, está claro que aqueles que, na base desta

realidade, engajam-se na Gnosis, percebem a divindade de uma maneira totalmente outra, em adoração, louvor e gratidão. O homem religioso-natural faz para si uma representação mais ou menos majestosa da divindade. Seja ele primitivo ou cultivado, ele se volta para um Deus que supõe existir em algum lugar, na maior parte das vezes acima de si.

Compreendeis onde se encontra a dificuldade? Quando se reflete sobre algo, em Deus como é o caso aqui, em adoração, louvor e reconhecimento, tem-se necessidade de um ponto para dirigir-se o pensamento. Aquele que possui alguma experiência de concentração mental sabe como automaticamente busca semelhante ponto. Ele se volta, por exemplo, para um templo ou para um lugar de serviço. Mas, para o que deve voltar-se o gnóstico que penetra na essência das coisas? Ele não encontra nenhum ponto particular para concentrar-se, no que concerne a Deus, o Pai. Ora, se ele o encontrasse, isso não seria senão uma fração, um ínfimo detalhe da revelação divina. Eis por que Hermes diz: *Para onde dirigirei os meus olhos para louvar-Te? Para cima, para baixo, para dentro, ou para fora?*

Com efeito, o transcendente é igualmente imanente, não se podendo defini-lo dialeticamente de maneira alguma: nem como tempo, nem como eternidade, nem como distância, nem como orientação. De modo algum!

Ademais, neste cântico de louvor, surge uma questão expressa por Hermes: *E por que deveria eu entoar-Te louvores? E com que?* É o eu algo que exista por si? O microcosmo é algo autônomo? Possui o microcosmo, visto em sua relação com o todo, algo que lhe seja próprio?

Não é verdade que o microcosmo, a personalidade, o nosso estado de alma são apenas ínfimas partículas, aspectos minúsculos da manifestação de Deus? E que, por conseguinte, Deus é tudo o que eu sou, tudo o que eu jamais serei, tudo o que eu jamais terei a possibilidade ou a capacidade de ser? Assim, mergulhamos no oceano da manifestação divina; num estado que ultrapassa de longe todo o louvor, toda a adoração e toda a gratidão, pois, não é a manifestação divina o oceano da plenitude eterna, a imensidade mesma?

A parte mais sutil da manifestação material é a atmosfera, o ar. A atmosfera, em sua sutilidade a mais palpável, é a pura substância astral. É desta substância que é constituída a alma, a alma imortal que nós acariciamos. Contudo, a esfera da alma compreende também numerosos graus de sutilidade. No ápice, suas vibrações passam para as do Espírito sétuplo, e é o nascimento de Pimandro que, em sua fusão com a alma, engendra o Nous, a alma-espírito. E o Espírito sétuplo mesmo não se exprime na eterna e incognoscível divindade?

Eis por que, ainda que falemos de um cântico de louvor de Hermes, de fato, não se trata de um cântico de louvor. Trata-se simplesmente da expressão de uma perplexidade profunda, da imersão no oceano da manifestação divina. Que, cheios de mudo respeito e profunda alegria, possamos conhecer pelos olhos da alma-espírito a manifestação divina, assim como Deus se conhece a Si mesmo.

XXXIV

A SABEDORIA DO MUNDO E A SABEDORIA DE DEUS

Queremos agora, em primeiro lugar, ainda dirigir vossa atenção para a última parte do sétimo versículo:

. . . que te seja permitido ver esse Deus, tão imensamente magnificente, mesmo que Ele faça brilhar sobre tua consciência somente um *dos seus raios.*

Muitos tradutores do *Corpus Hermeticum*, não bastante familiarizados com a Gnosis, cometem aqui, invariavelmente, o erro de ler: "Possa ser-te concedida a graça de que *um* único raio de Deus possa resplandecer sobre tua consciência".

Isso pode, em certo sentido, estar correto, porém, a verdadeira intenção de Hermes não fica entendida. É justamente assim: cada candidato nos mistérios gnósticos, no início, é iluminado somente por *um* dos sete vezes sete raios do Espírito sétuplo. Há sete raios, cada um repartido em sete, precisamente de modo que em e junto de cada raio principal também os seis outros executam

um papel colaborador. Cada raio é, pois, uma plenitude.

Quando a humanidade dialética tiver entrado perfeitamente na vida libertadora, ela se caracterizará por sete raças, as quais cooperarão em perfeita harmonia e cada raça demonstrará, claramente, em suas atividades, um dos tipos principais. Quando essas sete raças se compreenderem perfeita e reciprocamente, elas poderão, por sua colaboração, irradiar a total plenitude de Deus.

Em futuro muito próximo o grupo, que está reunido no corpo vivo, demonstrará do mesmo modo e claramente esses sete tipos humanos, suas possibilidades e sua cooperação. Mais para diante isso se expressará melhor, quando os sete corpos das sete diferentes fraternidades gnósticas se encontrarem no campo mundial.

Quando uma entidade nascida como alma se liga pela primeira vez com o Espírito, com seu Pimandro, no início *um* dos seis sub-raios do raio de seu tipo torna-se ativo nela. Com base nisso, Hermes quer dizer com sua afirmação no sétimo versículo: "Embora em ti ainda somente atue *um* dos seis sub-raios do teu tipo, utiliza essa condição para poderes compreender a natureza de Deus". Porque a influência do Espírito sétuplo, que se está tornando ativa em vós, toca o vosso santuário da cabeça e nele, em especial, a faculdade do pensamento. E a faculdade do pensamento, a consciência da alma, vê no invisível, visto que ela mesma também é não-manifesta, pois o pensar precede à manifestação.

Quando o organismo cerebral ainda vive inteiramente do sangue do nascimento, como se dá com as criancinhas, ele não é capaz de nenhuma atividade mental.

Essa atividade só se torna possível, quando a base do tipo, uma radiação exterior ao organismo cerebral, o põe em condições para tanto.

Talvez saibais que, no santuário da cabeça, há sete ventrículos cerebrais. Nas pessoas um desses ventrículos é sempre muito ativo. Trata-se aqui, muito particularmente, de uma influência astral em conseqüência da qual o éter refletor, o éter do pensamento, é liberado. Na natureza dialética, vivemos num campo astral limitado e os influxos desse campo, influxos que tocam o santuário da cabeça, transformam-se primeiramente em éter do pensamento, o qual, por sua vez, põe em atividade o funcionamento cerebral.

Mas precisais ter em vista que esse éter da natureza comum em nenhum aspecto, em nenhum mesmo, pode levar as funções cerebrais a ver no invisível, no não-manifestado. O que não está manifestado e o que não é diretamente levado para dentro do campo de observação da percepção sensorial comum, não pode ser visto nem compreendido pelo homem nascido da natureza. No máximo, pode ser por ele buscado; com isso, queremos apenas dizer que a vossa atividade mental, vossas funções mentais em sua condição nascida da natureza, não são livres. Não podeis, como nascidos da natureza, como pessoas dialéticas, pensar livre e independentemente.

Por isso, o homem dialético, no que diz respeito à sua atividade mental, depende totalmente de fontes exteriores que se introduzem em sua esfera. Compreendereis que nisso se encontra algo de muito negativo, e, portanto, sempre algo muito perigoso e parcial. Quando o vosso pensar provém dessas fontes alimentadoras tais como

livros, cursos, conferências realizadas por pessoas que, por sua vez, os produziram baseados em cursos e leituras de livros, não há nenhuma certeza de que o que vos é transmitido seja correto, podendo mesmo o conteúdo ser eventualmente bem falso ou muito hipotético, mas ninguém verá isso, pelo menos no início, pois as autoridades se impõem pelos seus escritos e pelos seus ensinos e, como tais, alimentam o vosso pensar. Por efeito desse pensar, a vossa vida é conduzida para uma determinada direção. Assim acontece que o pensar do homem nascido da natureza não é determinado por ele mesmo, mas por influências externas; ele é – expressando-o com palavras de Hermes – *adestrado* como animal inteligente, porque o éter do pensamento não é ilimitado. Assim, o homem é e torna-se a vítima de seu mentor. Essa é a tragédia de cada nova geração. Uma geração é educada, adestrada e num certo momento naufraga como todas as outras anteriores.

Vosso pensamento, assim tivemos de constatar, não é livre, não é independente. É por isso que tantos males e dificuldades marcam o curso dos acontecimentos para as gerações dominantes; é por isso que o mundo civilizado encontra-se sempre neste ou naquele nível de experimentação. Isso até que um sistema de vida encalhe totalmente e se procure, a preço de sangue e lágrimas, dele libertar-se. Daí a sentença do oitavo versículo: "Somente a consciência-alma vê o invisível". Tão logo possuais os olhos do Nous, podereis revelar o não-revelado.

O entendimento pode ver no não-manifestado tão logo tenha nascido Pimandro. Logo que o pensar se tenha libertado em vós, estareis, por efeito do pensamento, em

ligação com o amplo universo de Deus e nele vereis tudo aquilo ao qual a vossa atenção se dirigir.

O entendimento, assim dissemos, pode ver no não-manifestado desde que Pimandro tenha nascido e, conseqüentemente, tenha-se realizado perfeitamente o posterior desenvolvimento do nascimento da alma. Então encontra-se aberta, no santuário da cabeça, a maravilhosa flor* áurea, o olho da alma, e o homem nascido como alma pode ver no espaço aberto. Assim o candidato encontra-se em ligação com o novo campo astral, do qual um novo éter mental pode liberar-se.

Compreendei, pois, amigos, compreendei por que sempre de novo dirigimos a vossa atenção para o corpo vivo da Jovem Gnosis!

Por que, irmãos e irmãs? Porque no corpo vivo está concentrada a nova *astralis!* Porque a nova, a pura esfera astral manifesta-se através do corpo vivo da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea!

Por isso, gostaríamos tanto de ver rendendo-vos perfeitamente ao corpo vivo. Não por nossa causa, mas por vossa, para pôr-vos em condições de receber a bênção da clara e pura *astralis*, a qual realizará em vosso santuário da cabeça o novo éter mental. Então, ao mesmo tempo, é tocado pelo primeiro raio do Espírito, o organismo cerebral, tocado para a renovação, para a transformação, para abrir muitos pontos ainda latentes no santuário da cabeça. Assim é estabelecida a ligação com o campo do Espírito, com a divindade não manifestada e com a oni-manifestação das sete regiões cósmicas, a divindade manifestada.

Só desta forma nasce, torna-se possível o novo pen-

sar, puro, independente, pelo qual tantos buscaram; um pensar sem autoridades e sem fontes dialéticas e que pode interceptar toda a falsidade. A respectiva pessoa pode verdadeiramente tornar-se e ser um servidor de Deus. Ela tornou-se na Gnosis um mestre de si mesma.

Queremos, neste contexto, apontar-vos ainda outro ponto, o de que não deveis confundir vosso entendimento com a assim chamada memória.

Suponde que pudéssemos transmitir-vos uma impecável tradução de todos os livros de Hermes, uma tradução com um completo comentário elaborado em todos os detalhes. Suponde que, vós, que recebeis semelhante presente, além disso dispondes de fabulosa memória. Precisais saber, neste caso, que a memória de uma pessoa dialética pode ser ampliada mediante exercício (exercício muitas vezes continuado de pais para filhos ao longo de gerações); pode ser tão dilatada como fica dilatado um estômago por excesso de comida. Existem pessoas que, por se terem habituado a comer muito, ganham uma dilatação do estômago. Essas pessoas necessitam de muito mais alimento para encher seu estômago que as outras, sem que o resto do organismo tire proveito disso.

Suponde que conservastes com a vossa fabulosa memória a tradução completa de Hermes e, desse tesouro hermético armazenado em vossa memória, citareis e falareis onde e quando quiserdes, ao serdes interrogados sobre ele. Segundo a apreciação do mundo, seríeis um gênio hermético e uma pessoa superficial possivelmente vos tomaria por um iniciado hermético.

Sabeis que o inteiro sistema educacional moderno

visa manter, ampliar ao máximo a capacidade da memória. Ela é atulhada. Todos os professores estão voltados para isso, e os pais colaboram nisso. Quando uma criança não sabe sua lição, ela pode-se preparar para uma reprimenda. Percebeis o grave erro?

Na verdade, com essa memória assim tão soberanamente cheia nada ficaríeis *sabendo,* verdadeiramente nada! Na verdade, vos enganais a vós mesmos e ao mundo. Toda a vez que sacais algo do reservatório da vossa memória, o vosso órgão intelectual não atua senão como um robô.

Queremos aqui apontar para vós um dos maiores engodos da natureza dialética, a saber, que o treinamento e a acumulação da memória indique sabedoria. Sim, bem que podeis tornar-vos professor, mas um professor não é ainda, de forma alguma, um sábio. Precisais, como buscadores da sabedoria libertadora, também vos libertar desse engodo de que o exercício e a acumulação da memória vos tornaria um pensador livre e independente, um pensador em sentido novo, um filósofo pela graça de Deus.

De mais a mais semelhante "sabedoria", como o mundo a considera, é pior que parvoíce. Ela causa estragos no sumamente delicado organismo cerebral. O homem que se entrega a *essa* sabedoria está, entre outras coisas, completamente dentro de uma ilusão, de grande cristalização, ao passo que a ignorância — no sentido de se estar livre da referida cultura da memória e de suas conseqüências — dará à pessoa, por muito tempo, a oportunidade de busca. Para a qualidade do vosso estado corporal, para a qualidade do vosso organismo corporal é

melhor, no sentido do mundo, ser-se tolo do que sábio. As crianças que, de qualquer modo, seja por circunstâncias sociais ou pelo fato de não poderem acompanhar a rotina, escapam do anômalo culto do intelecto, são particularmente agraciadas pelo destino, pois escapam assim de uma dança macabra.

Certamente não tencionamos com o acima exposto fazer nenhuma propaganda a favor da estupidez e certamente não queremos aconselhar-vos a afastar da escola os vossos filhos. Do ponto de vista do discipulado, queremos dizer-vos unicamente: por favor não vos preocupeis se o vosso filho não pode aprender e não fiqueis cheios de entusiasmo quando ele for bem na escola, pois nisso se encontra um perigo, aquele do qual acabamos de tratar. De resto fazemos votos para que todos os vossos filhos se tornem professores.

Irmãos e irmãs, muito esperamos que possais ver algo do grande e gnóstico mistério da salvação, e a todos vós é concedida a possibilidade de vos libertar de toda a autoridade e penetrar na verdadeira sabedoria divina, na Gnosis.

Descobri que, nesse desenvolvimento, desaparece toda a limitação, já que, por efeito do novo pensar, o candidato entra em ligação com o objeto desejado. O objeto é trazido, é revelado na cavidade atrás do osso frontal, na cidade de Nefrite; ele pode ser visto e analisado e pode ser investigada a sua ação. O candidato está então ligado a ele. E se for útil e necessário, ele poderá falar a fim de explicá-lo e fazê-lo compreendido.

Para os gnosticamente esclarecidos, a memória ganha

uma bem outra missão, isto é, a missão original, o intencionado papel original. Por isso repetimos: não arruineis, não forceis os vossos filhos! Dai-lhes, se ainda for possível, a possibilidade de se aproximarem da destinação original da memória. A memória, para as pessoas gnosticamente esclarecidas, outra coisa não é senão um órgão de reprodução. Quando a atenção é solicitada para determinadas coisas, a memória se dirige de modo absoluto a elas, estabelecendo a ligação e iluminando o entendimento.

Por fim, ainda queremos dirigir a vossa atenção para outro ponto do mesmo exame. Muitos que ainda não encontraram o caminho do nascimento da alma e, conseqüentemente, ainda não penetraram na natureza da autoridade própria, encontram-se, às vezes, no curso de suas pesquisas, em situações desesperadoras e freqüentemente perigosas. Todas essas pessoas seriam levadas amplamente na boa direção se a elas não fosse recusado determinado auxílio. Quando a pessoa verdadeiramente busca do seu íntimo, ela é, como sabemos, tocada pela luz elementar da Gnosis, a qual sempre busca o que se encontra perdido. E nesse estado de ser, em que milhões de pessoas são repetidamente levadas, estão elas abertas para muitas sagradas palavras gnósticas e testemunhos do passado. Mas, dos testemunhos do passado, uma pessoa nada aproveita, caso ela não os receba na forma do presente.

De que interesse pode ser uma fraternidade precedente se essa fraternidade não se apresenta na atualidade como jovem Gnosis? Só quando a pessoa que busca é posta diante de uma gnosis atual, desenvolver-se-á para ela um vivente testemunho, sendo possível encontrar-se uma clara diretriz para sua vida.

Assim, também sabeis que, através dos séculos, foi sistematicamente aniquilado, profanado, roubado ou conservado em segredo, tão amplamente quanto possível, o testemunho e o resto do passado gnóstico. Por isso, é necessário que vejais uma vez mais quão urgentemente necessário é que vos prepareis para a verdadeira liberdade, sobre a qual vos falamos. É através desta condição de liberdade, dessa posse do olho da alma que vos tornareis, como homens sacerdotais, viventes testemunhas em todo o reino gnóstico; podereis ser consolo e bênção para a humanidade que busca, para a humanidade padecente e tão transviada.

Não é imprescindível, em primeiro lugar, a literatura, ainda que ela possa ser útil e necessária, nem que haja uma organização elaborada nos menores detalhes, não obstante ser ela sumamente importante e por nós aspirada. Em primeiro lugar, é imprescindível que tenhais, todos vós, o olho da alma e o novo e iluminado pensar. Nada, irmãos e irmãs, nada, no tocante a isso, vos impede!

Temos necessidade, na jovem Gnosis, de homens sacerdotais. E só podeis realizar esse sacerdócio gnóstico mediante total rendição à rosa das rosas, mediante total entrega à grande e sagrada obra, mediante a perfeita endura, pondo em prática aquilo que professais e não apenas tagarelar a respeito disso.

XXXV

A CHAVE DA PURIFICAÇÃO

No Oitavo Livro de Hermes, a partir do nono versículo, ressoa intenso júbilo acerca de tudo aquilo que pode ser visto através do olho da alma, quando se adquire a consciência da alma. Existe muita coisa na natureza dialética que não se explica pela natureza da morte, porém nos dá um quadro da prodigiosa revelação de Deus. Isso quer dizer que esse quadro é para ser visto quando os olhos do Nous, a consciência da alma, estão abertos. O que é essencial da revelação de Deus na natureza dialética está envolto por gélido frio, está aprisionado numa petrificação; portanto, funciona por inteiro ou em parte de maneira errada. Mas, amigos, o ser de Deus exprime-se na inteira natureza manifestada até mesmo nas esferas infernais.

A linguagem sagrada de todos os tempos dá amplo testemunho desse fato, mas os homens dialéticos geralmente não o entenderam. Pensaram e pensam que a natureza, em seu total ser e vida, assim como ela se apresenta à consciência dialética, à percepção sensorial, já seria a plena expressão das intenções de Deus e isso também tanto no conflito dos opostos como também na indizível crueldade e bestialidade na natureza. Para os homens

terrenos, tudo *isso* é a natureza e a intenção divina, o que incita, portanto, à imitação.

Não só o homem religioso participa dessa profanação de Deus, mas também o homem da ciência. Tende em vista tão-somente o biólogo, o qual leva suas investigações sobre a vida até a idolatria! Mas a Escritura Sagrada e a Doutrina Universal sempre tencionam dizer que só se pode vê-la em sua *verdadeira* atividade com os olhos do Nous, os olhos da consciência da alma, que permitem distinguir o essencial e revelar sua intenção, *além* de determinar sob que aspecto e até que ponto a contranatureza causou degeneração.

Isso demonstra como é desejável, sim, como é necessário, possuir-se o olho da alma e poder-se distinguir o essencial do acessório. E repetimos a advertência que já fizemos considerando o Oitavo Livro de Hermes, que esse livro situa-se no plano daqueles cuja alma se encontra liberta.

É, pois, bom desmistificar de uma vez por todas o problema do vir-a-ser gnóstico e perceber claramente que só se pode falar de verdadeira cultura da humanidade quando a alma renasce e encontra o seu Pimandro. Só então o homem retorna à origem da humanidade verdadeira, só então o caminho da evolução pode ser percorrido. Só *depois* do nascimento da alma, a personalidade no microcosmo entrará na perfeita eternidade divina, após ter-se esvaziado, pela transfiguração, de toda a cristalização e morte. E para poder ingressar nesse verdadeiro caminho cultural e nele permanecer sem desvios, a consciência da alma é de absoluta necessidade. Se vos lembrar-

des da menoridade da inteligência dialética da qual tratamos, da inutilidade, dos perigos da memória dialética, compreendereis então a necessidade de adquirir-se este novo sentido, que funciona impecavelmente.

Para um grupo gnóstico, como o é o da jovem Gnosis, também pode ser dirigida a pergunta: quais são as razões pelas quais o olho da alma ainda não despertou em muitos de vós? Por que esse guia para a vida ainda não nasceu em muitos de vós?

Já antes tivemos de vos dizer que, após o nascimento da alma e por efeito de total rendição ao corpo vivo, a morte é vencida. E agora afirmamos que o nascimento da alma é já um fato para muitos alunos; que muitos de vós possuem inúmeras qualidades de alma e que a perfeita rendição ao corpo vivo, rendição incondicional, vai permitir saborear a eternidade no tempo.

Mas, esse estado de ser não é ainda o desejado. A condição de filho de Deus — sublinhamos aqui a palavra *filho* — ainda não é o essencial, pois o filho somente se tornará adulto mediante o despertar do olho da alma, da consciência da alma. E então a pergunta: a que se liga o fato — com base nas grandes possibilidades que a maioria dos alunos apresenta — de que muitos de vós ainda não puderam saudar a hora matutina?

As razões disso são que não concedestes nenhuma ou pouquíssima atenção ao conflito que se apresenta entre o cérebro e o cerebelo, ou por outras palavras, ainda há insuficiente ordem ou absolutamente nenhuma ordem entre os processos psíquicos e físicos do corpo. Ou *ainda* por outras palavras, há permanente conflito em vós entre a psique e o físico, entre a alma e o corpo.

O homem dialético comum, endurecido, não conhe-

ce esse conflito. Sua psique, sua alma animal e seu corpo são completamente *unos;* porém, na natureza do aluno médio de uma Escola Espiritual não reina essa unidade. Pelo contrário! Nele reina um conflito entre a alma, por um lado, e o corpo, por outro. Essa condição conflitante cresce continuamente, pois nele se trata de uma renovação da alma.

Se fazeis parte já por algum tempo do corpo vivo da jovem Gnosis, por alguns meses ou anos, se tendes estado conosco voltados para a salvação da Gnosis, então é certo que em vós houve a diferenciação do novo fluido da alma ou pelo menos ele aparece em vosso sangue. Desse momento em diante, desenvolve-se, em medida crescente, um conflito entre a constituição anímica e o corpo. E sobre isso, daqui em diante, precisais pôr vossa atenção de modo muito especial, pois o que é normal, saudável, evidente para a vossa nova psique em formação, para a vossa nova constituição anímica em formação, é absolutamente anormal para a vossa constituição física, para o vosso corpo nascido da natureza, que é ativo por efeito das suas forças naturais. Em outros termos: vosso físico se sublevará contra o surgimento da nova psique; a alma em formação não tem em vós nenhum espaço em que possa desenvolver-se e, assim, levais efetivamente duas vidas: uma psíquica e uma física. Por um lado, uma vida da alma, quando vos encontrais no templo ou quando vos aprofundais na literatura, ou falais acerca da Escola e do seu trabalho; e por outro, uma vida natural do corpo.

Não vedes que, por efeito desse fato, essas duas vidas se bloqueiam reciprocamente e, por conseguinte, reciprocamente se danificam? Não está evidente que, em

vista de semelhante condição, poderão surgir padecimentos corporais? O corpo só poderá *unificar-se* com a alma quando ingressar na fase da transfiguração. O natural, o corpóreo precisa submeter-se à alma.

Seria preciso dizer-vos que a auto-rendição, sobre a qual vos temos falado repetidamente, também tem um aspecto saudável? Pois, se realmente realizais a auto-rendição, ela promoverá vossa saúde, mas sem auto-rendição ireis, como agora deve estar claro para vós, de padecimento em padecimento.

Portanto precisais fazer uma escolha, uma escolha leal e positiva. "Não podeis servir a dois senhores", diz o Sermão do Monte. Ou decidis trilhar a senda da alma, trilhá-la com todas as conseqüências, ou vos declarais a serviço do corpo, assim como ele nasceu da natureza. Um dos dois. Todo o compromisso está excluído.

A senda da alma é evidentemente a senda da eternidade. A senda do corpo é a da finidade. Teoricamente, a escolha não é difícil. Todos escolhereis espontaneamente a senda da alma, mas na prática, a situação é bem diferente! No grande conflito entre a alma que se renova e o corpo nascido da natureza, desenvolve-se freqüentemente tamanha tensão que a teoria é varrida pela prática, sim, completamente esquecida, quando as tensões levam a uma crise. Semelhante situação todos vós, sem exceção, conheceis.

Todas as misérias físicas, todas as necessidades e comoções físicas têm seu centro no cerebelo. Esse órgão encontra-se em direta ligação com o coração, com o fígado, com o fogo serpentino e com o simpático, com o plexo sacro e com o karma; com tudo aquilo que, ao

longo dos eões, está acumulado no ser áurico. O cerebelo supervisiona o inteiro sistema físico através do bulbo raquidiano e para que esse controle se exerça convenientemente, a secreção interna desempenha igualmente o seu papel. Citemos, por exemplo, a pineal e a pituitária, que têm uma função toda preponderante na vida física. O cerebelo rege, portanto, a totalidade do organismo e também o cérebro e, por esse meio, os grandes centros da vontade e do pensamento.

Voltemos agora ao vir-a-ser da alma. Nessa ressurreição devem executar papel de imenso alcance a consciência, a organização sensorial, o fogo serpentino, o simpático, o bulbo raquidiano, o coração, o fígado, o plexo sacro, o ser áurico e a secreção interna, sem falar do sangue, do fluido nervoso e dos outros fluidos. Desse modo, vemos claramente que a nova psique em formação no aluno e o seu físico chocam-se reciprocamente de maneiras várias. Esse embate não podeis evitá-lo simplesmente, por isso, vamos estudar a fundo esse assunto.

Admitamos o seguinte: encontrais-vos num conflito, num conflito interior e, em decorrência desse fato, entrais em conflito com terceiros. Talvez estejais em choque com dúzias de pessoas; a causa disso reside em vós mesmos, reside no grande e intenso conflito entre a vossa psique e a vossa constituição física. E em muitos aspectos, o santuário da cabeça é o ponto de encontro, o campo de batalha, onde o *bulbo raquidiano* está em contínua e elevada pressão!

Existem alunos que então se queixam de intensas dores na nuca, como também nos ombros. Se consultarem um médico, este lhes receitará massagens ou anal-

gésicos ou mesmo injeções. Seu diagnóstico é sempre: artrose, artrite e calcificação das vértebras cervicais.

Isso bem que pode acontecer, pois o processo de calcificação já começa aos três meses de idade. Assim, é uma verdade óbvia que, quando já estamos com alguma idade já se trata de formação cartilaginosa, de calcificação. Mas se, como alunos sérios, vos queixais de dores no bulbo raquidiano, ou medula alongada, então a causa disso é o conflito entre os crescentes direitos da nova alma e a vossa constituição física. Para esse conflito, precisais encontrar *uma solução* e não, como tantos fazem, buscar um compromisso entre a vossa natureza e a vida da alma. Isso *não funciona*. Melhor seria deixar a Escola Espiritual do que buscar semelhante compromisso. Se vos apegais à semelhante situação conflitante, o olho da alma não poderá abrir-se; vivereis duas vidas em contínuo e recíproco conflito, consumindo assim prematuramente o vosso corpo.

O aluno que compreende o aspecto trágico e dramático de semelhante situação tem freqüentemente a tendência de reprimir a pressão do aspecto corporal e lutar contra a natureza, a qual, em autocoerção, quer aprisionar. Isso é expressão de uma tendência para entrar em pânico, expressão de medo e o conseqüente surgimento da dúvida. Tentar fazê-lo, é dirigir-se de modo absoluto para um ainda maior conflito, já que tudo que é forçado continua a subsistir e é levado a uma tensão cada vez maior, até ocorrer uma explosão.

Não vos falaríamos sobre essas misérias se não existisse nenhum método de vida pelo qual se pudesse evitar

a luta entre o corpo e a alma, sem coagir a natureza, sem se viver de modo antinatural. A Gnosis universal fala a esse respeito do desenvolvimento da alma pela depuração, pela purificação. Quem aplica semelhante método de vida contribui para o crescimento da alma, para o despertar do olho da alma e, assim, neutralizar esse grande perigo.

O essencial é que o aluno seja verdadeiramente um buscador da Luz e que nele esteja presente o grande, o todo dominante anseio por um novo estado de vida, pois a orientação é decisiva. Quando nele está presente esse poderoso anseio por libertação, então este é um estado do homem natural, um estado físico. A alma da natureza geme, pode-se assim dizer, por libertação.

Esse estado e o estar-se em condições de mantê-lo, ainda mesmo que a alma já tenha renascido, é a chave da purificação, porque, quando no homem natural está presente esse grande anseio por libertação, também os focos da vida física, que há pouco vos indicamos, e que estão concentrados no cerebelo, impelirão a isso como uma necessidade física.

Eis por que é necessário que vós, como alunos, adquirais o controle das funções do cerebelo, não deixando que a natureza vos explore nem domine. Precisais adquirir poder sobre os focos do cerebelo, os focos da vida física. Se fordes bem-sucedidos nisso, o cerebelo não gerará mais nenhum conflito com as estruturas orgânicas, com as funções cerebrais, onde, por exemplo, se processam os pensamentos sobre as coisas do Espírito.

Nesta oportunidade, também vos apontamos a bem-aventurança que bem conheceis: "Bem-aventurados são os puros de coração, pois verão a Deus". O processo deve

começar com a purificação do coração. Essa purificação, a respeito da qual já tantas vezes temos falado na Escola, é a chave para o controle das funções do cerebelo. Quando obtiverdes esse governo pela purificação do coração, as duas serpentes da escada de Mercúrio, da árvore da vida de Mercúrio — Pingala e Ida — darão testemunho da harmonia adquirida, e o corpo assim conservará a sua saúde, até onde isso for possível.

Observai aqueles que acabaram de encontrar a Escola Espiritual, os que buscaram através dos anos e que sentiram em toda a sua realidade o seu próprio encalhe neste mundo. Quando num certo momento eles se vêem diante da revelação gnóstica, saltam com um grito de júbilo para dentro da Escola. Então precisais ver como a saúde deles decorre favoravelmente, como uma harmonia desconhecida também se desenvolve em seu corpo. Após terem buscado por tanto tempo e por fim terem encontrado o que buscavam, o coração salta cheio de profunda gratidão e reconhecimento, abraçando a Gnosis; ao mesmo tempo, por esse intenso anseio e purificação do coração (coração que possível e naturalmente ainda não pode ser conscientemente governado), são espontaneamente dominadas as funções do cerebelo e a harmonia dessas pessoas que anelavam e buscavam, que agora encontraram o seu Deus, flui pela totalidade do seu organismo e promove grandemente a sua saúde. Muitos que nessas condições ingressaram na Escola, testemunham desse fato com as palavras: "O que aconteceu comigo não sei dizer, mas tenho a sensação de que uma pesada carga que me oprimia há anos foi de mim retirada".

Com base neste autêntico e positivo anseio por luz e

vida libertadoras, a auto-rendição não se torna e não é para nossa inteira natureza, nenhum problema. Trata-se, então, de unicamente dar continuidade a ela. Se seguirdes esse caminho, toda a vossa natureza, por necessidade interior, desabrochará nesse todo dominante caminho de libertação, e nenhum órgão físico poderá causar uma situação conflitante.

Vede aqui, pois, resumidamente e de novo a chave (1) da purificação do vosso inteiro sistema natural, o que terá como conseqüência o nascimento da alma em vós e a realização da sua viagem até o alvorecer da ressurreição. Por isso, está nas bem-aventuranças: "Bem-aventurados os puros de coração, pois *verão* a Deus". Eles serão confrontados com o seu Pimandro. Eles entrarão com o olho da alma, com o olho do Nous, como alma-espírito liberta, na plenitude da manifestação divina. Eles verão a Deus. Eles O reconhecerão. Eles O compreenderão. Eles se unirão com a inteira síntese do Oitavo Livro de Hermes Trismegisto.

(1) Sobre esse tema, foi dado uma conferência detalhada para os alunos que vieram dos graus externos para a escola interna.

XXXVI

O NONO LIVRO

NADA EXISTE QUE VERDADEIRAMENTE SE PERDE, MAS ERRONEAMENTE SE CHAMAM AS MUTAÇÕES DE ANIQUILAMENTO E MORTE.

1. *Hermes: falemos agora, meu filho, a respeito da alma e do corpo, de que maneira a alma é imortal, de que natureza é a força de coesão e de dissolução do corpo.*

2. *Porque a morte nada tem a ver com estas coisas. Morte, mortalidade, são apenas concepções derivadas da palavra imortalidade, seja como ficção, seja pela supressão da primeira sílaba e assim se fala de mortalidade.*

3. *Porque morte significa aniquilação; mas nada do que está no mundo é aniquilado. Pois, sendo o mundo o segundo Deus e um ser imortal, está excluído que qualquer parte desse ser imortal pereça;* tudo *no mundo faz parte do mundo, sobretudo o homem, o ser equipado de mente.*

4. *Em verdade, antes de tudo e acima de tudo, realmente está* Deus: *o Eterno, o não-criado, o Criador de todas as coisas; o segundo, o* mundo, *é por Ele formado segundo Sua imagem, é por Ele mantido e nutrido e dotado de imortalidade, visto que, emanado de um pai eterno, é, como ser imortal, possuidor de vida desde a eternidade.*

5. *Pois se deve bem distinguir entre a vida da eternidade do que é eterno! Com efeito, o Eterno não emanou de nenhum* outro *ser e, mesmo que tivesse sido criado, o seria por Ele mesmo. Porém, Ele nunca foi criado, mas sim, Ele se gera a si mesmo em eterno vir-a-ser.*
   Assim o universo vive eternamente pelo Eterno, mas o Pai é eterno por si mesmo; por conseguinte, o mundo vive eternamente e é divino graças ao Pai.

6. *Da matéria que Ele destinou a esse fim, o Pai formou o corpo do mundo; Ele lhe concedeu a forma esférica e determinou as qualidades das espécies que o deveriam ornar, conferindo-lhe uma materialidade eterna, já que a substância material era divina.*

7. *O Pai, após ter disseminado na esfera as qualidades das espécies, encerrou-as como numa gruta, visto que Ele quis ornar Sua criação com todas as qualidades.*

8. *E envolveu o inteiro corpo da Terra com imortalidade, a fim de que a matéria, desatando-se da força conectora do corpo, não voltasse ao caos, que lhe é*

próprio.

9. *Porque, meu filho, quando a matéria ainda não havia sido formada num corpo, era não-ordenada. Ela mostra isto em certa medida mesmo aqui, pela faculdade do crescimento e do decrescimento, faculdade esta que os homens chamam de morte.*

10. *Esse desordenamento, essa volta ao caos, apresenta-se somente em criaturas terrestres. Pois os corpos dos seres celestes mantêm a ordem única que desde o princípio lhes foi concedida pelo Pai; e essa ordem é mantida indestrutível mediante o retorno de cada um deles ao estado de perfeição.*

11. *O retorno dos corpos terrestres ao seu estado anterior consiste na dissolução da força conectora, que volta aos corpos indissolúveis, isto é, aos corpos imortais. Desta forma, surge a eliminação da consciência dos sentidos, mas* não *o aniquilamento dos corpos.*

12. *O terceiro ser vivente, o homem, criado segundo a imagem do mundo e que, segundo a vontade do Pai, possui, acima dos outros animais terrestres, a mente, não somente está ligado ao segundo Deus por um liame de simpatia, mas, em contemplação interior, aproxima-se também da essência do primeiro Deus, porque percebe o segundo Deus pelos sentidos, como sendo corpóreo, enquanto sua visão lhe faz reconhecer o primeiro Deus como* incorpóreo *e*

como Espírito, o bem.

13. *Tat: então esse ser vivente não é* aniquilado?

14. *Hermes: fala, meu filho, uma linguagem alegre e jubilosa e concebe o que é Deus, o que é o mundo, o que é um ser imortal e o que é um ser sujeito à dissolução; compreende que o mundo nascido de Deus está* em *Deus; que o homem nascido do mundo está* no *mundo; e que Deus, a origem do todo, mantém* tudo *encerrado em Si mesmo* e o guarda.

XXXVII

O RENASCIMENTO DA ALMA

Queremos agora refletir sobre o Nono Livro de Hermes, onde é explicado que nada do que existe verdadeiramente se perde, pois, no que concerne ao essencial, a morte é uma quimera que deve ser banida ao país das fábulas.

Primeiramente, voltemo-nos para o problema da alma e do corpo e falemos do metabolismo do corpo, da circulação dos átomos e das forças. Colocar-nos-emos aqui sobre a base do axioma hermético de que a alma é por princípio e fundamentalmente imortal, e que o estado da alma determina a natureza e o estado do corpo, bem como o ritmo metabólico do corpo e de todos os fenômenos a isto relacionados. No essencial que compõe o corpo e a alma, na cooperação ideal e perfeita da alma e do corpo, a morte *não* existe. "A morte", diz Hermes, "é apenas um fenômeno. Em realidade, a noção de morte e o que a ela se associa é um erro."

Ao lermos isso, somos inclinados a crer que estamos sonhando, pois esta conclusão do ensinamento hermético encontra-se em forte oposição à realidade que conhe-

cemos e vivemos, e que temos tantas vezes observado à nossa volta. Em oposição, igualmente, a muitas coisas que temos ouvido na Escritura Sagrada e que acreditamos poder constatar em nossa filosofia gnóstica. Não falamos, por exemplo, da natureza da morte e da dialética, quer dizer, do "subir, brilhar e descer?" E não conhecemos a palavra: "O salário do pecado é a morte?" Não é, pois, a morte um fenômeno universalmente conhecido em nosso mundo?

Deveis compreender bem a intenção de Hermes, pois ele não se dirige aqui ao homem em geral, mas a seu filho Tat, isto é, ao buscador guiado e iniciado até um certo plano, que descobriu o essencial, a verdade da alma; que descobriu a maravilha da alma e compreendeu do que se trata. Quando este Tat, no fim do discurso de Hermes, cheio de admiração por essas explicações, pergunta: *Então esse ser vivente, o homem, não é aniquilado?"* E Hermes exclama com grande ênfase: *Fala, meu filho, uma linguagem alegre e jubilosa e concebe o que é Deus!* Com efeito, o Nono Livro inteiro é uma demonstração flamejante contra a idéia da morte. Dificilmente Hermes pode supor que um buscador sério, introduzido na Gnosis, continue a abordar o problema pelo lado errado, o lado exterior.

Se desejais desvendar para vós mesmos este mistério, deveis então colocar-vos do ponto de vista da alma e deste examinar os diferentes problemas. Quem assim o fizer compreenderá a palavra da Linguagem Sagrada: "A alma que *peca* morrerá!"

A alma que peca é a alma que vive e obra contra as leis divinas fundamentais. Uma tal alma causa perturbação

no metabolismo do corpo e em seu próprio raio de ação. Dito de outro modo, segundo a terminologia da filosofia hermética: uma tal alma causa perturbação no processo de dissolução, quer dizer, de transfiguração, mas semelhante perturbação não tem nada a ver com a morte. Ela é apenas um incidente que permite o restabelecimento do progresso do processo da eternidade.

Aquele que quiser obter uma justa compreensão do assunto deve dar fim a duas noções totalmente falsas com respeito à morte, a saber: a da teologia e a do materialismo histórico. Segundo o ponto de vista teológico, o fenômeno habitualmente chamado morte é uma transformação, e o processo vital, o fato de viver, perpetua-se no céu, ou no reino do além. Múltiplos grupos partilham dessa opinião, com variações sobre o mesmo e único tema. O materialismo histórico diz que a morte é o fim absoluto, a interrupção total e completa da existência humana.

Se puderdes abandonar inteiramente esses dois pontos de vista, percebereis a verdade da filosofia gnóstica. Hermes tenciona dizer que a morte é o fim total da personalidade vivendo no erro, enferma ou completamente cristalizada. O que resta é um microcosmo liberado desta personalidade, onde se encontra um núcleo central vivente, flamejante: a rosa, a alma verdadeira. Este incidente no curso da dissolução, que de novo permite à alma liberar-se de seu invólucro petrificado é pois, no fundo, uma grande bênção para ela. A alma pode, assim, continuar verdadeiramente sua marcha para a eternidade, com a condição de começar ali onde o incidente foi provocado.

Para isso, deve o microcosmo esvaziado buscar sua

vivificação novamente por meio de uma personalidade e tentar viver segundo as leis e as forças divinas, principiando a transfiguração. Este é um metabolismo sem incidente, harmonioso, que se realiza por si mesmo; uma progressiva mudança da veste da alma, de força em força e de magnificência em magnificência. Tal é a dialética do sétimo aspecto realizando-se de maneira ideal, a do manto da alma, enquanto que a alma mesma, ligada a seu Pimandro, leva uma existência autônoma no sexto aspecto da manifestação divina.

Portanto, considerada do ponto de vista filosófico, a morte é um contra-senso. "Porque morte", diz Hermes com razão, "significa aniquilação", a perdição, enquanto que "nada do que está no universo é aniquilado." No Apocalipse* dos quatro elementos — fogo, água, ar e terra — a forma que não mais serve é decomposta, remetida a seu lugar, enquanto que a alma é liberada de uma cristalização altamente indesejável. Não se trata pois de um aniquilamento.

Ora, sempre existiram pessoas que tiveram de lutar contra uma vida difícil e dolorosa e que se colocaram no seguinte ponto de vista: "Favoreçamos a libertação da alma pelo suicídio. Se este impossível manto petrificado que envolve a alma não se encontra em condições, damo-lhe então um fim, destruamo-lo". Este é um erro bastante grosseiro, pois um suicida não pode aniquilar a personalidade cristalizada. Com efeito, se ele destruir o corpo material, os três outros veículos da personalidade — os veículos etérico, astral e mental — continuarão sua existência até que a vibração do arquétipo tenha-se esgotado completamente. E as misérias do suicida, durante este

lapso de tempo, são indescritíveis. Além disso, devemos compreender bem e não mais nos esquecer que a única chave da libertação está sempre presente, que ela sempre se encontra no ser nascido da natureza! Se vós como nascido da natureza não chegardes à libertação como homem-alma, se não abrirdes agora as portas dos Mistérios, então como microcosmo devereis tentar fazê-lo na próxima vez.

O caminho da libertação vai *do nascimento natural e através dele* até o nascimento da alma. No princípio, quando a alma ainda vivia no mundo do estado da alma vivente, era o Espírito que se expressava no corpo por intermédio da alma. Agora o caminho inverso, o caminho de retorno deve ser seguido: o homem nascido da natureza deve despertar a alma para a vida, colocar-se inteiramente a seu serviço e, sob a sua direção, aspirar a ligação com o Espírito, com Pimandro, e realizá-la. Quem não percorrer esse caminho deverá, como microcosmo, recomeçar sempre o processo do nascimento terrestre.

Podemos fazer-vos uma pergunta: sabeis o que significa verdadeiramente o nascimento da alma? Há já muitos anos vimos falando sobre isso e nossa literatura não fala de outra coisa; mas possivelmente terá escapado à atenção de muitos, do que em verdade se trata.

Quem ou que somos nós, homens nascidos da natureza? Não somos senão corpos! Ou, segundo a terminologia do hermetismo: somos apenas seres animais. O nascimento do verdadeiro rosacruz não se aplica portanto a nós. A assinatura deste é definida pela palavra: *Ex Deo nascimur,* de Deus nascemos.

Somos também nós, homens deste mundo, nascidos

de Deus? Não, nós somos oriundos da natureza. Nascemos do processo de manutenção da natureza e, por conseguinte, possuímos um corpo que não pode de modo algum ser comparado com o corpo do nascimento divino. Nós, que somos nascidos da natureza e pertencemos ao gênero humano atual, não possuímos senão um corpo*de emergência, carregado com o fardo cármico dos nossos pais, dos nossos ancestrais e do nosso próprio.

Quando nosso centro vital, nosso princípio vital, nossa alma se coloca a serviço do corpo de emergência, o que é o caso para a maioria da humanidade atual; quando o princípio ígneo do nosso estado de vida se consagra inteiramente à natureza inferior, então está claro o que irá acontecer: *a alma desencadeia um novo incidente no processo de dissolução!* O homem, ou melhor, a alma, torna indissolúvel o que deveria ser dissolvido.

Que entende Hermes por dissolução? Um processo metabólico ideal, onde as forças e matérias exauridas são substituídas de maneira harmoniosa, contínua e em perfeito equilíbrio, por matérias e forças novas que têm por efeito tornar o manto da alma imortal, de conceder-lhe uma juventude eterna e irradiante e de sempre sujeitá-la ao processo de transfiguração, progredindo de magnificência em magnificência. Mas, se a partir do nascimento da personalidade, o princípio vital consagra-se à natureza, isso perturba o processo de dissolução e o metabolismo é completamente perturbado. Então o fenômeno da cristalização desenvolve-se mais rapidamente que o da substituição das matérias.

Contudo, se a alma *não* mais peca, se compreende perfeitamente o único objetivo da sua existência e se

coloca a seu serviço, ela recebe então o selo, a assinatura do verdadeiro rosacruz. Ela nasce de Deus. Isto quer dizer que atrai para si um manto, um estado veicular que responde sempre melhor ao princípio harmônico da dissolução. O que nela é nascido da natureza ela toma para "servidor na casa", como base de partida. Quem não tem uma casa habitável já é feliz por dispor de uma casa em ruínas, para começar. Ser-lhe-á possível talvez efetuar transformações nesta casa dilapidada e arranjá-la conforme o seu gosto. O corpo nascido da natureza fornece, assim, uma base de trabalho para a alma, ele é o servidor na casa, a fim de concretizar as possibilidades superiores. E o que é indissolúvel acaba por desaparecer. Então a alma, divina por natureza e vocação, pode progredir para um bem superior.

Eis por que, e nós o repetimos seguidamente, quando a alma é nascida e atrai ao seu redor os primeiros elementos de um novo estado veicular, o homem, no momento da morte do corpo terrestre, não precisa absolutamente se inquietar quanto a um novo mergulho na natureza dialética deste mundo. Quando a nova alma começa a formar-se, nós progredimos de força em força.

Renascimento da alma quer, portanto, dizer, no sentido mais profundo, restabelecimento dos veículos originais da alma, pelos quais se ultrapassa o estado de ser nascido da natureza. Até o momento presente temos feito do renascimento da alma o centro de gravidade na Escola. Temos, em anos de exposições, em serviços e conferências, explicado que o homem possui uma alma, e que esta alma deve, numa mudança fundamental, ser voltada para o grande e sagrado objetivo de sua existência. Pois as

almas da maioria dos homens estão completamente ligadas à Terra, voltadas inteiramente às coisas comuns da matéria.

Os alunos da Jovem Gnosis têm, portanto, em primeiro lugar de consagrar-se ao renascimento da alma. Porém, a coroação desse renascimento deve realizar-se pela alma *mesma.* Após o renascimento *da* alma deve vir o renascimento *pela* alma. É sobre isso que iremos agora refletir.

XXXVIII

O RENASCIMENTO PELA ALMA

Como dissemos, iremos agora voltar nossa atenção para o renascimento que deve ser realizado pela alma. Não o renascimento da alma, mas o renascimento *pela* alma. Deveis nisso prestar bastante atenção, pois o renascimento, a revivificação da alma é simplesmente o início. A grande maioria dos alunos da Escola Espiritual já atingiu *este* ponto. Mas a revivificação da alma deve ser seguida por uma reorientação da alma para o seu objetivo.

Aquele que entra na Escola Espiritual impelido por um autêntico interesse, nela ingressa como pesquisador. Quase não há paz na vida, em vossa vida comum de nascido da natureza e, por vossa adesão, provais que buscais a revivificação da vossa alma, sim, que já vos encontrais numa das fases da revivificação. Tão logo a alma seja revivificada, ela deve voltar-se de novo ao objetivo único, o verdadeiro objetivo da vida.

Por isso falamos na Escola de renascimento *pela* alma. Este é um processo em que a alma toma a iniciativa, a direção de toda a vida e assim irrompe para o objetivo único. Chamamos agora a vossa atenção para este processo, a fim de que comeceis a dissolução sem incidente, a

transfiguração, o metabolismo ideal; numa palavra, que entreis na eternidade. A vós é lançado o grito de desespero do princípio: "Salvai a vossa alma!" Pois, de que vos serviria se possuísseis todos os tesouros do mundo, mas sofresseis dano em vossa alma?

Este é, pois, o problema!

Onde se encontra a fonte da vossa vida? Qual é o ponto onde se encontra o centro da vossa vida? É o núcleo do vosso microcosmo, que quase coincide com o coração. Pode-se dizer que no coração se encontra a sede da vida. A consciência do coração é, portanto, inteiramente outra que a consciência das outras partes do corpo. A consciência da cabeça, por exemplo, é absolutamente diferente da consciência do coração.

Na vida pré-natal, na formação do embrião, existe no coração *um* ponto minúsculo onde a vida começa a manifestar-se primeiramente. Este é o ponto onde a alma começa a aproximar-se do ser em formação e a tocá-lo. É neste lugar do coração, neste ponto, que a vida dá-se a conhecer desde o início. Aí encontra-se a sede da vida, a rosa do coração, o centro do microcosmo e quando um homem morre, é neste mesmo ponto do coração que a vida persiste até o último momento. Mesmo quando a cabeça é separada do resto do corpo, este ponto do coração permanece ainda com vida durante horas.

Tudo o que turbilhona em vossa cabeça, todos os pensamentos que ali causam suas tempestades, tudo o que ali acumulastes de conhecimento intelectual ou outros valores, tudo o que, dia após dia, credes, supondes e considerais, relaciona-se apenas à vida animal, à consciência

animal, à vida que anima cada átomo do vosso corpo. Em cada átomo do vosso corpo existe uma determinada vida, uma determinada força. Pois bem, a síntese de todos esses átomos que compõem o vosso corpo, forma e constitui a consciência animal, a consciência do corpo. Esta consciência nada tem a ver com a vida que anima o vosso coração.

O problema agora é saber se esta vida do vosso coração é real, se verdadeiramente sua atividade é perfeita, se o centro do microcosmo, que corresponde ao coração e que se manifesta em vosso coração, pode verdadeiramente desabrochar, e assim *viver,* no mais elevado sentido do termo. *Este* é o problema. Não somente um problema psicológico; não, mas um autêntico problema físico, um problema do corpo físico.

Para poderdes examinar bem esse problema, deveis compreender que o coração é o órgão mais importante do corpo humano. Nosso coração é em verdade organizado de uma maneira maravilhosa. A constituição do corpo humano atual é prova de que nós, de fato, podemos falar de um corpo da ordem de emergência. A estrutura das células do santuário do coração, sua reprodução, é diferente daquelas das outras partes do corpo. O coração ocupa assim no corpo uma posição excepcional. Ele é organizado de modo a cooperar com a alma, com o centro do microcosmo.

Quando uma criança acaba de nascer, seu pequeno corpo é apenas um fator subalterno. O que vive, o que verdadeiramente vive é a alma no coração. Os demais fenômenos vitais resultam do fato de que um raio da alma faz respirar esse corpo. O corpo de matéria grosseira é, portanto,

o primeiro envoltório da alma. O coração corresponde à alma, ao núcleo do microcosmo, e, através do coração, manifesta-se a alma no pequeno corpo recém-nascido.

A alma, a rosa, é de natureza sétupla. A rosa possui sete pétalas. De conformidade com isso, o coração humano é também constituído de modo sétuplo. A Doutrina Universal fala de sete ventrículos ou câmaras do coração: três superiores e quatro inferiores. Portanto, podeis comparar o santuário do coração com o tapete mágico de construção e falar de um triângulo e de um quadrado; o triângulo do coração e o quadrado do coração.

No santuário da cabeça do homem encontramos igualmente sete cavidades. Falamos de sete ventrículos cerebrais ou do candelabro sétuplo. Mas estes sete ventrículos cerebrais ou candelabros podem somente começar o seu trabalho, podem apenas começar a brilhar completamente na Gnosis, na luz do Espírito, quando as sete câmaras do coração puderem abrir-se inteiramente em concordância com as sete pétalas da rosa. É, portanto, um completo erro mexer no coração, tal como o faz a ciência atualmente. Não é bom, seguramente, deixar-se realizar uma operação no santuário do coração.

Como intermediário entre as sete câmaras do coração e as sete pétalas da rosa encontra-se o esterno. A palavra *sternum,* como já dissemos, significa *irradiador.* O esterno é o fator irradiante na colaboração entre a rosa e o coração, ou seja, a alma e o coração. Se as sete pétalas da alma puderam abrir-se de maneira perfeita no coração sétuplo, as sete luzes do santuário da cabeça inflamar-se-ão igualmente, graças a esta rosa de sete pétalas. Sete raios do Espírito sétuplo manifestar-se-ão no santuário

da cabeça, pois o santuário da cabeça é destinado a ser a sede do Espírito. Desse modo, estes sete aspectos do Espírito poderão manifestar-se na cabeça, em colaboração com a alma e, ao mesmo tempo, no corpo. Espírito, alma e corpo formarão então novamente uma unidade perfeita.

No entanto, isto não acontece na realidade! No santuário da cabeça do ser nascido da natureza, o candelabro de sete braços não se ergue diante de Deus; não se trata de um Pimandro sétuplo habitando ali. O que se passa com o atual homem da natureza?

O fato de ele viver prova que é uma criatura dotada de uma alma. Mas o conjunto dos sete raios da alma não podem, de há muito, manifestar-se no santuário do coração. Três pétalas da rosa, pelo menos, permanecem cerradas, a saber, as três câmaras ou ventrículos superiores do coração. Eles não funcionam positivamente no homem nascido da natureza, e das quatro câmaras inferiores do coração, apenas uma, ou mais, encontra-se parcialmente ativa. A conseqüência disso é que a força sétupla da alma não pode manifestar-se no corpo; que o Espírito sétuplo não pode manifestar-se, não pode fazer sua morada no santuário da cabeça, e, assim, o candelabro sétuplo não mais arde.

No homem da natureza, é verdade, o candelabro sétuplo do santuário da cabeça, os sete ventrículos cerebrais particularizam uma força fluorescente, mas esta é um fogo astral puramente eônico* que ali queima. Segue-se daí que a vida é puramente animal.

Imaginai o seguinte: a criança nasce como produto do pai e da mãe. A alma habita no corpo, porém não

pode manifestar-se inteiramente nos sete aspectos do coração. A criança começa a crescer. Ao lado do corpo material surge progressivamente o duplo etérico; depois, com os anos, o veículo astral e, por fim, abre-se igualmente a flama do pensamento. Ora, nem esta flama, nem o veículo astral, nem o duplo etérico estão inteiramente sintonizados com a alma, mas sim com as eventuais possibilidades cármicas deste homem nascido da natureza. Eis por que ele pensa, sente e deseja tal como o faz. Eis por que ele é como é. Eis por que o mundo é tão miserável.

Queremos deixar claro que o poder mental do homem nascido da natureza não corresponde absolutamente à alma verdadeira. Tudo quanto pensais e fazeis com o santuário da cabeça nada tem a ver com a alma. Alguma coisa da alma talvez se exprima de vez em quando no santuário da cabeça, porém esses sinais da alma, essas fracas expressões da alma são, quase sempre, reprimidas. Desse modo, podeis perceber claramente que a orientação da alma e a consciência da alma são totalmente desviadas, e quando isto acontece, as verdadeiras funções do corpo são igualmente perturbadas. Ora, o corpo da criança que cresce e os demais veículos que se desenvolvem adaptam-se perfeitamente ao estado de alma perturbado.

Compreendeis agora por que, ao envelhecermos, o karma pode manifestar-se completamente? Por que a voz dos pais e a dos ancestrais eventualmente ligados à Terra se impõem completamente à criança em estado de crescimento? Há muito pouca força-alma! A alma que é de Deus não pode manifestar-se. Assim, o resultado é sempre uma perturbação do fenômeno da dissolução, uma perturbação do processo metabólico, pois a alma, o núcleo da

vida não pode manifestar-se perfeitamente. A manifestação-alma é, portanto, imperfeita, a alma peca. Assim desenvolve-se, no envelhecimento, a cristalização, que deve findar pela morte, pela desagregação da forma. Podeis agora seguir desde o início esse inteiro processo em sua inevitabilidade e em sua lógica.

Toda a vossa vida é, portanto, determinada pela qualidade da vossa alma. O estado do vosso eu e tudo quanto a ele se liga, como vosso caráter e vosso tipo, é o resultado, o produto da vossa alma. Quando, desde o nascimento, a vossa alma se encontra na miséria; quando, desde o princípio, ela está aprisionada e os sete ventrículos do coração não se abrem, manifestando-se tão-somente *um* pequeno lampejo nos quatro ventrículos inferiores, então pode-se, a justo título, denominar este estado como sendo o vosso estado de nascimento. A grande maioria dos homens permanece neste estado a vida inteira; eles são, agem e vivem exatamente como se habituaram desde a juventude. Eles ficaram mais velhos, tornaram-se independentes, têm o seu lugar na sociedade, porém sua natureza, seu caráter, seu tipo ainda são precisamente o mesmo daquele pequenino animal quando se encontrava no berço.

Podeis então interrogar-vos: "Se o estado do meu nascimento, o estado do meu eu, o meu estado de consciência já determina diretamente o estado da minha alma, por que deveria eu então lutar para alcançar a vida libertadora? O que é que eu faço nesta Escola? Não é o meu caso sem esperança, já que a alma não pode manifestar-se neste meu corpo? Eu envelheço, torno-me grisalho, já

vejo aproximar-se a morte, a desagregação da forma. Comamos, pois, bebamos e sejamos alegres. Nada mais temos a fazer! Tiremos disso o melhor partido e esperemos o fim!"

Se reagísseis assim, provaríeis o que a Bíblia denomina "o endurecimento do coração". Admitamos que em vós as três pétalas superiores da rosa ainda estejam fechadas, e que das quatro restantes apenas algumas estejam abertas, de modo que não haja em vós senão completa negatividade de alma, que a vida animal, um "eu respiro, eu vivo", seja tudo. Que ao lado disso, de tempos em tempos, e talvez dia após dia, vosso coração vos acuse. Que de tempos em tempos, a vossa consciência vos inquiete, e que vosso coração, nesta circunstância, esbraveje, e que, interiormente abalados, digais: "Que caos! E que faço eu aqui? Desde manhã cedo até tarde da noite eu me martirizo, e para que? Qual é o sentido da minha existência?"

Como chegastes a semelhantes pensamentos e palavras? É o coração que acusa! É o "sofrer dores no ego", conforme o expressa a adaptação de van Dijk do *Tao Te King*. Deveis, por vezes, sofrer a pungente dor da miséria, para que experimenteis o vazio, o horror do afastamento de Deus. Seguis, então, um caminho bastante difícil. Um momento, estais plenos da consciência de culpa; no momento seguinte, vos revoltais; logo, cheios de desespero; a seguir, enfurecidos, vociferais com os punhos cerrados, pois falta a compreensão, e a vontade parece completamente impotente nos momentos mais fatais.

Conheceis algo disso? Experimentastes esta acusação da consciência e do coração? Esta dor profunda que não se esquece senão por um pequeno momento durante o

sono? Passastes por estas experiências que vos perseguem da juventude até a velhice?

Bem, se conheceis *isto,* sede então indizivelmente gratos. Agradecei a Deus por *esta* graça. Alegrai-vos infinitamente, pois esta é a prova de que o vosso coração ainda não está endurecido, ainda não está petrificado. Sede bastante gratos se experimentais isso, se *ainda* o experimentais, pois então a voz da alma ainda pode falar-vos. A alma, o núcleo do microcosmo suspira, clama, poder-se-ia dizer, dia após dia, por socorro, por auxílio, por libertação, e a radiação do Espírito sétuplo prepara para si um caminho até o coração através do esterno; e, através do coração, todos os outros órgãos da consciência são tocados. *Desse modo,* a voz da consciência, a queixa, a voz da alma se dirige a vós.

Vede, pois, de que maneira admirável o vosso coração foi concebido. Sua estrutura é tal que, embora a alma não possa manifestar-se completamente no corpo em conseqüência do nascimento natural, a voz da alma, a voz da rosa ressoa até o último suspiro. E vós continuareis a perceber esta voz, a menos que endureçais o vosso coração, a menos que deixeis o vosso coração "engordar", segundo a expressão de Tiago. Dele também nascem o tormento dos remorsos e as torturas da consciência! "Todos vêm do coração", constata, por exemplo, a senhora Blavatsky.

Se ainda podeis perceber a sétupla voz da alma, entendereis igualmente o que está por detrás desta voz: a saber, a Gnosis que vos quer salvar. Milhões têm escutado, no decorrer dos séculos, esta voz que fala para converter o coração dos homens. "Inúmeros são os que, ouvindo

esta voz, conservaram-na em seu coração", como o testemunha a Linguagem Sagrada. É dito: "E ela guardou todas essas coisas em seu coração", e "o espírito do Senhor me enviou para curar aquele cujo coração está quebrantado".

Enquanto o coração não estiver endurecido, poderemos conservar nele as forças e atividades salvadoras, reverter ou converter o nosso coração e nele guardar a essência da salvação; isto, porém, com a condição de que entremos para as fileiras dos quebrantados de coração.

XXXIX

A SANTA TERRA - MÃE

Retornemos agora ao Nono Livro de Hermes Trismegisto e consideremos o terceiro versículo:

Porque morte significa aniquilação; mas nada do que está no mundo é aniquilado. Pois, sendo o mundo o segundo Deus e um ser imortal, está excluído que qualquer parte desse ser imortal pereça; tudo *no mundo faz parte do mundo, sobretudo o homem, o ser equipado de mente.*

O que é possível, é um incidente no curso da dissolução, no processo contínuo do metabolismo. Mas tudo isto concerne apenas à vestimenta da alma, formada e mantida pelos materiais e forças do mundo, a saber, os quatro elementos: fogo, ar, terra e água. Quando uma forma oriunda dos quatro elementos se desagrega, todas as partículas dessa forma retornam à fonte de seus aspectos planetários. O mundo, nosso planeta, nossa Terra-Mãe, é aqui chamada de segundo Deus e, como tal, qualificada de imortal. O que se deve compreender por isso?

O homem perfeito é, como sabeis, uma triunidade: espírito, alma e corpo. Quando a alma pode realmente

desabrochar de modo sétuplo, quando a rosa sétupla pode desdobrar suas pétalas em toda a sua beleza, e, portanto, o coração sétuplo abriu completamente suas câmaras às forças da rosa, às sete flamas de Ísis, às sete forças da Terra Santa, a alma assim preparada pode renascer.

Tão logo a alma possa transmitir verdadeiramente seu poder sétuplo ao coração sétuplo do homem, desenvolve-se no homem um processo sétuplo. A alma segue, por conseguinte, um caminho de cruz, que vai de Belém, o coração, ao monte do Gólgota, o santuário da cabeça. Pelo coração, os sete ventrículos cerebrais são perfeitamente providos com o prana universal do Espírito sétuplo.

Assim, o candelabro de sete braços que se encontra diante de Deus é inflamado. Provido com o prana universal do Logos, ele adquire um caráter bastante particular para cada candidato. Este recebe o Espírito que nele vai habitar, o sétuplo Pimandro. Espírito, alma e corpo triplicemente unidos formam uma trindade. Nesta trindade, Pimandro é oriundo do primeiro Deus, do Espírito Universal, o Logos, enquanto que a alma e corpo são oriundos do segundo Deus, o mundo, oriundos do santo planeta sétuplo, de Ísis, a Mãe, a Terra divina.

A Doutrina Universal previne constantemente o aluno para que não tome a Terra que ele conhece pela Terra original. O planeta perfeito é, como o homem perfeito, um Espírito sétuplo, uma alma sétupla e possui um corpo sétuplo. É evidente que não se deve considerar *uma* parte desse corpo sétuplo da Terra perfeita, abusada pela atual humanidade ainda imperfeita e sob tutela, como sendo a plena e perfeita expressão do Espírito da Terra. Do

mesmo modo, quando tendes um dedo ferido, não podeis dizer que todo o vosso corpo está enfermo.

A alma do homem, a rosa do coração é, portanto, como dissemos, sétupla, perfeita e eterna, formada da alma do segundo Deus, da Terra santa perfeita, de Ísis*, a Mãe. Eis por que o versículo 3 diz: *Tudo no mundo faz parte do mundo, sobretudo o homem, o ser equipado de mente.* Assim, nós que vivemos inteiramente da Terra e pela Terra, que recebemos cada átomo e cada célula do sistema planetário, compreendemos esta definição da Terra perfeita do Logos, representando a divindade:

Em verdade, antes de tudo e acima de tudo, realmente está Deus: o Eterno, não criado, o Criador de todas as coisas; o segundo, o mundo, é por Ele formado segundo Sua imagem, é por Ele mantido e nutrido e dotado de imortalidade, visto que, emanado de um pai eterno, é, como ser imortal, possuidor de vida desde a eternidade.

O absoluto encontra-se portanto, para o homem absoluto, no interior dos campos da Terra absoluta. O candidato que, porventura, tenha pensado que mais tarde se elevaria a outras partes do sétimo domínio cósmico, onde talvez fosse melhor do que aqui, é, na filosofia hermética, trazido de volta ao sistema planetário ao qual pertence e que o mantém.

Deve-se encontrar o absoluto no interior dos campos da Terra Santa universal. Tal é a vocação da alma. Segundo o Espírito, somos oriundos do Pai, assim como o Espírito da Terra é oriundo do Pai; segundo a alma e o corpo,

somos mantidos pela alma e pelo corpo da Terra. A vocação do Espírito da Terra é igualmente a nossa.

A vocação do Espírito da Terra é conduzir à perfeição diversas correntes de vida que se encontram em seu seio. Assim como o Pai não deixa perecer as obras de Suas mãos, a alma da Terra não deixa perecer as obras que foram confiadas a seu cuidado. Estamos associados em completa unidade a todos os reinos da natureza em amplo sentido. Segundo a alma e o corpo, somos da Terra-Mãe santa.

Talvez ireis perguntar se essa conclusão da filosofia hermética não faria nascer um sentimento de separatividade, em sentido mais elevado, e nos incitaria a falar da humanidade da Terra em oposição àquelas de outros planetas. Porém, notai bem que a Terra absoluta forma por sua vez um sistema, juntamente com os seis outros planetas, e que estes sete estão compreendidos no sétuplo corpo solar, o qual por sua vez está compreendido num sistema mais vasto etc., e que, de modo algum, poder-se-á tratar da menor separação.

Quando despertamos para a nossa mais alta vocação, para o nosso mais elevado estado-de-ser humano tríplice, todas as criaturas compreendidas no plano do Logos se manifestarão em unidade perfeita. Eis por que não vos admirareis pelo fato de que em diversos escritos filosóficos, como por exemplo nos dos rosacruzes clássicos, o Cristo seja designado como o Espírito planetário da Terra, o que a Bíblia sempre confirmou.

Se pesquisardes sobre este ponto na Bíblia, devereis levar bem em conta que os tradutores não souberam, em realidade, o que fazer com a palavra "mundo". Eles en-

tenderam essa palavra unicamente no sentido de "mundo dialético em estado de pecado", da mesma forma que se fala de "prazeres do mundo" e "ser deste mundo" em sentido pejorativo. Quando Jesus, o Senhor, diz com ênfase, no Evangelho de João, "meu reino não é deste mundo", ele designa o mundo da corrupção, e não a Terra Santa, absoluta.

O Espírito planetário da Terra, o Cristo glorioso, vem, portanto, para um julgamento no mundo da corrupção. Com efeito, o Espírito da Terra não pode tampouco deixar perecer a obra de suas mãos, e, por isso, a santa força da Terra volta-se constantemente para o que está corrompido e perdido. Daí as palavras de Jesus, o Senhor: "Eu venci o mundo".

Por isso é certo que *um* aspecto do mundo absoluto, a saber, o manto da matéria grosseira onde surge o pecado, onde vive o pecado, desaparecerá no processo de mudança: "O mundo passa, e todas as suas cobiças". O que permanece, o que finalmente se eleva na eternidade, é o céu e a Terra que João viu em Patmos: "E vi um novo céu e uma nova terra, e tudo o que era velho tinha passado". A nova terra-céu não é um outro planeta, e sim a Terra Santa que é revelada numa visão, a visão sublime de João, o homem que encontrou o seu Pimandro. Assim, a palavra da primeira Epístola de João mostra-se justa: "E nós a vimos, testificamos dela e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifesta".

Na Doutrina Universal, os espíritos planetários são sempre chamados de grandes filhos de Deus. Eis por que Hermes fala a justo título de segundo Deus. Ouvimos

falar igualmente de grandes construtores. Platão fala de dinastias divinas. A Bíblia menciona os arcanjos. Compreendemos que, assim como em relação à humanidade existem reinos naturais inferiores, do mesmo modo existem ondas de vida bem superiores. Algumas dessas ondas de vida mais elevadas são os arcanjos, ou dinastias divinas. Ouvimos igualmente designar-se a Cristo como o Arcanjo, o grande guia divino do nosso planeta.

Falamos abertamente sobre este ponto convosco, após tê-lo deixado de lado durante anos, pois estávamos conscientes dos grandes perigos que com ele estão associados. Além dos arcanjos ainda existem, com efeito, diferentes classes de entidades que, sob muitos aspectos, podem ser qualificadas de superiores à humanidade; entidades que, sob muitos aspectos e pontos de vista, são mais evoluídas, dotadas de mais conhecimento e que, todavia, exercem práticas divergentes do plano do Logos. Pensai a esse respeito nos muitos espíritos eônicos, na hierarquia dos eões, da qual fala o evangelho gnóstico da *Pistis*Sophia;* em todas essas forças que atacam tão violentamente a *Pistis Sophia.* Se não permanecerdes estritamente orientados para o renascimento da alma e se, mediante este renascimento, não ingressardes no absoluto vir-a-ser humano, certamente sereis desencaminhados pelos espíritos dos eões e seus acólitos da esfera refletora. Por isso, vale para todo o candidato na senda a palavra: "Sê fiel, mas não confieis em ninguém. Prova todo o espírito a fim de saber se ele é de Deus". E isso somente podeis se vós mesmos possuirdes Pimandro e percorrerdes a senda até o fim.

Depois dessa explanação, estamos em condições de nos aprofundar nas posteriores e pormenorizadas informações do Nono Livro de Hermes.

XL

NADA NOS PODE APARTAR DO AMOR QUE ESTÁ EM CRISTO JESUS, NOSSO SENHOR

Pois se deve bem distinguir entre a vida da eternidade do que é eterno! *Com efeito, o Eterno não emanou de nenhum* outro *ser e, mesmo que tivesse sido criado, o seria por Ele mesmo. Porém, Ele nunca foi criado, mas sim, Ele se gera a si mesmo em eterno vir-a-ser. Assim o universo vive eternamente pelo Eterno, mas o Pai é eterno por si mesmo; por conseguinte, o mundo vive eternamente e é divino graças ao Pai.*

Da matéria que Ele destinou a esse fim, o Pai formou o corpo do mundo; Ele lhe concedeu a forma esférica e determinou as qualidades das espécies que o deveriam ornar, conferindo-lhe uma materialidade eterna, já que a substância material era divina.

O Pai, após ter disseminado na esfera as qualidades das espécies, encerrou-as como numa gruta, visto que Ele quis ornar Sua criação com todas as qualidades.

Assim dizem os versículos 5, 6 e 7 do Nono Livro. Se, então, lerdes esses versículos, certamente não deveis pensar nesta ou naquela lenda sagrada. Esses versículos dizem respeito literalmente à realização da grande ciência divina. Para se poder compreender bem isso, talvez possamos utilizar, da melhor maneira, um exemplo que está ao nosso alcance.

Pois bem, assim como o ímã, pelas suas radiações, atrai para si a limalha de ferro, atraímos, por exemplo, pelos nossos pensamentos, que são fortemente magnéticos, os átomos da substância primordial. Visto que conhecemos o jogo e a natureza dos nossos pensamentos e que estamos familiarizados com a sua tônica fundamental, forma-se e se mantém desse modo em torno de nós um espaço esferoidal, preenchido de milhares de átomos que, retidos pelos nossos pensamentos, descrevem dentro desse espaço a sua trajetória. Logo que os nossos pensamentos sigam um curso fundamentalmente outro, a ordem dessa circulação atômica é natural e correspondentemente perturbada, modificada, e determinados grupos de átomos são mesmo expulsos da esfera. Desse modo, realiza-se em nós, no pequeno mundo, o que quase diariamente se realiza e se realizará no grande, no universo dialético, por razões várias.

Suponhamos, entretanto, que a corrente de pensamentos permaneça perfeitamente a mesma e, em correspondência com esse fato, seja criada, no sistema humano, uma ordem atômica estável. Então a continuação da força magnética dos pensamentos mudará a trajetória dos átomos numa espiral orientada para o interior. Há também nesse processo, como vimos, uma trajetória espiralar

orientada para fora; porém, queremos agora voltar a nossa atenção para a trajetória espiralar dirigida para dentro.

Assim, também microcosmicamente não se trata unicamente de um universo que se dilata, mas também de um universo que se contrai. As espirais que se dirigem para dentro, tornam-se cada vez menores, suas trajetórias cada vez mais curtas, até que os átomos se precipitam no fogo do corpo astral humano. O nosso fogo astral corresponde, natural e qualitativamente, com os nossos pensamentos. Entre a nossa *mentalis* e a nossa *astralis* há contínuo equilíbrio. Nesse fogo, e com base em nossos pensamentos, o átomo da substância primordial é desintegrado, liberando-se as sete forças do átomo.

Desse átomo escapam, portanto, forças que concordam com a qualidade da nossa *mentalis* e da nossa *astralis*. Todas essas forças são em seguida convertidas em éter e introduzidas no sistema material, no corpo denso, e elas apanham, de modo determinado e correspondente, todos os órgãos do nosso corpo. Se abrangerdes todo esse processo, que de modo o mais simples possível vos é exposto, então compreendereis que ele explica todos os fenômenos da vida, todos os altos e baixos em vosso organismo e conseqüentemente, também todas as perturbações no fenômeno da dissolução, nesse grande processo metabólico.

Quando pensarmos de modo puro e absolutamente amoroso; quando categoricamente recusarmos os pensamentos plenos de mal, de malícia, de vingança, de crítica, de mesquinharia e de baixeza; quando sintonizarmos de modo absoluto a nossa *mentalis* e assim também a nossa condição astral com o renascimento da alma, passaremos,

desse modo, para a prática do Sermão do Monte, onde lemos: "Não resistais ao mal. Se alguém vos bater na face direita, oferecei-lhe também a esquerda. Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem". Quando, assim guiados pela radiação positiva do Espírito sétuplo, voltamos a ser filhos do Pai, o processo de metabolismo atômico, que acabamos de descrever, desenvolver-se-á em grande harmonia e, desse modo, começaremos a participar do fenômeno da dissolução, da transfiguração. Disso resultará uma vida microcósmica desprovida de incidentes. O microcosmo perderá, então, suas características desordenadas. A desordem, com efeito, a desorganização, o retorno ao caos e suas conseqüências, diz Hermes, aparecem unicamente nas criaturas terrestres, em entidades deste tão instável estrato pleno de incidentes, onde vive o homem nascido da natureza. Eis por que é dito no versículo 10:

Pois os corpos dos seres celestes mantêm a ordem única que desde o princípio lhes foi concedida pelo Pai; e essa ordem é mantida indestrutível mediante o retorno de cada um deles ao estado de perfeição.

Temos em nossas próprias mãos o processo de imortalidade. *Nada nos pode separar do amor que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.* Sempre, em todas as circunstâncias, se tão-somente nos conservarmos nessa lei fundamental dos mistérios gnósticos, poderemos ser vitoriosos. Essa lei fundamental não é difícil de ser compreendida e também não é de difícil aplicação. Jamais vos deixeis

persuadir de que a senda da Gnosis é tão pesada, tão terrivelmente complicada. Coisa semelhante está totalmente excluída.

Vede, com base na filosofia hermética, como é formado um mundo.

O Espírito divino do Pai projeta, por meio do seu Logos, no mar infinito da substância primordial, um plano. Esse pensamento divino é fortemente magnético e forma desse modo uma concentração, uma esfera de substância primordial onde são transformadas as forças do plano.

Precisais ter em vista que cada átomo no inteiro espaço contém em si todas as qualidades e forças divinas, as sete forças da vida absoluta, concordantemente com os sete aspectos do Espírito sétuplo. O que denominamos "radioatividade" é tão-somente uma centelhazinha de *uma* das sete forças do átomo, e quando o homem desintegra o átomo, mesmo que para os assim chamados objetivos pacíficos e libera suas forças, unicamente para obter a energia a fim de fazer funcionar o aparelho social, ele se torna vítima de *outras* forças atômicas, que ele ao mesmo tempo liberou, mas não utilizou. As forças liberadas acumulam-se na atmosfera e causam assim poderoso fogo, com a conseqüência de que o nosso campo de vida dialético é, pela enésima vez, perturbado e demolido.

Mas vamos ao caso: deve estar claro para vós que o resultado da projeção do Logos na substância primordial é vida absolutamente divina. Desse modo e de nenhum outro, surgiu do Logos o segundo Deus. Se esse mistério vos parece muito improvável, então prestai atenção ao

seguinte: em todos os tempos a Gnosis tem enviado seres inflamados no amor de Deus, seres que, desse modo, dirigem-se com grande compaixão interior àqueles que ainda estão encerrados na confusão de suas atividades mentais e astrais, em razão de ainda não terem levado a alma ao seu duplo renascimento e, por isso, ainda se encontram afundadas no charco dos sofrimentos e dissabores.

Esses enviados sempre iniciam com um plano, empreendendo intensa atividade mental. Eles projetam esse plano para fora. Assim fazendo, sabem que jamais poderão libertar-se desse plano em razão da estabelecida lei natural das forças mentais e astrais e suas conseqüências; da lei de que o criador não abandona as obras de suas mãos. Também a esse respeito vale a santa lei: "Como em cima, assim embaixo".

Quando, então, semelhante plano é elaborado no interior da esfera do corpo gnóstico, quando semelhante plano é construído a partir das forças mentais da Luz do Mundo, da Corrente* Universal, a qual está perfeitamente ligada com o Logos planetário, podeis facilmente imaginar o que acontecerá. No espaço do campo de vida onde operam esses obreiros, o campo dos que ainda vivem na desordem, surge, por efeito do plano projetado, um poderoso princípio, uma concepção mental, cuja conseqüência será atrair átomos, tal como um ímã atrai a limalha de ferro.

Desse modo, surge na natureza da morte uma esfera, uma esfera de natureza atômica, porém invisível e ainda não vivificada: um muito especial campo de trabalho. Então os obreiros vão aos que buscam, que gemem, aos

que estão saudosos e lhes dizem: "Bem-aventurados os que anelam pelo Espírito, pois deles é o reino do céu". Eles conduzem todos os verdadeiros buscadores para dentro da *mentalis*, para o interior dessa esfera preparada, de natureza mental tão particular. Eles envolvem os buscadores com as forças dessa esfera, como com um manto, e sintonizam com o campo mental os pensamentos e as aspirações dos que estão congregados, mediante alocuções, rituais e orações, de maneira gnóstico-mágica. O que vai acontecer então?

Quando os buscadores verdadeiramente se aproximam e ingressam na esfera mental, quando verdadeiramente abrem o seu coração, surge em sua vida, em seu microcosmo, o há pouco mencionado processo mental e astral, com todas as suas conseqüências dissolventes, transfiguradoras. Desse modo, podeis conceber a atividade do inteiro processo que se realiza numa escola espiritual genuína.

Os criadores dos Mistérios estão ligados de modo absoluto à sua criação, assim dissemos. Por isso é perfeitamente correto o que disse Jesus, o Senhor, aos seus discípulos: "Ali onde eu estiver, vós também estareis". Se compreenderdes o sentido dessa sentença, então vereis claramente que grandes possibilidades existem num grupo como o nosso. Alguns, como enviados, começaram o trabalho da Escola Espiritual. Em seguida, inúmeros juntaram-se a nós, segundo o seu inteiro ser mental e astral: abriram seu coração à Escola.

E assim, o processo iniciático do aluno não é mais conduzido e realizado por uns, mas por todo um grupo,

por um grupo em força crescente, grupo que não só dispõe da já descrita esfera mental, mas de um completo corpo vivo, de uma criação que respira, não unicamente de uma organização, mas de uma realidade vivente. De uma realidade que se estende sobre a Europa Ocidental e daí sobre o mundo inteiro; uma realidade que está ancorada no coração do Novo Reino* Gnóstico, como divina salvação para inúmeros.

XLI

O RESTABELECIMENTO DO EQUILÍBRIO PERFEITO

Só é possível aproximar-se de maneira libertadora da filosofia da Arquignosis egípcia com o estado de alma renascida e também, só desse modo, podemos compreendê-la. Acerca disso, já no início das nossas reflexões chamamos a atenção dos nossos leitores Os verdadeiros buscadores, aqueles em quem as novas forças anímicas estão para despertar, terão feito não somente a experiência, mas provado a alegria correspondente.

Mas duas perguntas podem surgir neles, perguntas cujas respostas são importantes: é este campo natural, nosso campo de vida, que, como é dito, faz parte da Terra Santa, uma criação de Lúcifer ou é uma ordem*de emergência criada pelos Elohim?

A resposta diz que o nosso campo de vida é e permanece sempre uma parte da Terra perfeita e, por isso, juntamente com os outros estratos terrestres, é uma criação dos chamados Elohim ou filhos de Deus, criados segundo o plano do Logos. Como tal, a criação e também o nosso campo de vida podem ser qualificados de perfeitos.

As lendas dizem que Lúcifer perturbou esse plano, motivo pelo qual muitas almas humanas não puderam e não podem ser libertas da dialética, da alternação das forças gêmeas na natureza, com todas as suas conseqüências, e que uma dessas conseqüências foi a produção e o desenvolvimento no e do referido estrato — nosso campo de vida — de vários processos desarmoniosos.

O microcosmo e a alma, a qual está no centro do microcosmo, surgiram, como expusemos, dos Elohim, mas a personalidade nasceu da natureza, nasceu inteiramente da natureza. Com essa personalidade, tudo é possível. Unicamente — e isto também expusemos — o coração do homem, já na vida pré-natal, é apanhado pela rosa, pela alma, na tentativa de abri-lo tanto quanto possível, nessa vida pré-natal, e fazê-lo harmonizar-se com ela. E somente quando o homem põe o coração no centro de sua vida, em cooperação com a alma, pode-se verdadeiramente falar de um corpo* da ordem de emergência.

Falemos agora de Lúcifer, também indicado como Satã, ao qual está sempre associada a noção de calor e fogo. Vemos também como no inteiro universo dialético chameja poderoso fogo. Pensai no Sol, pensai nas explosões dos sóis e nos sistemas solares e em outros corpos celestes, que podem ser vistos ao telescópio astronômico. Em nosso estrato terrestre, existe também um fogo muito poderoso, e na Doutrina Universal este fogo é indicado como Satã.

Satã não é, pois, visto cosmicamente, este ou aquele anjo, ou arcanjo decaído, que intercepta o plano de Deus. Coisa semelhante está fora de cogitação. A ordem universal do todo é absolutamente inviolável, como o declara o

testamento espiritual dos antigos rosacruzes: *Dei Gloria Intacta* — a Glória de Deus, Sua criação e Sua criatura são inatacáveis.

Junto ao calor, junto ao poderoso fogo ou Satã, também aparece no mesmo universo, no mesmo estrato, o frio. Pesquisas modernas mencionam graus elevadíssimos de calor ao lado de frio indizivelmente intenso. O elemento fogo é sempre centrífugo e o frio é centrípeto, constringente. Pelo calor, surge o universo em dilatação; pelo frio intenso, o universo em contração. O frio causa petrificação, cristalização.

Vedes, então, claramente essas forças gêmeas em nosso campo de vida. O calor, o fogo centrífugo, fragmentador, separador e o frio centrípeto, cristalizante, condensante. Se essas forças gêmeas não estiverem em equilíbrio entre si, sempre causarão dores, desgraças, sofrimentos, calamidades, desfiguradora confusão. *Esse* é o caso em nosso campo de vida, em nossa vida como homens nascidos da natureza. Em nós ainda não se pode falar de equilíbrio entre o calor e o frio, entre os aspectos centrífugo e centrípeto. Todas as nossas dificuldades e desgostos devem ser imputados a esse desequilíbrio.

Pensai, por exemplo, nas coisas que há pouco consideramos convosco. Freqüentemente entregamo-nos a atividades tais, que sabemos de antemão que, por elas, acendemos poderoso fogo astral. Lúcifer é sempre relacionado na Doutrina Universal com o fogo astral. Acendemos então, por efeito de determinada mentalidade, esse fogo impetuoso; portanto, uma ação explosiva, centrífuga, mas, ao mesmo tempo, produz-se como conseqüência, como reação, terrível dor, então dizemos a nós mesmos

ou a outrem que o nosso coração se angustia diante da dor. Vede, esse é o frio. Não compreendais esse frio do curso da vida, o frio do comportamento humano, em sentido literal, mas, sobretudo, em sentido figurado. O frio é sempre aquilo que provoca uma contração, uma cristalização.

Aquele, pois, que aprende a dominar o fogo, aquele que não se entrega à atividade explosiva, também tem em seu poder a força contrária. O equilíbrio entre o centrífugo e o centrípeto, entre o calor e o frio, as forças gêmeas da natureza, tem como conseqüência a verdadeira harmonia e o metabolismo ideal, a transfiguração. Se vivemos do modo como foi exposto em nossas exposições anteriores, o clássico pecado de Lúcifer é revogado. Esse é o segredo da magia gnóstica.

Por fim, queremos uma vez mais chamar a vossa atenção para o Nono Livro de Hermes. Vimos como uma Escola Espiritual autêntica se manifesta num corpo vivo, em harmonia com as grandes leis cósmicas, em perfeita harmonia com o centrífugo e o centrípeto. Quando uma comunidade gnóstica persevera nessas diretrizes, firma-se na única base correta da ordem divina, nunca precisará temer que semelhante corpo vivo possa vir a fracassar, morrer ou ficar arruinado. Os corpos vivos das fraternidades precedentes, todos ainda existem em plena beleza e magnificência. Por isso, diz o versículo 10 do nosso texto, e ele também vale para os homens e corpos grupais:

Os corpos dos seres celestes mantêm a ordem única que desde o princípio lhes foi concedida pelo Pai; e essa

ordem é mantida indestrutível mediante o retorno de cada um deles ao estado de perfeição.

Pois, por efeito desse equilíbrio, o metabolismo mantém-se perfeitamente harmonioso e o corpo permanece eternamente jovem.

Sempre de novo vê-se em nosso campo de vida toda a espécie de comunidades e ordens que, não obstante terem começado bem, num certo momento começam a apresentar todas as manifestações de cristalização, com as inevitáveis conseqüências dissolventes. Petrificantes, implosivas por um lado; fragmentadoras, explosivas, por outro lado. A causa de semelhante declínio reside sempre no fato de que esses grupos, a partir de certo momento, deixaram de se manter segundo as leis da ordem divina; por conseguinte, o essencial simplesmente não pôde manter-se. Se se tivessem conservado segundo as leis fundamentais dessa ordem divina, nada do essencial seria omitido.

Num trabalho empreendido na Gnosis, nunca se trata de se saber se ele vai ter bom êxito ou não. Se as leis interiores foram obedecidas com exatidão, semelhante trabalho sempre será bem-sucedido. Quando, então, também a Escola da Jovem Gnosis se vê situada frente a uma missão necessária ou de uma necessária incumbência, ela não pergunta, inicialmente, como as coisas vão ficar sob o ponto de vista material; porém, trata-se invariavelmente da decisão: precisa ser realizada, portanto, comecemos! E por isso . . . ela não fracassa.

A esse propósito também queremos assinalar que a Escola da Jovem Gnosis, a exemplo das fraternidades

precedentes, mantém-se continuamente dentro das características gnósticas do trabalho, sem desviar-se um passo sequer, ou para a direita ou para a esquerda.

A aplicação dessa regra áurea é simples, porém, rigorosa. Se, pois, um aluno experimenta o rigor da Escola, ele não deve pensar que nós, com base em determinadas regras ou dogmas exteriores, estamos simplesmente executando, sem nenhum amor, algum parágrafo de lei. Trata-se justamente de se assegurar o grande amor na vida e na atuação da Escola. Se nós, como grupo, mantemo-nos dentro das regras áureas da Gnosis, fica totalmente excluído que mesmo um só opositor possa ter êxito em prejudicar a obra, prejudicá-la em qualquer sentido que seja.

Quer sejais tomados isoladamente ou como grupo, jamais algo vos poderá suceder de mau se ingressardes na senda do renascimento da alma e nela permanecerdes firmes. Porque quem segue a senda da alma também domina o fogo e o frio, domina, em perfeito equilíbrio, as forças gêmeas do nosso estrato terrestre dialético. A tentação de Lúcifer, diabo ou Satã em nada poderá prejudicá-lo. Ele poderá festejar o coroamento da senda com uma vitória completa.

GLOSSÁRIO

Para melhor compreensão sobre a terminologia empregada pela Escola da Rosacruz Áurea, figuram neste glossário as palavras que no texto foram acompanhadas de um asterisco(*). Os números entre parêntesis correspondem à página onde neste livro o termo foi mencionado.

ALMA-ESPÍRITO. A senda da endura, a senda do discipulado de uma escola espiritual gnóstica tem, em primeiro plano, o objetivo de despertar completamente a verdadeira alma imortal de seu estado latente. Assim que essa alma desperta desse sono de morte, realiza-se o restabelecimento da ligação com o espírito universal, com Deus. Essa ligação restabelecida entre o espírito e a alma, entre Deus e o homem, demonstra-se na gloriosa ressurreição do Outro, o retorno do filho perdido, do verdadeiro homem em nós, à casa do Pai.

A alma que deve festejar essa ligação, essa união com o que a Arquignosis Egípcia denomina Pimandro, é a alma-espírito. É a unidade Osiris-Isis, Cristo-Jesus, Pai e Filho, as bodas alquímicas de Cristão Rosacruz dos antigos rosacruzes, do noivo celeste com sua noiva celeste. (30, 159)

APOCALIPSE DOS QUATRO ELEMENTOS. O mundo manifestado em e através dos quatros elementos: fogo, água, ar e terra. (294)

ARQUIGNOSIS DE HERMES. Alusão ao fato de que toda a atividade verdadeiramente gnóstica do nosso período atual da humanidade é proveniente da fonte primordial da Gnosis egípcia, que toda a santa obra gnóstica se origina do conhecimento primordial, que a libertação do homem só é possível por meio da ressurreição do homem hermético ou mercuriano, do verdadeiro homem gnóstico que é e vive da consciência iluminada em Deus.

Por isso, também é uma indicação dessa fonte primordial de toda a obra de libertação, quando o evangelho testemunha: "Do Egito chamei meu filho". (149)

ÁTOMO-CENTELHA DO ESPÍRITO. Ou átomo crístico, o proto-átomo, situado no centro matemático do microcosmo e coincidindo com a parte superior do ventrículo direito do coração. Por isso, é também designado misticamente como rosa do coração. (248)

ÁTOMO ORIGINAL OU ÁTOMO CRÍSTICO. Ver em rosa do coração. (11)

AUTO-RENDIÇÃO. Ver em Gnosis Universal quíntupla. (228)

BARCO CELESTE. Alusão da Arquignosis Egípcia a um corpo vivo. É a arca a que se refere o Primeiro Livro mosaico, o corpo de forças libertadoras a serviço da colheita, construído em cooperação com a corrente gnóstica universal, que no final de um dia cósmico deve ser reunido e certamente levado ao celeiro da nova vida. É o "redil do bom pastor" do qual nos fala o novo testamento. (228)

BELÉM, GRUTA DE. Templo superior de iniciação da antiga fraternidade dos cátaros, no Sul da França. (175)

BODAS ALQUÍMICAS DE NOSSO PAI, IRMÃO CRISTÃO ROSACRUZ. O processo de transfiguração; expressão empregada pela rosacruz medieval. Ver Andreae, Johann Valentin. (44, 190)

CABEÇA ÁUREA. Aspecto do campo vivente da Jovem Gnosis, pertencente à região dos graus internos da Escola Sétupla dos Mistérios; alusão ao campo de ressurreição, o novo campo de vida. (30, 93)

CAMPO ASTRAL, NOVO. Ver em reino neognóstico na Europa. (52)

CAMPO DE RESPIRAÇÃO. Ver em microcosmo.

CÁTAROS (do grego *katharos:* puros). Movimento iniciático cristão que se desenvolveu na Europa entre os séculos XI e XIV, principalmente no Sul da França, na região montanhosa dos Pirineus, conhecida como Sabartez ou Languedoc. Foi aí, ao redor de Sabart-Tarascon e das aldeias vizinhas Ussat-Ornolac, nas muitas grutas ali existentes desde a pré-história e transformadas em santuários naturais, que se constituiu o lugar de longa, severa e dura iniciação para os cátaros. Eles, a exemplo dos essênios e os primeiros cristãos, levavam vida ascética de alta espiritualidade, vivenciando na prática um cristianismo puro, numa total auto-renúncia a tudo o que era deste mundo; não possuíam bens nem dinheiro, dedicando-se inteiramente à comunidade, pregando o Evangelho e curando os enfermos, pois também eram terapeutas. Acusados, porém, de heresia pelo papa Inocêncio III, este enviou a histórica Cruzada contra os Albigenses, em 1209, quando numa seqüência trágica de mortes e torturas, cidades inteiras e castelos daqueles que os

defendiam foram saqueados e as populações, incluindo mulheres e crianças, passadas a fio de espada. Após a queda de Montesegur em 16 de março de 1244, 205 cátaros foram queimados vivos numa imensa fogueira. Os poucos remanescentes abrigaram-se então na grande gruta subterrânea de Lombrives, chamada a Catedral do Catarismo, onde mais tarde, em 1328, 510 cátaros foram emparedados vivos, encerrando assim a epopéia medieval desse movimento mártir. Os cátaros eram também denominados de "os puros, os perfeitos ou bons homens", porque, seguindo o caminho dos Mistérios cristãos, haviam operado em seu ser a reformação, e assim,, tal como verdadeiros discípulos de Cristo, a serviço do mundo e da humanidade, galgavam o "Caminho das Estrelas", o caminho da transformação (ou transfiguração, na linguagem da Jovem Fraternidade Gnóstica). Fazendo alusão a esse estado de puro, a Escola da Rosacruz Áurea fala da alma renascida, a Alma-Espírito que, pela sua ligação restabelecida com o Espírito que, de novo obteve a participação na sabedoria divina, a Gnosis. Para maiores informes sobre a vida dos cátaros, leia o livro *No Caminho do Santo Graal,* de A. Gadal. (175)

CONTRANATUREZA. Nosso campo dialético de existência no qual a humanidade decaída, que está apartada de Deus, do Espírito, goza bem a vida em teimosia. Essa vida fora da ordem cósmica implantada por Deus, tem em desenvolvimento a maldade que caracteriza o nosso campo de existência em todos os aspectos, que nós, em nossa teimosia, tentamos combater. Em concordância com a natureza de nossa

existência, esse desenvolvimento não divino e contranatural só pode, por isso, ser negado, o que na Escritura Sagrada é designado como a "reconciliação com Deus" e através da realização conseqüente e fiel dessa reconciliação. Em outras palavras: através da restauração da ligação espiritual na senda da transmutação e transfiguração e o retorno nela contido para a obediência voluntária diante da ordem cósmica universal. (10)

CORAÇÃO DE ÍSIS E CORAÇÃO DE PIMANDRO. A atividade unificada do coração e da cabeça. (13)

CORAÇÃO DE PIMANDRO. Ver em coração de Ísis. (14)

CORPO DA ORDEM DE EMERGÊNCIA. Ver em personalidade da ordem de emergência. (14, 322)

CORPO VIVO. Ver em barco celeste. (253)

CORRENTE GNÓSTICA UNIVERSAL. Ver em Fraternidade Universal. (53, 318)

COSMOCRATAS. "Regentes" de que fala o livro Pimandro. Ver em regentes. (215)

CRISTO INTERNO. Ver em outro. (149)

DEMIURGO. Ser espiritual emanado de Deus, o Pai; o demiurgo é o criador do mundo, mundo gerado da substância primordial, que não foi criada por Ele, mas por Deus, o Pai. Ele é uno com o Verbo, a alma do mundo. (55)

DEMÔNIOS. Literalmente: "força natural". Quando o homem se une com essas forças, enquanto ele realiza a vontade do Pai em obediência voluntária, eles se revelam no caminho do homem para a deificação como auxiliares poderosos. Caso contrário, o homem

experimenta-os como efeitos hostis – como *demônios vingativos* – como forças do destino. Eles correspondem, então, às conseqüências cármicas que determinam o destino humano no caminho da experiência. Também os *eões naturais* criados pela vida natural cega do homem decaído são denominados demônios, mas, aí, no sentido negativo. (113)

DEUSES. Ver em regentes. (45)

DIALÉTICA (adj. dialético). Nosso atual campo de vida, onde tudo se manifesta em pares opostos: dia e noite, luz e trevas, alegria e tristeza, juventude e velhice, bem e mal, vida e morte, como binômios inseparáveis, ligados de tal modo que incessantemente um sucede ao outro. Devido a essa lei fundamental, tudo o que existe aqui está sujeito à contínua mudança e desintegração; ao surgir, brilhar e fenecer. Por isso, nosso campo de existência é um domínio do finito, da dor, angústia, demolição, doença e morte. (10)

DOUTRINA UNIVERSAL. Não é "doutrina" no sentido comum da palavra; não se encontra tampouco nos livros. Em sua essência é a realidade vivente de Deus, da qual a consciência enobrecida para tanto aprende a ler e compreender a onisapiência do criador. (7)

EKKLESIA. A Una Sancta, o novo povo de Deus pertencente à Una e Invisível Igreja de Cristo. (145)

EKKLESIA DO ROZENHOF. Foco central do trabalho interno da Escola de Mistérios da Europa ocidental, em Santpoort. (237)

ENDURA. O caminho do rompimento do ego, a senda da áurea morte mediante a total auto-rendição do eu ao "Outro", o verdadeiro homem imortal, o "Cristo em

mim". É a senda do homem joanino, do "preparai o caminho do Senhor"; é a prática do "ele, o outro celeste, deve crescer e eu devo diminuir, eu devo declinar e com isso o outro celeste em mim pode viver". A senda da endura é o caminho clássico de todos os tempos, ao longo do qual o homem submerso na escuridão, na dor e na morte, consuma uma total transformação de vida em seu verdadeiro ser imortal, através de um fogo purificador e retorna ao Pai em e com Ele.

Nosso caminho através da dialética é uma vida para a morte, a endura é uma morte voluntária para a verdadeira vida. É o caminho purificador da vida do verdadeiro homem buscador de Deus, pelo qual ele morre voluntariamente segundo o seu ser-eu, a fim de viver no outro imutável: "Aquele que deseja perder sua vida por mim, encontrará a Vida". (32)

EÕES GRUPAIS. Ver em eões das religiões. (179)

EÕES NATURAIS. Ver eões das religiões. (45)

EÕES DAS RELIGIÕES OU EÕES GRUPAIS. a) Eões são formas monstruosas de forças naturais ímpias que foram chamadas à existência, no decorrer dos tempos, através da vida contrária a Deus (pensamento, vontade, sentimento, ação e desejo) da humanidade decaída. Como criações da humanidade que escapam totalmente do seu controle, elas mantêm a humanidade presa em suas garras e formam nela as irresistíveis faculdades de auto-afirmação que a forçam a avançar nos caminhos aplainados por ela mesma e assim a preservar a ligação humana à roda giratória da dialética. b) Com o termo "eões" indica-se também o grupo

hierárquico dominante, assim como a hierarquia dialética ou os "príncipes deste mundo". Essa hierarquia consiste na suprema formação metafísica proveniente da humanidade decaída, formação esta que se tornou existente com os chamados eões naturais e, com essa hegemonia luciferiana do mundo dialético decaído, abusou de todas as forças da natureza e da humanidade e, em prosseguimento ao seu sinistro objetivo impele incessantemente a humanidade para essa atividade ímpia. À custa de um padecimento terrível da humanidade, essas entidades adquiriram certa liberdade da roda da dialética, uma liberdade que elas só podem manter, em desmedida necessidade de autoconservação, multiplicando e conservando ilimitadamente a dor do mundo. (Neste contexto, são recomendados ao leitor: *O Advento do Novo Homem,* parte I, capítulo X, pág. 97 e também *Desmascaramento,* parte I *A Sombra dos Próximos Acontecimentos,* de Jan van Rijckenborgh, edição Rozekruis-Pers, Haarlem.) N.B. Para completar, deve-se dizer que todas as atividades mentais, sentimentais, volitivas e de desejos do homem decaído, mesmo as dos assim denominados "bons", chamam à existência os eões, isto é, as forças ímpias da natureza. Além dessas atividades naturais ímpias, há as forças naturais do cosmo terreno, sétuplo, divino, que se manifestam ao homem como inimigos, pois ele, devido ao seu estado decaído e de dentro dele, infringe e perturba continuamente a harmonia e as leis naturais do cosmo terreno. (Ler sobre isso em *O Advento do Novo Homem,* pág. 71/75. (179)

EÔNICO. Relativo aos eões. (299)

ESCOLA. Ver em Escola Espiritual. (95)

ESCOLA ESPIRITUAL. A escola ocidental de mistérios dos hierofantes de Cristo (Ver Fraternidade Universal). (9)

ESFERA MATERIAL – ESFERA REFLETORA. As duas metades que compõem o campo de existência desta ordem de natureza dialética. A esfera material é o domínio em que vivemos quando em nosso corpo material. A esfera refletora é a região onde se desenvolve, entre outras coisas, o processo de morte e reencarnação. Abrange, além das esferas do inferno e do chamado purgatório (a esfera da purificação), também aquela que erroneamente é chamada "céu" e "vida eterna", tanto na religião natural como no ocultismo. Essas esferas denominadas "celestes" e a existência nelas estão igualmente sujeitas a um fim, a serem temporais, tal como a existência na esfera material. Logo, a esfera refletora é a morada temporal dos mortos, porém isso não quer dizer que a *personalidade* do falecido venha novamente a nascer, pois *não há sobrevivência para a personalidade quádrupla!* Tão-somente o núcleo mais profundo da consciência, a assim chamada centelha espiritual, ou chispa dialética, é temporariamente recolhida no ser áurico, formando a base da consciência de nova personalidade terrena, a qual é construída pelo ser áurico em colaboração com as forças ativas na gestante. (30, 189)

ESFERA REFLETORA. Ver em esfera material/esfera refletora. (30)

FLOR ÁUREA MARAVILHOSA. O nascimento da luz

de Deus no santuário da cabeça, o espaço aberto atrás do osso frontal, através do qual o candidato adquire a nova consciência no novo campo de vida, mostra as sete cavidades cerebrais como uma rosa de sete pétalas, todas preenchidas pelo prana da vida, pela luz gnóstica. (271)

FOCOS. A Escola dos Mistérios da Europa ocidental, exteriormente representada, entre outras, pelo Lectorium Rosicrucianum; possui diversos locais de trabalho onde as forças-luz da Gnosis se revelam muito concentradas. Esses pontos focais encontram-se na Holanda, Alemanha, Suiça, França, etc. (15)

FOGO SERPENTINO. O fogo da consciência e da alma, localizado na coluna vertebral. (235)

FRATERNIDADE UNIVERSAL. A hierarquia do divino reino imutável, que constitui o corpo vivo do Senhor. É também denominada com muitos outros nomes, como: Una Igreja Invisível de Cristo, a Hierarquia de Cristo, a Corrente Universal Gnóstica, a Gnosis. Em sua atividade em prol da humanidade decaída ela age, entre outras coisas, como a Fraternidade de Shamballa, a Escola dos Mistérios dos Hierofantes de Cristo ou Escola Espiritual Hierofântica, e como tal, toma forma na Jovem Fraternidade Gnóstica.

GNOSIS. a) O alento de Deus; o Logos, a fonte de todas as coisas, manifestando-se como Espírito, Amor, Luz, Força e Sabedoria universal;

b) a Fraternidade Universal, como portadora e manifestação do campo de radiação crístico;

c) o conhecimento vivo que é de Deus, e que se torna parte daqueles que, mediante o renascimento-alma,

entraram no nascimento da luz de Deus, isto é, o estado de consciência pimândrica. (prefácio, 20)

GNOSIS UNIVERSAL. Ver em Fraternidade Universal. (52)

GNOSIS UNIVERSAL QUÍNTUPLA. Indicação conjunta das cinco fases de desenvolvimento, pelas quais o caminho uno para a vida se manifesta no aluno: 1) discernimento libertador; 2) ânsia de salvação; 3) autorendição; 4) nova atitude de vida; 5) ressurreição no novo campo de vida.

GRUPO. Ver em unidade de grupo. (220)

ÍSIS. Ver em alma-espírito. (307)

KARMA (adj. cármico). Lei de ação e reação, de causa e efeito, que ensina "colherás o que semeares". Resultado das ações boas e más das vidas passadas e da atual. (34)

LAR DO ESPÍRITO SANTO. O campo de ressurreição, o novo campo de vida. (Ver em cabeça áurea). (234)

LÍPIKA. O céu áurico, o conjunto dos centros sensoriais, centros de força e focos, em que o karma todo da humanidade está fixado. Nosso ser terrestre e mortal é projeção desse céu áurico, e inteiramente determinado quanto às suas possibilidades, limitações e seu caráter. A *lípika* representa a inteira carga de pecados do microcosmo decaído.

LOGOS. O Verbo criador, a fonte de todas as coisas. (33)

MICROCÓSMICO (A). Relativo ao microcosmo. (11)

MICROCOSMO. O homem como *minutum mundum* (pequeno mundo) é um sistema de vida muito complexo, em forma esférica, na qual se pode distinguir, do centro para a periferia: a personalidade, o campo de

manifestação, o ser áurico e um sétuplo campo espiritual magnético. O verdadeiro homem é um microcosmo! O que neste mundo, porém, se denomina "homem", é apenas a personalidade gravemente mutilada de um microcosmo tremendamente degenerado. A nossa consciência atual é uma consciência-personalidade, e por conseguinte consciente apenas do campo de existência a que pertence. *O firmamento ou ser áurico (ser aural)* representa a totalidade de forças, valores e ligações resultantes das vidas das diversas manifestações-personalidade, no campo de manifestação. Todas essas forças, valores e ligações formam, em conjunto, as luzes, a constelação do nosso firmamento microcósmico. Essas luzes são focos magnéticos que, em concordância com a sua natureza, determinam a qualidade do campo espiritual magnético, ou melhor dizendo, determinam a natureza das forças e substâncias que são atraídas da atmosfera e introduzidas no sistema microcósmico e, portanto, também na personalidade. Conseqüentemente, assim como é a natureza dessas luzes, tal é a personalidade! Para mudar a natureza da personalidade é preciso antes mudar a natureza do firmamento áurico, o que só se torna possível pela oblação do ser-eu, da total demolição do eu. *O campo de manifestação (ou campo de respiração)* é o campo de força direto, no interior do qual se torna possível a vida da personalidade. Ele é o campo de ligação entre o ser áurico e a personalidade, e, em seu trabalho de atração e repulsão das forças e substâncias em benefício da vida e conservação da personalidade, ele é inteiramente uno com esta

última. (10)

MISTÉRIOS, EXPLORAÇÃO CRIMINOSA. Atividades que partem da hierarquia dialética ou que são inspiradas por ela e que continuamente desencaminham e aprisionam a humanidade que busca e anseia pela luz libertadora. (252)

NATUREZA DA MORTE. Vida, verdadeira vida, é uma existência eterna! Todavia, em nosso atual campo de existência domina a lei da mudança e destruição contínuas. Tudo o que vem à existência já está desde o primeiro instante de sua vida no caminho da morte; por isso, o que denominamos "nossa vida" é apenas uma existência aparente, uma existência na grande ilusão. É idiotice e sem sentido se agarrar a ela como o faz quase toda a humanidade. A dor do rompimento que experimentamos tão profundamente e contra a qual nos defendemos inutilmente, desejanos fazer compreender o mais rapidamente possível que esta dialética, esta natureza da morte, não é o campo de vida determinado para o homem, porém a natureza da vida, o campo de vida original adâmico, descrito na bíblia como o reino dos céus.

O impulso inextinguível em cada ser para a graça perpétua, a paz imorredoura, o amor imperecível e seu anseio para a vida eterna provém do núcleo de vida em repouso nele, o princípio primordial do verdadeiro homem imortal.

Desse átomo primordial ou átomo crístico, desse reino oculto, o "reino de Deus que está em vós", ressuscitará, por meio da total transformação de vida na Gnosis, esse verdadeiro homem imortal, e poderá

retornar à natureza da vida, à casa do Pai. (36, 88)

NOUS. (alma-espírito). O santuário do coração do homem dialético, esvaziado e completamente purificado de toda a influência e atividade, provindo da natureza; santuário vibrando de modo inteiramente harmonioso com a rosa, o átomo-centelha do Espírito. Apenas em tal coração purificado pode processar-se o encontro com Deus, e tornar-se cônscio do Pimandro. (59, 249)

ORDEM DE EMERGÊNCIA. Ver em personalidade da ordem de emergência. (321)

OSIRIS. Ver em alma-espírito. (171)

OUTRO. Alusão ao verdadeiro homem imortal, ao homem que provém verdadeiramente de Deus e é perfeito, exatamente como o Pai. O novo despertar à vida desse filho unigênito, do ser crístico em nós é o único verdadeiro objetivo da nossa presença no campo de existência dialético, por isso, ele é também o único objetivo de toda a verdadeira Rosacruz gnóstica. (Ver também Rosa do Coração). (32)

PERSONALIDADE DA ORDEM DE EMERGÊNCIA. No imenso drama cósmico, conhecido como "a queda", existe uma parte da onda de vida humana que não pôde mais manter-se no campo de vida humano original devido à perda da ligação espiritual e, por estar nas garras da natureza irracional, uniu-se a ela. Para dar oportunidade à humanidade decaída de se libertar desse cativeiro de ilusão, essa humanidade foi isolada numa região fechada da setuplicidade cósmica e submetida à lei da dialética, à lei do contínuo nascer e desmoronar, a fim de que, com isso, se conscientizas-

se de sua elevada origem e de sua essência imortal, por meio da constante experiência da dor do fim de todas as coisas. Nessa conscientização de ser um filho perdido, ela deveria romper os grilhões da matéria e as correntes de "carne e sangue" e, por meio do restabelecimento da ligação com o Pai, com o Espírito, retornar ao domínio original de vida da humanidade. Por isso, na filosofia dos rosacruzes, o campo de existência dialético é chamado, nesse contexto, de *ordem de emergência* estabelecida por Deus, e o corpo no qual o homem se manifesta aqui, denomina-se *corpo de emergência*. No caminho de volta à casa paterna, o aluno aprende, com o auxílio da luz gnóstica indispensável, da luz do amor crístico, a substituir esse corpo da ordem de emergência por uma corporeidade imortal e magnífica. O processo da transfiguração e o "renascimento da água e do espírito" evangélico; é a total conversão do que é ímpio e mortal em santo e imortal pelas águas primordiais (a substância primordial do princípio) na força da ligação regeneradora com o espírito. (11)

PIMANDRO. O espírito vivificante que se manifesta ao e no homem-alma renascido. Essa manifestação ocorre de duas maneiras: primeiramente, como a formação da radiação nuclear sétupla do microcosmo, que penetra no santuário da cabeça; e depois, quando o trabalho do santuário (tornando-se possível com a autorendição da alma mortal) é consumado, por meio da ressurreição do homem celeste, perfeito, sumamente glorioso, o ser crístico interno, da tumba da natureza, do átomo primordial, o ponto central da terra micro-

cósmica. Esse desenvolvimento também é perfeitamente cristocêntrico: Cristo desce após sua crucificação (o sepultamento da luz divina na personalidade terrestre!) ao ponto central da terra, para após haver consumado lá o seu santo trabalho, ressurgir da sua tumba. (30)

PISTIS SOPHIA. a) Nome de um evangelho gnóstico do século II (atribuído a Valentin), evangelho esse conservado intacto, e que anuncia o caminho uno da libertação em Cristo, a senda da transmutação e da transfiguração, em pureza impressionante.

b) Também o verdadeiro aluno, que persevera até a consecução. (310)

REGENTES. Também denominados cosmocratas ou deuses; sete poderosos seres naturais, intimamente ligados à origem da criação, que mantêm as leis cósmicas fundamentais e sua esfera de ação. Eles formam juntos o Espírito sétuplo da onimanifestação. (Ver também o Tomo I da *Arquignosis Egípcia e seu Chamado no Eterno Presente,* o Primeiro Livro: Pimandro). (33)

REINO NEOGNÓSTICO NA EUROPA. O campo astral gnóstico formado da pura substância astral do Princípio, edificado pela Jovem Fraternidade Gnóstica em colaboração com a Corrente Gnóstica Universal, da qual é o elo mais jovem. Pela sua atividade em dois mundos (tanto no campo de ressurreição do sexto domínio cósmico, quanto em nosso campo de existência do sétimo domínio cósmico), ela possibilita, enquanto perdurar o tempo da colheita, ao homem que busca realmente a libertação, ingressar no campo

da ressurreição, mediante o corpo vivo da Jovem Gnosis. O corpo vivo representa, pois, a mui temporária ponte entre os dois domínios cósmicos. O reino neognóstico incorpora todas as forças das quais o aluno precisa para transpor essa ponte para a vida. Ela se formou na Europa, para propagar de lá, para o mundo inteiro. Seu chamado despertador parte para toda a humanidade. (9, 320)

RENOVA. Foco central da Escola dos Mistérios da Jovem Fraternidade Gnóstica – Lago Vuursche (Holanda). (237)

RODA DO NASCIMENTO E DA MORTE (OU RODA DA DIALÉTICA). O repetido ciclo de nascimento, vida, morte e revivificação de uma nova personalidade dialética no microcosmo decaído. (46)

ROSA DO CORAÇÃO. O átomo crístico, o átomo-centelha do Espírito, também designado misticamente como botão de rosa, a semente áurea Jesus ou a maravilhosa jóia do lótus; localiza-se no centro matemático do microcosmo, que coincide com a parte superior do ventrículo direito do coração. Esse átomo é um germe de um microcosmo totalmente novo, que se encontra latente no homem decaído como uma promessa divina da graça, até que chegue o momento em que este, amadurecido pelo sofrimento e experiências neste mundo, lembre-se de sua origem e seja preenchido pelo ardente anseio de retornar à casa paterna; somente então é criada a possibilidade para que a luz do Sol espiritual possa despertar o botão de rosa adormecido e, no caso de uma perseverante reação positiva e uma diretriz plenamente consciente,

possa ser dado início ao processo pleno de graça da completa regeneração do ser humano, segundo o plano de salvação divino. (11)

ROSA PREGADA À CRUZ. A fase do caminho do aluno no qual ele, orientado pelo conhecimento claro e pelo verdadeiro desejo santo, deixa declinar "em morte diária" o homem-eu, o ser humano nascido da matéria. Com isso, o verdadeiro homem divino, o homem pimândrico, ressuscita nele. (88)

ROSACRUZ, TOMAR SOBRE OS OMBROS. É o seguir o caminho da rosa e da cruz, ou seja, praticar a *imitação de Cristo,* e assim, mediante total transformação de vida e transfiguração, converter o tipo humano do pecado e da morte no sublime tipo humano da vida. (98)

SALÃO SUPERIOR. a. O santuário microcósmico da cabeça. b. A cabeça áurea do corpo vivente gnóstico.

SALNITER CORROMPIDO. Expressão de Jacob Boheme: a matéria pecadora e pervertida deste mundo. (234)

SANTUÁRIO DA CABEÇA E DO CORAÇÃO. A cabeça e o coração do homem destinam-se a ser oficinas consagradas para a ação divina em e com o homem que restabeleceu a ligação espiritual, a ligação com Pimandro. Em sintonia com essa determinação superior a cabeça e coração tornam-se, após uma purificação total, fundamental e estrutural na senda da endura, uma magnífica unidade para um verdadeiro santuário a serviço de Deus e do seu esforço para com o mundo e a humanidade. O fato de que essa determinação se torne consciente será um estímulo contínuo e uma

advertência a fim de que se purifique toda a vida intelectual, volitiva, emotiva e ativa de tudo que se opõe a essa vocação superior. (186)

SANTUÁRIO DO CORAÇÃO. Ver em santuário da cabeça. (186)

SEMENTE-JESUS. Indicação na *Fama Fraternitatis,* o clássico testamento dos rosacruzes medievais, para o átomo-centelha do Espírito. Ver em rosa do coração. (171)

SER ÁURICO. O ser áurico, a soma dos centros sensoriais, pontos de força e focais, nos quais todo o karma do homem se encontra consolidado. Nosso ser terreno, mortal, é uma projeção desse firmamento, sintonizado completamente através dele segundo suas possibilidades, suas limitações e sua natureza. O ser áurico é a personificação de todo o fardo de pecados do microcosmo decaído. É o velho céu (microcósmico) que passa com o auxílio da Gnosis através da total transformação da vida e deve ser substituído por um novo céu. Por conseguinte, uma nova terra, a ressurreição do verdadeiro homem, no qual espírito, alma e corpo formam novamente uma unidade harmônica e imutável, em sintonia com o plano de Deus. (36)

SIMPÁTICO. Parte do sistema nervoso que não está sob o controle da vontade do homem, porém funciona automaticamente; mais especificamente, os dois cordões nervosos à direita e à esquerda da medula espinal. Esses dois cordões encontram-se no extremo superior da medula, na glândula pineal. (235)

SISTEMA. Sistema de vida, microcosmo.

SISTEMA DO FOGO SERPENTINO. O sistema cere-

brospinal, a sede do fogo-alma ou fogo da consciência (90).

TAPETE, ESTAR SOBRE O. Designação maçônica da atitude interior do aluno que se esforça, séria e devotadamente, com perseverança, para realizar em si próprio a Gnosis Universal Quíntupla. (74)

UNIDADE DE GRUPO. A verdadeira unidade de todos os que são aceitos no corpo vivente da jovem fraternidade gnóstica e que exige enfaticamente o ser da escola espiritual. Unidade de grupo não é nenhum fenômeno exterior, bem intencionado de cooperação, mas a unidade interior da vida-alma crescente na Gnosis, que se demonstra no espírito do Sermão do Monte em positiva e nova atitude de vida. (224)

VÁCUO DE SHAMBALLA. Trata-se do domínio (ou região) situado fora da esfera material e da esfera refletora, que foi preparado pela Fraternidade de Shamballa (um aspecto da Fraternidade Universal) em benefício daqueles alunos que se esforçaram, com toda a lealdade, devota e tenazmente, por trilhar o caminho de retorno, porém que ainda não podem ingressar no novo campo de vida. Nesse canteiro de trabalho especialmente preparado, é possível oferecer a esses alunos, desde que neles já esteja presente uma base mínima para continuar o processo começado na esfera material, condições mais harmoniosas, livres das dificuldades e entraves, perigos e desgostos da dialética. (234)

ÍNDICE REMISSIVO

	Prefácio	VII
I	*O Terceiro Livro: O maior mal do homem é não conhecer a Deus*	1
II	*O Quarto Livro: Discurso de Hermes em louvor a Deus*	3
III	*Vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora*	7
	O tempo da declaração	8
	Uma advertência secular	9
	O estado de sangue	11
	A vocação da personalidade da ordem de emergência	11
	O coração sétuplo	12
	A cabeça sétupla	12
	Ide ao encontro do noivo!	15
IV	*Os grilhões do sangue*	17
	Epístola aos romanos, 7	17
	A maldade da ignorância	18
	A quem Hermes se dirige	19
	A cultura pessoal sanguínea	22
	O prazer pecaminoso	26
V	*Karma - Nêmesis e o caminho da redenção*	29
	O dever fundamental da aprendizagem: morrer a cada dia	31
	A força nuclear do pecado	32
	A endura	32
	O jardim dos deuses	32

	Karma - Nêmesis	34
	A queda do homem	36
	O caminho de redenção	37
VI	*A realização do plano de Deus*	39
	O sofrimento da humanidade	39
	O que a Gnosis exige	40
	Sofrer no ego	42
	Nascer em Belém e triunfar no Gólgota	44
	As bodas do cordeiro	44
	Conseqüências da transformação fundamental	46
VII	*O profundo clamor da Gnosis Universal*	49
	Romanos 8	49
	A necessidade da transformação	50
	O caminho da Gnosis Universal	51
	O chamado lançado ao mundo e a tarefa empreendida pela humanidade	52
	A aparição do Filho do Homem nas nuvens do céu	52
	O novo reino gnóstico	52
VIII	*Quinto Livro: Discurso de Hermes a Tat*	55
IX	*A Lei primordial dos mistérios gnósticos*	65
	Como satisfazer, *aqui*, à esta lei?	66
	A verdadeira piedade	67
	Necessidade de uma construção efetiva	70
	Coragem e perseverança inabaláveis	70
	Empenhar-se sem reservas nem subterfúgios	73
	Entrai no círculo da eternidade	74
X	*A imitação de Cristo*	75
	A verdadeira livre-automaçonaria	77
	No mundo, porém não mais do mundo	78
	A possibilidade de libertação no *presente*	79

	Libertar-se para servir à humanidade	80
	Negatividades das religiões naturais	81
	Inflamado pelo Espírito de Deus, morto em Jesus, o Senhor, renascido pelo Espírito Santo.	81
IX	*A senda de Belém ao Gólgota*	83
	O processo de ressurreição da alma	84
	A epopéia do aprisionamento, da humilhação, do caminho da cruz, da morte e da vitória de Jesus	84
	A endura: a não reação	90
	Deixai que Jesus Cristo faça o seu trabalho em vós	91
XII	*A dupla natureza do homem*	95
	A escolha inevitável entre vida e morte	97
	Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste	98
	A alma humana dupla	98
	A realização de Deus no homem	100
	O despertar da alma-espírito	100
	Dor e aflição	101
	A tríplice aliança da onimanifestação universal	102
XIII	*O Sexto Livro: Diálogo geral entre Hermes e Asclépio*	105
XIV	*A natureza e a função do onimovimento*	115
	O raciocínio hermético	116
	A dupla natureza das forças contrárias	118
	O criado e o incriado	120
	Deus e o divino	120
	O Filho que está no seio do Pai, esse no-lo fez conhecer	122
	A lógica e a necessidade do restabelecimento da	

ligação com a fonte da vida 123
A existência terrestre inconsciente, a mais ilógica na onimanifestação 123
XV *A inviolabilidade do plano de Deus* 125
Co-movimento e contramovimento 125
Maria, a substância virgem original 126
A realização do plano divino 126
Uma perigosa conclusão 127
Onde está o espírito do Senhor, aí há liberdade 128
Os resultados do contramovimento sempre destróem a si mesmos 129
Unicamente aquilo que provém do espírito do Senhor é eterno 129
Hora Est! 131
A morte, uma conseqüência lógica 132
A única vida: o co-movimento 132
XVI *A ultima morte do eu: a auto-rendição voluntária* 135
A orientação da cabeça e do coração 137
A auto-rendição ao co-movimento 137
Os perigos do contramovimento na Escola 138
O rompimento dos sete selos 139
Necessidade urgente do exame interior 140
XVII *O mistério do Santo Graal* 143
O rompimento dos sete selos 145
Jesus e o consolador 145
Os sete raios do Espírito sétuplo 146
A Fraternidade do Santo Graal 147
A vida perfeita 148
Necessidade de um anelo sincero 148

	O objetivo do portador da imagem	149
	Entrai na paz do vosso Senhor	151
XVIII	*As novas possibilidades libertadoras*	153
	A dispersão da fraternidade humana original	154
	A tragédia da solidão	154
	O inferno do contramovimento	154
	A Gnosis, o sanador, o Senhor do amor	154
	A manifestação do Filho	154
XIX	*O Sétimo Livro: Hermes a Tat sobre a cratera e a unidade*	157
XX	*O prêmio da corrida*	165
	No princípio era o Verbo	166
	A atividade mental do homem	167
	O Logos, o Verbo	167
	O intelecto e o espírito	168
	A incompreendida admiração	168
	A confusão de linguagens	169
	A ligação com o espírito é o prêmio da corrida	170
	A rosa do coração, estado latente do despertar	170
	Por que estou nesta existência	170
	O nascimento do Filho	171
XXI	*A cratera, o sagrado vaso de mistura*	173
	Primeira Espístola de João, 5	173
	O espírito, a água e o sangue	174
	O Santo Graal, elo que falta	175
	A tríplice aliança da luz: Graal, cátaros e cruz com rosas	176
	As duas espécies de batismo	176
	A imitação religiosa natural	177
	Simbolismo e magia	177
	A magia gnóstica	177

	A magia das igrejas e das seitas	179
	O apostolado leigo	180
	A atividade dos eões	180
	A receita da verdadeira aprendizagem	181
XXII	*Receber o Santo Graal*	183
	O sinal do Filho do Homem	184
	Quem é Pimandro?	184
	O plano do Logos	185
	Vitória sobre a morte	185
	O despertar da imagem do verdadeiro vir-a-ser humano	186
	O conhecimento do homem pimândrico	187
	Ísis, Osiris, alma-espírito	189
	O estado do novo homem pimândrico	189
	Transmutação e transfiguração	190
	A taça divina	192
	As conseqüências do Santo Graal	192
	Libertação e serviço; glória e sofrimento	192
XXIII	*A senda e a oblação*	193
	A tarefa mais difícil no caminho	195
	Necessidade da auto-rendição	195
	Deus e Mamon	196
	Quatros obstáculos	198
XXIV	*O retorno à unidade*	201
	Um início completamente novo	202
	A missão da personalidade da ordem de emergência no grande plano divino	203
XXV	*A unidade (I)*	205
	Como vencer a morte?	206
	As mistificações concernente à morte	207
	O caminho através dos três mistérios	209

	O quarto mistério	210
XXVI	*A unidade (II)*	213
	A imagem de Deus vos guiará	214
	O mutável e o imutável	215
	A unidade e o número	215
	Unidade e ato concreto	218
	O Pimandro do corpo vivo	218
	A vitória sobre a morte	220
XXVII	*Vende tudo o que tens e segue-me*	221
	A Fraternidade do Santo Graal	221
	As células viventes do corpo vivo	223
	Senhor, aqui estou	223
	Unidade de grupo e auto-rendição	224
	A torrente sétupla	225
	A ação que conduz à realização	225
XXVIII	*O segredo dos mistérios gnósticos*	227
	A atitude que acelera o processo de salvação	228
	Tudo ou nada	229
	A arma da calúnia, do insulto e da crítica	230
	Que é o corpo vivo?	231
	O que se encontra, pois, por detrás disso?	232
	Feliz testemunho da realização gnóstica	233
	O lar *Sancti Spiritus*	234
	Ananias e Safira	235
	Comprado da terra	236
XXIX	*O Pentecostes da divina libertação*	237
	Os focos da Jovem Gnosis	237
	A propagação do campo de luz	238
	O recolhimento da colheita	238
	A responsabilidade de cada aluno	238
XXX	*O Oitavo Livro: Hermes a seu filho Tat: Que o*	

	Deus invisível é o mais revelado	239
XXXI	*O barco celeste e sua tripulação*	247
	Uma dádiva incomparável	247
	O treino intelectual não torna superior o homem	248
	O processo do vir-a-ser consciente gnóstico	248
	O mistério da reconciliação	250
	A auto-rendição	250
	O barco celeste	253
XXXII	*A eternidade no tempo*	255
	Nenhum obstáculo fundamental entre o homem e Deus	256
	A ilusão dialética	257
	A verdadeira oração	258
	A responsabilidade do trabalhador gnóstico	260
XXXIII	*O cântico de louvor de Hermes*	263
	Porque este cântico de louvor é tão notável	264
XXXIV	*A sabedoria do mundo e a sabedoria de Deus*	267
	Os sete raios do Espírito sétuplo	267
	O cérebro das criancinhas	268
	O pensamento do homem dialético não é livre e suas conseqüências	269
	A contemplação do não-manifesto	270
	O novo pensar	271
	A ligação com a divindade manifestada e não manifestada	271
	A ilusão da memória	273
	O testemunho vivente do homem sacerdotal gnóstico	275
XXXV	*A chave da purificação*	277
	Necessidade da consciência da alma	278
	A filiação divina e a maturidade	279

A luta entre a alma e o corpo 279
A escolha inevitável 281
O papel primordial do cerebelo 282
Método libertador 284
A chave da purificação 284
O efeito harmonioso do discipulado gnóstico .. 285
XXXVI *O Nono Livro: Nada existe que verdadeiramente se perde, mas erroneamente chamam às mutações de aniquilamento e morte* 287
XXXVII *O Renascimento da alma* 287
A irrealidade da morte 291
Como o pesquisador da verdade pode abordar o problema 292
O erro da interpretação teológica e interpretação do materialismo histórico 293
Incidente na dissolução 293
O que é transfiguração 294
O erro do suicídio 294
A necessidade do nascimento natural para a possibilidade de libertação 295
O que é nascimento da alma? 295
O homem terrestre não é senão um corpo 295
O selo da verdadeira Rosacruz 297
XXXVIII *O renascimento pela alma* 299
Salvai vossa alma 300
A sede da vida 300
Coração, o órgão mais importante do corpo humano 301
As sete cavidades do coração 302
A função do esterno 302
O homem atual da natureza 303

A acusação do coração 306
A voz da alma 307
XXXIX *A Santa Terra-Mãe* 309
O homem Perfeito 309
O caminho de cruz da alma: de Belém ao Gólgota 310
O primeiro e o segundo Deus 310
A nossa Terra-Mãe Santa 310
A vocação do espírito da Terra e a nossa vocação 312
Cristo, o espírito planetário da terra 313
Diversas ondas de vida 314
XL *Nada nos pode apartar do amor que está em Jesus Cristo, nosso Senhor* 317
A realização da ciência divina 318
O metabolismo atômico 319
Não resistais ao mal 320
O processo de imortalidade está em nossas mãos 320
A formação de um mundo 321
O átomo e as sete forças da vida absoluta 321
A futura demolição do nosso campo de vida .. 321
A obra de salvação de uma genuína Escola Espiritual 323
XLI *O restabelecimento do equilíbrio perfeito* 325
Duas perguntas importantes 325
Lúcifer e os Elohim 325
A ordem universal do Todo é inviolável 326
As forças gêmeas da natureza: calor e frio 327
Necessidade de aprender a dominar o fogo em vossa vida 328

A conservação das leis fundamentais da única ordem divina 329

Glossário 331

A Arquignosis Egípcia e seu chamado no eterno presente
(A Grande Pirâmide de Gisé e a Esfinge)

de novo anunciada e elucidada,
com base na Tábula Esmeraldina e no *Corpus Hermeticum*
de Hermes Trismegisto,
pelo autor, Jan van Rijckenborgh.

"Nos primeiros tempos do período ariano, quando o corpo racial ainda não estava devidamente apropriado para expressar uma consciência na esfera material, eram os filhos de Deus que governavam os processos vitais. Assim, os sublimes de Hermes trabalharam *pela* humanidade.

Na segunda fase, a consciência já estava suficientemente desenvolvida, de sorte que a verdade pôde tornar-se conhecida dos homens. Os filhos de Deus vieram, então, diretamente à humanidade. Eles habitaram entre nós, como reis e sacerdotes da Ordem de Melquisedeque. Os sublimes de Hermes trabalharam *com* a humanidade. Assim, a verdade chamou-nos para retornar à verdadeira pátria. E, finalmente, na terceira fase, o homem havia tomado conhecimento da verdade e teve de dar provas de que era capaz de alcançar a libertação por esforço próprio. Daí em diante, a verdade deveria ser divulgada *para* a humanidade através dos próprios homens. E os filhos de Deus retiraram-se para os seus domínios de vida, para, de lá, prestarem o auxílio e orientação eventualmente necessários."

No quarto volume desta série, o autor esclarece que atualmente "ninguém dentre nós precisa ficar à espera de que os filhos de Deus, tal qual como outrora, apareçam novamente sobre a Terra, mesmo que as entidades da esfera refletora queiram ludibriar a humanidade com a Grande Farsa, na imitação do retorno."

Na fase da libertação, que ora se inicia, os sublimes de Hermes atuam *através* da humanidade! Todo aquele, para o qual o futuro da humanidade não é indiferente, deverá ler estes livros.